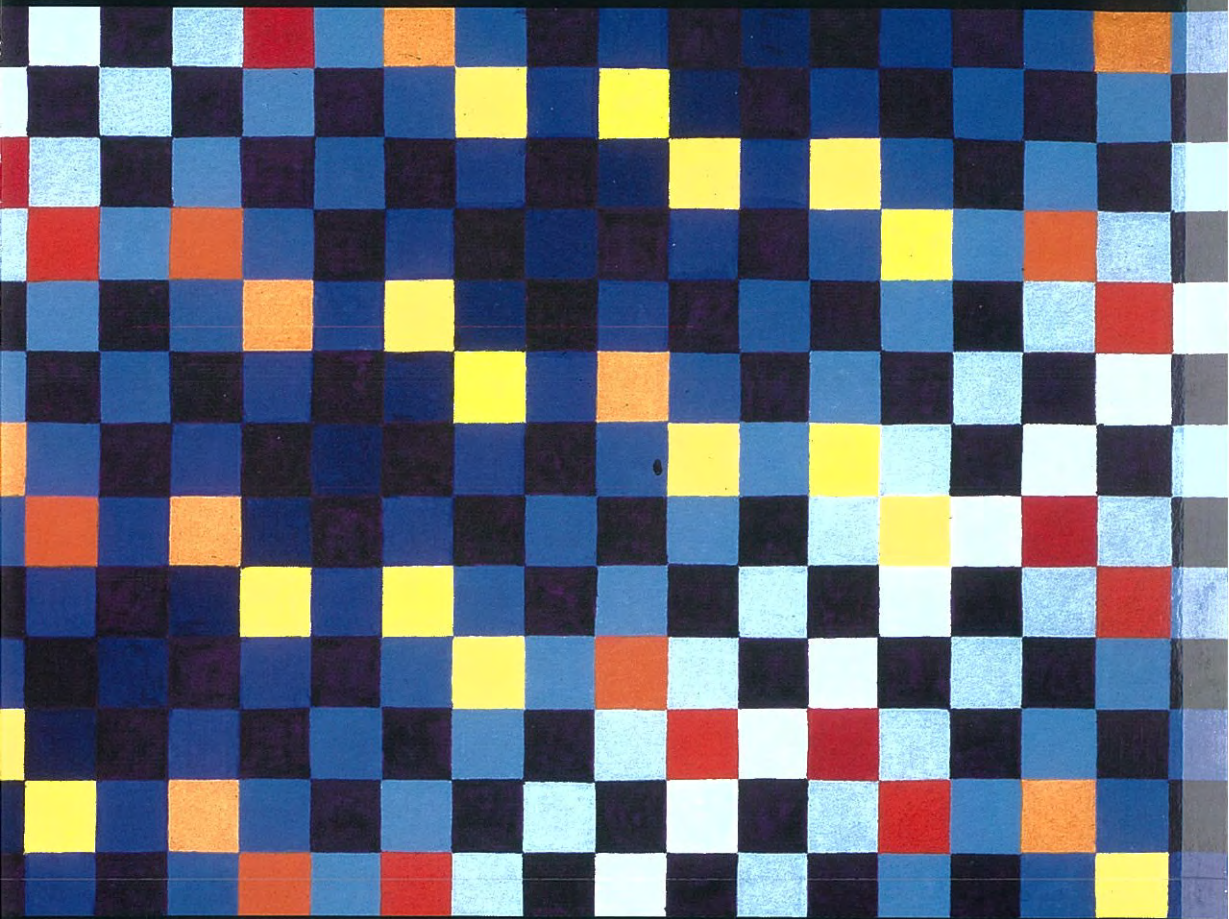


EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



# CONTOS

I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA





© 2009 Carlos Reis, Marie-Hélène Piwnik e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Título:* Contos I

*Autor:* Eça de Queirós

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Capa:* reprodução de *Pulsção de Cor V*,  
da autoria de Eduardo Nery,  
tapeçaria em lã tecida na Manufatura  
de Tapeçarias de Portalegre em 2007;  
120 cm × 179 cm; cartão em guache de 2004

*Tiragem:* 1300 exemplares

*Data de impressão:* Março de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1618-5

*Depósito legal:* 286 386/08

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Coordenador: Carlos Reis  
Apoio: Ministério da Cultura

# Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

## Plano de edição

### FICÇÃO

#### *Não-póstumos*

- O Mistério da Estrada de Sintra
- O Crime do Padre Amaro (1.<sup>a</sup> versão)
- \* O Crime do Padre Amaro (2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> versões)
- O Primo Basílio
- \* O Mandarin
- A Relíquia
- Os Maias
- \* Contos I

#### *Semi-póstumos e Póstumos*

- A Correspondência de Fradique Mendes
- \* A Ilustre Casa de Ramires
- A Cidade e as Serras
- \* Contos II
- Lendas de Santos
- \* A Capital
- O Conde de Abranhos
- \* Alves & C.<sup>a</sup>
- A Tragédia da Rua das Flores

### TEXTOS DE IMPRENSA

- Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»
- \* Textos de Imprensa I
- Textos de Imprensa II
- Textos de Imprensa III
- \* Textos de Imprensa IV
- \* Textos de Imprensa V
- \* Textos de Imprensa VI

### EPISTOLOGRAFIA

- Cartas públicas
- Cartas privadas

### NARRATIVAS DE VIAGENS

- O Egito e outros relatos

### VÁRIA

- Almanaques e outros dispersos

### TRADUÇÕES

- Philidor
- \* As Minas de Salomão

\* Volumes publicados



# CONTOS I



Frontispício de *Contos*

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



EÇA DE QUEIROZ

---

# CONTOS



PORTO  
LIVRARIA CHARDRON

*De João de Barros, Eça de Queiroz*

1902

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS  
Ficção, Não-póstumos

# Contos I

Edição de  
Marie-Hélène Piwnik

Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
2009

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

---

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



## *Nota prefacial*

A edição crítica deste conjunto de contos de Eça de Queirós, preparada por Marie-Hélène Piwnik, incide sobre relatos de dimensão, temática e configuração formal muito diversas, relatos publicados ao longo de praticamente toda a vida literária do escritor. De facto, desde que começou a colaborar na *Gazeta de Portugal*, em 1866, até à participação na quase luxuosa *Revista Moderna*, entre 1897 e 1900, Eça cultivou, com regularidade e com admirável mestria, este género narrativo, cuja complexa elaboração nem sempre é devidamente valorizada pela análise e pela história literárias.

As circunstâncias de publicação destes contos foram muito variadas. Nuns casos eles resultaram de encomendas para publicações periódicas; outras vezes foi a colaboração regular em jornais portugueses e brasileiros (por exemplo, a já mencionada *Gazeta de Portugal*, o *Distrito de Évora* ou a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro) que os motivou; noutros casos a escrita do conto decorreu de motivações tão singulares como a organização de um almanaque. Sendo assim e sabendo-se também que em tais circunstâncias com frequência ocorriam acidentes de composição tipográfica dificilmente canceláveis pelo escritor (inibido como estava, pela natureza e pelo ritmo de tais publicações, de rever e emendar provas), é natural que não poucos destes relatos apresentem problemas textuais que uma edição crítica trata de resolver, até ao ponto em que isso é possível. Por outro lado, as condições em que se processava o envio, o tratamento e o posterior destino dos originais tornam muito problemática, às vezes quase milagrosa, a possibilidade de se terem salvado manuscritos destes relatos.

Diferentemente destes contos, aqueles que Marie-Hélène Piwnik editou já, no volume *Contos II* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003), puderam ser fixados a partir

dos manuscritos, justamente pela sua condição de textos deixados inéditos por Eça. O que, evidentemente, levantou dificuldades muito distintas das que agora foram enfrentadas e normalmente resolvidas pela editora. Entre essas dificuldades conta-se a que consiste em justificar uma nova arrumação destes contos, superando publicações às vezes meramente circunstanciais e não raro defeituosas. Começou exactamente assim a fortuna editorial destes dispersos, quando, em 1902, Luís de Magalhães, com boa intenção mas com escassa fundamentação crítica, deu à estampa o volume *Contos*.

Desde o início deste projecto ficou claro que o critério de género literário deveria ser determinante, o que tem especial razão de ser no caso de textos póstumos e de textos dispersos, aqueles em relação aos quais, por não ter sido expressa com nitidez (ou por não ter sido expressa de todo em todo) a vontade do escritor, pode e deve ser decisiva a matriz genológica. Um tal critério — repete-se: estabelecido desde o lançamento deste projecto — foi já adoptado por outras recolhas entretanto aparecidas, como é o caso da que foi inserta na obra completa queirosiana, editada no Brasil pela Nova Aguilar. E é assim que não se estranha agora que textos como os breves relatos que dão pelo título «Farsas» (originalmente aparecidos na *Gazeta de Portugal*) ou «O Réu Tadeu» (incompletamente publicado no *Distrito de Évora*) compareçam nesta recolha, ao lado de contos mais amadurecidos e bem conhecidos pelo seu refinamento formal, como «Um Poeta Lírico», «A Perfeição» ou o admirável «José Matias».

Do sentido de exigência e do rigor de procedimentos que presidiram a esta edição falam com eloquência os sólidos créditos de Marie-Hélène Piwnik como estudiosa da obra queirosiana e sobretudo como conhecedora profunda dos contos de Eça de Queirós. O facto de, como já se disse, ter sido responsável pela edição crítica dos contos póstumos acrescenta crédito científico e metodológico a este volume. Por todas estas razões, parece evidente que o trabalho que agora se apresenta merece a confiança de quantos pretendam estudar a obra de Eça a partir de textos fiáveis e criticamente consolidados.

CARLOS REIS

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	15
1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	15
2. A PRESENTE SELECÇÃO	16
3. AS SELECÇÕES ANTERIORES	22
3.1 EM PORTUGAL	22
3.2 NO BRASIL	25
4. A PRESENTE EDIÇÃO	26
5. AS EDIÇÕES ANTERIORES	27
6. APARATO	31
7. SIGLAS	32
TEXTO CRÍTICO	33
«AS MISÉRIAS. I — ENTRE A NEVE»	35
«FARSAS»	45
«O RÉU TADEU»	55
«O MILHAFRE»	71
«O SENHOR DIABO»	79
«ONFÁLIA BENOITON»	95
«MEMÓRIAS DUMA FORÇA»	107
«A MORTE DE JESUS»	117
«SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA»	167
«UM POETA LÍRICO»	195
«NO MOINHO»	207



«OUTRO AMÁVEL MILAGRE»	219
«CIVILIZAÇÃO»	225
«[A AIA] TEMA PARA VERSOS»	251
«ANEXO»	259
«AS HISTÓRIAS. O TESOURO»	265
«AS HISTÓRIAS. FREI GENEPRO»	273
«O DEFUNTO»	283
«ADÃO E EVA NO PARAÍSO»	315
«A PERFEIÇÃO»	345
«JOSÉ MATIAS»	363
«O SUAVE MILAGRE!»	385
«APÊNDICE: UM MILAGRE»	395
<i>Notas biobibliográficas</i>	399

# INTRODUÇÃO

## 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este volume de *Contos*, que se inscreve no projecto global da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós sob a direcção do Prof. Carlos Reis, precede em boa lógica o dos quatro contos póstumos, elaborado a partir dos correspondentes manuscritos<sup>1</sup>. Reúne-se, com efeito, a totalidade dos relatos breves ficcionais publicados em vida do autor, obedecendo assim a um critério de coerência e exaustividade que não se privilegiou em colecções anteriores. De nenhum deles se conhece manuscrito, possivelmente porque ficaram nas redacções dos jornais para os quais se escreveram. Isso implica que sempre se tenha partido da edição original, ou de uma edição considerada melhor, que o autor ainda tivera a possibilidade de controlar<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Contos II*, Lisboa, INCM, 2003.

<sup>2</sup> É o caso (único) d'«O Senhor Diabo». Quanto à versão breve do «Milagre», de 1897, embora publicada em vida de Eça, deixou-se em anexo, uma vez que se parte duma edição de 1960, não se tendo encontrado o texto original. Curiosamente, como mo assinalou o Prof. Carlos Reis, Fialho de Almeida, em *Literatura gá-gá* (1910), declara que «'O Suave Milagre' teve uma primeira factura, um *raccourci* de vinte linhas, sendo um mendigo que relata os milagres de Jesus». A dita versão, acrescenta Fialho, vem num livro de *Leituras Populares*.

Mesmo assim, não se podem descartar as intervenções do revisor e/ou do tipógrafo no texto publicado. Seriam de vária índole: aditamentos decorativos, erros devidos à dificuldade de certas leituras, induzida por ignorâncias; falhas humanas, como omissões, inversões, cortes ou acrescentamentos de caracteres, deslocação de palavras ou fragmentos de palavras, alterações ligadas às necessidades da paginação, ou seja, às dimensões exigentes da coluna (tipo, parágrafo, abreviaturas, etc.).

Também se praticava na altura a cópia prévia de um manuscrito de letra dificilmente legível, ou carregada de correções (caso frequente em Eça), hábito que podia acarretar modificações, notáveis quanto à pontuação.

Em relação às narrativas publicadas na «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro, a eventualidade de uma adaptação do português de Portugal ao português do Brasil, que já se realizava na época, não parece tê-las afectado<sup>3</sup>.

Enfim, a concepção mesma do folhetim «continuado»<sup>4</sup> fazia com que não se respeitasse com rigor, de um número para outro, tal ou qual ortografia, sobretudo ao tratar-se de nomes próprios, que o próprio autor podia baralhar.

## 2. A PRESENTE SELECÇÃO

A ordem cronológica de publicação presidiu à organização da presente selecção, que reagrupa a totalidade das narra-

<sup>3</sup> Há uma dúvida relativa à versão breve do «Milagre», que será exposta oportunamente.

<sup>4</sup> Como é sabido, o «folhetim» correspondia a várias intervenções. Ao princípio, situado no jornal na parte baixa (o chamado «rez-de-chaussée»), separado do resto, podia ser uma crónica do tempo, um ensaio, uma crítica de teatro, de arte, um conto, etc.; com o tempo muitas vezes foi dedicado a um romance ou a uma novela, por episódios, decidindo o tipógrafo o espaço mais conveniente na publicação. Emprego a expressão «folhetim ‘continuado’» (que é minha) para designar precisamente o folhetim por episódios, quer se trate de narrativa breve ou longa. Há elementos interessantes relativos ao «feuilleton» em Gérard de Senneville, *Théophile Gautier*, Paris: Fayard, 2004, cap. IX.

ções ficcionais breves publicadas em vida de Eça de Queirós. Começa-se assim pelos relatos aparecidos na «Gazeta de Portugal» e n'«A Revolução de Setembro», e tradicionalmente oferecidos nas *Prosas Bárbaras* a par de crónicas e ensaios que daqui se excluíram. De assinalar que este primeiro conjunto inclui «Farsas» e «Onfália Benoiton», também publicados na «Gazeta de Portugal», mas ausentes do volume inicial das *Prosas Bárbaras*, e acrescenta «O Réu Tadeu», do «Distrito de Évora». O resto do elenco propõe os textos disseminados em outros jornais e revistas, e habitualmente reunidos sob o título de *Contos*.

Consideraram-se as três versões do «Milagre», embora a de 1897 se tenha posto em apêndice, na medida em que não se conseguiu encontrar o texto publicado em vida do autor. Para mais, o conto inicial entra na categoria dos chamados «contos de Natal», e pode ter sido alterado por quaisquer motivos, como foi o caso de «Outro Amável Milagre» no «Jornal do Comércio» em 1885 <sup>5</sup>.

Em relação ao conto «[A Aia]» <sup>6</sup>, foi separado do comentário do autor-narrador («Tema para versos»), sendo este pós-

<sup>5</sup> Tendo introduzido o revisor correcções e aditamentos, Eça escreve comentários saborosos numa carta ao director do «Jornal do Comércio», Cristóvão de Aires. Embora bem conhecida, vale a pena citar o seguinte extracto: «O revisor, achando, com razão, que o conto não estava à altura do Evangelho, introduziu-lhe alguns adjectivos, e advérbios, e retoques de frase, para lhe dar mais cor e mais unção. Onde, por exemplo, se falava simplesmente de rebanhos, o revisor, com a generosidade do Todo-Poderoso, torna-os logo «numerosos», etc. E assim por diante outros aperfeiçoamentos. A coisa não tem importância — mas eu julguei do meu dever adverti-lo [...] de que Você tem aí um tão perigoso revisor. Imagine Você que se trata de imprimir, no «Jornal», umas das suas lindas quadras da ORIENTAL no «Feixe»: *Olho rasgado e profundo...* O seu revisor, achando isto pálido, molharia logo a sua pena e arranjaría o verso assim: *Olho muito rasgado e numerosamente profundo...* É pavoroso! Tenha Você cuidado com esse horrível e cruel estilista» (Carta de Eça de Queirós a Cristóvão Aires, *Correspondência* de Eça de Queirós, ed. Guilherme de Castilho, Lisboa: INCM, 1983, vol. 1, p. 246. Meditemos nestas frases de Eça de Queirós que, com certeza, não tiria apreciado as alterações dos seus sucessivos editores...

<sup>6</sup> Este título, tradicionalmente utilizado, foi inventado por Luís de Magalhães.



-posto em anexo, uma vez que surge como exterior à ficção propriamente dita. Sendo assim, a presente edição propõe: «As Misérias. I — Entre a neve» (1866); «Farsas» (1866); «O Réu Tadeu» (1867); «O Milhafre» (1867); «O Senhor Diabo» (1867); «Onfália Benoiton» (1867); «Memórias duma forca» (1867); «A Morte de Jesus» (1870); «Singularidades de uma rapariga louca» (1874); «Um Poeta Lírico» (1880); «No Moinho» (1880); «Outro Amável Milagre» (1885); «Civilização» (1892); «[A Aia]» (1893); «O Tesouro» (1894); «Frei Genebro» (1894); «O Defunto» (1895); «Adão e Eva no Paraíso» (1896); «A Perfeição» (1897); «José Matias» (1897); «O Suave Milagre» (1898); e, em apêndice, «Um Milagre» (1897).

Embora «O Réu Tadeu» e «A Morte de Jesus» tenha ficado por acabar, o primeiro porque terminou o «Distrito de Évora», onde se publicava, com a partida do seu director e redactor, o segundo por Eça ter, ao que parece, abandonado o projecto, pareceu coerente incluir esses relatos na selecção. É possível que «A Morte de Jesus» tivesse a ambição de ser um romance, cujo inspirador bem podia ter sido Renan<sup>7</sup>, enquanto «O Réu Tadeu» não passaria dum relato breve; por razões distintas ambos têm uma conclusão concebível pelo leitor e podem ser lidos de certa maneira como narrativas fechadas. Com efeito, no último trecho publicado de «O Réu Tadeu», Simão anuncia a Tadeu o seu casamento, cujas consequências hão-de levá-lo ao suicídio; e embora falte a parte final, os indícios semeados permitem completar a narração: Tadeu, apaixonado pela mulher do irmão, tê-la-ia obrigado, ou teria tentado obrigá-la a cometer o adultério. Por isso, quando preso, declara-se «culpado». Jesus não morre ainda nas páginas que se publicaram d'«A Morte de Jesus», mas a relação que mantém com o narrador chega ao seu termo no último capítulo oferecido aos leitores d'«A Revolução de Setembro», quando este tenta convencer o

<sup>7</sup> *La Vie de Jésus* é de 1863, e Batalha Reis confirma-nos que Eça estava a lê-la aquando da composição d'«A Morte de Jesus» (Introdução às *Prosas Bárbaras*, p. 45, Lello & Irmão, s. d.).

Rabi a ter «a Palestina até ao mar», a ser «o rei de Israel», e este lhe responde «Vai-te: o meu reino não é deste mundo».

O conto «As Misérias» também devia, segundo parece, inserir-se numa série, pois o subtítulo «Entre a neve» vai precedido de um número I, mas o relato constitui um todo, e chega-se à conclusão de que o projecto foi simplesmente abandonado por Eça de Queirós.

O volume que apresentamos compreende pois 21 + 1 contos<sup>8</sup>. É o elenco mais completo da obra ficcional breve queirosiana.

Adoptou-se o critério cronológico por ser o mais científico, e porque atesta a extraordinária variedade da criação queirosiana, e ao mesmo tempo a fidelidade do autor não só à peça narrada concisa como a linhas estruturantes iniciais. Decerto as contingências desempenharam um papel incitativo, ou pelo contrário desmotivador nessa obra breve. O ritmo de produção é intenso nos anos 1866 e 1867, devido à colaboração na «Gazeta de Portugal» e à criação efémera do «Distrito de Évora». As vicissitudes da carreira de Eça, e também da sua criação literária a outro nível, explicam a dispersão das publicações seguintes, que seriam só quatro em dez anos — se tudo se conservou. A forte participação de Eça de Queirós na «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro faz com que se tornem frequentes as composições a partir de 1892, como também ocupam um lugar destacado na «Revista Moderna», no fim da vida do escritor. Temos assim um primeiro período rico, um período intermediário disperso, e um último período muito fecundo. Mas o que interessa é que coincidem e coabitam através do tempo a veia «realista», presente com nuances de «As Misérias» (1866) a «José Matias» (1897); a corrente que se pode qualificar de «fantástica» e que ao princípio «O Milhafre» (1867) ilustra, como algumas das «Farsas» (1866), e que tem a sua ex-

<sup>8</sup> Haverá quem se pergunte porque não se contemplou *O Mandarim*. Na verdade, as dimensões dessa narrativa sempre obrigaram a considerá-la como uma novela, um curto romance fantástico, merecedora de uma publicação à parte, já realizada pela INCM (1993, ed. por Beatriz Berrini).



pressão mais perfeita com «O Defunto» (1895); a reflexão sobre o passado da humanidade, de ressonância filosófico-metafísica, que reconsidera a Bíblia com fins didáticos («A Morte de Jesus», 1870, «Adão e Eva no Paraíso», 1897, as distintas versões de «Outro Amável Milagre», de 1885 a 1898), e a mitologia com fins éticos e estéticos («A Perfeição», 1897); o pendor para a «jóia» lavrada, que se inscreve numa tradição reapropriada — do folclore, da lenda, da hagiografia —, e que atinge um cume estético com «O Tesouro» e «Frei Genebro» (1894). Se bem que o tratamento da escrita mude com o tempo, e a crescente subjectividade do narrador se imponha cada vez mais, a coerência e a coesão — na variedade! — do conjunto dos contos de Eça de Queirós sublinham a importância e o interesse que apresentam. Além disso, a ficção breve queirosiana permite compreender melhor os romances, que aí podem ter um núcleo matricial (*A Cidade e as Serras*, em «Civilização»); uma variante (*O Primo Basílio* em «No Moinho»), uma temática (por exemplo o incesto em «Singularidades de Uma Rapariga Loura» e em «José Matias», ou o problema da abulia e do tédio — «Civilização», «A Perfeição» —, ou também a crítica social, com «Singularidades de uma Rapariga Loura», «Onfália Benoiton»); ou um incidente (*A Relíquia* e os «Milagres», ou «A Morte de Jesus»), etc.

Ao mesmo tempo, observamos que se dá uma autêntica porosidade entre os vários tipos de conto escritos por Eça. É assim que Jaime Cortesão considera «Frei Genebro» (que poderia passar por uma simples variação hagiográfica) como uma peça basilar do franciscanismo queirosiano. E também se adivinha no Jacinto de «Civilização» (essencialmente uma crítica dos efeitos perversos do progresso, contrastando com o elogio da vida rústica) uma hipóstase da figura de São Francisco de Assis, plasmada com insistência n' *A Cidade e as Serras*. Os «Milagres» não só participam das preocupações de «religiosidade social» do autor a partir de 1885, como oferecem uma belíssima evocação dos tempos evangélicos, já presente n' «A Morte de Jesus» (1870). Por outro lado, as preocupações estéticas são manifestas nos contos «realistas», que não desdenham a estrutura do conto de fadas; as preocupações ideológicas estão

latentes nas «Histórias», embora pareçam de puro entretenimento; as intenções realistas não desertam dos contos fantasistas, impondo imagens fortes e cruas que embatem contra as convenções do género.

A ordem cronológica impõe-se portanto como a mais coerente. Não se pode afirmar no entanto que haja sempre absoluta coincidência entre a data da escrita e a da publicação. A questão é complexa. Quase todos os relatos breves aqui reunidos se publicaram num número único de jornal ou revista, o que dificulta a presunção quanto à data da escrita. O caso mais melindroso é o das três versões do «Milagre». Sendo «Outro Amável Milagre» de 1885, «Um Milagre»<sup>9</sup> supostamente de 1897, e «O Suave Milagre», de 1898. Serão as duas últimas, realmente, versões retomadas muito mais tarde, uma hiper-breve, outra bem alongada — exercícios de estilo no fim da vida —, ou entre essas datas, já o autor reescrevera para si as ditas versões?<sup>10</sup> Não temos qualquer certeza. Também se discutiu o caso de «No Moinho», segundo parece posterior a *O Primo Basílio*. Mas quem o pode afirmar? Só deram lugar à publicação de tipo folhetim «continuado» «A Morte de Jesus», «Civilização», «Frei Genebro» e «O Defunto». Ora, se nos referirmos a «A Morte de Jesus» (cujos primeiros excertos se apresentaram em 11 números d'«A Revolução de Setembro»), será difícil afirmar que Eça não tinha prontos ainda vários capítulos do eventual futuro romance, uma vez que Batalha Reis nos diz que os ouviu da boca do autor<sup>11</sup>. Se evocarmos os outros contos, todos destinados à «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro, Eça com certeza os enviava já completos, dada a

<sup>9</sup> Guerra da Cal (*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*, tomo 1, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1975, item 1.037) dá-lhe o título de «Um Milagre», mas a edição que propõe (em 1960) reza só «Milagre».

<sup>10</sup> Sempre que se considere que «Um Milagre» é mesmo de Eça de Queirós.

<sup>11</sup> «Havia escrito desta obra, além do que se publicou — uns capítulos que ele me leu, e depois sem dúvida destruiu ou se perderam» (Introdução, ed. cit., p. 45).



lentidão do transporte, encarregando-se o jornal de os repartir por números separados, tanto mais que ele sabia que devia entregar até determinada data um conto que lhe ia ser pago e sabemos até que ponto ele precisava sempre de dinheiro. Assim se publica «Frei Genebro» em dois dias, «Civilização» em cinco. Inclusive «O Defunto», que ocupa o folhetim de dez números, foi bem provavelmente mandado de uma vez. Mesmo assim, não se pode descartar que Eça tivesse em conta as exigências do relato folhetinesco por episódios, particularmente o *suspense*, pois na «Gazeta de Notícias», precisamente, o caso dá-se com textos de imprensa <sup>12</sup>.

### 3. AS SELECÇÕES ANTERIORES

#### 3.1 *Em Portugal*

Luís de Magalhães, ao publicar em 1903 (com data de 1902) pela Lello & Irmão a primeira colecção de relatos breves de Eça de Queirós, sob o título *Contos*, seleccionou 12 narrações em ordem dispersa, sem critério declarado nem que se descu-

<sup>12</sup> A nossa colega brasileira e eminente queirosiana Elza Miné mostrou, no caso de uma crónica, que Eça, embora a tivesse enviado de uma vez, soube aproveitar o *suspense* inerente à publicação em folhetim, prometendo ao leitor uma continuação no número a seguir. Trata-se do texto «Aos estudantes do Brasil», I, II, III (Eça de Queirós, *Textos de Imprensa IV*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 635-664), publicado respectivamente nos dias 20, 21 e 22 de Fevereiro de 1897. Diz a Prof.<sup>a</sup> Elza Miné: «Ora, o último parágrafo da parte publicada no dia 20 (I) diz: ‘Ah! meus doces amigos, é verdade?... Mas para conversar sobre este caso, que me sufoca, eu necessido o ar, o espaço e a tranquilidade de um outro bilhete.’ Em 21 de Fevereiro, começa (II) afirmando: ‘Agora, neste bilhete mais arejado e espaçoso, podemos sem precipitação conversar, ó meus amigos, sobre o caso sufocante.’ Como foram publicados em dia subsequentes, infere-se que tenham os três ido pela mesma ‘mala’ para o Brasil.» Pelo que se refere aos três contos contemplados, só «O Defunto» parece oferecer cortes que relevam da preocupação pelo *suspense*.

bra, sistematicamente retomadas nas edições posteriores do mesmo erudito. Os doze contos escolhidos eram: «Singularidades de uma Rapariga Loura», «Um Poeta Lírico», «No Moinho», «Civilização», «O Tesouro», «Frei Genebro», «Adão e Eva no Paraíso», «[A Aia ]» — sem o ensaio «Tema para versos» —, «O Defunto», «José Matias», «A Perfeição» e «O Suave Milagre».

A publicação em 1903 pelo mesmo Luís de Magalhães, também na Lello & Irmão, das *Prosas Bárbaras*, repetida *ne varietur* nas edições posteriores, parece ter dependido do critério exclusivo de Jaime Batalha Reis que, além de atribuir o título ao próprio Eça de Queirós<sup>13</sup>, e de escrever a Introdução, recolhe da «Gazeta de Portugal» indistintamente narrações ficcionais e não ficcionais, exclui «Farsas» e «Onfália Benoiton», inclui «A Morte de Jesus», d'«A Revolução de Setembro», e não integra «O Réu Tadeu», do «Distrito de Évora». Em resumo, propõe um elenco de 5 relatos ficcionais («As Misérias», intitulado só pelo subtítulo, «Entre a neve», sem ser precedido do número I, que parece indicar, como já frisámos, que o primeiro relato ia ser seguido de outros; «O Milhafre»; «O Senhor Diabo»; «Memórias duma forca»; «A Morte de Jesus»). Se se somarem os textos ficcionais aos anteriores *Contos*, se materializa-se, assim, um conjunto de 17 narrações ficcionais breves.

Em 1947, a Lello & Irmão realiza a chamada Edição do Centenário, que oferece no mesmo volume VIII as *Prosas Bárbaras* e os *Contos*, misturando narrativas ficcionais e não ficcionais na primeira secção. Introduce, em apêndice aos *Contos*, «Outro Amável Milagre», primeira versão de «O Suave Milagre» que se tinha publicado separadamente, e, às *Prosas Bárbaras*, «Farsas» e «Onfália Benoiton». Não recolhe o título «As Misérias», mantendo só «Entre a neve», também sem o número I que

<sup>13</sup> «Tens talvez razão [...]. Talvez se deva publicar isso em livro. — E acrescentou muito grave: — Mas sob o título crítico e severo de *Prosas Bárbaras*» (Introd., ed. cit., p. 47).

precede o tal subtítulo. Não integra «O Réu Tadeu». Só quem destrinça o ficcional do não ficcional obtém a cifra de 20 relatos breves ficcionais.

Helena Cidade Moura em *Livros do Brasil* fez para os *Contos* (*Obras de Eça de Queiroz*, vol. 9, s. d., [Outubro de 1969]) a mesma selecção de Luís de Magalhães, na mesma ordem dispersa, acrescentando no fim, como na Edição do Centenário, «Outro Amável Milagre». Propôs assim um total de 13 contos.

Ao publicar as *Prosas Bárbaras* (*Obras de Eça de Queiroz*, vol. 11, s. d., [Outubro de 1969]), a mesma investigadora reproduz a Introdução de Jaime Batalha Reis, e oferece, sem explicações, a mesma selecção de sempre, aumentada de «Farsas» e de «Onfália Benoiton», como na Edição do Centenário. Restitui o título «As Misérias», reintroduz o número I antes do subtítulo «Entre a neve». Não integra «O Réu Tadeu».

Separando os 14 títulos não ficcionais das *Prosas Bárbaras*, chega-se também, com os contos propriamente ditos, a um total de 20 narrativas breves ficcionais.

De facto, «O Réu Tadeu» fez parte de uma selecção organizada em 1965-1966 por Alberto Machado da Rosa (Lisboa, Editorial Presença) sob o título *Prosas Esquecidas*, que reúne no vol. I «Farsas», «O Réu Tadeu», «Onfália Benoiton», fragmentos de *O Mistério da Estrada de Sintra* (texto comparativo das partes divergentes), fragmentos de *O Crime do Padre Amaro* (partes rejeitadas por Eça em 1880).

Luiz Fagundes Duarte, na *Dom Quixote* (Eça de Queirós, *Contos*, 1989, reed. revista, 2002), só contemplou os contos tradicionalmente reunidos sob esse título, adoptando uma ordem cronológica dentro de uma classificação pessoal. Acrescentou mais um título ao elenco, «Um Milagre», que aparece pela primeira vez numa selecção, e é uma versão abreviada, cronologicamente situada entre «Outro Amável Milagre» e «O Sua-ve Milagre». Luiz Fagundes Duarte utiliza o texto publicado por Guerra da Cal em 1960, com uma nota conclusiva de Helena Cidade Moura, a partir de uma versão da «Gazeta de Notícias» de 21 de Abril 1897, sendo que a versão publicada em Portugal a 5 de Fevereiro no mesmo ano (na «Revista Cor-



-de-Rosa») desapareceu<sup>14</sup>. Luiz Fagundes Duarte completou também o conto «[A Aia]», inserindo-o, também pela primeira vez, no conjunto intitulado «Tema para versos», que inclui aquele relato propriamente dito. E inovou ao reagrupar sob o título «As Histórias» os contos «O Tesouro» e «Frei Genebro», que assim apareceram rotulados quando da primeira publicação.

Chega-se assim à cifra de 14 contos para a edição de Luiz Fagundes Duarte.

### 3.2 No Brasil

Em 1970, e sob a direcção de João Gaspar Simões, com a colaboração de Helena Cidade Moura e a ajuda de D. Maria Eça de Queirós, filha do escritor, no quadro da publicação da *Obra Completa* de Eça de Queirós pela Aguilar segundo a norma linguística brasileira, publicou-se uma selecção, na secção intitulada «Contos», bem distinta da que prevalecia. Com efeito, dos 13 contos escolhidos até a data para Livros do Brasil excluiu-se «Frei Genebro», «transferido para a secção *Páginas Agiográficas*»<sup>15</sup>, mas introduziram-se três dos chamados «contos póstumos», ou seja «A Catástrofe», «Engelberto» e «Um Dia de Chuva», e um conto tirado das *Prosas Bárbaras*, «O Milhafre». A justificação dessa selecção cabe numa frase pouco explícita: «Atendendo ao agrupamento por géneros literários adoptado pelo organizador desta edição, incluímos também os contos ‘O Milhafre’ (de *Prosas Bárbaras*), ‘A Catástrofe’ (de *O Conde Abranhos*), etc.»<sup>16</sup>. O conjunto da secção é pois de 16 contos, dos quais três póstumos.

Beatriz Berrini, ao editar para a Nova Aguilar segundo a norma linguística brasileira a *Obra Completa* de Eça de Queirós,

<sup>14</sup> O texto publicado por Guerra da Cal em 1960 é de facto até hoje o único que temos, uma vez que não se encontra no tal n.º de 21 de Abril de 1897 da «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro o conto de Eça.

<sup>15</sup> Ed. cit., «Anotação liminar», de Helena Cidade Moura, p. 1086.

<sup>16</sup> *Ibid.*

reúne no vol. II (1997), além da ficção semi-póstuma e da ficção póstuma, os «contos e textos póstumos». Na última secção, encontramos, além dos quatro contos chamados póstumos, as *Lendas de Santos*. Na secção «contos», a investigadora paulista selecciona todos os relatos breves ficcionais publicados em vida do autor, acabados ou não, excluindo no entanto as duas versões iniciais do «Milagre» e privilegiando portanto a última, «O Suave Milagre». Assim, e pela primeira vez, extraem-se das *Prosas Bárbaras* os relatos ficcionais, ou seja «As Misérias» (com o subtítulo «Entre a neve», precedido do número I), «Farsas», «O Senhor Diabo», «Onfália Benoiton», «Memórias duma Forca» e «A Morte de Jesus» (inacabado), juntamente com «O Milhafre», já seleccionado por João Gaspar Simões. Também se recupera do «Distrito de Évora» «O Réu Tadeu» (inacabado).

O elenco consta assim de 20 contos reunidos sob esse título.

#### 4. A PRESENTE EDIÇÃO

Ao inscrever-se este volume de *Contos*, como já constou, no projecto global da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, sob a direcção do Prof. Carlos Reis, as normas adoptadas descansam em rigorosos critérios de fidelidade, comuns a todos os volumes.

Seguem-se escrupulosamente as publicações originais, modernizando-se a ortografia. Respeita-se a disposição tipográfica e a pontuação, salvo em caso de manifesto erro do compositor, ou de lapso do próprio autor (caso da vírgula ilógica depois do sujeito ou da série de dois pontos consecutivos, por exemplo). Conservam-se as maiúsculas quando intencionais. Nos restantes casos, regem-se pelo prontuário em vigor.

Quanto aos nomes próprios, trata-se, sempre que seja possível, de restabelecê-los na sua ortografia actual. No caso peculiar d'«A Morte de Jesus» e dos «Milagres», procedeu-se a uma harmonização deslatinizando os nomes de pessoas: a partir do momento em que o texto original continha já nomes

deslatinizados, como Tibério, ou Flaco, considerou-se que Públio Séptimo, por exemplo era preferível a [Publius Septimus], mas também a [Públio Sétimo], visto que consta Séptimo Severo nos dicionários usuais. Os nomes bíblicos de lugares e de pessoas actualizaram-se, mantendo-os no cenário do Novo Testamento.

Quando a ortografia de um nome próprio variou de um número a outro ou de um capítulo a outro, procurou-se manter uniformemente a ortografia exacta, embora a confusão pudesse provir do próprio autor. Assim Juda Gaulonite, e não Judas Galaunite, Galaunete, ou Jesus de Sirach, e não Sirach/Siroch, entre outros exemplos.

No caso de «O Senhor Diabo», e de acordo com as observações de Ernesto Guerra da Cal, preferiu-se a segunda versão publicada em vida de Eça de Queirós no «Museu Ilustrado», e possivelmente revista por ele, registando-se em notas de rodapé as variantes da primeira publicação, na «Gazeta de Portugal».

## 5. AS EDIÇÕES ANTERIORES

A fantasia que presidiu à constituição inicial da obra breve de Eça de Queirós pelos organizadores reinou no labor editorial dos mesmos. A época era distinta: o editor parece que se apropriava de um texto e o manipulava a seu bel-prazer, alterando paginação, pontuação, onomástica, inclusive vocabulário, frases inteiras. Era de certa forma uma reescrita. O que mais surpreende são as afirmações de Helena Cidade Moura, iludindo o próprio Guerra da Cal, ao dizer que reviu escrupulosamente os textos originais, quando é óbvio que não raras vezes adopta as edições e leituras anteriores de Luís de Magalhães.

Seria fastidioso e descortês insistir na questão, tanto mais que a atitude desses primeiros editores coincidia com as normas, melhor dito com a ausência de normas da época. E é indubitável que há uma grande tentação, perante um grande texto, de «melhorá-lo» a partir de vários subterfúgios, e é o que se passa com aquelas primeiras edições. De qualquer for-



ma, aqueles pioneiros têm o mérito de ter empreendido a uma tarefa tão necessária como útil, e de ter mostrado o caminho aos seguidores.

Quanto à arbitrariedade que presidiu a essas edições, to-marei só uns exemplos tirados de «Singularidades de uma rapariga louca», o primeiro conto importante depois dos relatos oferecidos na «Gazeta de Portugal» e n'«A Revolução de Setembro»:

Texto da publicação original	Texto de Luís de Magalhães	Texto de Helena Cidade Moura: <sup>17</sup>
A mim têm-me afirmado que as mulheres de Vila-Real são as mais bonitas do Minho.	mais bonitas do Norte.	mais bonitas do Norte.
Às portas dos lados os passageiros tinham posto o seu calçado	Às portas dos lados os hóspedes	os hóspedes
O Sr. Macário é que não teve sensação, porque	O sr. Macário é que não experimentou sensação alguma, porque	não teve sensação alguma, porque
e em redor o círculo das damas, recamadas de vestidos de ramagens	E em redor, formando círculo, as damas, com vestidos de ramagens	e em redor, formando círculo, as damas, com vestidos de ramagens <sup>18</sup>
el-rei [...] gritava na confusão, e logo o capelão	el-rei [...] gritava na confusão, e [falta] o capelão	confusão, e [falta] o capelão
ela, Hilária, ficara atarracada de pavor	Ela, Hilária, ficara estarecida de pavor	Ela, Hilária [conforme o original]
um velho [...] bradando de rai-va. É o pai do conde: ela então desmaia [...] a berlinda real está à porta, com os postilhões, [...] e os batedores com pampilhos: el-rei já estava dentro, escondi-	um velho [...] bramindo de rai-va! “É o pai do conde!” explicavam em volta. Ela então desmaia [...] a berlinda real estava à porta com os boleiros, [...] e os batedores a cavalo, à fren-	um velho [...] bradando de rai-va! “É o pai do conde”. Ela então desmaia [...] a berlinda real está à porta, com os boleiros, [...] e os batedores com pampilhos: el-rei já estava

<sup>17</sup> As palavras em negrito são as palavras alteradas ou acrescentadas. As palavras em itálico são as palavras deslocadas. Quando as edições posteriores à publicação original eliminam uma palavra, o texto indica [falta].

<sup>18</sup> Um pouco mais a baixo no texto, reaparece na publicação original a palavra «recamados» — «leques recamados de lentejoulas» —, o que explica certamente a supressão anterior.

Texto da publicação original	Texto de Luís de Magalhães	Texto de Helena Cidade Moura: <sup>17</sup>
do no fundo [...]: mas os batedores picaram, os estalos dos postilhões retiniram	te: via-se là dentro el-rei, escondido ao fundo [...] Mas os batedores picaram, os estalos dos boleiros retiniram	dentro, escondido no fundo [...] Mas os batedores picaram, os estalos dos postilhões retiniram <sup>19</sup>
Mas para esses Macário era um desconhecido, e a sua dignidade e o seu hábil trabalho.	Mas, para esses, Macário era [falta] desconhecido, e desconhecidos por igual a sua dignidade e o seu hábil trabalho.	Mas, para esses, Macário era [falta] desconhecido, e desconhecidos por igual a sua dignidade e o seu hábil trabalho.
Chut! dizia-lhe Luísa. [...] sob a nudente friagem de Janeiro	Chuta! — dizia-lhe Luísa. [...] sob a [falta] friagem de Janeiro	Chut! — dizia-lhe Luísa. [...] sob a nudenta friagem de Janeiro <sup>20</sup>
Faz favor de pôr na factura Macário e sobrinho. E case. Case e que lhe preste. Levante dinheiro. O senhor precisa de roupa branca, e de mobília. Levante dinheiro. E meta na minha conta. A sua cama lá está feita	Faz favor de pôr na factura Macário & Sobrinho. E case. Case, e que lhe preste! Levante dinheiro. [falta + falta] E meta na minha conta. A sua cama lá está feita.	Faz favor de pôr na factura Macário & Sobrinho. E case. Case, e que lhe preste! Levante dinheiro. O senhor precisa de roupa branca e de mobília. [falta] E meta na minha conta. A sua cama lá está feita <sup>21</sup> .

<sup>19</sup> A palavra «postilhões» é rejeitada duas vezes por Luís de Magalhães, possivelmente sentida como estrangeira, afrancesada ao menos, enquanto Helena Cidade Moura parece afastar só a repetição, privilegiando «boleiros» na primeira ocorrência, mas conservando «postilhões» na segunda; o presente da narração, tão vivo, é desdenhado por Luís de Magalhães, que em contrapartida inventa um olhar exterior a distinguir o monarca; e introduz a palavra «bramindo», por ele magicada, em vez de «bradando»; quanto ao sumiço da palavra «pampilhos» na edição do mesmo, talvez seja devido à ignorância que ele supõe no leitor do sentido da palavra, «vara com ferrão para picar o gado, aguilhão», segundo Morais, ou porque ele próprio estranha a presença da tal vara na mão dos batedores. Há mais detalhes para rastrear no trecho, mas julgo suficiente a exemplificação oferecida.

<sup>20</sup> Parecendo a palavra uma criação queirosiana, não se justifica a supressão de Luís de Magalhães, mas também não a variante proposta por Helena Cidade Moura.

<sup>21</sup> Luís de Magalhães elimina a questão da roupa e da mobília, e não retoma «Levante dinheiro». Helena Cidade Moura, ao suprimir também a segunda ocorrência de «Levante dinheiro», conservando o resto, baralha a ordem das frases, propondo uma sucessão pouco coerente.



Texto da publicação original	Texto de Luís de Magalhães	Texto de Helena Cidade Moura: <sup>17</sup>
Macário, queria abraçá-lo estonteado, com as lágrimas nos olhos, radioso.	Macário, estonteado, <i>radioso</i> , com as lágrimas nos olhos, <i>queria abraçá-lo</i> .	[conforme o original]
Via o fim da sua vida [...] radioso. [...] Estava quase sempre em casa da noiva, e um dia andava-a acompanhando, em compras, pelas lojas. Ele mesmo lhe quisera fazer um pequeno presente, nesse dia.	Via o fim da sua vida [...] <i>feliz</i> . [...] Estava quase sempre em casa da noiva, e um dia <i>andando a acompanhá-la</i> , em compras, pelas lojas, <i>ele</i> mesmo lhe quisera fazer um pequeno presente	(conforme o original) <sup>22</sup>
reluziam as grossas pulseiras cravejadas [...] os anéis de armas, as finas <i>alianças</i> .	reluziam as grossas pulseiras cravejadas [...] os anéis, as finas <i>alianças</i> :	as finas <i>alianças</i> <sup>23</sup>

O resto do texto continua com alterações diversas<sup>24</sup>.

Os editores mais recentes, Luiz Fagundes Duarte em Portugal e Beatriz Berrini no Brasil, já têm uma concepção moderna da tarefa, e partem com escrúpulo e minúcia da publicação original. Se um reparo se pudesse fazer a Luiz Fagundes Duarte, seria o de um excesso de fidelidade que às vezes leva à conservação abusiva de maiúsculas, ou de pontuações hoje desusadas. Mas é uma opção reivindicada. Quanto a Beatriz Berrini, fez um grande trabalho, ao seguir ferreamente, adaptando-o à norma linguística brasileira (tratando-se de um

<sup>22</sup> Luís de Magalhães repudiou a repetição de «radioso», palavra que aparecia um pouco antes, como se leu, e manipulou a construção das frases para, talvez, lhes dar o que ele devia considerar como mais coerente.

<sup>23</sup> Não se entende bem o sumiço da precisão «de armas» em Luís de Magalhães, dado que o anel adornado com brasão era coisa corrente. Helena Cidade Moura suprime os itálicos para, mais uma vez, livrar Eça de «francesismos».

<sup>24</sup> A edição de João Gaspar Simões sofre infelizmente muitas vezes das mesmas manias, como pude comprovar, precisamente a partir do texto proposto pela Aguilar de «Singularidades de uma rapariga loura». Tiram-se as repetições, alongam-se as frases para que resultem mais claras (?), etc.

grande escritor como Eça de Queirós, talvez se tivesse podido alterar esse hábito) o texto original, raramente se desviando dele, até ao ponto de respeitar erros imputáveis seja ao tipógrafo, seja ao próprio autor, julgando nesse último caso, suponho eu, que os erros autorais haviam de ser conservados.

## 6. APARATO

Cada conto tem uma primeira nota de rodapé introdutória dos dados da publicação original, das eventuais publicações posteriores em vida do autor, das eventuais edições por separado depois da morte dele e finalmente da primeira edição em colecção. Se o texto original for precedido de um curto prólogo, sem relação óbvia com o conto, passa para a primeira nota (caso d'«O Milhafre», por exemplo). Se o prólogo tomar as dimensões de um ensaio, fica em anexo (caso único de «Tema para versos», que precede «[A Aia]»). Quando se trata de uma pequena introdução directamente enlaçada com a narrativa, mantém-se no lugar (caso de «[A Aia]», de «Memórias duma forca», por exemplo).

As outras notas assinalam, seja as variantes entre duas edições em vida do autor (caso único d'«O Senhor Diabo», pois no caso de «Singularidades de uma rapariga loura», «A Batalha» contenta-se com reproduzir a primeira edição, e quanto a «Outro Amável Milagre», o texto é alterado em «O Jornal do Comércio» pelo tipógrafo), seja as diferenças de leitura com editores anteriores, seja as gralhas tipográficas manifestas. As leituras propostas, como também as normas adoptadas (caso d'«A Morte de Jesus», por exemplo) implicam muitas vezes justificações de vária índole que aí constam.

A distribuição de aspas e itálicos segue a publicação original, mas opta pelas normas em vigor para palavras estrangeiras (itálicos), títulos de obras (itálicos) e títulos de jornais (entre aspas).

Ao actualizarmos a ortografia, actualizámos a acentuação. Unimos as formas que traduzem encontros vocálicos, de acordo com as normas em vigor (*d'um*, *d'uma*, etc., em *dum* e

*duma*, etc., *d'aquele*, *d'aquela*, etc., em *daquele*, *daquela*, etc., *d'ahi* em *daí*, *d'entre* em *dentre*). Suprimimos a elisão quando a norma actual o exige (transformando *d'Adrião* em *de Adrião*, *n'um numa*, etc. em *num*, *numa*, etc., *n'aquele*, *n'aquela* em *naquele*, *naquela*, etc.). Conservámos a variante fonológica *ou* em relação a *oi*, quando essa variante ainda tem pertinência na actualidade. Sendo as interjeições *oh* e *ó* diferenciadas num mesmo texto, também fizemos a distinção entre as duas grafias.

## 7. SIGLAS

- A: Aguilar (ed. organizada por João Gaspar Simões)  
 ARS: «A Revolução de Setembro»  
 Ct: *Contos*  
 DÉ: «Distrito de Évora»  
 DQ: Dom Quixote (ed. organizada por Luiz Fagundes Duarte)  
 EdC: *Edição do Centenário*  
 GN: «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro  
 GP: «Gazeta de Portugal»  
 LB: Livros do Brasil (ed. organizada por Helena Cidade Moura)  
 LeS: Guerra da Cal, *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*  
 LI: Lello & Irmão (ed. organizada por Luís de Magalhães)  
 MI: «Museu Ilustrado»  
 NA: Nova Aguilar (ed. organizada por Beatriz Berrini)  
 PB: *Prosas Bárbaras*  
 RM: «Revista Moderna»

# TEXTO CRÍTICO





## As Misérias

### I — ENTRE A NEVE

(A Anselmo de Andrade)

5 O lenhador, pela madrugada, ergueu-se da enxerga e acendeu a candeia.

Junto da lareira, engelhado nos frios, cavado de magrezas, dormia um rapaz enrodilhado nos farrapos de uma manta. O pobre lenhador desfalecia de febre: até ao anoitecer da véspera andara pelo negro mato, e depois nem teve um magro  
10 caldo, junto das sonolências da lareira.

Iam grandes neves pelos montes, e o triste tinha filhos pequenos, que à noite quando rezavam, todos arrepiados e magros, em redor da mãe, sufocavam-se no choro da fome: por isso àquelas horas, por entre nevoeiros moles, ele ia pelos  
15 montes, pelas colinas, pelos pinheirais, rachar, cortar e desramar, aos ásperos ventos, na grande neve silenciosa.

O rapaz dormia com os pés inteiriçados e todos brancos da lama seca: tinha os grandes cabelos espalhados, e branco tinha o peito. A um canto sobre esteiras bolorentas, cobertas  
20 com o saiote da mãe as duas crianças dormiam com os cotovelos arroxeados — dissolvidas no sono dos frios e das fomes: o lenhador tirou a jaleca que levava para os montes, embrulhou-

1: [In “Gazeta de Portugal” (GP). Lisboa, 1865, [5.º Ano], n.º 1192, Terça-feira 13 de Novembro, p. 1. Recolhido por Luís de Magalhães, in *Prosas Bárbaras* (PB). Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, de Lello & Irmão, 1903, com o título “Entre a neve” e sem a dedicatória (LI). Todas as notas de rodapé são da editora, salvo menção específica (N.d.A., Nota do Autor).]

21: GP: “dissolvidos”.

25 -lhes os pés duros, pesados dos longos esfriamentos, e com a  
candeia foi debruçar-se sobre a enxerga onde dormia a mulher:  
ela tinha o corpo colado ao fraco calor da enxerga como a um  
seio amado; os braços, caídos e frouxos como os de uma mu-  
lher estéril; os seus cabelos negros espalhavam-se tristemente  
pela enxerga como um luto; e a manta esburacada modelava a  
forma casta e fecunda dos seus peitos.

30 Então o lenhador tomou o machado negro e o feixe rijo  
das cordas, cobriu-se com o capuz de saragoça e foi-se lento,  
esfomeado e magro, pelos grandes caminhos, duros, lívidos e  
cobertos de névoas.

35 O seu casebre ficava perdido, ao pé dos montes, longe dos  
povoados, entre umas poucas de árvores que erguiam para o ar  
os seus braços negros, descarnados, nus e suplicantes.

40 Ali vivia aquela família húmida dos frios, emagrecida das  
fomes, diante da neve e dos Invernos, com os peitos cheios da  
religião do Sol, das searas, e das fecundidades sonoras e alu-  
miadas — como coisas flamejantes e divinas, que estão tão lon-  
ge como Deus, inacessíveis, na poeira da luz, entre os paraísos.  
O pai ia todos os dias para os grandes montes lidar entre a  
ramaria: a mulher em casa cosia os farrapos ao pé da lareira  
sem lume, e ao anoitecer ia para junto da porta desconjuntada  
45 dos ventos, gretada dos frios, ver se pelos atalhos enevoados,  
via chegar o marido lento, curvado sob os grandes feixes de  
lenha.

O lenhador caminhava para as bandas dos montes.

50 A madrugada pesava com as névoas, as frialdades e as  
chuvas desfeitas.

A neve caía, leve. A alma aconchegava-se dentro do seu  
querido corpo — como num vestido santo, amedrontada pela  
dureza sobrenatural das coisas. Porque toda aquela natureza  
tinha estranhas barbaridades.

55 Os caminhos tinham um chão duro, nevado, opaco.  
A manhã vinha escura, lenta e lacrimosa como uma viúva à  
hora dos enterros: e à pouca luz ténue, os pedaços do gelo pen-  
durados dos cardos e das urzes tinham o aspecto frio e podre de  
farrapos de mortalhas; sobre as árvores imóveis, os pássaros  
60 quietos e cheios erriçavam as plumagens aos ventos frios.



As nuvens dissolviam-se pelo ar, cheias de orvalhos estéreis.

O lenhador caminhava frio, rasgando-se nas silvas, cheio da chuva das árvores, pálido como os choupos, roxo, desconsolado e sereno.

Ia lento. Pensava nos lavradores, que àquelas horas nas terras quentes, saem, assobiando, sob a manhã religiosa e alumiada, entre as ervas claras, ao resplandecimento fecundo dos orvalhos, guiando pelos sulcos, enquanto as andorinhas gritam alegres e gloriosas, os bois fortes, lentos e bons. Ele tinha a mulher e os filhos esfomeados no casebre; desfazia-se em lides e em suores, e em cansaços, e nem sempre aquelas faces amadas se enchiam das cores da vida; aquela pobre gente estava sempre amarela: era o frio, era a fome; nem uma manta nova, nem uma pouca de lã: o bom Deus lá em cima parece que está tão bem agasalhado ao calor dos seus paraísos e das suas estrelas, que se não lembra da pobre gente dos campos e dos montes que se arrepia de frio. E havia gente que via sempre os filhos bem quentes e bem corados!

Assim pensava o triste, caminhando, pesado, molhado e todo cheio de coisas dolorosas e mórbidas. A neve vinha descendo como um imenso desprendimento de lãs.

E ele pensava que podia ser um abastado dos campos, e ver à noite em volta da sua lareira flamejante e serena toda a multidão dura dos ceifadores e dos semeadores, com os cabelos caídos, entre os bons risos, em redor da grande tigela de caldo, ao estalido das castanhas, na atitude dos bons e dos simples.

A neve ia caindo direita e vaga: e ouvia-se o rumor — indefinido como de um mar, laborioso como de uma colmeia — das multidões doentias dos pinheiros.

O pobre lenhador olhava em redor as grandes neves extensas, enoveladas nas pedras, esfarrapadas pelos cardos, opacas e estéreis: ele olhava; e às vezes um corvo passando silencioso e nocturno, vinha bater o ar em redor dele com uma selvagem palpitação de asas.

Começava a espalhar-se o dia. Ele sentia-se só entre aquela natureza inimiga e bárbara; e por vezes o braço enfraquecido da febre vergava sob o machado e as cordas húmidas.

100 Ele ia entrando pelo pinheiral indolente. O pinheiral era  
cerrado, e a noite estava ainda no encruzamento das ramagens  
lúvidas. A neve que caía sobre os ramos desfazia-se em orvalho  
ao calor da seiva.

As árvores estavam como tomadas de um susto religioso.

105 Quando saiu do pinheiral, em caminho para os montes,  
ele ia a recordar-se de quando ia para as escamisadas numa  
aldeia do Sul, e sob a luz apaixonada e melódica das constela-  
ções cantava à viola junto da doce rapariga de testa santa e de  
cabelos cor de amora; e ele, o perdido, amolecia o olhar a  
esfregá-lo, pela abertura do lenço, sobre a brancura do colo  
110 dela!

Hoje, àquelas horas, pensava ele, aquela pobre mulher  
gemia na sua alma vendo os filhos sem um bocado de pão,  
andarem pelo casebre húmido, rotos, dependurando-se-lhe das  
saías gemendo: *mãe! mãe!* E os olhos do pobre tremiam-lhe nas  
115 águas do choro.

O lenhador apertou o machado e entrou na floresta.

120 Os velhos carvalhos violentos e proféticos, os choupos  
desfalecidos, os castanheiros ruidosos, os olmos grotescos, as  
ramagens e os silvados erriçados onde o vento brada aflito,  
todas aquelas verduras vivas e sãs que cantam ao sol no em-  
poeiramento da luz crua, toda aquela sombria Diana esguede-  
lhada que se chama a floresta, dormia sob as opressões da neve,  
triste, silenciosa — estóica e soberba.

125 O lenhador com o machado erguido ia por entre a flo-  
resta; ele conhecia aquelas estranhas atitudes, aqueles es-  
carpamentos de neve, as faces pensadoras dos rochedos, todo  
o emaranhamento de ramos de folhas donde caem gotas como  
um eco de chuvas passadas, e todavia ao endireitar-se contra  
um velho carvalho empalideceu como diante de uma pro-  
130 fanação.

135 O seu coração simples e bom não compreendia, mas sen-  
tia aquelas vidas imóveis, silenciosas e sonoras, que são árvo-  
res, ramagens, arbustos, eflorescências; ele tinha compaixão dos  
gemidos dos troncos, das cascas esmigalhadas, das fibras dilace-  
radas, e sentia que sacrificava ali à fome dos filhos vidas imen-  
sas de árvores.



O lenhador atirou o machado negro contra o tronco do carvalho e toda a árvore imensa ficou tomada de vibrações dolorosas: e as suas ramagens estenderam-se caídas, sem vida e sem força, estenderam-se pelo tronco como para se verem morrer sem gemidos, num silêncio soberbo e selvagem.

O sol veio lívido, mole, desfalecido. Sem serenidade, sem força, sem vitalidade. Sem ascensão flamejante e sagrada. Névoas arrastadas, escurezas, esvaecimentos lúgubres de nuvens.

Começavam-no a esvoaçar os pássaros, piando tristemente. Toda a floresta chovia abundante e sonora.

E o lenhador com o peito erguido, os cabelos desmanchados, vermelho, trespassado de chuvas, feroz, com o machado erguido nas mãos, com justos e trágicos encarniçamentos, lutava contra os troncos, contra os ramos, contra a inchação das raízes, contra as duras cortiças e os filamentos tenazes; e enchia o chão de ramagens negras, de braços mortos de árvores, caídos e inertes como armaduras vencidas.

Aquelas árvores que tanto tempo levaram a formar-se e a enrijar, e a acostumar-se aos ventos tumultuosos, e a saber agarrar as clinas da chuva, e a enlaçar as moles nudezas das névoas e dos vapores, aquelas árvores cheias das mordeduras de Novembro, cheias de legenda e do cheiro das tormentas, encolhiam os ramos num estremecimento medroso quando o machado reluzia lugubrememente no ar.

Ele tinha a camisa solta, a jaleca esfarrapada: os socos imensos faziam covas na neve; e, esfomeado, terrível, ia a grandes passos pela floresta, rasgando os silvados, com respirações imensas, esmigalhando as raízes, envolto em estilhas, em fibras partidas, com gestos trágicos, afastando com o machado o voo dos corvos; e todo cheio dos filhos, torturava as árvores, com golpes flamejantes, gritando-lhes: *covardes!*

145: [GP: “Começavam-o a esvoaçar os pássaros.” Os editores anteriores propõem: “Começavam a esvoaçar os pássaros.” No entanto, não parece impossível compreender a construção original, no sentido de os pássaros esvoaçarem em torno do lenhador, ou seja começaram a esvoaçar-lhe no espírito. Esta leitura tem a vantagem de anunciar a continuação do conto, com o ataque dos corvos no fim, “grandes sombras que lhe esvoaçavam sobre a cabeça”.]

Assim lidou sob a neve e o vento, e a chuva, e a humidade, e a febre, e as névoas, e a dor, até ao anoitecer.

170 Tinha já um monte de ramagens e de lenhas: enfeixou-o nas cordas, duras como os seus braços; encravou no meio o machado: o feixe enorme estava encostado a um escarpamento de neve; as duas pontas da corda por onde ele o havia de erguer pendiam negras e húmidas; ele curvou-se todo para tomar  
175 o feixe sobre as costas largas: mas quando o ia a erguer, lento, e cansado, sentiu os músculos afrouxarem, as mãos esfriarem, subiu-lhe um desfalecimento, e caiu com os cabelos suados e colados à testa, e os dedos inteiriçados esburacaram a neve.

Assim esteve perdido na moleza do esvaecimento, até que  
180 abriu os olhos vagarosos, e ficou-se encostado ao feixe, cheio de tremuras e de silêncios.

Vinha-se derramando a noite, desciam as neblinas: todo o ar estava tomado de uma palidez opaca e severa; caía uma chuva desfeita e vaporizada; todo o chão estava pesado de neve.

185 Ao pé do lenhador estava estendido um grande tronco morto, sem raízes, sem ramagem, sem seiva, engelhado e mordido da neve: por um lado começavam a desfazê-lo os apodrecimentos.

Em redor erguiam-se as multidões de árvores, cobertas de neve, adelgaçadas entre as transparências do nevoeiro, tristes e nocturnas como monges brancos.

Ao fundo abria-se uma clareira que deixava ver ao longe a grande luz, que se ia, serena e tímida.

195 O lenhador tinha o pescoço nu — aos contactos da neve, todo o peito dolorido e ensopado de chuvas; ele agarrou as cordas do feixe e enrijando os músculos, com a face cheia, as fontes inchadas, as grandes veias saídas como cordagens, e as pernas hirtas, violentou o corpo para se erguer — mas caiu sobre a neve, amolecido, deslocado, sufocado, e coberto das friezas húmidas da febre.

200 Então ficou-se a olhar o tronco esfolhado, nu, coberto de neve e a pensar que o seu corpo ia ali finar-se e dissipar-se entre as podridões dos troncos.

E toda a sua carne foi tomada por uma vibração terrível.  
205 Tinham-lhe lembrado os filhos e a mulher, e o pobre pastor



que lhe sacudia quando ele entrava a neve dos cabelos e as silvas da jaleca.

210 A neve caía triste. Àquelas horas ela esperava junto da porta se o via ao longe chegar curvado debaixo dos seus feixes, pelos caminhos brancos e limpos.

Ela estaria com uma mão sobre a umbreira e com a outra agasalhando as crianças nas dobras da saia contra os frios da noite.

215 E ele estava ali só, esmagado, sob a neve implacável. E quando o não vissem vir! E ele procurava na memória se já alguma vez teria ficado de noite pelos montes. Nunca.

Se o não vissem chegar iriam todos chorando, e bradando, com a candeia acobertada do vento, procurá-lo pelas urzes sinistras.

220 Às vezes tomava-o o desvairamento, e via grandes figuras de sombra subirem pelos troncos como um fumo terrível, e sempre aquele enovelamento de semelhanças humanas subia até se perder nas transparências lívidas do ar.

A neve caía como escorrida das nuvens.

225 E ele pensava, triste, que a mulher e os filhos saberiam a sua morte na neve sob o encruzamento irado das folhagens, e todas as mordeduras da ventania, silencioso e solitário como um lobo!

230 Então aquele corpo, pisado pela neve, entre as roupas molhadas, enodado, dissolvido nas molezas da névoa, inteiriçou-se; com os olhos flamejantes, os dentes irados, tomado de risos, esfarrapado dos cardos, endireitou-se e sufocado, esguedelhado, hirto, lívido, deu um grito na noite.

235 Houve um levantamento assustado de pássaros por toda a ramagem escura. E veio um vento e levou nas suas espirais violentas um enovelamento de folhas. E toda a luz do dia se sumiu na clareira. Ninguém havia pelo monte. Estava só. Só. Nem pastores, nem vaqueiros, nem caminheiros perdidos. Só. E iam-se os pássaros, iam-se as folhas, ia-se a luz. Ele ficava só.

240 Então vendo em redor a floresta solitária e negra, a amontoação irada das sombras, o esvaecimento lívido dos últimos ramos, as atitudes tenebrosas, as corcovas nocturnas das

245 raízes, sentindo ao longe o uivo dos lobos e por cima da cabeça o esvoaçar dos corvos, estirou-se de braços e bradou, na noite, sob a neve, e o ruído dos ramos: — Jesus!

250 E toda a floresta ficou silenciosa, indiferente, soberba; os corvos voaram gritando; ele caiu fraco, desalentado, roto, agonizante, macerado; e de cima o grande céu, o céu justo, o céu sereno, o céu sagrado, o céu consolador cuspiu neve sobre aquela carne miserável.

255 E ficou inerte. A neve caía desfeita e branca. Estava estirado. Via por cima a grande imobilidade da floresta, os nevoeiros que deixavam cair farrapos que lhe vinham roçar o rosto, e a sombra espectral do feixe de lenha.

Ele sentia o corpo pesado com as dores do frio, e na testa e nos olhos sentia abrasamentos mordentes; e nas costas como uma chaga imensa que tivesse terríveis ardores aos contactos da neve, sob o peso do corpo.

260 Às vezes soluçava. E quando assim estava viu grandes sombras que lhe esvoaçavam sobre a cabeça e fugiam bradando aflitas, com um terrível ruído de asas, esbranquiçadas da neve, apavoradas, e ferozes.

265 Eram os corvos. Tremeu todo. Ele entrevia-os já quando eles viessem pousar-lhe sobre o peito, e curvados, batendo as asas, meio suspensos, enterrar-lhe os bicos negros na pobre carne.

270 Então moveu dolorosamente o braço entorpecido e apalpou em redor: encontrou um ramo solto, negro, espinhoso; lançou-o contra as sombras negras dos corvos; mas ele tinha a mão quase inanimada pelos frios, e o ramo debilmente arremessado veio-lhe cair sobre a face, e rasgou-lhe a carne com os espinhos: mas então as mãos inertes não tiveram força para o tirar.

275 E pôs-se a chorar. Os corvos voavam terríveis: ele enterrava o pé na neve e atirava-a para o ar, como para os apedrejar. Os corvos desciam.

280 A neve caía e já lhe cobria as pernas hirtas. Ele então, vendo a floresta que o ensopava de água, o chão que lhe coalhava a vida, o vento que o transia, a neve que o enterrava, os corvos que vinham comê-lo, todas as hostilidades selvagens das

coisas, encheu-se de cóleras, e, silencioso, feroz, com os olhos  
luzentes na noite, deitou rijamente a cabeça sobre o feixe, e  
pôs-se a morrer.

285 Então veio repentinamente um vento imenso: e pareceu  
ao pobre lenhador sentir naquele vento o som de um choro e  
uma voz bradando aflita.

O vento era imenso e poderoso: dispersou os corvos; eles  
balançavam-se nas asas entre os redemoinhos do sopro feroz.

290 A neve caía. Os corvos assustados pelo vento que viera,  
pairavam sobre os últimos ramos.

A neve caía: e os braços do lenhador já estavam cobertos,  
e todo o peito. Os corvos fugiam: e todo o bando parecia  
como uma sombra indecisa e pesada.

295 A neve caía. E estava coberta a garganta do homem e estava  
coberta a boca.

Os corvos iam-se sumindo nas transparências da noite.

300 A neve caía indomável e estéril. A testa do pobre estava  
coberta, e apenas se moviam ainda lentamente ao vento os seus  
grandes cabelos escuros.

A neve riscava a noite de branco. Ao longe uivavam os  
lobos.

E a neve descia. As sombras dos corvos sumiram-se para  
além das ramas negras.

305 Os cabelos desapareceram. Só ficou a neve!





## Farsas

*A ladra — Os homens dos cães — A filha do carcereiro —  
O pescador — O beco onde mora o rei Lear — Os dentes  
podres — A bebedeira do coveiro — O pobre sábio — A forma —  
O saltimbanco — O poeta lírico.*

Aquele pobre moço tinha uma bem-amada, e nas brancu-  
ras tépidas da tarde passeavam entre os castanheiros, enlaçados,  
como nas velhas estampas alemãs.

Quando ele a via — não via as pombas, nem as estrelas  
nem as ervas; mas quando pensava nela via-a luminosa como  
todas as estrelas, lasciva como todas as pombas, e mais fresca  
que todas as ervas. Ela tinha dois olhos negros como duas flo-  
res do mal. E ele dizia-lhe às vezes: eu queria ser a terra em  
que tu hás-de estar morta e branca e fria, — para te envolver  
toda num beijo fecundo. Ora, uma madrugada, ela ergueu-se  
do leito todo quente dos embalos lascivos, roubou-lhe uma bolsa  
de dinheiro, o relógio, um anel e fugiu.

O pobre moço foi para um hospital, com uma doidice  
elegíaca.

Um dia foi deitar-se para entre as ervas claras, entre o  
cheiro dos fenos e das seivas, ao sol sonoro, e pôs-se a morrer

1: [In GP, Lisboa, 1866, 5.º Ano, n.º 1203, Domingo 18 de Novembro, p. 1. Recolhido in *Obras de Eça de Queiroz, Edição do Centenário (EdC)*, vol. VIII (PB e Contos), em apêndice às PB, Porto, Lello & Irmão, 1947, pp. 538-539. A ordem dos textos não corresponde à do subtítulo.]

enquanto os pássaros cantavam gloriosos, e ao longe uma flauta entre os milhos tocava uma cantiga das ceifas.

25 A mulher morreu na enfermaria da cadeia, no apodrecimento da febre, calva, e com chagas.

\*

Conheci um rapaz mirrado, engelhado, com uns grandes olhos profundos, que dormia pelos portais, pelos adros, pelas encruzilhadas, e nos pedregulhos junto do rio.

30 No Inverno, nas geadas, nos luares nevados, nas neblinas, o miserável dormia com os cães sobre os lajedos: os cães conheciam a sua manta esfarrapada e podre, e quando a não viam nos grandes frios mordentes, uivavam.

35 Ele deitava-se entre os cães, punha a nuca sobre os pedregulhos, e dissolvia-se num sono mole e doentio: ele conhecia os cães mais felpudos, os mais gordos, e os que não cheiravam mal. Às vezes deixavam-no dormir numa estrebaria.

\*

40 A pobre rapariga tinha seis anos: era filha do carcereiro. Era loira, com grandes olhos lúcidos. Desde a madrugada ia pelos pátios, pelas enxovias, pelas gradarias leve como uma seda e sã como um sol.

Levava braçadas de ervas aos presos e clematites.

Na cadeia chamavam-lhe a *cotovia*. Tinha pombas.

45 Tinha um riso transparente e bom, e quando os miseráveis sujos e chorosos iam para os degredos — ela cantarolava entre eles, serena e gloriosa. Cresceu. A mãe era lavadeira e morreu no rio entre os musgos e os canaviais. O pai teve um mal e ficou entrevado.

Vieram os Invernos. Ela lidava. Cuidava dos irmãos pequenos. Lavava ao sol. Costurava à lareira sonolenta.

50 De madrugada ia atirar grãos e migalhas às pombas: depois vinha dar ao pai engelhado, triste, doloroso, as sopas e o caldo.

Um dia entrou na cadeia um bêbedo, um covarde, um assassino, que tinha espancado o pai. Era um lindo rapaz, branco

55 com um corpo delgado. A rapariga viu-o, e fugiu com ele de noite, embrulhada num cobertor.

Todo o dia seguinte, as crianças não comeram. O pai gritou, chorou e arrastou-se até à lareira. Ninguém. As pombas voavam à tarde inquietas, fugitivas e medrosas. O pai ficou toda a noite ao pé da lareira a roer um bocado de pão duro. No outro dia ainda  
60 as crianças ficaram sem comer. Todas as pombas fugiram. O pai arrastou-se até o casebre; e esfomeado, batia de encontro à porta. Por fim vieram. Passados dias. Havia pela vizinhança um cheiro de podridão. As crianças tinham morrido: o pai tinha morrido. Tinha sido a fome, a minguia, a sede, o frio.

65 A que fugiu é hoje velha. Embebeda-se com aguardente; e quando na taberna as esfarrapadas e os miseráveis lhe falam nesta história, ela diz com voz rouca:

— Ai que noite aquela, filhas! Ele tinha um modo de dar beijos!

\*

70 Havia um casamento. A noiva era divinamente linda, triste, séria, casta, religiosa; tinha a alma delicada e fina como a alma das virgens das lendas. Amava um rapaz, novo, forte, sério, inteligente, formoso. Ela tinha a religião da beleza, da harmonia, e das árvores cheias de sol: mas o bem-amado era  
75 pobre. Velha história. Casou com um homem rico. A mãe era pobre, e tinha irmãos. Necessidades frias, mordentes. Nessa noite havia pela sala sonora grandes sedas, e cintilações de pedrarias, e as penas dos leques coloridas e devassas.

Estava ali a gente pálida, que anda nos veludos, de mãos  
80 macias e sentimentos macios. O marido era gordo. Entre a orquestra poderosa havia uma flauta que chorava. Ela àquela hora, sob o peso das luzes e as molezas das respirações, pensava nas alamedas onde os rouxinóis dão a réplica aos poetas. À meia-noite o marido levou-a para a alcova. O marido tinha  
85 comido muito e arrotava. Ela tinha uns grandes cabelos negros. Cabelos do Sul. O Diabo gostava destes cabelos, no tempo dos seus amores. Mas a rapariga tinha também uns olhos azuis de uma serenidade elegíaca. Ficaram sós. Ela estava en-



90 costada à cama, quase escondida nos cortinados, com frio, e uma vibração dolorosa da alma. O marido prendeu-a nos braços e deu-lhe um rijo beijo. Ela, a triste, deu um grito. Ele tinha os dentes podres e a boca com maus cheiros.

\*

Um coveiro tinha amigos a cear. Cearam. Beberam. Havia um vinho mordente e duro da taberna.

95 As estrelas estavam frias. Saíram para o cemitério inconsolável. Cambaleavam ferozes. Amontoaram a ramaria de um cipreste e acenderam uma fogueira. Cantavam à viola e dançavam como saltimbancos.

Um deles gritou:

100 — Mulheres! Venham mulheres!

— Há-de as haver por aí, disse com largos risos o coveiro.

E todos começaram procurando uma cova onde estivesse fresco e são um corpo de mulher: tinha sido enterrada uma rapariga naquela madrugada. Vinha atrás do caixão um rapaz  
105 todo amarelo, com grandes cabelos caídos. Tiraram a terra. Apareceu o caixão. Ela tinha o vestido despregado no seio e via-se a carne branca.

— Archotes! Archotes!

Trouxeram ramos acesos.

110 — Quem há-de ser o primeiro? que ela está a preceito!

Desceu um, bêbado, desapertado, galhofeiro e obsceno. Estendeu a mão dura e meteu-a pela abertura despregada do vestido entre os seios da morta.

115 Deu um grito. Tinha sido mordido. Era um bicho das covas. O bicho era o último amante daquele corpo branco, o bicho das covas tinha ciúmes.

\*

120 O velho Jerónimo morreu. Era pescador na costa. Um lobo do mar. Ninguém como ele para velejar com temporal e vento de travessia nas brumas de Novembro, entre as penedias, esmagando as espumas. Morreu.

Tinha mãe e dois filhos.

Ela consertava as redes ao sol enquanto os filhos dormiam na areia.

125 O Jerónimo tinha as mãos duras, o pescoço bestial, o peito largo, cheio do sol e do mar. O sol era o seu Deus. Deixou dito que o não enterrassem em cemitérios, debaixo das ervas, entre os gérmes das florescências, as raízes e as terras limosas.

130 Deixou dito que o atirassem ao mar. Ao outro dia os filhos saíram na barca da pesca cheirosa dos mares e dos musgos, com o corpo do pai embrulhado em redes. Uma grande luz de sol escorria pelo mar. Havia uma calmaria sonora e contente. A velha rezava à popa.

\*

135 Num beco morava uma mulher perdida. Tinha o pai velho, estonteado, e comido das magrezas. Ele é que abria a porta aos homens nocturnos.

140 Às vezes não o deixava comer. E arrepelava-lhe os cabelos. Um dia entrou um homem bêbado; ela estava com os vestidos desmanchados, os peitos caídos, sobre a cama, assoviando. O velho aquecia-se à lareira. O homem disse com um grande riso:

— Vamos nós embebedar o velho!

— Valeu!

E fizeram-no beber aguardente. O velho teve agonias.

145 Eles torciam-se em obscenidades bárbaras. De manhã o velho, com as forças esmigalhadas, os músculos dissolvidos, não pôde acender o lume.

150 Caiu miseravelmente ao pé da lareira. A filha deu-lhe com umas cordas, o homem deu-lhe com o pé rijo e bestial. O velho soluçava.

A mulher esperou, calada, fria e metálica até que a noite veio.

Mandou-lhe então buscar azeite a uma venda vizinha.

155 O velho foi. A filha fechou a porta. O velho ao voltar chorou, rezou, suplicou de joelhos com as mãos postas.

Nada. A filha dentro cantava, toda lasciva, com as pernas nuas. O beco era solitário e viúvo. Veio o frio, a geada. O velho, estirado à porta, gemia. Toda a noite a filha na cama bem quente, e sonolenta!

160 De madrugada uns carreteiros levantaram o velho transido, lívido, e gangrenado.

Ao sol desse dia, arrastou a mulher pelas poeiras umas grandes sedas contentes e soberbas.

\*

165 Ele caminhava pelas ruas, com os cabelos desmanchados, magro, angélico. Conhecia todos os livros santos e todas as Escrituras. E os livros sânscritos e os velhos letrados da China; e os poemas divinos e doces da Índia e da luminosa Grécia; e as histórias hieráticas e frias da Pérsia. Era pobre, miserável. Andava com um longo casaco esfarrapado, roído do frio e o peito cheio de religiões e de teogonias. Não tinha casa. 170 Às vezes dormia debaixo dos pinheiros pelos montes. Prenderam-no.

— Mas que mal fiz eu? dizia ele com a sua voz lenta e o olhar iluminado.

175 Condenaram-no por vadio. Ele não sabia nada. Ninguém o defendeu.

Uma velha que por vezes lhe dava um bocado de pão foi dizer toda triste: perdoe-lhe, sr. juiz. Os sargentos repeliram a velha.

180 Entre as alocações das leis e as palavras dolentes e as togas negras, ele pensava nos países sagrados onde nasce a religiosa flor do lótus.

Levaram-no para uma enxovia. Assim esteve anos. Nos frios, na humidade, solitário, sem livros, sem consolações, sem vozes. Chorava. E tinha uma suave teima. Queria que todos os dias a velha lhe levasse flores. Um dia morreu, na enxerga, ao anoitecer, sem luzes, sem o sol, sem os ventos, sem o grande ar, na humidade, sereno, desfolhando rainúnculos.



\*

Quando tinha dezoito anos tinha um corpo robusto e melódico. Os cabelos eram como os grandes raios quentes de um sol negro. Tinha grandes braços fortes e magnéticos. O olhar tinha como um mar, grandes ondas de luz ou dolorosas, ou iradas, ou lascivas. O pescoço túmido e forte tinha brancuras soberbas e rijezas cínicas. E a voz era como saída dos cristais e dos metais sonoros.

E a forma do seio dava o sabor das noites conjugais e a esperança das maternidades. Mas era pobre.

Tinha, ao andar, ondeamentos de sereia, musicais e castos. Mas era pobre.

Quem a acolhesse no leito de noiva teria contentamentos inefáveis, e filhos são e belos. Mas era pobre. E ela era casta e religiosa.

Assim esteve virgem, apaixonada, orgulhosa até que toda aquela beleza se foi lentamente, como finda um cântico sagrado. E ela era de feito o cântico sagrado da forma e da carne.

Outrora quando ela passava, aquela forma escultural e a brancura lilibal da sua pele arrastavam toda a multidão filistina. Mas era pobre. Não casou. E não se deu.

Agora, velha, engelhada, lenta, com vestidos lúgubres e um chapéu desbotado, passa, virginal, cheia de solitárias impurezas, arrefecida, oleosa, beata, e com um cão felpudo no colo.

\*

O saltimbanco era são, forte, com grandes cabelos e uns olhos negros elegíacos. Uma velha rica desejou aquele corpo elástico, a pele cor de mármore, e os beiços grossos.

Ora o saltimbanco tinha uma mulher bem-amada e filhos pequenos. De noite eles deitavam-se entre os farrapos reluzentes, com as nuças sobre um velho tambor, cobertos de estrelas. A velha sabia que aqueles corpos tinham frio e fome: tentou o

200: [GP: "Que".]



220 saltimbanco com cintilações de dinheiro. O saltimbanco vem  
 todo irado para junto da mulher e apertam-se, amados, sujos e  
 resplandecentes.

Mas o tambor e a flauta dos saltimbancos não chamava a  
 gente do povoado. Veio o frio: sem lume! Veio a fome: sem  
 pão!

225 A velha tentou o saltimbanco com cintilações de dinhei-  
 ro: o saltimbanco veio todo curvado, e veio abraçar os filhos  
 todos rotos, amarelos, esfomeados e chorosos.

E então a mulher foi encontrar o saltimbanco a lavar-se,  
 a preparar umas roupas brancas e a esfregar o peito com fo-  
 230 lhas.

— Onde vais?

Ele disse a chorar: via a fome, o frio, a magreza, a lareira  
 apagada, os trapos sujos, ia para o leito aveludado e quente da  
 velha.

235 Ela teve um riso doloroso.

— Não vás.

Queria ir ela: ir sob a névoa, com os peitos nus, para as  
 encruzilhadas, agarrar os homens, os nocturnos, e ali mesmo  
 sobre a erva e o chão duro, torcer-se aos beijos sujos — e entre  
 240 as sufocações pedir-lhes um bocado de pão.

Ele chorava, arrepelado.

— Tu!

E limpava-lhe com beijos sagrados a orla das saias: e arras-  
 tava-se pelo casebre — com os joelhos roxos.

245 Ela queria ir.

— Sou eu que vou: deixa-me ir — disse o saltimbanco com  
 a carne tomada de febres, e os olhos reluzentes.

E apertavam-se com um amor angélico. E ela então, cho-  
 rando, começou a penteá-lo, a lavá-lo, a compor-lhe as pregas,  
 250 a enfeitá-lo — enquanto Deus dormia.

220: [GP: “apertaram-se”.]

235: [GP: “Ele”.]

\*

Ele tinha sido um poeta dos bons tempos, arcádico, laureado nos outeiros: tinha composto uma tragédia clássica. Depois envelheceu e empobreceu. Vivia de fazer versos para anos, de escrever cartas para as costureiras e para os lacaios, de redigir cartazes de touros e de fazer cantigas impuras.

255 Tinha um filho.

Ele esperava que o filho o amparasse na velhice. Mas o pobre rapaz teve uma febre mordente e ficou idiota. O pai cozinhava, limpava a casa, e lidava com as rimas e com os sonetos para ganhar o pão: e nem sempre havia pão na trapeira. Passavam semanas comendo favas. Às vezes tinha o pobre poeta lírico encomendas de cantigas obscenas, de epitalâmios ou de versos para namoradas: e então sentado, enquanto com os olhos arregalados o filho gritava: *Pão! pão! — pai, — ele dizia: tem paciência, filho, amanhã, creio que havemos de comer;* e escrevia, pensando e medindo com os dedos:

270 Dizeis oh bela Márcia  
Que deixei de te adorar;  
Tem asas o Deus Frecheiro;  
Pois não é para esvoaçar?

\*

Tristes histórias! Sofrer, chorar, ter fome e frio, e morrer à míngua, e ter noites de agonia — o que é que isto prova? Nada, nada, meus senhores.

*Words! Words! Words!* dizia o nostálgico Hamlet.



## O Réu Tadeu

A L. M.

Ainda não vi ninguém que lucrasse com o casamento; todos os meus contemporâneos que por lá têm passado, estão calvos e descontentes.

J. JANIN

### I

Há alguns anos a rua da cidade \*\*\* estava, numa madrugada de Maio quando os rouxinóis acabam de dar as suas réplicas aos poetas, cheia de alvoroços, de murmúrios desconfiados e de vozes.

1: [In “Distrito de Évora” (DÉ), Évora, 1867, I, n.º 55, 18 de Julho; n.º 56, 21 de Julho (ambos na secção “Leituras Modernas”). Publicado in “Seara Nova”. Revista de Doutrina e Crítica. Lisboa. 1944, ano XXIII, n.º 883, Sábado 15 de Julho, p. 167-169; n.º 884, Sábado 22 de Julho, pp. 187-190. No mesmo ano 1944 é incluído in Eça de Queiroz, *Cartas de Lisboa. Correspondência do Reino*, Lisboa, Gráfica Lisbonense, volume organizado por Lopes de Oliveira e Câmara Reis, a partir da publicação in “Seara Nova”. Recolhido por Alberto Machado da Rosa, Eça de Queirós, *Prosas Esquecidas*, Lisboa, Editorial Presença, IV vol., 1965-1966, vol. I.]

2: [Guerra da Cal (*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz (LeS)*), t. 1, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1975, item 578, julga que se trata de uma assinatura — diz “anagrama” — (A.L.M.); mas não será uma dedicatória (A L. M.)? No original não há ponto entre A e L.]

5: [Jules Janin (1804-1874), crítico e romancista francês, autor de *Contes fantastiques*, e outros textos de ficção, além de uma *Histoire de l'art dramatique*.]



Tinha sido preso ali um homem, Tadeu Esteves. Na casa onde o prenderam foi encontrado um homem enforcado, dentro dum armário envidraçado, onde estavam louças, roupas adamascadas, pratas, porcelanas, cristais, e fruta espalhada. O cadáver estava hirto, azulado, disforme, entre as cintilações metálicas das bandejas e das salvas todas alumiadas pela luz de Maio. As janelas da sala estavam abertas: as cortinas de lã enchiam-se dos primeiros ventos do dia, e fora, no jardim havia toda a ressurreição das manhãs religiosa do Estio, cheias das ondulações das eflorescências, e das exalações húmidas. As andorinhas voavam: as aves diziam a reminiscência dos sonhos das plantas. O cadáver estava hirto, azulado, e aos cantos da boca, escorria uma espuma lamacenta e esverdeada e Tadeu Esteves foi preso nessa casa, ao vir da madrugada.

Era um homem alto, moço, delgado, com um vasto olhar sereno e azul e poderosos cabelos, cheios de vida e de paixão. Fora encontrado junto do armário, encostado à parede imóvel, com as mãos cruzadas, olhando distraidamente as tímidas castidades do amanhecer.

Instaurado o processo foi Tadeu Esteves interrogado. Disse simplesmente: “sou culpado”. Durante todo o julgamento, através dos interrogatórios, dos depoimentos, das contradições, das alegações dolentes dos homens de lei, ele teve apenas estas palavras obscuras e terríveis: “sou culpado”. Enquanto preso tinha uma vida estéril e compassada: sentado no catre da enxovia, passava as longas horas sem alma, que se passam nas prisões, olhando as degradações das muralhas, os farrapos da sua manta, os rasgões do fato por onde podia ver a pele, e as aberturas da alma por onde ainda descobria Deus. Viam-no os carcereiros cada vez mais sereno, e nas faces onde houvera as ásperas iluminações do desejo começar a aparecer a serenidade luminosa e reflectida que dá o perdão. Quando um homem se vê assim só, numa enxovia, sem vegetações e sem claridades, atira a alma a todas as contemplações, e tanto interroga os astros sobre a possibilidade do ideal, como pergunta às paredes húmidas, que lágrimas perdidas viram ali chorar. Aquelas almas, donde se retira o elemento humano, que não podem ter a curiosidade, nem o desejo, nem a ambição, nem o mal, afei-

50 çoam-se pelas ideias absolutas e especulativas, tomam posse de Deus, e chamam a si a justiça, o perdão, o bem, a verdade, a transformação da alma, a imortalidade, como partes duma concha onde se fecham todas.

55 São, então, impassíveis e fortes. Podem sobre aquela concha, cair as difamações impuras, os julgamentos traidores, as sentenças de morte, porque a alma acobertada e oculta, continua o seu trabalho de transformação, sem ouvir os passos dos homens, e escutando apenas o movimento do ideal desconhecido, que sente inclinar para si.

60 Assim viveu Tadeu Esteves, durante um ano, enquanto na escuridão dos tribunais, os códigos e as leis, entre toda a sorte de tédios e de indolências, lhe pregavam as tábuas do esquife.

Tadeu Esteves dizia apenas “sou culpado”.

65 As testemunhas depuseram assim: o enforcado, era Simão, irmão de Tadeu: casara havia um mês; tinha vindo morar para aquela casa que enfeitara como um ninho de noivado. Dias antes da morte a mulher de Simão fora para uma quinta para companhia de sua mãe: nas vésperas de aparecer morto, tinham-no visto a ele descorado, despenteado, atravessar as ruas de noite, talvez sob a alegria imperturbável e escarnekedora das estrelas.

70 Dias antes do crime, Tadeu saíra de casa do irmão, e fora habitar para uma aldeia próxima, junto duns pinheirais, uma casa triste, como o pórtico dum convento católico; uma testemunha do lugar dissera: era uma dor de alma, senhor juiz, ver o pobre rapaz, amarelo como uma cera, passear por ali próximo, sempre a pé, com os olhos vermelhos de chorar; uma outra  
75 contou que alta noite, o ouvia tocar rebeca, e sempre umas árias tão tristes, que pareciam lamentações; diziam ainda as testemunhas que ao romper da madrugada tomava o caminho da cidade, e só voltava ao escurecer, a cavalo.

80 Resultava daquelas declarações, que aquela pobre alma sofria e que o mal entrara ali, levando as qualidades da noite, — a obscuridade, o silêncio, o medo, e a tristeza: mas não havia uma ideia justa do crime.

85 Os que moravam próximo de Simão, à entrada da cidade, trabalhadores, operários, gente da raça trigueira do trabalho, ao sair de madrugada tinham visto a porta entreaberta, e um



chale caído. Entraram de leve e suspeitosos, e viram aquele morto, roxo e inchado, e aquele homem hirto e quase sem alma, olhando meigamente os pássaros do jardim, que se eriçavam sobre os ramos ao primeiro frio do dia.

Tinha sido preso o homem. Ninguém sabia mais.

Veio o dia do julgamento. Durante a leitura do processo Tadeu esteve desfolhando lentamente um grande rosa branca: tinha-lha dado a filha do carcereiro, uma rapariga, que levava aos presos braçadas de clematites, e que ele via ao escurecer, dar de comer no pátio ao seu grande bando de pombas.

Quando o interrogaram sobre o crime disse apenas: “repi-to, sou culpado; de resto peço ao sr. juiz, que mande abrir aquela janela para eu poder ver ao pé de mim uma réstia de sol. Há um ano que só vejo lama”.

Abriram a janela.

O preso ficou calado, colocando o corpo sob a protecção daquele grande rasto de luz livre, como se se acobertasse das leis e das fórmulas humanas, entre a alma da grande natureza. Vieram as testemunhas, os letrados fizeram as suas alegações dolentes e pesadas, e depois do aparato gótico da lei, acesas as velas de cera, mandaram erguer o preso, para ouvir a sentença. Sobre a mesa, havia um daqueles pedaços toscos de marfim que se chamam Cristos, e um livro pesado, encadernado em pele, com grandes fechos de cobre, onde as testemunhas, sorrindo e saudando, iam estender a mão.

Tadeu ergueu-se: havia um silêncio pesado, uma grande sombra opressiva e a luz caía toda sobre o corpo roxo e convulsivo do Cristo e sobre as baionetas luzidias dos soldados.

A sentença condenava Tadeu Esteves a morrer enforcado, em forca erguida no lugar mais próximo do crime.

O preso recusou apelar. Voltou à cadeia. Pediu para escrever durante as longas noites.

O sr. Paterno, fiscal da prisão, disse tomado por um riso de bondades e de escárnios: deixe escrever esse doido.

87: [“chale”: conforme o texto de DÉ.]

Durante alguns dias então, teve uma vida colérica e bárbara, cheia de soluços, de silêncios, de cantigas, e da febre do trabalho; escrevia. Os chaveiros vinham à porta, ver aquelas atitudes de alucinação profética, de imbecilidade e de medo.

125 Com a manta do catre impedia a claridade que vinha das grades. Dormia sobre as lajes, cantando suavemente baladas e cantigas dos rios. Um dia pediu uma guitarra.

O sr. Paterno, fiscal da prisão, disse com riso penoso: sem ordem superior...

130 Não lhe deram a guitarra por proibição do regulamento das prisões.

Depois veio àquela alma aflita a serenidade e o sono.

A filha do carcereiro vinha dar-lhe rainúnculos, dálias e margaridas: ele derramava as flores pelas lajes, e ficava de pé como esperando uma visita desconhecida; era talvez nesses momentos a ideia da imortalidade, que batia às portas dolorosas da sua paixão. Tinha traçado, com tinta, na parede, uma grande cruz negra. Esteve horas olhando assombrado e convulsivo para a cruz, como se estivesse presenciando nela  
135 uma crucificação invisível. Um dia a filha do carcereiro veio dizer-lhe, chorando, que tinha morrido uma das suas pombas: e agora? perguntava a rapariga com os seus lindos olhos cheios de água, como violetas molhadas. “Agora, disse-lhe Tadeu, com uma voz murmurosa, morreu o corpo da pomba, mas nasce-  
140 -lhe uma alma; olha, baptiza-lhe a alma, e põe-lhe o nome de Luísa. Vai-te”.

A rapariga saiu chorando e medrosa.

Nesse dia tirou a manta das grades, e esteve olhando sem cessar para o céu, onde as nuvens se formavam e se dissolviam,  
150 incertas e doidas, como as ideias e os sentimentos dentro do seu cérebro triste. Ouviram-lhe dizer, pensando talvez assim: “o céu é um grande doido”. Com efeito dentro daquele imenso cérebro azul, tantas nuvens se desfazem, tantos ventos se contradizem, tantas luzes vagam, tantos Deuses habitam, mortos e terríveis, vivos e clementes, tantas aspirações humanas erram,  
155 tantas almas se despedaçam, tantas orações abençoam, que o céu, imenso cérebro azul, possuído da confusão, deve tresvariar, sereno e sublime.



Enfim, 24 dias depois da sentença, numa manhã escura de ventos e temporais vieram intimar-lhe o dia da execução e levá-lo para a solidão religiosa, mística e infame do negro oratório. Foi.

Esteve então sereno, alegre, humano e simples. Recusou o padre. Quis que se abrissem as janelas do oratório para dar pousada ao sol, ao vento, às exalações húmidas da terra, e à voz dos vivos.

No oratório havia um altar: ele lançou a colcha sobre o altar, cobrindo as cruzes e o sacrário.

A filha do carcereiro veio trazer-lhe flores: ele perguntou-lhe pelas pombas, pelo jardim, pelas sementes, esteve-a tocando com margaridas e baunilhas, e foi-se encostar com ela à janela, vendo as copas ruidosas das árvores que faziam, em baixo junto à muralha, o som religioso dum mar e o ruído jovial duma colmeia.

Quando assim estava, entrou o padre. Tadeu voltou-se e disse, rindo-lhe: “quer alguma coisa para o seu paraíso católico, de anjos e de santos?” O padre teve um olhar severo.

E então Tadeu foi a ele, tomou-lhe brandamente o braço: “Não se zangue, disse ele: eu tenho motivos bastantes para amar Jesus, somente amo-o em espírito”. E ia caminhando para a janela. “Quer saber toda a minha crença? tornou: veja aquelas árvores. Agora há sol. Logo há-de vir a noite. Vêm então as estrelas. Os que estiverem debaixo daquela alameda olham, e vêem as estrelas através da folhagem: e sabe o que pensam? Pensam que aqueles astros luminosos são os frutos daqueles negros ramos. É o que pensa o mundo de tudo o que está no céu, ou seja Jesus ou seja uma estrela. Ora eu, meu amigo, estou logo, aqui neste oratório, só, a três horas da morte, e como estou tão distante da terra, entre as árvores e as estrelas, ainda um pouco entre os homens, já muito com Deus, vejo bem, sem engano, para que lado luzem as constelações e para que lado se torcem as ramagens”.

Tinha dito isto lentamente, olhando os grandes penachos verdes das árvores, e o azul inalterável e triunfante.

Depois com um sorriso iluminado disse: “já vê, meu caro, que me é inútil”.

O padre saiu. Anoiteceu. Vieram as estrelas; ele estava encostado à janela; ao fundo do quarto luziam as baionetas na escuridão.

200 Ao longe entre os canaviais ouviam-se cantar as toutinegras: era a hora celeste e fecunda em que os jasmims concebem.

Então ele escreveu esta carta que depois se encontrou: “Jerónima. Sabes que daqui a três horas, sou enforcado. Queima todos os papéis que me encontrarem. Conserva-te nessa casa. 205 Lembro-me de ti sempre. Veio agora cantar um rouxinol, ou uma toutinegra, debaixo da janela, e pareceu-me que estava naquele tempo em que era pequeno e que tu me cantavas para me adormecer.

‘Tu dormes amor tu dormes.’

210 Vai-me ver passar. Não chores. Quando ouvires falar em mim podes dizer contigo, aí está um que me estimou! Está frio. Adeus. Vou almoçar. Creio que marcho às 7 horas”.

Para onde marchava ele, aquela pobre alma dolorosa, irmã da de Jesus, que como ele teve um Judas, — a paixão?

Assim esteve. De madrugada almoçou.

215 Às sete horas, vieram vestir-lhe o hábito de penitente, e a corda.

O ar estava sereno e tão doce, que parecia por todo ele derramada a alma duma santa. Vinha a nascer o sol. Os pássaros todos encrespados, sobre os ramos delgados viam passar 220 aquela procissão da morte. Ele ia entre dois padres, com uma flor da mão. Os sinos dobravam. A força estava erguida numa clareira, entre árvores.

Eram oliveiras. Ele caminhava olhando fixamente os ramos e as folhagens: e os ramos erguidos como dedos, para todos 225 os pontos do ar, pareciam mostrar àquela alma serena que ia partir, todos os caminhos do céu.

Subiu os degraus da força, voltando-se para ver ao longe os campos semeados, as grandes espessuras sonoras, todas as formas da vida esplêndidas e verdes! Veio um homem de pescoço 230 bestial atar-lhe a corda: ele ajeitou-a, rindo.

Depois quando o alçapão desceu, ficou hirto, convulsivo, suspenso, arroxado. Estava morto.

O sol vinha nascendo e os seus vastos raios soberbos vieram envolver o corpo e deram-lhe aquela auréola, mais bela

235 que a dos santos das lendas, e dos mártires místicos, porque  
é feita da força, da matéria poderosa, da vida, da fecundação,  
da natureza e de Deus!

As pombas voavam.

240 A manhã estava religiosa e meiga: e o vento agitava bran-  
damente as flores e o cadáver.

## II

Entre os papéis de Tadeu, havia a história desordenada e con-  
vulsiva dos anos distantes que passara, pobremente, com Simão:

245 “Nós morávamos, diziam aquelas *Memórias*, ao fim da  
cidade, quase ao pé dos prados, numa rua escura, numa trapeira  
velha, que era a pousada querida do vento, da chuva, dos ne-  
voeiros, dos granizos, de toda a miserável população do ar.

250 Era tão alta, que nós estávamos quase nas confidências da  
Ursa Grande, e da Via Láctea. As janelas estavam sempre aber-  
tas como grandes olhos curiosos.

255 Mas nós não espreitávamos ninguém, e só, às vezes, víamos  
por entre as cortinas das janelas vizinhas, onde moravam costu-  
reiras, operárias, floristas, bordadoras, víamos aquelas raparigas  
tão meigas e delicadas como as mais lindas virgens de oiro fino  
que se pintam nos livros de legenda, penteando-se e trabalhand-  
do, nos seus castos paraísos cheios de roseiras. Simão trabalha-  
va na escola de medicina. Eu, era um contemplativo inútil.  
260 Tocava rebeca, e tinha o plano de compor uma sinfonia,  
intitulada *Ofélia*. Na trapeira havia só uma enxerga, uma mesa  
e uma rede. Na rede embalava-me eu durante os grandes cal-  
ores silenciosos, ouvindo cantar as cigarras. A riqueza da trapeira  
era uma grande cadeira gótica, cheia de enovelamentos de fo-  
lhagens, de cabeças de golfinhos, arrendada e magnífica.

Chamávamos àquela cadeira o *Olimpo*.

265 Simão sentava-se nela, durante as suas noites de áspero  
trabalho. Éramos pobres. Jantávamos às vezes: a vida sonora e  
resplandecente aparecia-nos ao longe imensa, negra, criminosa,  
flamejante e coberta de sol.



270 A sombra da nossa pobreza guardava-nos e cobria-nos,  
como a sombra dum cruzeiro cobre a alma dos fiéis.

A nós ninguém nos via e ninguém nos espreitava, a não ser às vezes a lua, com o seu olhar velado e húmido como o olhar duma viúva.

275 Tínhamos grandes intimidades ruinosas com as andorinhas.  
Para elas havia sempre migalhas e pão. Eu tinha simplesmente a  
minha rebeca: à tarde tomava-a e ia, para junto da janela, tocar as  
árias singelas de Grétry, de Lully, ou a música ideal de Weber. Eu  
280 tinha nesse tempo a alma namorada de formas e de ideias femi-  
ninas. Sentia dentro do peito as palpitações de asas duma ave espiri-  
tual, que tinha cada uma das suas penas presa aos ombros brancos  
duma das mulheres divinas da arte, Julieta ou Margarida, Fran-  
cesca ou Elvira. Doces tempos aqueles, em que a alma ao sentir os  
passos da doce noite que vinha, adormecia santamente aninhada  
dentro do seu corpo querido, como num leito de arminhos!

285 Tínhamos um amigo, Stanislau, que vinha todos os dias à  
trapeira. Tinha a qualidade de se parecer com o Satã que tenta  
Jesus no quadro de Ary-Scheffer. Ele dizia que aquela seme-  
lhança era uma predestinação. Stanislau representava naquela  
trapeira o Mal e a Rebelião, como eu representava a Arte e a  
290 Alma, e Simão a Família e o Trabalho.

Stanislau entrava e sentava-se no *Olimpo*. Na sua qualida-  
de de Diabo, dizia ele, devia ter familiaridades com a região  
dos velhos Deuses. A trapeira tinha uma alcova escura timida-  
mente encolhida, entre traves e telhados. Quando aparecia à  
295 porta a grande estatura de Stanislau, embrulhado numa capa  
tirânica, Simão tomava pacientemente os seus livros e ia escon-  
der-se na alcova, que nós chamávamos o *Sacrário*.

— Entra o Diabo, foge S. Jerónimo, dizia Stanislau.

300 Com efeito nós chamávamos a Simão S. Jerónimo. Eu tinha  
o nome delicado de — *menino Hamlet*. Com Stanislau, realmen-

274: [“ruinosas”: conforme o texto de DÉ. Admite-se que seja gralha, por “ruido-  
sas”.]

292: [“região”: conforme o texto de DÉ. Será gralha, por “religião”?]



te, era impossível o trabalho sério e concentrado, a silenciosa celebração do estudo.

Falava violentamente, e tocava a rebeca com aquela convulsão nervosa com que nas lendas o Diabo toca bandolim.

305 Defronte de nós morava uma rapariga de grandes cabelos pretos encaracolados e soltos, como plumas da voluptuosidade: os olhos eram negros e resplandecentes; era toda ela um cântico profano da carne.

310 — Belos olhos, belos cabelos, dizia Stanislau, com atitudes dramáticas. Foram feitos com paixão. O Diabo gostava daqueles tipos, nos belos tempos dos seus amores! Ali está aquela mulher, tornava: hoje é formosa. Vê aquele seio robusto: dá esperança das belas maternidades. Mas é pobre. Quem a levasse para o seu leito, teria a fidelidade e filhos são e belos. Mas 315 é pobre. E se for imbecilmente casta, se rezar a esse estéril Jesus, daqui a anos, hão-de vê-la passar, amarrotada, velha, engelhada, impura, desejosa, magra, com um chapéu desbotado, um grande chale russo, uns sapatos ignóbeis, e um cão felpudo ao colo!

320 Quando Simão saía do *Sacrário* ficávamos todos sentados junto da janela, vendo a cidade, os campos, as luzes perdidas, e todo o grande céu estrelado, cheio de estrelas imóveis, como uma alma cheia de verdades divinas.

325 Havia ali, naquele lugar da cidade, um silêncio severo e terrível que me fazia lembrar aquelas horas sossegadas de que fala a Bíblia, em que os leões iam beber. Como o antigo David, quando vinha a noite, começávamos a contemplar as estrelas.

330 — É ali que se deve estudar a história humana, dizia Stanislau. Aquelas constelações todas, são pó. Pó dos Deuses mortos. O céu é um cemitério, onde se deve estudar a força do homem; o homem será tanto maior quanto mais céu conquistar, quanto mais Deuses expulsar. Expulsou o Olimpo, expulsou Jeová: expulsará Cristo? O mal tem ali a sua raiz, naquele vasto espaço azul. Os frutos pendem para a terra e conhecemo- 335 -los nós, chamam-se amor, melancolia, crime, eu sei? Às vezes parece que vejo passar aquela procissão rapsódica dos Deuses, uns tristes, outros selvagens, outros joviais, outros contemplativos e estéreis. E ainda vivem alguns! E dizem que já morrera

o Diabo. O Diabo é a maior encarnação do bem e da natureza.  
340 É o símbolo maravilhoso do direito humano. Luta pela liberdade, pela natureza, pela fecundidade, pela força e pela lei. É o íntimo de Pã. E mesmo um Pã do cristianismo. Enquanto pressente um Deus, luta e persegue-o. Aconselha a Cristo a vida, e aos místicos a natureza. Liberta o homem, e dá-lhe o  
345 trabalho como consolação. Porque quer o mal, que o homem precise ser consolado da infelicidade — de não ser escravo. Como é bestial quando se lhe tira o peso dos tiranos, tem de se lhe dar como compensação — sangue e lama. O Diabo combate o sacerdócio e a virgindade. Vinga a carne esquecida.  
350 Morreu, dizem os católicos. Eu não sei se isto foi decretado em concílio ecuménico, mas todos os afirmam. Pois bem, o Diabo poderá dizer aos Deuses que ainda hoje vivem, mostrando-lhes as estrelas, pó luminoso dos Deuses mortos: “lembrai-vos que sois pó e em pó vos tornareis”.

355 Assim falava convulsivamente, deixando entrever toda uma alma melancólica e revoltada.

Simão ouvia aquelas alucinações da verdade, e ia para a alcova do *Sacrário* estudar o corpo e os organismos.

— É simples e bom este homem, dizia dele Stanislau: nunca será nada, nunca há-de passar dum desgraçado homem honrado. Tem a alma toda vestida de farrapos de virtude que nem o hão-de deixar canonizar, nem o hão-de deixar enriquecer. Não compreendem estes homens que toda a vida é um logro, desde Cristo que especulou com a alma, até Napoleão que  
360 especulou com as balas. O Simão é destes homens passivos, filhos da dor, que hão-de ser enganados, traídos, escarnecidos e expulsos. Apesar de viver na intimidade da natureza animal, vive fora da natureza. Aceita as convenções. Escolheu a obediência. Infelizmente há-de ser bastante pobre: não terá meios para — poder não ser honrado. Há-de adorar uma namorada  
365 de vestido de chita: há-de respeitar a família e o trabalho, há-de vegetar, enlamear-se no bem, rasgar-se na beneficência, há-de acreditar em tudo, no amor de mãe sem saber que esse amor é a especulação com gratidão futura do filho; há-de crer no  
370 amor do filho, sem saber que é um servilismo fingido para tornar menos pesado o encargo ao pai; há-de acreditar até, o



desgraçado, no amor da mulher com quem casar, sem saber que nos primeiros dias o amor da mulher é um reconhecimento por quem lhe dá o prazer material, e nos seguintes, uma  
 380 captação de confiança para alcançar a liberdade do vício. Há-de acreditar nisto tudo. Há-de fazer comungar os filhos, o desgraçado, o que equivale a deitar-lhes mais um vício para dentro. Note que esta gente só comunga quando está na idade de pecar: só quando tem o corpo já conformado e disposto para a  
 385 libertinagem e para a infâmia, se acha em condições de receber Cristo! Para a visita misteriosa adorna o seu corpo com a luxúria e com a lama! Simão há-de levar também os seus filhos à comunhão. Há-de querer viver com a mulher na intimidade confiada da alcova. Há-de ser diante dela simples e natural.  
 390 Há-de lhe falar na virtude, no dever, no arranjo da casa: sem saber que isso é impor-lhe a ela o tédio, e dar-lhe a ânsia do libertamento. Não há-de perceber certos movimentos do corpo dela semelhantes aos dos pássaros presos. Uma mulher depois dum mês de casada pede ar, abafa, sufoca-se, vai à janela,  
 395 olha toda a cidade, desaperta o colar, sente-se esmagada, escravizada, comprada, e se passar na rua, nesse momento, um homem com os olhos mais lindos que os do marido, chama-o para o seu seio. As mulheres, dizia alguém, são vaidade da cinta para cima e podridão da cinta para baixo: pois bem, digo eu,  
 400 quando andam é a podridão que as leva, quando pensam é a vaidade que as domina. E teu irmão há-de acreditar nos santos passos de sua mulher e nos seus santos pensamentos! Há-de ser atraído. Aconselha-lhe, que, se se casar, faça as suas escadas bem íngremes, e não prodigalize os reposteiros... Ou então  
 405 faça um contrato ruinoso, e compre-lhe a fidelidade, com vestidos de veludo. Quando lhe pressentir um amante, diga-lhe: compro-te esse amante. — Quanto? — Um *châle* rico. — É pouco. — Um vestido laminado. — Aceito. — E contratam, e são felizes, e têm uma vida de final de romance, isto é, *foram conhecidos em toda a parte e tiveram prole ilustre!* E Cristo preside a  
 410 estas coisas, e ainda no céu sangram as suas chagas! Viva a Ursa

399: [No DÉ: “pois bem digo eu,”]

Grande, a inalterável Ursa Grande! Há-de viver assim, aquele  
homem. Se for muito feliz, conservará ainda a mulher fiel, en-  
quanto o estofa da mobília não desbotar. Depois, adeus pássaro  
415 que voaste! Um dia se tiver uma doença há-de sofrer sede por-  
que a mulher está na escada, falando com o alferes ou com o  
caixeiro. Há-de-se-lhe partir o coração de desgosto. É o mesmo:  
dos pedaços dele ainda se farão outros corações de marido. E se  
por acaso a mulher entender que lhe fica bem o preto, e se o  
420 amante lhe disser “hás-de ser linda vestida de luto”, que não  
tenha venenos em casa... Têm-se visto casos! Deus decerto  
escondeu-se para sempre no céu, para não ter, quando viesse ao  
mundo, de andar por cima de almas de mulheres casadas. São  
terríveis. É um combate. Dum lado está a família com o traba-  
425 lho, a maternidade, a pureza, os encantos, os filhos, o dever, a  
justiça, a religião, o amor, Deus: elas estão só do outro, e esma-  
gam tudo isso. Pobre Simão: fala em casar! O pobre rapaz é  
honrado demais para atravessar essa lama. Há-de morrer pobre,  
digo-te eu, tornava ele sufocado e cheio de iras, este pobre Si-  
430 mão; a mulher talvez tenha vestidos de veludo, jóias, mobília  
rica no seu ninho de amantes, rendas de Malines, e penteadores  
de tecido de ouro: pois bem, mandará por quatro homens atirar  
o marido à vala dos pobres! E comunga esta gente! Que dirá a  
alma delas, quando se vir em presença do corpo de Cristo? —

435 Assim falava Stanislau, durante horas, religioso e ímpio,  
infame e angélico.

Simão, realmente, falava muitas vezes no casamento, na  
família, na maternidade. Queria aquelas doces simplicidades e  
queria aquela união do homem e da mulher, limitada e divina,  
440 em que ambos estendem as almas sobre o mundo, para Deus  
passar por cima!

Eu dizia a Stanislau:

— Mas então?

445 — Então — tornava lentamente aquela alma desconhecida e  
terrível. — Então aceita-se o que está. Segue-se a natureza. Con-  
sagra-se o vício. Ergue-se a hóstia ao Mal. Se tem de haver salpicos  
de sangue, não andemos preparados com águas para nos lavar.  
Sejamos sinceros com Deus. Vamos buscar sangue se for neces-  
sário às veias dos nossos irmãos. Decerto, sigamos a natureza.



450 Deixemos caminhar as paixões. Que importa que se odeiem os  
 Montaigus e os Capuletos, Romeu e Julieta amam-se. Que im-  
 porta que aquele homem assassinasse o marido daquela mulher,  
 ela ama-o, qué-lo assim coberto com um sangue que têm os seus  
 filhos, respeite-se a paixão: que seja pois desse homem. Se dese-  
 455 jares a mulher do teu irmão, toma-a para ti. Se apeterceres o pão  
 de teu pai, deixa-o morrer à fome. Respeita a paixão que pros-  
 titui tua irmã. Respeita a natureza. Deus está encerrado e fecha-  
 do na natureza, como num vestido: quem a despedaça, fere-o.  
 Aceita a carne. Jesus que era todo alma considerava-a tanto que  
 460 a deu em troca do céu. A carne é alguma coisa tão magnífica,  
 que encobria Deus aos místicos. Jesus não se fez aceitar, senão  
 tomando-a para pretexto da sua alma. Ama o que ela desejar.  
 Serás feliz, porque a carne nunca quer as penas dos outros. E a  
 alma nos seus desejos aceita todos os encargos, até as lágrimas.  
 465 Ama Cleópatra apesar de Roma. E como em *Hamlet*, mata o rei  
 teu padrasto apesar do amor de tua mãe. Deixa a paixão resplan-  
 decer. Quando o crime for magnífico podes-lhe gritar: *bem ru-  
 gido, leão!* Não a domestiques. Não queiras pentear as florestas  
 virgens, ou aparar as unhas aos tigres. Quando morreres  
 470 encontrar-te-ás entre a matéria enorme, onde tudo é livre: os  
 carvalhos para crescer, não atendem à terra que roubam aos  
 castanheiros. Ali todos se entrelaçam e a confusão dos pólenes  
 faz a harmonia de Deus. Então transformar-te-ás em ramo, em  
 urtiga ou flor resplandecente, a flor transformar-se-á em pó:  
 475 o pó em feto; e o feto num miserável como tu ou como eu!

Stanislau então dava grandes passos, fazendo um temporal  
 na trapeira com as ondulações da sua capa.

Na alma de Stanislau havia todavia simplicidades primi-  
 tivas.

480 Talvez, assim como os histriões põem vermelhão na face  
 para esconder o seu medo, ele para esconder a preguiça, a in-  
 dolência, a pobreza, a animosidade pelo trabalho, tingia a alma  
 de sangue.

453: [“qué-lo”, por “quere-o”.]

463-4: [No DÉ: “E alma”.]

485 Como não tinha a energia da pureza e da liberdade, refugiava-se na revolta. Queria viver pela luta e pelo desespero, por não ter a coragem e a força de viver pela família, pelo trabalho e pelo estudo!

490 Tinha um oculto amor por Jesus e pela legenda cristã: no entanto dava à alma toda a sorte de atitudes ímpias e escarnecedoras. Um dia perguntei-lhe por que razão os nossos desejos se espiritualizam, e onde havia outrora a sensualidade, procuramos a voluptuosidade delicada, e onde havia outrora a voluptuosidade queremos o amor, e onde tínhamos o amor pedimos o martírio.

495 — Por quê? Disse-me ele. É por isto: Jesus tomou a forma do homem; a sua alma tocou na nossa carne. Desde esse dia a carne tornou-se ambiciosa.

Ele explicava assim o misticismo. Era a carne humana que tinha saudades da alma de Jesus.

500 Magnífica glorificação do espiritualismo! em que a alma indiferente, e superior, converte só pela sua presença ideal.

No dogma cristão a alma odeia a carne, luta, derruba-a, suplicia-a, aniquila-a, e fica então gloriosa e única.

505 Passaram assim dois anos. Nossa mãe morreu; desfez-se aquela doce alma em luz, aquela alma dolorosa que tinha sofrido, entre a nossa alegria, os nossos doidos arrebatamentos, os nossos risos, como Cristo sofrera e chorara na noite das Oliveiras, entre os serenos e triunfantes resplendores das estrelas. Vivia numa quinta, a ali se definiu e morreu, uma tarde, ao escurecer. O sol talvez ao ir-se, levou aquela alma por engano, como um raio da sua luz. Ninguém tão pura, tão amante, tão doce, e tão casta: foi enterrada no cemitério, entre a erva humilde, com uma cruz. Talvez agora sobre aquela cruz, cantem os rouxinóis.

515 Devem ali vir todas as meiguices pudicas, as toutinegras, as folhas perdidas, as pombas, e os lírios, todas estas castidades devem vir ali atraídas, se é certo que as covas exalam a alma dos que morrem.

520 Passado tempo, fomos àquele cemitério. A cruz tinha caído; tinha nascido uma roseira branca. Simão quis mandar erguer outra cruz, simples e negra.

— Não, disse Stanislau, deixa a cruz caída como está. As roseiras estão melhor. Assim nascem mais, e goivos, e açucenas e toda a sorte de plantas. A natureza protege melhor as almas do que a religião.

525 Começámos falando de nossa mãe. Vinha a noite descendo, caía do ar uma serenidade bondosa e fluida. Tudo estava tão silencioso, como na pátria das almas.

Stanislau tomou-nos as mãos.

530 — Ah meus amigos, em todos os transe da vida lembrem-se bem dela. Olhem, foi a virgem que fez a religião cristã, com aquele seu simples amor de mãe.

Daí a tempos, Stanislau foi viver para uma aldeia do norte, paraíso natural, onde ele achava a verdade das paisagens do seu querido pintor Cláudio Loreno.

535 Veio dizer-nos adeus à trapeira.

— Vou-me ter com a natureza viva. Se morrerem primeiro que eu, adeus, adeus, e dêem saudades ao meu velho amigo Diabo!

Tinha a voz pesada de lágrimas.

540 Nesse dia, ao escurecer, quando as árvores deitavam à noite que nascia a sua bênção indolente e triste, sob as primeiras sombras, Simão disse-me baixo:

— Tadeu, caso-me.

545 Vinham as sombras, tocava ao longe nos campos uma meiga flauta, e a lua, com o seu olhar velado e húmido como o olhar duma viúva, começou a espreitar-nos, a nós calados, a nós solitários e ternos, enquanto ouvíamos as vozes das ceifadoras que vinham dos prados, cantando docemente:

Ai morte que tanto tardas

550 Ai vida que tanto duras.

(*Continua*).

551: [De facto, como se sabe, "O Réu Tadeu" interrompeu-se aqui definitivamente, ao mesmo tempo que o DÉ. É pouco provável que tenha existido uma continuação: não teria Eça publicado a versão completa sem demora?]



## O Milhafre

Seja-me permitida uma pequenina fábula.

Um dia um homem entrou numa casa arruinada. No portal havia um nicho com um santo de pedra que lia uma

1: [In GP, Lisboa, 1867, 6.º Ano, n.º 1456, Domingo 6 de Outubro, p. 1. O texto é precedido de uma introdução dedicada “Aos meus amigos”, e firmada E.Q.. É a seguinte:

“Meus amigos. A literatura em Portugal está a agonizar; morre burguesmente e insipidamente: nem ao menos tem os efeitos de luz extravagantes de todos os ocasos celestes.

É uma doídice o querer pensar, criar e criticar, nesta terra onde nascem as laranjeiras, como diz a cantiga de Mignon. Se ainda houvessem cabelos seria muito preferível ser fabricante de caixinhas de banha.

Seria mesmo talvez melhor a profissão de poeta lírico, se não fosse uma profissão perigosa. Ainda há pouco, um pediu em casamento não sei que doce açucena, moradora na Baixa; o pai dela interrompeu a história dos idílios sacrossantos e municipais para perguntar ao namorado gentil, qual era a sua profissão. — Sou poeta lírico, respondeu ele, e vivo do meu estado. — O velho ergueu-se de golpe, tomou uma bengala e espancou o poeta lírico, laureado em três canções exóticas.

Todavia, é com verdadeira alegria que me acho neste canto que a política me deixa. Faço deste canto, de boa vontade o lugar de espectáculo para assistir às últimas agónias do pensamento em Portugal. Trata-se de cair bem, meus amigos, como os antigos gladiadores: oh egoísmo humano, os que vão morrer saúdam-te!

E depois, meus caros amigos, eu acho admirável a sociedade moderna, a sua política perfeita, a sua indústria magnífica, a sua agiotagem providencial, o seu luxo simpático, a sua retórica florida, a sua arte económica, os seus sonhos de oiro, mas persisto em invejar aqueles que como o antigo Daniel podem contemplar as estrelas, enquanto os bichos sociais se devoram na sombra”.

O título “O Milhafre” já aparecia antes dessa introdução. É pois repetido antes de começar o conto propriamente dito. Recolhido por LI in *PB*, sem a primeira frase do conto e sem a introdução, também suprimida por *EdC*, LB, mas reproduzida em João Gaspar Simões, *Eça de Queiroz, Obra Completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1970, vol. 2 (A), sem repetição do título, e em Beatriz Berrini, *Eça de Queiroz, Obra Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2003, vol. II, secção “Contos” (NA), com repetição do título, conformemente o original.]

5 Bíblia de pedra. Em redor, na beira dos telhados, nas fendas das pedras no canto do nicho, havia ervas molhadas e verdes, e ninhos de andorinhas. O santo tinha sempre as suas pálpebras de pedra descidas sobre o livro sagrado. Passavam as cavalgadas, os enterros silenciosos, os noivados, os cortejos, a  
10 pompa dos regimentos, e o santo lia atentamente o seu livro de pedra.

Vinham defronte dançar saltimbancos, passavam as frescas serenatas, vinham dos montes rebanhos e ceifeiras; o santo tinha os seus olhos de pedra sobre as páginas inertes. As devotas  
15 lentas e desfalecidas beijavam-lhe os pés nus, os homens severos saudavam-no, as crianças espartilhadas e aveludadas olhavam-no com os seus grandes olhos inanimados, os cães ladravam-lhe à calva; o santo curvado seguia o espírito de Deus por entre as letras do livro.

20 Passavam os fardos, os mercadores crestados pela indústria, os poetas lânguidos que desfalecem nas cançonetas, os histriões que cantam nos tablados, mulheres mais preciosas que o âmbar, os sábios, os mendigos, as virtuosas e as melodramáticas: — e o santo lia o seu livro profético.

25 Ora as torres gloriosas, as bandeiras, os ciprestes, ais de folhagem, os homens, perguntavam entre si: «— Que lê tão atentamente aquele santo, que nem sequer nos olha? —» E os enxurros, que passam rosnando, diziam: «Que lê tão devotamente aquele santo que nem sequer nos escuta?»

30 Ora o santo lia assim. De noite quando as bandeiras caem de sono, quando os homens estão cheios de comida e de inércia, — a lua que ao nascer é material e metálica, como uma moeda de ouro nova, depois, na suavidade do azul, é tão pura, tão casta, tão imaculada, tão consoladora, como uma chaga de  
35 Cristo por onde se lhe visse a alma. A essas horas, uma criança, tão pobre e tão esfarrapada como o antigo pastor S. João, vinha deitar-se junto do nicho do santo. E então, o santo afastava um pouco o livro, e toda a noite ficava cobrindo com a grande luz dos seus olhos aquela criança miserável, adormecida  
40 sobre as lajes.

Depois os planetas, a Lua, a noite seguiam a sua viagem imensa para o oeste e a leste começava uma claridade: eram as

hesitações da luz do dia, medrosa por ter de descer às misérias dos homens.

45 As bandeiras ainda estavam desfalecidas, sonhavam as árvores, a cidade dormia como outrora Sodoma. Acordavam então as andorinhas. Esvoaçavam gloriosas, gritando, e vinham sofredamente, em tumulto, pousar no nicho.

50 As andorinhas estavam nas intimidades e nas confidências do santo.

Ora o vento que passa pelos campos e pelas eiras vem cheio de grãos e de sementes: a chuva cai lúcida e fresca. O santo aparava a chuva nas pregas da capa, e os grãos nas páginas do livro. E as andorinhas, quando vinham para o nicho, bebiam na capa do santo e comiam sobre a Bíblia de Deus. E enquanto comiam e bebiam, gritavam, batiam com as asas nas barbas do santo, beijavam-se na sua boca, aninhavam-se-lhe entre os braços, cobriam-no, e o sol quando chegava, ficava todo maravilhado de ver aquele pobre santo de pedra, que ele não conhecia do Paraíso, com os pés entre as ervas verdes, rindo, sereno sob a luz imensa, e todo vestido de asas!

65 O homem entrou na casa arruinada e foi através de pedras esverdeadas, de grandes humidades que escorriam, de madeiros apodrecidos, de muralhas leprosas de musgo, de escadarias miseráveis, até uma sala enorme, escura e trágica, e tão alta, que involuntariamente o olhar procurava as constelações daquela sombra.

70 No fundo da sala havia um grande crucifixo de madeira. Sobre a cabeça macerada do Cristo, as traves podres do tecto abriam uma larga fenda. Por ali vinha a chuva escorrer-lhe nos cabelos como o antigo suor das Oliveiras, vinham os granizos magoá-lo como as pedras da Paixão, vinha o sol alumiá-lo como a tocha de Judas, e a lua vinha, também, torná-lo mais lívido, como naquela noite em que Ele depois de ter visto a gente soluçante descer para Jerusalém, sentiu pousar na sua cruz um rouxinol que toda a noite cantou.

75 Sobre a cabeça e sobre os braços de Cristo havia teias de aranha; em baixo os ratos roíam-lhe a cruz.



Então o homem sentiu que aquele seio constelado, e aquela boca donde saiu a revelação do amor, do perdão, e da alma, tinham o pó, a podridão, a caliça e os bichos; e que, se um dia Cristo vendo o homem aflito e miserável lhe tinha arrancado da alma o mal, não era muito que o homem, encontrando Cristo abandonado, profanado e roído, lhe limpasse da cabeça as aranhas! Mas, quando ia a limpar a imagem viu sobre a cruz, junto da mão pregada, um milhafre enorme. O homem com as mãos, quis arredar o milhafre.

E a ave, então, com a antiga voz dos animais da Bíblia, do Apocalipse e dos livros dos profetas disse surdamente: «Homem, deixa a cruz sossegada!»

Através das fendas viam-se os astros sagrados. E o milhafre, batendo as asas, dizia: «Deixa a cruz, deixa, não tenhas medo que apodreça. Lá em cima luzem agora estrelas, sóis, planetas, cintilações, carbúnculos. É o pó dos Deuses mortos. Todos se finaram, histriões ensanguentados, e a sua farsa acabou em desterros.

«Morreram velhos, expulsos, esfomeados e nus.

«Este ficou, solitário, alumando. Ele perdoou enquanto os outros lutaram, ele amou enquanto os outros choraram, por isso fica enquanto os outros passam. Deixa. Esta cruz que é de madeira vale tanto, como as que lá em cima fazem os raios dos astros, ou no silêncio dos mirtos dois olhares bem-amados.

«Deixa as aranhas, o pó, a caliça, os bichos, a neve, a geada, o apodrecimento. Ele que vos deu a vós o seu corpo de carne, pode bem dar às aranhas a sua imagem de madeira; a vós que pregais com o mesmo riso e com o mesmo esquecimento os morcegos no alto das janelas e o Cristo no alto dos montes; a vós que lhe vindes limpar os cabelos de madeira depois de lhe ter arrancado os cabelos vivos; a vós que quereis lavar as nódoas que ele tem no peito, e não vedes as imundícies que tendes na alma. Tudo o que ele criou, o amor, o ideal, o perdão, a fé, o pudor, a religião, Deus, todo aquele evangelho da vida nova, anda pelo mundo, tão degradado, tão coberto de bichos, tão imundo, como o seio desta imagem antiga. A matéria, o impudor, o apetite rude, o ódio, o aviltamento,

o tráfico, a miséria, a penalidade, andam sujando a tua alma, ó  
 homem, como as aranhas andam sujando a cabeça deste Cris-  
 120 to! E não reparais! E não vedes sobre os espíritos, sobre os  
 corações, sobre as consciências, o pó, a caliça, o caruncho, os  
 ratos e os vermes!

«Sim, é verdade: tudo é magnífico, e são, e banhado de  
 sol. As cidades são limpas e caiadas, só as consciências é que  
 têm nódoas; as praças estão cheias de iluminações, só os cora-  
 125 ções é que estão escuros; os cais estão arejados, só os espíritos  
 é que sufocam; os corpos estão são, cobertos de estofos, fres-  
 cos e resplandecentes, só as almas é que andam nuas, miserá-  
 veis e leprosas. De resto tendes o riso, a farsa, os paraísos ar-  
 tificiais, as arcas venais, e também o esfriamento do túmulo!  
 130 Oh amigos íntimos dos vermes, como vós cuidais do corpo, e  
 o lavais, e o amaciais, e o engordais — para a pastagem escura  
 das covas!

«Homem, que fizeste tu da alma? Ao princípio não era  
 conhecida, depois foi vendida, depois foi apupada, tu, moder-  
 135 namente, julgaste melhor matá-la, — mas não certamente de  
 cansaço com viagens a Deus! Deste-a a despedaçar à negra  
 matilha do mal. Em compensação guardaste o corpo: para esse  
 uma religião, um asilo forte como o sol, os sete selos da lei e  
 a escolta dos regimentos. Esse é o sagrado, o imaculado, o  
 140 pontifical, o vitorioso. Proibição a Deus de lhe tocar. Para ele  
 palácios, cortejos, serralhos, estofos, pedrarias, o Sol e a ilu-  
 minação dos astros. Para ele a inviolabilidade: *Não matarás!*

«Começaram então as cruzes a ficarem desertas, os cepos  
 a encherem-se de musgo, as forcas a apodrecerem nos cami-  
 145 nhos. Nós os milhafres e os nossos camaradas, os abutres, para  
 quem já não havia corpos nos despenhadeiros, ladrões  
 arroxeados pela corda, afogados disformes, deixámos os gran-  
 des montes e os rios, as vastas tradições do sangue, e viemos,  
 para viver, aceitar, com os capões, a domesticidade nos par-  
 150 ques resplandecentes, ou andámo-nos mostrando aos imbecis,

117: [GP: “ó a penalidade”.]

117-8: [GP: “o homem”.]



155 pelas feiras, numa gaiola! E as aves da noite, depois de terem visto a natureza imensa, as aflições do vento, as núpcias do mar, de terem lutado nas tempestades e insultado as estrelas, vêm modestamente comer bichinhos no saguão dos burgueses!

160 Eu que tinha estado entre a força, quis ao menos ficar entre a graça, e depois de ter vivido na noite de Deus, quis ao menos morrer na madrugada de Jesus! E entretanto a alma morre esmagada e solitária, e a grande vida moderna, a vida do sol, da música, dos metais, vai, entre fulgurações, pisando e cuspidando naquela coisa miserável. E ainda está quase quente o sangue de Jesus!

«Homem, que fizeste tu do pensamento?

165 «Anda expulso, perseguido e sublime como um Deus antigo. Cravaste-lhe no seio as sete dores. Coube-lhe a dor e o escárnio. É necessário que nas cidades, os pensadores e os artistas extáticos, sofram e sangrem: os triunfos dos homens da matéria são como os dos antigos imperadores, só são completos quando passam entre torturas. E quem havia de soluçar sobre a cena moderna da Paixão, senão os que têm alma?

170 «Amam, sufocam, caem, agonizam, e entretanto vai passando a coorte dos vitoriosos e dos reluzentes, e as suas bolsas riem-se daqueles corações, como os botões de ouro das suas camisas apupam a luz dos astros.

175 «E os que quiserem viver e tiverem a alma grande, bela e heróica, têm de se baixar à estatura burguesa e mercantil dos cérebros modernos.» O milhafre dava gritos joviais como risadas. «Os deuses olímpicos, se não se deixassem ajuizadamente finar nas florestas da Gália, teriam de se empregar nas secretarias. O antigo pavão de Juno viveria num pomar dos arrabaldes. Homero seria localista. Os cavaleiros andantes roubariam lenços nos ajuntamentos, e o trágico S. Jerónimo seria presidente duma junta de paróquia. Deste modo tu aceitas a arte, o pensamento, a alma: não, arte, não te vás; a vida moderna dar-te-á uma libré resplandecente. Vem, música, tu que criaste a

180 Alemanha, far-me-ás uma contradança! Vem, arquitectura, tu que deste hospitalidade a Deus, far-me-ás uma estufa! Vem, escultura, tu que fizeste o povo dos deuses, oh! bela escultura, vem fazer-me um gavetão. Oh! tristes domesticidades do ideal!»



Houve um silêncio. Havia na sala um ar místico como  
190 para a concepção dum Deus.

O milhafre esvoaçava. Ouvia-se o chorar duma flauta. E o  
olhar do Cristo errava contemplativo e atento, entre as estre-  
las inumeráveis, enquanto na escuridão, aos seus pés, os ratos  
lhe roíam a cruz.

195 «Vai-te, disse o milhafre. Os ratos roem a cruz, eu estou  
velho: a antiga geração das aves da noite vai-se. Os pregos já se  
despregam, a cruz apodrece. E quando ela se desfizer atirarei o  
pó à grande natureza ao elevar-se da Lua, que vale o elevar-se  
200 da hóstia. Irei oh! meu Deus, para além dos sóis e dos cami-  
nhos lácteos, onde as constelações são gotas de sombra; certo,  
eu que sou da vasta terra, o selvagem dos prados, a respiração  
dos antros, eu que sou a palpitação dos montes, certo, que se  
os homens não derem a cruz aos Cristos não lhas dará tam-  
bém a natureza. E eu, que roí as ossadas verdes, tendo visto  
205 sempre Este, que fez o bem, que amou, que perdoou, pregado  
numa cruz, irei também entre os sóis meios doidos, eu, que  
devastei e matei e escorri de sangue, crucificar-me num astro.»

Assim falou, tontamente, aquele milhafre filosófico e le-  
trado, enquanto as violas gemiam, e os pobres tremiam de frio;  
210 assim falava de cima duma cruz, numa sala legendária, longe  
das maravilhas dos Cains burgueses, nestes tempos livres, sen-  
satos, verdadeiros, magníficos em que como se não podem pôr  
certas verdades na boca dos homens, têm de se dependurar do  
bico dos milhafres.



## O Senhor Diabo

(Conto)

5       Conhecem o Diabo? Não serei eu quem lhes conte a vida dele. E todavia sei de cor a sua legenda trágica, luminosa, celeste, grotesca e suave!

      O Diabo é a figura mais dramática da História da Alma.

      A sua vida é a grande aventura do Mal. Foi ele quem inventou os enfeites que enlanguescem a alma e as armas que ensanguentam o corpo. E todavia em certos momentos da história, o Diabo é o representante imenso do direito humano. Quer a liberdade, a fecundidade, a força, a lei.

10       1: [*In* GP (Lisboa, 1867, 6.º ano, n.º 1468, Domingo 20 de Outubro, pp. 1 e 2). Em 1878, aparece novamente no Porto, num volume do *Museu Ilustrado* (MI), em quatro sequências, pp. 16-17, 43-44, 88-89, 179-80. Guerra da Cal coloca a hipótese de uma correcção pelo próprio Eça dessa segunda edição (*LeS, op. cit.*, T. 1, pp. 163-164, item 587). Preferiu-se portanto esta versão. Em notas de rodapé apresentam-se as variantes significativas da GP, não se tendo em conta as diferenças de paginação (muito mais densa na GP). As alterações da pontuação assinalam-se eventualmente. É difícil pronunciarmo-nos sobre a possível revisão do texto por Eça, devido às numerosas gralhas da edição de 1878, e ao pouco impacto das modificações em relação ao texto de 1867. Mas não se pode descartar tal eventualidade: donde proviriam algumas alterações evidentes?

      Recolhido por LI in *PB*. Guerra da Cal assinala que Luís de Magalhães omite as nove primeiras linhas, restabelecidas em *EdC* e *LB*, e que são as seguintes: “Como está provado que eu sou redondamente inapto para escrever *Revistas*, dizer finamente das *Modas*, e falar da literatura contemporânea, herdeira honesta do defunto mr. Prudhomme, é justo, ao menos, que de vez em quando conte uma história amorosa, uma daquelas histórias femininas e macias, que nos serões de Trieste faziam adormecer nas suas cadeiras douradas as senhoras arquiduquesas de Áustria”. É tanto mais curioso quanto Luís de Magalhães parte da GP, sendo que MI suprime esta introdução. *LB* também parte da GP, como *NA*.]

      7: do Mal] do mal



É então uma espécie de Pã sinistro, onde rugem as fundas  
rebeliões da Natureza. Combate o sacerdócio e a virgindade;  
aconselha ao Cristo que viva e aos místicos que entrem na  
15 humanidade.

É incompreensível: tortura os santos, mas defende a Igreja.  
No século XVI é o maior zelador da colheita dos dízimos.

É envenenador e estrangulador. É impostor, tirano, vaidoso  
e traidor.

20 E todavia conspira contra os imperadores da Alemanha:  
consulta Aristóteles e Santo Agostinho e suplicia Judas que  
vendeu Cristo, e Bruto que apunhalou César.

O Diabo ao mesmo tempo tem uma tristeza imensa e doce.  
Tem talvez a nostalgia do céu!

25 Ainda novo, quando os astros lhe chamavam Lúcifer, *o que  
leva a luz*, revolta-se contra Jeová, e comanda uma grande ba-  
talha entre as nuvens.

30 Depois tenta Eva, engana o profeta Daniel, apupa Job,  
tortura Sara e em Babilónia é jogador, palhaço, difamador, li-  
bertino e carrasco.

Quando os deuses foram exilados, ele acampa com eles  
nas florestas húmidas da Gália e embarca expedições olímpicas  
nos navios do imperador Constâncio.

35 Cheio de medo diante dos olhos tristes de Jesus, vem tor-  
turar os monges do Ocidente.

40 Escarnecia S. Macário, cantava salmos na igreja de Alexan-  
dria, oferecia ramos de cravos a Santa Pelágia, roubava as ga-  
linhas do abade de Cluny, espicaçava os olhos a S. Sulpício e  
à noite vinha, cansado e empoeirado, bater à porta do conven-  
to dos dominiquinos em Florença e ia dormir na cela de Sa-  
vonarola.

13: da natureza.] da Natureza.

14: aconselha-se] aconselha o

16: santos, mas] santos e

37: a Santa] a santa

39: à porta] à portaria

Estudava o hebreu, discutia com Lutero, lia atentamente a Bíblia e vinha ao anoitecer para as encruzilhadas da Alemanha jogar com os frades mendicantes, sentado na relva, sobre a sela do seu cavalo.

Intentava processos contra a Virgem: e era o pontífice da missa negra, depois de ter inspirado os juízes de Sócrates.

Nos seus velhos dias, ele que tinha discutido com Átila planos de batalha, deu-se ao pecado de gula.

E Rabelais, quando o viu assim, fatigado, engelhado, calvo, gordo e sonolento, apupou-o. Então o demonógrafo Vier escreve contra ele panfletos sanguinolentos e Voltaire criva-o de epigramas.

O Diabo sorri, olha em volta de si para os calvários desertos, escreve as suas memórias e, num dia nevoado, depois de ter dito adeus aos seus velhos camaradas — os astros — morre enfasiado e silencioso.

Então Béranger escreve-lhe o epitáfio.

O Diabo foi celebrado, na sua morte, pelos sábios e pelos poetas. Procul ensinou a substância, Presul as suas aventuras da noite, S. Tomás revelou o seu destino, Torquemada disse a sua maldade e Pedro de Lancre a sua inconstância jovial. João Dique escreveu sobre a sua eloquência. Jacques I da Inglaterra fez a corografia dos seus estados. Milton disse a sua beleza e Dante a sua tragédia. Os monges ergueram-lhe estátuas. O seu sepulcro é a Natureza.

42: Lutero,] Lutero, anotava glosas para Calvino,

49: pecado de] pecado da

51: [Trata-se de um tal Wierus.]

54: em volta] em roda

55: memórias e, num dia nevoado,] memórias, e num dia enevoado,

58: [Texto em ambas edições: “Ceranger”. Não existe tal patronímico em francês, existe Pierre-Jean Béranger, poeta popular do século XIX, que parece corresponder, pelos temas jocosos que desenvolve. A frase é omitida em LI e restabelecida em LB.]

60: a] a sua

62: [Pierre de Lancre é um demonólogo do século XVII, autor de um *Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons...*]

62: [João Dique é envolvido em processos por bruxaria (século XVII).]

63: Jacques I da] Jacques I de

O Diabo amou muito.

Foi namorado gentil, marido, pai de gerações sinistras.

70 Foi querido, na Antiguidade, da mãe de César, e na Meia-Idade foi amado da bela Olímpia. Casou no Brabante com a filha dum mercador. Tinha entrevistas lânguidas com Fredegonda, que assassinou duas gerações.

Era o namorado de frescas serenatas das mulheres dos mercadores de Veneza.

75 Escrevia melancolicamente às monjas dos conventos da Alemanha. *Feminæ in illius amore delectantur*, diz tragicamente o abade César de Helenbach. No século XII tentava com olhares cheios de sol as mãos melodramáticas dos Burgraves. Na Escócia havia grande miséria sobre os montes: o Diabo comprava por 15 *shillings* o amor das mulheres dos *highlanders* e pagava-lhes com o dinheiro falso que fabricava em companhia de Filipe I, de Luís VI, de Luís VII, de Filipe o Belo, do rei João, de Luís XI, de Henrique II com o mesmo cobre de que se faziam as caldeiras, onde eram cozidos vivos os moedeiros falsos.

85 Mas eu quero só contar a história dum amor infeliz do Diabo nas terras do Norte.

Oh mulheres! vós todas que tendes dentro do peito o mal que nada cura, nem os simples, nem os bálsamos, nem os orvalhos, nem as rezas, nem o pranto, nem o sol, nem a morte, vinde ouvir esta história florida!

95 Era na Alemanha, onde nasce a flor do absinto. A casa era de pau, bordada, rendilhada, cinzelada como a sobrepele do senhor arcebispo de Ulm. Maria, clara e loura, fiava na varanda, cheia de vasos, de trepadeiras, de ramagens, de pombas e de sol. No fundo da varanda havia um Cristo de

68: [Em GP não há parágrafo depois de “sinistras”.]

69: querido, na] querido na

70: no Brabante] no Brabant

77: [Trata-se de César de Ellenbach.]

86-7: [De assinalar que, na GP, a frase, separada do que precede por um duplo intervalo, como que abre a história que se vai contar.]

88: Oh mulheres! vós] Oh mulheres, vós



marfim. As plantas limpavam piedosamente com as suas mãos de folhas o sangue das chagas, as pombas com o calor do seu colo aqueciam os pés doloridos. No fundo da casa, o pai dela, o velho, bebia a cerveja de Heidelberg, os vinhos de Itália, e as cidras de Dinamarca. Era vaidoso, gordo, sonolento e mau.

100 E sempre a rapariga fiava. Preso à roca por um fio branco sempre o fuso saltava; preso ao seu coração por uma tristeza, sempre pulava um desejo.

105 E todo o dia fiava.

Ora debaixo da varanda passava um lindo moço delicado, melodioso e tímido. Vinha encostar-se ao pilar fronteiro.

110 Ela, sentada junto ao crucifixo, cobria os pés de Jesus com os seus grandes cabelos louros.

As plantas, as folhagens, em cima, cobriam de frescura e de sombra a cabeça da imagem. Parecia que toda a alma de Cristo ali estava — consolando, em cima, sob a forma de planta, amando em baixo sob a forma de mulher.

115 Ele, o branco moço, era o peregrino daquela Santa. O seu olhar procurava sempre o coração da doce rapariga e o seu olhar dela, séria e branca, ia procurar a alma do caro bem-amado.

120 Os olhos investigavam as almas. E vinham radiosos, como mensageiros de luz, contar o que tinham visto; era um encanto: — Se tu soubesses, dizia um olhar, a alma dela é imaculada.

— Se tu visses! dizia o outro, o coração dele é sereno, forte e vermelho. — É consolador, aquele peito onde há estrelas! — É purificador, aquele seio onde há bênçãos!

125 E olhavam ambos, silenciosos, extáticos, perfeitos.

E a cidade vivia, as árvores rosnavam sob o balcão dos eleitores, a trompa de caça soava nas torres, os cantos dos

101: cidras de] cidras da

107: moço] moço,

108: Vinha encostar-se] Vinha e encostava-se

109: junto ao] junto do

114: [O paralelismo de construções é mais convincente na GP.]

115: Santa. O] santa e o

130 peregrinos nas estradas, os santos liam nos seus nichos, os diabos escarneciam na grimpada das igrejas, as amendoeiras tinham flor, e o Reno cantigas de ceifeiras.

E eles olhavam-se, as folhagens aninhavam os sonhos, e Cristo aninhava as almas.

135 Ora, uma tarde, as ogivas estavam radiosas como mitras de arcebispos, o ar estava meigo, o sol descido, os santos de pedra estavam corados, ou dos reflexos da luz ou dos desejos da vida. Maria na varanda fiava a sua estriga. Jusel encostado ao pilar fiava os seus desejos.

140 Então, no silêncio, ao longe, ouviram gemer a guitarra de Inspruck que os pastores de Heliberg enroscam de hera e uma voz robusta cantar:

Os teus olhos, bem-amada,  
São duas noites cerradas.  
Mas os lábios são de luz  
Lá se cantam alvoradas.

145 Os teus seios — minha graça,  
São duas portas de cera,  
Fora a minha boca um sol...  
Como ele as derreteria!

150 Os teus lábios, flor de carne,  
São portas do Paraíso:  
E o banquinho de S. Pedro  
É no teu dente de siso.

155 Queria ter uma camisa  
Dum tecido bem fiado,  
Feita de todos os ais  
Que o teu peito já tem dado.

135: luz ou] luz, ou

147: um sol...] um sol

152: dente de] dente do

160

Quando nos formos casar  
 Canta missa o rouxinol.  
 E o teu vestido de noiva  
 Será tecido de sol!

A bênção nos deitará  
 Algum antigo carvalho!  
 E por enfeites de boda  
 Teremos gotas de orvalho!

165

E ao cimo da rua, apareceu um homem forte, duma bela palidez de mármore. Tinha os olhos negros como os dois sóis legendários do país do Mal. Negros eram os cabelos, poderosos e resplandecentes. Tinha, presa ao peito do corpete, uma flor vermelha de cáctus.

170

Atrás vinha um pajem perfeito como uma das antigas estátuas que fizeram na Grécia a lenda da beleza. Andava convulsivamente como se ferisse os pés no lajeado. Tinha os olhos inertes e fixos dos Apolos de mármore. Dos seus vestidos saía um cheiro de ambrósia. A testa era triste e serena como as dos que têm a saudade imortal de uma pátria perdida.

175

Trazia na mão uma ânfora esculpida em Mileto, onde se sentia a suavidade dos néctares olímpicos.

O homem da palidez de mármore, veio até junto da varanda, e entre as súplicas gemidas da guitarra disse sonoramente:

180

— Ó gentil moça, ó linda Yseult da varanda, deixa que estes beijos de homem, vão como dois peregrinos corados de sol, em doce romaria de amor das suas mãos ao seu colo!

168: Tinha, presa] Tinha presa

172: no lajeado.] no lajedo.

175: imortal de uma] imortal duma

180: [GP: “A gentil moça, a linda Yseult da varanda, deixa que estes beijos de homem, vão como dois peregrinos corados de sol, em doce romaria de amor das suas mãos ao seu colo?”. Nota-se, portanto, uma construção bem diferente. Na versão da GP, faz-se uma pergunta: “A gentil moça [...] deixa que estes beijos [...] vão como dois peregrinos [...] das suas mãos ao seu colo?”. No texto do MI trata-se de uma invocação exclamativa: “Ó gentil moça [...] deixa que estes beijos [...] vão como dois peregrinos



E olhando para Jusel que desfolhava uma margarida, cantou lentamente, com grandes risadas frias e metálicas:

185                    Quem depena um rouxinol  
                       E rasga uma triste flor,  
                       Mostra que dentro do peito  
                       Só tem farrapos de amor.

190                    E ergueu para a varanda os seus olhos terríveis e desoladores, como blasfêmias de luz. Maria tinha levado a roca e só havia na varanda as aves, as flores e Jesus!

— A toutinegra voou — disse jovialmente. — E inda para Jusel: é que talvez sentisse a vizinhança de abutre. Que diz Bacharel?

195                    Jusel com os olhos serenos desfolhava a margarida.

— No meu tempo, snr. Suspiro — disse o homem dos olhos negros cruzando lentamente os braços — já havia aqui duas espadas, a fazer rebentar na sombra flores de faíscas. Mas os heróis vão-se, e os homens nascem cada vez mais da dor das  
 200                    mulheres. Vejam isto. É um coração com gibão de gola. Mas coração branco, pardo, alvacento, de todas as cores, menos vermelho, e sólido. Pois bem! Aquela rapariga tem uns cabelos loiros que dizem bem com os meus cabelos pretos.

— As cintas delgadas querem uns braços fortes. Os lábios  
 205                    vermelhos de desejo gostam das armas vermelhas de sangue. É minha a dama, Bacharel!<sup>41</sup>

[...] das suas mãos ao seu colo!” Advirta-se que a construção na segunda versão resulta um tanto estranha e até errada, uma vez que “suas” remete para “beijos”, comparados aos “dois peregrinos”, e não para “moça” como no texto da GP, indicando a desinência de “deixa” um tuteamento. Seria galha por [deixe]?

190: a] a sua

192: voou — disse jovialmente. — E inda] voou, disse jovialmente. E indo

193: diz] diz o

200: gibão de gola.] gibão e gorra.

203: [GP não faz parágrafo nem abre frase declarativa depois de “pretos”.]

204: querem uns] querem os

206: dama, Bacharel!] dama, sr. Bacharel!

Jusel tinha descido as grandes pálpebras elegíacas, e via as pétalas arrancadas da margarida caírem como desejos assassina-

210 O homem dos olhos resplandecentes tomou-lhe rijamente a mão.

— Bacharel Ternura — disse — há aqui perto um lugar onde os goivos nascem expressamente para os inocentes que morrem. Se tens alguns bens a deixar, recomendo-te este excelente

215 Rabil. —

Era o pajem. — É necessário proteger as aves da noite:

— Os abutres bocejam desde que findou a guerra. Vou-lhes dar essas terras. Se queres deixar o coração, à bem-amada à moda dos trovadores, eu me encarrego de lho trazer bem

220 embalsamado em lama, na ponta da espada! Tu és formoso, amado, branco, delicado, perfeito.

— Vê-me isto, Rabil. É uma farsa bem feita ao compadre lá de cima dos sóis, dilacerar-lhe esta beleza! Se namoravas alguma estrela, eu lhe mandarei, por bom portador, os teus últimos adeuses. Enquanto aos sacramentos é inútil, eu me encarrego de te purificar pelo fogo. Rabil, toca na guitarra o rondó dos defuntos: anuncia no inferno o Bacharel Suspiro! A caminho, meus filhos! Ah! Mas em duelo secreto armas honradas! E batendo heroicamente nos copos da espada: eu tenho aqui

230 esta debilidade, onde está a tua força?

— Ali — respondeu Jusel, mostrando Cristo na varanda das plantas e das pombas, alumiado pelo sol que descia, — branco entre a folhagem, agonizante entre as palpitações de asas.

— Ah! — disse cavamente o homem da flor [de] cactus. — A mim, Rabil! Lembras-te de Actéon, de Apolo, de Derceto, de Íaco e de Marte?

235

207: as] as suas

209: do] do seu

215: [GP não faz parágrafo.]

218: dar essas terras.] dar ossos tenros. [Aqui a versão da GP parece mais adequada.]

219: trazer] trazer,

224: mandarei,] mandarei

227: de defuntos] de difuntos

234: flor [de] cactus. —] flor de cactus.

— Eram os meus irmãos — disse lentamente o pajem, hirtoto como uma figura de pedra!

— Pois bem, Rabil, para a frente, através da noite! Cheira-me aqui a Jerusalém!

E sumiram-se debaixo das arcarias e das pilastras, sinistras, soluçando.

Na noite seguinte havia pela Alemanha um grande luar purificador. Maria estava debruçada na varanda. Era a hora celeste em que os jasmims concebem.

Em baixo, o olhar de Jusel que estava encostado ao pilar, suspirava para aquele corpo feminino e branco, como nos jardins a água que sobe em repuxos suspira murmurosamente para o azul.

Maria disse suspiradamente:

— Vem.

Jusel subiu à varanda radioso. Sentaram-se ao pé da imagem. O ar estava tão sereno como na pátria das almas.

Os dois corpos dobravam-se, um para o outro, como se os estivessem aproximando os braços dum Deus.

As folhagens escuras que envolviam o Cristo estendiam-se sobre as duas cabeças loiras com gestos de bênção.

Havia na moleza das sombras um mistério nupcial.

Jusel tinha as mãos dela presas como pássaros cativos e dizia com a voz humilde dos corações primitivos:

— Queria bem ver-te, assim, ao pé de mim. Se soubesses! Tenho receios infinitos. És tão loira e tão branca! Tive um sonho que me assustou. Era num campo. Tu estavas ao pé de mim, imóvel, ouvia-se um coro que cantava dentro do teu coração. Em redor andava uma dança nebulosa dos espíritos. E diziam uns: aquele coro é de mortos, são os amantes infeli-

240: aqui a] aqui às terras de

248: repuxos] repuxo

256-60: [GP faz um parágrafo seguido, até “primitivos:.”.]

260: dizia] dizia,

262: loira e] loira,

263-4: estavas ao pé de mim, imóvel,] estavas de pé, imóvel:

265: coração.] coração!



zes que choram no coração daquela mulher. Outros diziam: são as tristezas dos *mensingers* ardentes que ali soluçam. Outros diziam: sim, aquele coro é de mortos, são os nossos deuses queridos que ali choram o exílio. E então eu adiantei-me e disse: sim, sim, aquele coro é de mortos, são os desejos que ela teve por mim, que se lembram e que gemem. Que sonho! tão mau! tão mau! —

— Porque estás tu — dizia ela — todos os dias encostado ao pilar com as mãos quase postas?

— Estou a ler as cartas de luz que os teus olhos me escrevem. —

Calaram-se.

Eles eram naquele momento a alma florida da noite.

— Quais são os meus olhos, quais são os teus olhos! dizia Jusel. Nem eu sei!

E ficaram calados.

Ela sentia os desejos que se desprendiam dos olhos dele, virem como pássaros feridos que gemem, cair no fundo da sua alma, sonoramente.

E inclinando o corpo:

— Conheces meu pai? — disse ela.

— Não. Que importa?

— Ai, se tu soubesses...

— Que importa? Estou aqui. Se ele te quer bem, há-de gostar deste meu amor, sempre aos teus pés, como um cão. És uma santa — os cabelos de Jesus nascem no teu coração. O que quero eu? Ter a tua alma presa, bem presa, como um pássaro. Esquece esta paixão toda, deixa-te tão imaculada, que se mor-

268: dos *mensingers* ardentes] dos menisinguers errantes

269: diziam; sim,] diziam sim

270: que ali choram] que choram ali

272-3: sonho! tão mau! tão mau! —] sonho tão mau, tão mau!

280: olhos!] olhos?

289: soubesses...] soubesses!...

291: pés,] pés

292: santa — os] santa. Os

293: presa, como um pássaro.] presa com um pássaro esquívoo.

294: Esquece esta] Esta [Aqui a versão do MI parece mais lógica: ela deve esquecer a sua paixão da mesma maneira que os seus desejos devem ser arrancados como a hera.]

295 resses podias ser enterrada nas transparências do azul. Os dese-  
jos são uma hera: queres que os arranque. Tu és o pretexto da  
minha alma. Se me não quisesses, deixava-me andar esfarrapa-  
do. Por eu entrar no teu coração não tires nada dele, não?  
300 Tens lá a face de Jesus e a saudade de tua mãe; deixa estar:  
damo-nos todos bem lá dentro, contemplando o brilho do teu  
olhar, como um céu constelado.

— O que quero eu de ti? as tuas penas. Quando chorares,  
vem a mim. Farei a alma em farrapos para tu limpares os olhos.  
Queres tu? Casemo-nos no coração de Jesus. Dá-me essa agu-  
305 lheta que te prende o cabelo; será a nossa estola. —

E com a ponta da agulheta, de pé, junto da imagem, afas-  
tando os ramos, transfigurado e celeste, gravou, sobre o peito  
do Cristo, as letras dos dois nomes, enlaçadas — J. M.

— É o nosso noivado, disse ele. O céu atira-nos os astros,  
310 confeitos de luz. Cristo não se esquecerá deste amor que chora  
aos seus pés. As exalações divinas que saírem do seu peito  
aparecerão, lá em cima, com a forma das nossas letras. Deus  
saberá este segredo. Que importa? Eu já lho tinha dito a Ele,  
às estrelas, aos pássaros, às plantas e às florescências; porque  
315 — vês tu? — as flores, as constelações, a graça, as pombas, tudo  
isso, toda essa efusão de bondade, de inocência e de graça, era  
simplesmente, ó adorada, um eterno bilhete de amor que eu te  
escrevia! —

E ajoelhados, extáticos, calados, eles sentiam misturar-se  
320 no seu coração, nas suas confidências, nos seus desejos, toda a  
vaga e imensa bondade da religião da graça.

E as suas almas falavam cheias de mistério.

298-9: nada dele, não? Tens lá a face] nada dela, não? Tens lá a fé

300: o brilho] o interior

301: [GP não faz parágrafo.]

305: cabelo; será a nossa estola. —] cabelo; será a nossa estola.

307-8: peito do] peito de J. M.] J. e M.]

314: estrelas, aos pássaros, às plantas] estrelas, às plantas, aos pássaros,

316: inocência e] inocência,

320: no seu coração, nas suas confidências, nos] ao seu coração, às suas confiên-  
cias, aos

— Vês tu? — dizia a alma dela. — Quando te vejo parece  
 325 que Deus diminui e se contrai e se vem aninhar todo no teu  
 coração; quando penso em ti, parece-me que o teu coração se  
 alarga, se estende, abrange o céu e os universos, e encerra por  
 toda a parte Deus!

— O meu coração — suspirava a alma dele — é uma con-  
 cha. O teu amor é o mar. Muito tempo esta concha viverá  
 330 afogada e perdida nesse mar. Mas se tu me expulsares de ti,  
 como numa concha abandonada se ouve ainda o rumor do  
 mar, no meu coração abandonado se escutará sempre o sussur-  
 ro do meu amor!

— Olha — dizia a alma dela — eu sou como um campo.  
 335 Tenho árvores e relvas. O que há em mim de maternidade é  
 árvore para te cobrir, o que há em mim de paixão é relva para  
 tu pisares!

— Sabes tu? — dizia a alma dele. — No céu há uma flores-  
 ta invisível de que apenas se vêem as pontas das raízes que são  
 340 as estrelas. Tu eras a toutinegra daqueles arvoredos. Os meus  
 desejos feriram-te. Eu, há muito que te vejo vir caindo pelo ar,  
 gemendo resplandecente, se o sol te alumia; triste, se a chuva  
 te molha. Há muito que te vejo vir descendo — quando cairás  
 tu nos meus braços?...

345 E a voz dizia: — Cala-te. — Não falavam.

E as duas almas, desprendidas dos corpos bem-amados,  
 subiam deslumbradas, inefáveis, ternas confundidas tinham o  
 céu por elemento, os seus risos eram os astros, a sua tristeza a  
 noite, a sua esperança a madrugada, o seu amor a vida, e sem-  
 350 pre mais ternas e mais vastas, envolviam tudo o que do mundo  
 sobe de justo, de perfeito, de casto: as orações, os prantos, as  
 ideias e estendiam-se por todo o céu, unidas e imensas — para  
 Deus passar por cima!

323: vejo] vejo,

324: diminui e se contrai e] diminui, e se contrai, e

342: gemendo resplandecente,] gemendo, replandecente / alumia; triste,] alumia,  
 triste

345: voz dizia: — Cala-te — Não] voz dela dizia: cala-te. Não

347: ternas] ternas;

351-2: prantos, as ideias] prantos, os ideais



355 E então à porta da varanda houve uma risada metálica, imensa e sonora. Eles ergueram-se resplandcentes, puros, vestidos de Graça. À porta estava o pai de Maria, hirtto, gordo, sinistro. Atrás, o homem da palidez de mármore balançava vaidosamente a pluma escarlate da guerra. O pajem ria, fazendo uma claridade na sombra.

360 O pai foi lentamente para Jusel e disse com escárnio:  
— Onde queres ser enforcado, vilão?

— Pai, pai! — Maria aflita, com uma convulsão de lágrimas, enlaçava o corpo do velho — não. É meu marido. Casá-mos as almas. Olhe, ali está. Veja. Ali, na imagem...

365 — O quê?

— Ali no peito. Veja. Os nossos nomes enlaçados como numa escritura. Veja. É meu marido. Só me quer bem. Mas veja. Sob o peito de Jesus no lugar do coração. Mesmo sob o coração. E ele, o doce Jesus, deixou que lhe fizessem mais esta ferida!

370 O velho olhava as letras enlaçadas como uns esposais divinos que se tinham refugiado no seio de Cristo.

— Raspa, meu velho, que isso é marfim! — gritou o homem dos olhos negros.

375 O velho foi para a imagem com a faca do cinturão. Tremia. Ia arrancar as raízes daquele amor até ao peito imaculado de Jesus!

E então a imagem, sob o justo e incorruptível olhar da luz, despregou uma das mãos feridas e cobriu sobre o peito as letras desposadas.

380 — É ele, Rabil! — gritou o homem da flor do cactus.

O velho soluçava.

E então o homem pálido que tocava na guitarra de Inspruck onde os pastores de Heliberg enroscam heras, veio tris-

357: homem da] homem de

358: [*Id.* em GP. Quando se descreve o Diabo pela primeira vez, na GP tem “gibão e gorra”, no MI “gibão de gola”. Não será aqui galha por [gorra]?]

362: pai] pai e

378: uma das] uma das suas

383: [Texto restabelecido a partir da GP, onde se lê “Helly-Berg”, pois no MI o tipógrafo fez uma mistura ininteligível, compondo “Helly-Bergeuros com”.]

temente junto da imagem, enlaçou os braços dos namorados,  
 385 como se vê nas velhas estampas alemãs, e disse ao pai:  
 — Abençoa-os, velho.  
 E saiu batendo rijamente nos copos da espada.  
 — Mas quem é? — disse o velho apavorado.  
 — Mais baixo, — disse o pajem da ânfora de Mileto. — É o  
 390 Diabo! Mil desejos, meus noivos!

---

Pelas horas da madrugada, na estrada de Necker, aonde as  
 cerejas luzem, o homem dos grandes cabelos negros dizia ao  
 pajem, branco como os Apolos de mármore:

395 — Estou velho. Vai-se-me a vida. Sou o último dos que  
 combateram nas estrelas. Os abutres já me apupam. É estranho:  
 sinto nascer cá dentro, no peito, um rumor de perdão.  
 Gostava daquela rapariga. Lindos cabelos louros, quem vos dera  
 no tempo do céu! Já não estou para aventuras de amor! A bela  
 400 Impéria diz que eu me vendi a Deus!

— A bela Impéria! — disse o pajem, — as mulheres! vaidades,  
 vaidades! As mulheres belas foram-se com os deuses belos.  
 Hoje os homens são místicos, frades, santos, namorados, tro-  
 vadores! As mulheres são feias, avaras, magras, burguesas, ves-  
 405 tidas de burel, finadas de cilícios, com uma pouca de alma  
 incómoda, e uma carne tão diáfana que se vê através o lodo  
 primitivo!... Misérias! Ai Atenas! Corinto! Mileto! Tenedos!  
 Abido!

410 — Vou achando risível a obra dos Seis Dias. As estrelas  
 tremem de medo e de dor. A Lua é um sol fulminado. Começa  
 a escassear o sangue pelo mundo e a aparecer muito a tinta.

389: baixo, —] baixo, / Mileto. — É o] Mileto. É o sr.

391: [Não há traço, mas sim um duplo intervalo na GP.]

392-3: as cerejas] as cerejeiras

407-8: [Nomes restabelecidos a partir da GP (que diz “Tenedos! Abydos!”), tendo o tipógrafo do MI composto: “Tevedos! Alydos!”. Trata-se sem a menor dúvida da vila de Abido, ao norte de Tróia, perto da ilha de Tenedos.]

Eu tenho gasto o mal. Fui pródigo. Se eu no fim da vida tinha de me entreter perdoando e consolando — para não morrer de tédio! Fica-te em paz, mundo! Sê infame, lamacento, podre, vil  
 415 e imundo, e sê todavia um astro no céu, impostor! E todavia o homem não mudou, é o mesmo. Não viste? Aquele, para amar, feriu com uma agulheta o peito da imagem. Como nos antigos tempos, o homem não começa a gozar um bem, sem primeiro rasgar a carne a um Deus! É esta a minha última  
 420 aventura. Vou para o meio da natureza, para junto do livre mar, pôr-me sossegadamente a morrer.

— Também os diabos se vão! Adeus, Satã.

— Adeus, Ganimedes.

E o homem e o pajem separaram-se na noite.

425 A poucos passos o homem encontrou um cruzeiro de pedra.

— Estás também deserto — disse olhando para a cruz. — Os infames pregaram-te e voltaram-te as costas! Foste maior que eu!... Sofreste calado.

430 E sentando-se nos degraus do cruzeiro, enquanto vinha a madrugada, afinou a guitarra e cantou, no silêncio:

Quem vos desfolhou, estrelas,  
 Dos arvoredos da luz?

— E com uma grande risada melancólica: —

435 Chegará o Outono ao Diabo?  
 Virá o Inverno a Jesus?

416: mudou, é] mudou. É

424: pagem separaram-se] pagem separam-se

432: desfolhou,] desfolhou

434: — E] E / melancólica: —] melancólica:

436: [Os quatro versinhos aparecem em itálico na GP.]



## Onfália Benoiton

Quem se lembra hoje da história de Onfália Benoiton, uma mulher nervosa, e de Estêvão Basco, um homem vencido e esquecido, e que todavia foi um homem?

5 As cartas que contam essa história de martírios reais e de falsas glorificações, tenho eu a alegria mefistofélica e bárbara de as copiar aqui.

10 A primeira carta assinada unicamente por uma letra — Z — é o documento incisivo e lúcido da sr.<sup>a</sup> Onfália Benoiton. É assim:

15 “A sr.<sup>a</sup> Onfália Benoiton, meu caro, é descendente das belezas gregas. Mesma materialidade de forma correcta e fria. Somente as mulheres gregas eram musas, cantavam nos festins, ao modo iónio, coroadas de mirtos; discutiam com os sábios e com os filósofos, celebravam com as túnicas soltas as Elêusis de Baco, edificavam cidades, eram os modelos da arte, e a ins-  
20 piração dos tiranos. E a sr.<sup>a</sup> Onfália Benoiton com os seus vestuários onde há uma provocação especuladora, as suas atitudes masculinas, os penteados disformes que lhe dão uma aparência de animalidade audaz, com a sua pele colorida, e as maculações da sua vida de fadiga trivial e de aparato sonolento,

1: [In GP, Lisboa, 1867, 6.º ano, n.º 1515, Domingo, 15 de Dezembro, p. 1 e 2. Recolhido in EdC, vol. VIII, em apêndice às PB, pp. 551-552.]

25 lembra uma daquelas Vénus de corpos harmónicos, que depois de ter atravessado este exílio moderno, a velhice, a miséria, e o vício imbecil — se vestisse de roupas bárbaras e grotescas, para parecer ainda, de longe, à luz soluçante do gás, um ídolo material — aos idiotas!

30 “A sr.<sup>a</sup> Onfália Benoiton, é um pouco magra e nervosa. É um corpo alto, coberto de estofos, pedestal dum crânio vazio. As suas formas, dignas talvez do *biscuit*, sem contorno inteligente e espiritual, não conseguem encobrir o lodo primitivo. Nenhuma ideia nas atitudes e nos gestos: só a retórica da futilidade. Tem uma graça oficial; compõe um olhar, com o mesmo trabalho compassado e métrico, com que um poeta arcádico cinzela um verso. Tem sempre a pele admiravelmente colorida: tem o segredo do rosado da face casto e transparente.

35 “Desenha as sobrancelhas com a delicadeza de um artista chinês. Põe em redor do olhar uma cor de sépia ligeira semelhante a fadiga, invejável para uma imagem de Impéria ou de Ninon.

40 “A sua fisionomia bela e trivial tem a vaga intenção das aves de rapina. Toma umas atitudes de tédio e de indolência, semelhantes às que têm os viciosos de absinto.

45 “Caminha com o seio erguido, com a pompa de quem arrasta atrás de si toda a atmosfera e o ar de todos os peitos. Dança com os movimentos melodiosos que teria Juno se tivesse passado dois séculos a frequentar os casinos. Tem sob uma bela fragilidade muscular, um apetite vasto e um amor cálido das bebidas. As indústrias têm maculado aquele corpo: o gás amoleceu-lhe o olhar, os espartilhos de Birmingham desvaneceram-lhe o modo feminino. Pelo materialismo idiota é muito inferior aos ídolos egípcios, pela originalidade risível do vestuário muito superior às caricaturas chinesas.

50 “É toda a síntese do nosso tempo: é a entrevista grotesca dos erros modernos. O olhar metálico é o símbolo [do] dinheiro. A boca é nervosa e móbil, os dentes acerados, e dum branco morto: é a difamação, a intriga, a palavra fútil que corrói as construções da alma.

“A mão delgada, flexível, magra, adunca, significa a agiotagem, o materialismo avaro e covarde.

60 “Onfália Benoiton é a tragicomédia da affectação e da vaidade. Para modelar a sua alma seria necessário inventar uma lama. Colocada inferiormente, prende-se a todas as ideias oficiais [da] aristocracia, realza, elegância, moda, com a mesma insistência violenta e vaidosa, com que o pó se prende ao veludo.

65 “Tem uma maneira insultante e vã de trazer os seus vestuários — de tal sorte que o seu *chignon* parece uma carranca feita ao céu, e as suas caudas beijos dados à lama. A sua existência é pintar-se, *fazer-se*, trocar friamente recepções e diálogos, transfigurar o vestuário numa celebração misteriosa, decorar a comédia das modas, passear ostentadamente, errar pelas  
70 óperas, pelos casinos, pelos saltimbancos, dançar, envolver-se no combate da beleza e da seda, dar-se à fadiga dissolvente do luxo. Eu pôr-lhe-ia por epitáfio: *aquí jaz o ruído de um bocejo*.

75 “Tem todos os prejuízos do seu tempo. Tem o espírito das pequenas maquinações femininas, das ironias dolorosas, dos escárnios ininteligentes. Adora os romances dramáticos de sangue, pelo mesmo motivo por que as damas romanas aplaudiam a morte dos gladiadores. Todos os dias as suas belezas lhe dizem: oh Cesareia, as que vão morrer saúdam-te. Prefere Léotard a Shakespeare: — isto contém um carácter. Copia o modo de falar das actrizes. Há só uma coisa que a distrai de admirar os saltimbancos, é ter de pensar na libré dos lacaios.

80 “Para ela a natureza é uma decoração; a alma uma impertinência dos pobres; o cemitério uma infâmia de Deus.

85 “Assim vive na comédia do luxo, radiosa, contente, idiota, desfolhando o corpo, pensando nos vestuários, criando enfeites, até que Deus por entre as névoas do cemitério, lhe mostre o último figurino, o supremo adorno sinistro, — a mortalha à *Benoiton!*”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Este tipo, felizmente não existe em Portugal. Podemos aplaudir-nos desta inocência relativa. Existe sobretudo em New York, Paris, Londres, e S. Petersburgo. É o último resultado das civilizações violentas. Aqui está traçado arrebatadamente, à maneira das pinturas de Goya. No entanto existe, idiota e inofensivo, e sobretudo inofensivo. [N.d.A.]

80: [Jules Léotard (1837-1870) era propriamente um saltimbanco, que inventou o trapézio volante e se exhibia em circos. Vestia um colã que passou a chamar-se «léotard», «leotardo», entre os acrobatas e não só.]



90 A segunda carta, escrita por A., o melhor de nós todos, espírito criador e lógico, fala largamente do escritor Estêvão Basco:

95 “Estive ontem, dizia a carta de A., com Estêvão Basco. É uma alma justa e sã, mas tímida e apaixonada, forte para o sacrifício, cheia das nobres morais latinas, mas idealista e nervosa, tendo assim toda a antiga virtude estóica com muitos dos dolorosos erros modernos.

100 “Este homem antes que os seus livros fossem comentados e estudados, antes de ser a voz alta e sensata, para que correm todos os espíritos novos, como para a lição visível das almas, antes de ter o seu jornal incisivo, livre, cheio de pensamentos e de revelações, — teve uma existência de miséria, numa trapeira, sem sol, sem repouso, sem amizades purificadoras. Sentiu, uma a uma, as sete dores, que a vida costuma cravar nas almas  
105 possuídas do ideal.

110 “Criança tinha sofrido todas as tristezas incisivas da escola, espécie de prólogo chorado sobre a tragicomédia humana: mais tarde, nos positivismos da família, tinha sentido aquela luta íntima do ideal e do real, que deixa no espírito eternas feridas, que sangram e que alumiam. Depois tinha vivido, escuramente, no pequeno jornalismo, caricatura fluida da vida cerebral, e ali tinha sofrido a intriga, a difamação, o escárnio, e a fome. Muito tempo o seu corpo chorou pelo calor e pelo repouso, como a sua alma chorava pelo ideal e pela fé.

115 “Hoje entra esta geração sonolenta, nocturna, inútil, e fraca, homens entorpecidos pela retórica, pelos textos, pelas regras, que petrificam as livres palpitações do ser, que passam um traço negro sobre o ideal, que são os fechos da bíblia humana, que são os sacristães da arte e os glorificadores de toda a víscera  
120 morta — ele, Estêvão Basco, é o único que voltado contemplativamente para as augustas claridades da ciência da arte, concentrado como um solitário antigo, vivendo pelo verdadeiro e

115: [Sic. Os editores, menos NA, propõem [entre]. No entanto a construção e a pontuação, permitem manter o texto original.]

125 pelo belo, vai lentamente, com dores resistentes, levando os entendimentos para o útil, para o justo, para o verdadeiro, e para o racional.

130 “Leu-me os seus estudos sobre a história e sobre a arte. É um livro poderoso e cheio de vida. Combate os petrificadores, conservadores da história, cujo intento é imobilizar nos arquivos as atitudes superficiais dos reis e das cortes. Ele quer que a história seja a reconstrução da alma do passado, uma ressurreição humana. Não podem bastar à consciência crescente do homem, as crônicas escassas e concisas de batalhas, de diplomacias, de aparatos e de vinganças. Estêvão Basco pensa que, há muito, na história se tem afastado sempre para os últimos  
135 planos a grande figura do povo: e é ele, a sua alma ambiciosa, e progressiva, as suas livres palpitações, as suas transfigurações e as suas misérias, que a história deve surpreender, através das literaturas e da arte. Sob este ponto de vista ele aceita na arte todas as escolas, ou manifestações duma tendência espiritual,  
140 ou expressão dum estado de animalidade e de materialismo, ou resultado duma doença idealista e nervosa (1830) — logo que eles representem fielmente a sua época, e sejam os documentos das almas extintas. Lerás em breve este livro eloquente; provam-se as últimas folhas.

145 “Mas o que fará a sua voz, a sua forte voz, cheia da equidade que lhe enche o peito, neste tempo de instintos animais, e de consciências fluidas?

150 “Felizmente, a sua alma tem ficado pura, e isolada na torre de marfim do ideal, no meio desta vida moderna, que ele é constrangido a partilhar, entre o povo pálido do dinheiro, e as sacerdotisas do luxo e todos os errantes da ambição. E ele afasta-se sempre de todo este movimento sonoro e coberto de luz, onde há o vago rir descorado, a retórica da graça, e a largura das saias e das consciências, para ir pensar, só, no silêncio da  
155 alma, na família, na maternidade, no sossego, e naquela união do homem e da mulher, limitada e divina — em que ambos estendem a alma sobre o mundo, para Deus passar por cima! Não te lembras daquelas estampas alemãs em que os pares silenciosos, que parecem ter a loucura elegíaca do amor, enquanto  
160 to a quermesse ruge nos primeiros planos, se afastam, e se



perdem no fundo indefinido da folhagem — para se irem sentar à sombra do cruzeiro? Assim é ele. Estêvão Basco todavia, na sua serenidade superior, não faz a sátira do luxo e da meiga farsa dos estofos e das pedrarias. Ele, o grande obreiro desper-

165 to das ideias, apenas se ri alegremente dos dormentes do luxo. Síbaris nunca conseguiu mais do que provocar o riso protector de Esparta.

“Para ele, não vale nada, como sintoma, este triunfo estéril e momentâneo do luxo. Segundo ele, o luxo audacioso,

170 violento, bárbaro, idiota, é apenas um pequeno desmentido grosseiro dado à alma, tão risível, como a vaidade de um *sportsman* que quisesse raspar Deus da Bíblia.

“Dizia-me ele, que as saias das mulheres não podem ser, como receiam os juvenais da caricatura, o prólogo de uma

175 decadência. Os sintomas das transformações espirituais não podem partir dos jornais de modas. Graças a Deus, um figurino ainda não é o cartaz de uma revolução. Existe sim um luxo animal, um apodrecimento calculado de tudo o que é Justiça e Beleza, — mas isto é apenas uma doença da forma. A serenidade justa da alma nada tem com as pequenas borbulhas que vêm

180 à pele. São furúnculos que se curam pela supuração. A bela saúde vital permanece na sua pureza e na sua força. E segundo Estêvão Basco nada pode haver mais risível e mais inofensivo, do que as tiranias que se vestem à militar, ou as decadências

185 que se vestem à Benoiton.

“E todavia Estêvão Basco odeia aquelas mulheres, sem electricidade e sem magnetismo, inertes e materiais, perdidas na fadiga trivial do aparato, que foram anuladas pelo luxo, cobertas da cabeça aos pés por um vestuário-epitáfio da graça.

190 Receio mais as tabuinhas do seu leque, disse-me ele, do que as grandes tábuas do esquife. Porque enfim, morrer e dissolver é transformar-se: e transformar-se é ainda viver, ter seiva, força, sol e consciência. Mas prender-se a uma daquelas mulheres é assistir em roda de si à queda dolorosa, e ao desvanecimento

195 dos nossos sentimentos, das nossas ambições espirituais, das nossas ideias, das nossas criações. O seu amor é como uma mortalha: colada ao corpo, deixa ainda pressentir que a forma existe, e manifesta que a alma se dissipou. Diante destas mu-



200 lheres, disse ele, sinto que em lugar do coração se me vem  
colocar um pedaço de cérebro. Evito-as. Não quero dar aos  
meus olhos o hábito da nódoa. Não quero que elas me esfar-  
rapem a alma para fazer mortalhas às suas consciências. Assim  
diz. Realmente naquele olhar cheio de natureza não fazem falta  
205 os rostos pintados. Naquela alma, povoada de Deus, não fa-  
zem falta os figurinos.<sup>2</sup>”

A terceira carta que eu abro para copiar, já triste, é de  
Jacques, um pobre artista, escultor, medíocre imitador dos  
gregos, que diz descaradamente os factos desta história mise-  
rável:

210 “Estamos ainda surpreendidos, meu amigo, pelo desenlace  
desta farsa humana. Estêvão Basco tinha conhecido numa igre-  
ja Onfália Benoiton. Cantava-se o *requiem* de Mozart. Era um  
ofício clerical em dia de mortos. Tinha sido dominado por  
aquela beleza escultural e nervosa, toda coberta de preto. De-  
pois encontraram-se numa daquelas festas em que sempre me  
215 pareceu que as camélias, flores do tédio, olham idiotamente,  
sem alma, para as inquietações soluçantes do gás. Estêvão Basco,  
numa sala distante da multidão magnética das mulheres, fazia  
a sátira dos penteados disformes, das caudas, e das cintas mo-  
dernas onde pendem argolas. Estava com o escritor Sérgio, com  
220 o antiquário Selinas, com Sarça, o cinzelador. Onfália Benoiton  
que tinha escutado, pediu-lhe que lhe escrevesse uma palavra  
na vara branca do leque.

“Estêvão escreveu:

225 Oh Satã tenebroso, trágico fulminado,  
Tu vencerás em mim o íntimo Deus bom,  
Não com as armas bíblicas com que bateste os astros;  
Mas vindo unicamente, vestido à Benoiton!

---

<sup>2</sup> Este tipo infelizmente não existe em Portugal. Devemos lamentar esta inferioridade absoluta. Existe em Paris, em Berlim, na Itália, na Irlanda. É a última salvação das decadências. Aqui está traçado, transparentemente, à maneira de Ary-Sheffer. No entanto existe, sublime e criador — sobretudo criador. [N.d.A.]

230 “Onfália levou-o pelo braço para as iluminações feéricas, para a acção eléctrica dos espelhos, para a claridade magnética dos ombros nus, transformou-o com as suas exalações lânguidas, com as irradiações doentias do olhar, com aquela essência nervosa dos seus cabelos falsos, que deviam ser mais macios ao contacto, que a pura plumagem da cabeça das rolas. Onfália Benoiton, com aquela voz abafada e velada que  
235 ela tem às vezes, que parece que lhe estão dando beijos no coração, disse a Estêvão Basco que lhe limpasse o vestido, enlameado nas ruas do jardim. Estêvão limpou o pó, a humidade e a lama!

240 “Desde então Estêvão Basco tirou lentamente da alma, uma a uma, as santas ideias castas, a Justiça, a Beleza, a Razão, a Honra, para dar lugar à imagem coberta de sedas e de cabelos mortos, de Onfália Benoiton.

245 “Estêvão com o seu trabalho severo e robusto, dava o pão a três irmãs puríssimas, e a sua mãe, velha, doente, triste, meia desvanecida em Deus.

250 “As doces raparigas, meigas e delicadas, como as mais lindas virgens de oiro fino que se pintavam nos livros de lendas, tinham vestidos de cassa, e todo o dia trabalhavam nos seus castos paraísos, cheios das vozes dos canários. Ele passeava sempre com elas, nas alamedas silenciosas, como os antigos sábios das gravuras flamengas. Desde então Estêvão Basco nunca mais passeou nas alamedas. Desamparou a casa, a família, e a alcova cheia da celebração do estudo. Perdido entre as despesas do luxo deixou ao abandono a mãe e as três irmãs. Não  
255 havia dinheiro em casa.

260 “Elas, as tristes silenciosas, bordavam, costuravam, vendiam ramos aos floristas. No Inverno não havia lume. Nem sempre havia pão. Roxas de frio, esfomeadas, cosiam e choravam. Foram viver para uma trapeira, batida do vento e da chuva. Ali morreu a mãe, aquela doce alma dolorosa, numa tarde, ao escurecer. O sol talvez, ao ir-se, levou aquela alma por engano, como uma pureza e uma virtude da sua luz. Ninguém tão amante, tão triste e tão casta. Foi enterrada no cemitério, entre a erva comum, com uma cruz. Talvez agora sobre  
265 aquela cruz, cantem os rouxinóis.



“As raparigas tinham cabelos magníficos, indomáveis e compridos; venderam os seus cabelos. Estêvão, com Onfália Benoiton, errava pelas óperas, pelos casinos, pelas salas, entre as sedas, os tules, e as festas. Renegou as fortes e sãs amizades do estudo e da ciência. O seu jornal acabou desamparado e espoliado. Fez contratos terríveis com os editores para livros futuros de crítica e de moral. Mas não escrevia, não pensava, não vivia pelo espírito.

“Enfim casou com Onfália Benoiton. Tiveram dois anos, carnis e contentes. Por fim, ele tinha assinado letras, foi penhorado nas mobílias. Voltou ao pequeno jornalismo. Criou uma folha de difamação. Insultava a tanto por linha. Veio-lhe à alma a esterilidade. Embranqueceram-lhe os cabelos. Onfália Benoiton andava de noite com um vestido de chita. Estêvão esmagado, desesperado, vendeu-se de corpo e de alma, a um jogador terrível — Mincoso. Roubou. Voltaram os magnetismos do luxo. Onfália namorou-se do cinzelador Sarça, espírito frio e retórico. Depois deu-se ao tenor Vidaletti.

“Estêvão soube. Tinha um materialismo sem dignidade. Comprou-lhe a fidelidade com vestidos. Estêvão dava o vestido; ela cedia o homem. Voltou a miséria. A casa de jogo foi dispersa pela polícia. Veio a fome. Estêvão escrevia cantigas obscenas para um editor de almanaques imbecis e infames. Um dia encontrou Onfália com um saltimbanco. Estêvão tinha fome. O saltimbanco atirou-lhe dinheiro. Estêvão contou-o, e saiu assobiando. Um dia encontrou a irmã que era florista e tinha casado com um homem trigueiro do trabalho, alma sã e vivificadora como o sol. Estêvão pediu-lhe para pão. — Tu não me desprezas ao menos, não é verdade? disse ele. — A irmã olhou-o tristemente. — Não é verdade que me não desprezas? — Muitíssimo, disse ela. Onfália Benoiton fugiu com o jogador Mincoso. Estêvão foi viver para uma trapeira, com um coveiro, e com um palhaço. Adoeceu. Durante a febre o coveiro cosia os seus botões, cantando o ofício dos mortos; o palhaço para estudar os saltos pulava por cima da enxerga de Estêvão. Ele tinha então uma amante, corista dum casino. Ela ia todos os dias dar-lhe um caldo. O coveiro e o saltimbanco às vezes não vinham à trapeira durante dias. Uma dessas vezes a corista



305 não veio. Estêvão tinha sede. Chamou. A água estava em cima num vão do telhado, numa bilha. Ele chorava de febre, de sede, e de tristeza. Anoteceu.

“No pátio da casa havia uma laranjeira. De noite no silêncio, ele ouviu cantar um rouxinol. Teve a visão da sua vida de estudo, e de serenidade. Chorava de sede. Ergueu-se tremendo, e arrastou-se: no primeiro degrau da escada do vão, caiu. O sangue caía-lhe da testa e entrava-lhe na boca, com as lágrimas. Ao outro dia estava quase a expirar. Melhorou todavia. Andou pedindo de porta em porta, com os antigos orgulhos, que lhe dessem o pão do trabalho. Ninguém lhe deu nada.

315 “Um dia encontrou um dos antigos camaradas das festas, a cavalo com outros. O camarada do luxo veio para ele e atirando-lhe o chapéu ao chão, com a ponta do chicote: “Estás calvo, pobre homem, disse rindo. Tens tu fome?

320 “— És bem curioso, disse Estêvão voltando as costas, sereno. E foi-se, assobiando.

“A corista levou-o para o teatro. Ganhava ali o pão, fazendo de urso numa mágica. Caíram-lhe os dentes. Andava roto, com a barba crescida, lívido, e um casaco preto, diáfano, lustroso, colado à magreza do corpo.

325 “Conheceu então uma linda rapariga, de treze anos, clara e loira, que pedia na rua. Estêvão deu-lhe um lugar na trapeira. Tomou-lhe um amor puro e todo paterno. Para se embrutecer, começou a beber aguardente. Tinha a vista debilitada, trazia uns óculos escuros; tinha feridas nos ouvidos e trazia-os cheios de algodão. Vivia fazendo cantigas grosseiras, para o velho editor dos almanaques. A rapariguinha adoeceu. Era a fome, o frio, a miséria e a febre. Ele velava junto dela, triste, chorando, e compondo os versos imundos.

330 “A rapariga piorava. Tremia de frio na enxerga. Ele procurava aquecê-la com o hálito: a pobre miserável, que tinha ainda a sensibilidade e o olfacto, fugia com o rosto, porque o hálito era mau. A rapariga morreu.

340 “Nesse dia ele tinha bebido longamente na taverna. Quando subiu à trapeira, e viu a triste, inerte, fria, e hirta, deu com a ponta do pé no corpo inanimado, gritando: *Pouah!* coisa morta! Passado tempo voltou-lhe a consciência da vida. Caiu

345 numa tristeza dolorosa. Veio-lhe uma saudade profunda da rapariga, morta na trapeira. Ia vê-la ao cemitério, à vala dos pobres onde ela estava. Como ela não gostava que ele bebesse, e ele se lembrava das lágrimas dela, não voltou às tavernas da noite.

350 “Ia levar rosas e rainúnculos ao cemitério, ao lugar onde ela apodrecia debaixo da erva. Era necessário tirá-lo de lá com violência. Chorava pela fome que ela tinha tido, pelo frio com que ela tinha estremeado.

“Ficava junto do muro do cemitério de noite, ajoelhado, perdido numa saudade, imensa como a noite, e mais doce que a lua.

355 “Dormia pelos adros e pelos portais. Tinha um companheiro, um cão, com quem se embrulhava na mesma manta. O cão morreu. Ele adoeceu e foi recolhido ao hospital. Ali não era o escritor Estêvão Basco, era o n.º 27 da sala de St.º Amaro. Uma madrugada, teve um estremeamento, e morreu. Ao outro dia de tarde foi levado, para a vala dos pobres, numa tumba da Misericórdia.”

360

351: [GP: “ficara”.]





## Memórias duma Forca

Foi por um modo sobrenatural que eu tive conhecimento deste papel, onde uma pobre forca apodrecida e negra, dizia alguma coisa da sua história. Esta forca intentava escrever as suas trágicas *Memórias*. Deviam ser profundos documentos sobre a vida. Árvore, ninguém sabia tão bem o mistério da natureza; forca, ninguém conhecia melhor o homem. Nenhum tão espontâneo e verdadeiro como o homem que se torce na ponta duma corda — a não ser aquele que lhe carrega sobre os ombros! Infelizmente a pobre forca apodreceu e morreu.

Entre os apontamentos que deixou, os menos completos são estes que copio — resumo das suas dores, vaga aparência de gritos instintivos. Pudesse ela ter escrito a sua vida complexa cheia de sangue e de melancolia! É tempo de sabermos enfim qual é a opinião que a vasta natureza, montes, árvores e águas, fazem do homem imperceptível. Talvez este sentimento me leve ainda algum dia a publicar papéis que guardo avaramente e que são as *Memórias dum átomo*, e os *Apontamentos de Viagem duma raiz de Cipreste*.

Fá-lo-ei se a vasta matéria que reparte a vida do corpo o consentir, do que duvido, felizmente!

1: [In GP, Lisboa, 1867, 6.º ano, n.º 1521, Domingo 22 de Dezembro, p. 1. Recolhido por LI, PB.]

Diz assim o fragmento que eu copio — que é simplesmente o prólogo das *Memórias*:

«Sou duma antiga família de carvalhos, raça austera e forte — que já na Antiguidade deixava cair dos seus ramos — pensamentos para Platão. Era uma família hospitaleira e histórica: dela tinham saído navios para a derrota tenebrosa das Índias, contos de lança para os alucinados das Cruzadas, e vigas para os tectos simples e profundos que abrigaram Savonarola, Spinoza e Lutero. Meu pai esquecido das altas tradições sonoras e da sua heráldica vegetal teve uma vida inerte, material e profana. Não respeitava as nobres morais antigas, nem a ideal tradição religiosa, nem os deveres da história. Era uma árvore materialista. Tinha sido pervertida pelos enciclopedistas da vegetação. Não tinha fé, nem alma, nem Deus! Tinha a religião do sol, da seiva e da água. Era o grande libertino da floresta pensativa. No Verão, enquanto sentia a fermentação violenta das seivas, cantava movendo-se ao sol, acolhia os grandes concertos de pássaros boémios, cuspiam a chuva sobre o povo curvado e humilde da erva e das plantas e de noite, enlaçado pelas heras lascivas ressonava sob o silêncio sideral. Quando vinha o Inverno, com passividade animal dum mendigo, erguia para a impassível ironia do azul os seus braços magros e suplicantes!

«Por isso nós, os seus filhos, não fomos felizes na vida vegetal. Um dos meus irmãos foi levado para ser tablado dos palhaços: ramo contemplativo e romântico ia todas as noites ser pisado pela chufa, pelo escárnio, pela farsa e pela fome! O outro ramo cheio de vida, de sol, de poeira, áspero solitário da vida, lutador dos ventos e das neves, forte e trabalhador, foi arrancado dentre nós, para ir ser tábua de esquite! — Eu o mais lastimável, vim a ser forca!

«Desde pequeno fui triste e compassivo. Tinha grandes intimidades na floresta. Eu só queria o bem, o riso, a dilatação salutar das fibras e das almas. Eu roubava todo o orvalho da casa para o atirar a umas pobres violetas, que viviam por baixo de nós, doces raparigas ltuosas, melancolias condensadas e vivas da grande alma silenciosa da vegetação. Agasalhava todos os

60 pássaros na véspera dos temporais. Era eu quem asilava a chuva. Isso era triste. Ela vinha, com os cabelos esguelhados, perseguida, mordida, retalhada pelo vento! Eu abria-lhe as ramagens e as folhas, e escondia-a ali ao calor da seiva. O vento passava confundido e imbecil. Então a pobre chuva, que o via longe, assobiando lascivo, deixava-se escorregar silenciosamente, pelo tronco, gota por gota, para o vento a não perceber, e ia de rastos, por entre a erva acolher-se à vasta mãe água! Tive por esse tempo uma amizade com um rouxinol que vinha conversar comigo durante as longas horas consteladas do silêncio. O pobre rouxinol tinha uma pena de amor! Tinha vivido num país distante onde os noivados têm mais moles preguiças: lá se enamorara; comigo chorava em suspiros líricos. E tão mística pena era que me disseram que o triste, de dor e desesperança se deixara cair na água!

75 «Pobre rouxinol! Ninguém tão amante, tão viúvo, tão inteligente e tão casto! Dorme na sepultura errante da água, entre o lodo de todos. Eu queria proteger todos os que vivem. E quando as raparigas do campo vinham para junto de mim chorar, eu erguia sempre as minhas ramagens como dedos para apontar à pobre alma aflita de lágrimas todos os caminhos do céu!

80 «Nunca mais! Nunca mais, verde mocidade distante.

85 «Enfim eu tinha de entrar na vida da realidade. Um dia, um daqueles homens metálicos que fazem o tráfico da vegetação veio arrancar-me à árvore. Não sabia eu o que me queriam. Deitaram-me sobre um carro e ao cair da noite, os bois começaram a caminhar, enquanto ao lado um homem cantava, no silêncio da noite. Eu ia ferido e desfalecido. Via as estrelas com os seus olhares lancinantes e frios. Sentia-me separar da grande floresta. Ouvia o rumor gemente indefinido, arrastado das árvores. Eram vozes amigas que me chamavam!

90 «Por cima de mim voavam aves imensas. Eu sentia-me desfalecer, num torpor vegetal, como se estivesse sendo dissipado na passividade das coisas. Adormeci. Ao amanhecer

89: [GP: “gemente indeferindo”.]



95 íamos entrando numa cidade. As janelas olhavam-me com olhos  
ensanguentados, e cheios dum sol irado. Eu só conhecia as  
cidades pelas histórias que delas contavam as andorinhas, nos  
serões sonoros da espessura. Mas como ia deitado e amarrado  
com cordas, apenas via os fumos e um ar opaco. Ouvia um  
rumor áspero e desafinado, onde havia soluços, risos, bocejos,  
100 e mais o surdo roçar da lama, e o tinido sombrio dos metais.  
Eu sentia enfim o cheiro mortal do homem! Fui arremessado  
para um pátio infecto, onde não via o azul e o ar. Comecei  
então a compreender que uma grande imundície cobre a alma  
do homem, porque ele se esconde tanto das vistas do sol!

105 «Uns homens vieram, que me deram desprezivelmente com  
os pés. Eu estava num estado de torpor e de materialidade, que  
nem sentia as saudades da pátria vegetal. Ao outro dia um ho-  
mem veio para mim e deu-me golpes de machado. Não senti  
mais nada. Quando voltei a mim, ia outra vez amarrado no  
110 carro, e pela noite, um homem aguilhoava os bois, cantando.  
Senti lentamente renascer a consciência e a vitalidade. Parecia-  
-me que eu estava transformado numa outra vida orgânica. Não  
sentia a magnética fermentação da seiva, a energia vital dos  
filamentos e a superfície viva das cascas. Em redor do carro iam  
115 outros homens, a pé. Sob a brancura silenciosa e compassiva da  
lua, tive uma saudade infinita dos campos, do cheiro dos feno,  
das aves, das relvas, de toda a grande alma vivificadora de Deus,  
que se move entre a ramagem. Eu sentia que ia para uma vida  
real, de serviço e de trabalho. Mas qual? Eu tinha ouvido falar  
120 das árvores que vão ser lenha, aquecem e criam, e tomando entre  
a convivência com os homens a nostalgia de Deus, lutam com  
os seus braços de chamas para se desprender da terra: essas  
dissipam-se na augusta transfiguração do fumo, vão ser nuvens,  
ter a intimidade das estrelas e do azul, viver na serenidade bran-  
125 ca e altiva dos imortais, e sentir os passos de Deus!

«Eu tinha ouvido falar das que vão ser vigas da casa do  
homem: essas, felizes e privilegiadas, sentem na penumbra  
amorosa a doce farsa dos beijos e dos risos, são amadas, vesti-

117: [G\*: “grande lama”.]

130 das, lavadas, encostam-se a elas as costas dolorosas dos Cristos,  
são os pedestais da paixão humana, têm a alegria imensa e  
orgulhosa dos que protegem; e, risos das crianças, ais namora-  
dos, confidências, suspiros, elegias da voz, tudo o que lhes faz  
lembrar as murmurações da água, o estremecimento das fo-  
135 lhas, as cantigas dos ventos, — toda essa graça escorre sobre  
elas, que já gozaram a luz da matéria, como uma imensa e  
bondosa luz da alma.

«Eu tinha ouvido falar também nas árvores de bom desti-  
no, que vão ser mastros de navio, ter o cheiro da maresia e as  
140 lendas do temporal, viajar, ver, lutar, viver, levadas pelas  
águas, através do infinito, entre surpresas radiosas — como al-  
mas arrancadas do corpo que fazem pela primeira vez a via-  
gem do céu!

«Que iria eu ser? eu? — Chegámos. Tive então a visão real  
do meu destino. Eu ia ser forca!

145 «Fiquei inerte, dissolvido na aflição. Ergueram-me. Dei-  
xaram-me só, tenebroso, num campo. Tinha enfim entrado na  
realidade pungente da vida. O meu destino era matar. Os  
homens, cujas mãos andam sempre cheias de cadeias, de cordas  
e de pregos, tinham vindo aos carvalhos austeros, buscar um  
150 cúmplice! Eu ia ser a eterna companheira das agonias. Presos a  
mim iam balouçar-se os cadáveres, como outrora as verdes  
ramagens orvalhadas!

«Eu ia dar esses negros frutos: os mortos! —

155 «O meu orvalho seria de sangue. Ia escutar para sempre,  
eu o companheiro dos pássaros, doces tenores errantes, as ago-  
nias soluçantes, os gemidos da sufocação! As almas ao partir  
rasgar-se-iam nos meus pregos. Eu, a árvore do silêncio e do  
mistério religioso, eu cheia de augusta alegria orvalhada e dos  
salmos sonoros da vida, eu que Deus conhecia por boa e  
160 consoladora, havia de mostrar-me às estrelas, ao sol, às nuvens,  
ao vento, aos meus antigos camaradas puros e justos, eu a ár-  
vore viva dos montes, de intimidade com a podridão, de cama-  
radagem com o carrasco, sustentando alegremente um cadáver  
pelo pescoço, para os corvos o esfarraparem!

165 «E isto ia ser! Fiquei hirta e impassível como nas nossas  
florestas, os lobos quando se sentem morrer.



«Era a aflição. Eu via ao longe a cidade coberta de névoa.

«Veio o sol. Em roda de mim começou a juntar-se o povo. Depois, através dum desfalecimento, senti o ruído de músicas tristes, o rumor pesado de batalhões, e os cantos dolentes dos  
170 padres. Entre dois círios, vinha um homem lívido. Então confusamente, como nas aparências inconsistentes do sonho, senti um estremecimento, uma grande vibração eléctrica, depois a melodia monótona e arrastada do canto católico dos mortos!

175 «Voltou-me a consciência.

«Estava só. O povo dispersava-se e descia para os povoados. Ninguém. A voz dos padres descia, lenta, como a última água duma maré. Era ao fim da tarde. Vi. Vi livremente. Vi. Dependurado de mim hirto, esguio, com a cabeça caída e  
180 deslocada, estava o enforcado! Arrepiei-me!

«Eu sentia o frio e a lenta ascensão da podridão. Ia ficar ali, de noite, só, naquele descampado sinistro, tendo nos braços aquele cadáver! Ninguém.

185 «O sol ia-se, o sol puro. Onde estava a alma daquele cadáver? Tinha passado já? Tinha-se dissipado na luz, nos vapores, nas vibrações? Eu sentia os passos da triste noite, que vinha. O vento empurrava o cadáver, a corda rangia.

190 «Eu tremia, numa febre vegetal, dilacerante e silenciosa. Eu não podia ficar ali só. O vento levar-me-ia, atirando-me aos pedaços, para a antiga pátria das folhas. Não. O vento era brando: quase somente a respiração da sombra! Tinha vindo então o tempo em que a grande natureza, a natureza religiosa era abandonada às feras humanas? Os carvalhos já não eram  
195 pois uma alma? Podia, com justiça, vir o machado e as cordas buscarem os ramos criados pela seiva, pela água e pelo sol, trabalho suado da natureza, forma resplandecente da intenção de Deus, e levá-los para as impiedades, para os tablados da força onde apodrecem as almas, para os esquifes onde apodrecem os corpos? E as ramagens puras, que foram testemunhas das  
200 religiões, já não serviam senão para comentar as penalidades humanas? Serviam só para sustentar as cordas, onde os saltimbancos bailam, e os condenados se torcem? Não podia ser.

«Pesava sobre a natureza uma fatalidade infame. As almas dos mortos, que sabem o segredo e compreendem a vegetação,



205 achariam grotesco que as árvores depois de terem sido colocadas por Deus na floresta com os braços estendidos — para abençoar a terra e a água — fossem arrastadas para as cidades, e obrigadas pelo homem a estender o braço da forca para abençoar os carrascos!

210 «E depois de sustentarem os ramos de verdura — que são os fios misteriosos, mergulhados no azul, por onde Deus [se] prende à terra — fossem sustentar as cordas da forca, que são as fitas infames por onde o homem se prende à podridão! Não! se as raízes dos ciprestes contassem isto em casa dos mortos —  
215 faziam estalar de riso a sepultura!

«Assim falava eu na solidão. A noite vinha lenta e fatal. O cadáver baloiçava-se ao vento. Comecei a sentir palpitações de asas. Voavam sombras por cima de mim. Eram os corvos. Poisaram. Eu sentia as penas imundas; afiavam os bicos; no  
220 meu corpo, penduravam-se, ruidosos, cravando-me as garras.

«Um poisou no cadáver e pôs-se a roer-lhe a face! Solucei dentro de mim. Pedi a Deus, que me apodrecesse subitamente. Era uma árvore das florestas a quem os ventos falavam! Servia agora para afiar os bicos dos corvos, e para que os homens dependurassem de mim os cadáveres, como vestidos velhos de carne, esfarrapados! Oh! meu Deus, soluçava eu ainda, eu não quero ser relíquia de tortura: eu alimentava, não quero aniquilar; era a amiga do semeador, não quero ser a aliada do covairol! Eu não posso e não sei ser a justiça. A vegetação tem uma  
225 Augusta ignorância: a ignorância do sol, do orvalho, e dos astros. Os bons, os angélicos, os maus são os mesmos corpos invioláveis, para a grande natureza sublime e compassiva. Oh meu Deus, liberta-me deste mal humano, tão aguçado e tão grande, que se trespassa a si, atravessa de lado a lado a natureza, e ainda te vai ferir, a ti, no céu! Oh! Deus, o céu azul,  
230 todas as manhãs, me dava os orvalhos, o calor fecundo, a beleza imaterial e fluida da brancura, a transfiguração pela luz,  
235

208: [GP: “braço de”.]

220: [Os editores anteriores, menos NA, alteram para “afiavam os bicos no meu corpo, penduravam-se”.]

toda a bondade, toda a graça, toda a saúde, — não queiras que em compensação eu lhe mostre, amanhã, ao seu primeiro olhar, este cadáver esfarrapado!

«Mas Deus dormia, entre os seus paraísos de luz. Vivi três anos nestas angústias.

«Enforquei um homem — um pensador, político, filho do bem e do verdadeiro, alma formosa cheia das formas do ideal, combatente da luz. Foi vencido: foi enforcado.

«Enforquei um homem que tinha amado uma mulher e tinha fugido com ela. O seu crime era o amor, que Platão chamou *mistério*, e Jesus chamou *lei*. O código puniu a fatalidade magnética da atracção das almas, e corrigiu Deus com a força!

«Enforquei também um ladrão. Este homem era operário. Tinha mulher, filhos, irmãos e mãe. No Inverno não teve trabalho, nem lume, nem pão. Tomado dum desespero nervoso, roubou. Foi enforcado ao sol-posto. Os corvos não vieram. O corpo foi para a terra limpo, puro e são. Era um pobre corpo que tinha sucumbido por eu o apertar de mais, como a alma tinha sucumbido por Deus a alargar e a encher.

«Enforquei vinte. Os corvos conheciam-me. A natureza via a minha dor íntima; não me desprezou: o sol alumia-me com glorificação, as nuvens vinham arrastar por mim a sua mole nudez, o vento falava-me e contava a vida da floresta, que eu tinha deixado, a vegetação saudava-me, com as meigas inclinações da folhagem: Deus mandava-me o orvalho, frescura que prometia o perdão natural.

«Envelheci. Vieram as rugas escuras. A grande vegetação, que me sentia esfriar, mandou-me os seus vestidos de hera. Os corvos não voltaram: não voltaram os carrascos. Sentia entrar em mim a antiga serenidade da natureza divina. As eflorescências, que tinham fugido de mim, deixando-me só, no solo áspero, começaram a voltar, a nascer, em roda de mim, como amigas verdes e esperançosas. A natureza parecia consolar-me. Eu sen-

239: [GP: “mostre, à manhã”.]

tia chegar a podridão. Um dia de névoas e de ventos, deixei-me cair tristemente, no chão, entre a relva e a humidade, e pus-me silenciosamente a morrer.

275 «Os musgos e as relvas cobriram-me, e eu comecei a sentir-me dissolver na matéria enorme, com uma doçura inefável.

«O corpo esfria-me: eu tenho a consciência da minha transformação lenta de podridão em terra. Vou, vou. Oh terra adeus! Eu derramo-me já pelas raízes. Os átomos fogem para toda a  
280 vasta natureza, para a luz e para a verdura. Mal ouço o rumor humano. Ó antiga Cíbele, eu vou escorrer na circulação material do teu corpo. Vejo ainda indistintamente a aparência humana, como uma confusão de ideias, de desejos, de desalentos, entre os quais passam, diafanamente, bailando, cadáveres! Mal  
285 te vejo, ó mal humano! No meio da vasta felicidade difusa do azul, tu és apenas como um fio de sangue! As eflorescências, como vidas esfomeadas, começam a pastar-me! Não é verdade que ainda lá em baixo, no poente, os abutres fazem o inventário do corpo humano? Oh matéria absorve-me! Adeus! para  
290 nunca mais terra, infame e augusta! Eu vejo já os astros correrem como lágrimas pela face do céu. Quem chora assim? Eu sinto-me desfeita na vida formidável da terra! Oh mundo escuro, de lama e de oiro, que és um astro no infinito, — adeus! adeus! — deixo-te herdeiro da minha corda podre!»

295 — Assim era a história testamentária da força abandonada e morta! Oh meu Deus, se os seus átomos fossem agrupar-se e solidificarem-se para fazerem o maquinismo da arma *chassepot*?...

284: [GP: “entre as”.]





## A Morte de Jesus

*Dies iræ, dies illa...*

Por estranhos acasos encontrei este velho manuscrito copiado, num latim bárbaro, do antigo papiro primitivo. Não o traduzo textualmente: seria incompreensível, irritaria os nossos hábitos críticos, psicológicos! Transporto para a linguagem moderna complexa, dúctil, sábia, o estreito dizer antigo.

1: [*In* “A Revolução de Setembro” (ARS), Lisboa, 1870, XXXI Ano, n.º 8352, Quarta-feira 13 de Abril, Folhetim I, p. 1; n.º 8353, Quinta-feira 14 de Abril; Folhetim II, p. 1; n.º 8355, Terça-feira 19 de Abril, Folhetim III, p. 1; n.º 8.362, Quarta-feira 27 de Abril, Folhetim IV, p. 1; n.º 8.363, Quinta-feira 28 de Abril, Folhetim V e VI, p. 1; n.º 8.372, Domingo, 8 de Maio, Folhetim VI e VII, p. 1; n.º 8.374, Quarta-feira 11 de Maio, Folhetim VII, p. 1 e 2; n.º 8.392, Quinta-feira 2 de Junho, Folhetim VII e VIII, p. 1; n.º 8.397, Quarta-feira 8 de Junho, Folhetim VIII, p. 1; n.º 8.410, Domingo 26 de Junho, Folhetim VIII e IX, p. 1; n.º 8.419, Sexta-feira 8 de Julho, Folhetim IX, p. 1. Guerra da Cal, *LeS, op. cit.*, item 633, julga que os n.ºs 8.392, 8.397, 8.410 e 8.419 levam um número de folhetim erróneo. Escreve o erudito: “n.º 8.392, Quinta-feira, 2 de Junho, Folhetim VII (sic, VIII), p. 1; n.º 8.397, Quarta-feira, 8 de Junho, Folhetim VIII, (sic, IX), p. 1; n.º 8.410, Domingo, 26 de Junho, Folhetim VIII (sic, X), p. 1; n.º 8.419, Sexta-feira, 8 de Julho, Folhetim IX (sic, XI), p. 1”. Mas de facto, o que se passa é que o folhetim VII começa no n.º 8.372, continua no n.º 8.374, e acaba no 8.392, e é dentro do tal n.º 8.392 que começa o Folhetim VIII, e assim por diante (no n.º 8.397 continua o Folhetim VIII, no 8.410 ainda continua o Folhetim VIII e começa o IX; no n.º 8.419 continua e talvez acaba o IX, pois nunca saberemos se no n.º a seguir iria continuar o IX, ou começar um Folhetim X. Mas fica assente que só houve IX Folhetins, e não XI. Recolhido por LI, *PB.*]

2: [Esta epígrafe é repetida no frontispício de cada número de ARS, inscrevendo assim insistentemente o relato sob os auspícios declarados no título do conto.]

10 Assim ordenado, este documento, que não encerra coisas novas, põe todavia em relevo muitos estados de espírito, muitas situações civis de uma pessoa excepcional, que tem notavelmente merecido nestes últimos tempos a atenção da história e da crítica

15 *Jerusalém*, Mediterranean Hotel no Acra,  
1 de Dezembro de 1869.

## I

O meu nome é Eliziel, e fui capitão da polícia do Templo: estou velho e inclinado para a sepultura; e antes de me  
20 deitarem para a eternidade sob uma pedra lisa, em Josafat ou nas mortuárias de Siloé, quero contar o que sei e o que vi dum homem excelente, que na minha mocidade esteve, pelos acasos providenciais da simpatia, intimamente ligado à minha vida. Nestes últimos tempos, sobretudo, a sua imagem vive activa e  
25 poderosa no meu cérebro; e quando, pelo findar da tarde, a esta luz magoada que então habita no céu da Judeia, eu me vou sentar junto ao branco túmulo de Raquel olhando as muralhas de Jerusalém e a velha Sião, cheia de claridade, e as ruínas de David, é nele que penso — e nesses tempos distantes  
30 em que eu tinha a força, a barba escura, o andar ágil e firme, e a esperança fácil.

Eu sou o mais velho da geração desse homem: aqui vivo, afastado da cruel Jerusalém, em Belém, junto desse poço que

15: Este conto é um dos mais difíceis quanto à modernização dos nomes próprios. Foi adoptada a seguinte solução: tratando-se dum texto cuja acção se desenvolve na Palestina bíblica, modernizaram-se as palavras que passaram para a linguagem moderna (como Belém por [Betlem], Siloé por [Siloeh], Aceldama por [Haceldama], etc.), mas não se actualizaram por razões óbvias aquelas que correspondem a uma geografia política da nossa contemporaneidade (Jopé é hoje Jafa, Siquém Naplusa, etc.). Foram revistas, sempre que foi possível, grafias erradas (como Juda Gaulonite, por [Judas Galaunite, Galaunete], etc.). Deslatinizaram-se os nomes próprios (como Públio por [Publius], etc.), de acordo com o próprio narrador que diz transportar o velho manuscrito “para a linguagem moderna, complexa, dúctil, sábia”. Nos casos por enquanto impossíveis de resolver, deixou-se a grafia de ARS.]



tem uma água tão fresca e consoladora, que David a lamentava  
no desterro.

Os outros onde estão? Onde estais vós, Tomás, Mateus,  
Simão, Pedro, João? Onde estais vós? Judas de Carioth sei que  
morreu obscuro e sossegado no campo de Aceldama; Pôncio  
Pilatos está em Espanha, retirado e pobre, ele, o velho amigo  
de Tibério. Antipas, Herodíade andam na aflição dos desterr-  
os; Anano morreu, mas a sua memória e a sua doutrina ainda  
governam o Templo. Onde estão os mais: Nicodemos, José,  
Maria de Cléofas, a santa mulher, Gamaliel, o sábio doutor?  
Uns estão no vale de Josafat, outros no vale de Hínon, todos  
esquecidos. Tanto a memória do homem é como a onda fugi-  
tiva e pérfida!

É por isso, para que se não perca a lembrança daquele  
homem, justo e bom, que eu procuro dizer com simplicidade  
e verdade tudo quanto vi e compreendi da sua vida, tão breve  
pelos dias, tão longa pelas dores.

Quando o conheci em Jerusalém, pela festa da Páscoa, era  
eu moço. A minha vida passava-se toda no Templo. O Tem-  
plo, reconstrução de Herodes o Grande, estava então novo e  
resplandecente: ainda se trabalhava, até, nos pórticos exte-  
riores. Ali era o centro de Jerusalém: ali se orava, se celebrava, se  
tratavam as questões civis, se julgavam os condenados, se esta-  
beleciam as escolas rabínicas da Lei, se discutiam os éditos de  
Roma, o procedimento dos legados imperiais e dos procurado-  
res, se curavam os doentes, se tramavam as sedições. Os roma-  
nos não podiam entrar no Templo: no átrio da primeira gale-  
ria haviam inscrições em grego e em latim que vedavam aos  
gentios, aos pagãos e aos samaritanos penetrar além. No entan-  
to nós víamos sempre os romanos nos terraços da Torre  
Antónia, que domina o recinto do Templo, observarem, ri-  
rem, dormirem ao sol, ou pela tarde jogarem à barra, exercita-  
rem-se em lutas.

A mim, como oficial da polícia do Templo, competia-me  
abrir, fechar as portas, impedir que se entrasse no santuário  
com bastões ou armas, que se sujasse as lajes dos terraços  
com lama, que se passasse com fardos, ou que viessem orar

junto às colunas do santuário, os que estavam tocados de impureza.

75 Eu era escrupuloso e atento e desgostava-me, e muitas vezes o disse, que o serviço do culto autorizasse factos indignos da santidade da Lei, e da consagração do lugar, porque, no recinto do Templo, vinham estabelecer-se toda a sorte de vendedores e de bazares: vinham ali vender os animais para os sacrifícios, os estofos, os véus, as faixas de Tiro, trocava-se a moeda, negociava-se o azeite; e como o Templo era o centro vital de 80 Jerusalém, havia ali toda a semelhança de uma feira: pregões, fardos, arcas; e mais parecia o mercado pagão de Cesareia, do que o interior da casa de Deus.

Outra coisa me irritava ali, singularmente: eram os fariseus, os escribas, e os doutores da Lei; não os estimo: entre eles só 85 vi acrimónias, ódios, disputas estéreis. Nunca compreendi o orgulho dos doutores nem mesmo o seu desprezo pela sabedoria grega: meu pai cultivava as letras helénicas, e tinha-me dado um conhecimento daquela ciência, incorrendo assim na ira dos doutores fariseus, que envolvem na mesma maldição o que cria 90 porcos, e o que ensina a seu filho a ciência grega. Meu pai tinha viajado no Egipto, em Alexandria, e aí se tinha ligado com um sábio, Fílon, judeu pela mãe, grego pela alma, de quem os Mestres das sinagogas diziam o maior mal.

Desde então tinha-se tomado de afeição pela ciência grega, 95 e, velho, entretinha-se a fazer passar ao meu espírito, as grandes doutrinas daquelas gentes. Ora o ódio dos escribas pela ciência helénica indignava-me. Demais, eles são repulsivos e grosseiros.

Os fariseus, especialmente, são ásperos, desdenhosos, vãos, 100 respeitando mais as minuciosidades do culto, do que o espírito da Lei. Em tudo cheios de artifício e de vaidade: se entram na sinagoga, querem o melhor lugar, o mais largo, e todos os vêem batendo no peito sob a amplidão do manto; se vão pela rua ou pelo campo, prostram-se ruidosamente a orar, se vêem o olhar 105 do homem; se dão uma esmola, contam-na como virtude, apregoam-na como exemplo; e sempre argumentando, vociferando, enchendo o santuário de disputas e de invectivas! Se numa ceia,



110 algum dos convivas faz a ablução sobre a testa, com a mão  
longa, em lugar de a fazer só com dois dedos, amaldiçoam-no,  
clamam pelas iras de Jeová e levantam-se escandalizados; nunca  
ninguém os vê consolar uma viúva, ou ajudar um velho a andar:  
os pobres, os abandonados, são para eles como os que estão  
115 tocados da peste; caminham com os olhos fechados para não  
ver as mulheres, e com os pés nus para se ferirem nas pedras;  
mas por baixo do seu zelo, são cheios de apetites, como um  
homem sanguíneo!

Quanto é melhor que estes o alto sacerdócio, que é todo  
da seita dos saduceus e dos boetosins; há aí mais sinceridade, e  
mais elemento humano: são homens pacatos e faustosos, que  
120 intrigam com Roma, não têm zelos nem devoções irritantes,  
amam o sossego, as lindas casas de campo junto a Sião ou para  
além de Bezeta, os moles estofos de Sídon, ou as belas mulhe-  
res da Idumeia.

Mas o que na vida do Templo me indignava superiormente  
125 era o vê-lo tornado um lugar de comércio, de venda e de  
troca de moeda. E foi por este ódio aos mercadores do Tem-  
plo, que além disso me tornavam a polícia difícil e fatigante,  
que eu conheci o homem inefável, por quem os meus olhos  
ainda se humedecem.

130 Um dia, entrava eu na Galeria de Salomão, que é a que  
tem três ordens de colunas, o tecto de cedro lavrado, e olha  
para o Monte das Oliveiras. Era na festa da Páscoa e na mul-  
tidão dos peregrinos. Um soldado da milícia do Templo tinha-  
me dito que, contra os avisos, dois mercadores de pombas e  
135 de carneiros tenros tinham-se vindo encruzar nas suas esteiras

118: [A palavra “boetosins”, escrita aqui no texto original “boethozins”, e no fim do texto “boethosuis”, tem a ver com a dinastia de sete pontífices iniciada com Simão Boetos, sogro de Herodes. Viu-se implicado o partido boetosim na questão do censo romano aos haveres judeus, na mesma época de Juda Gaulonite. Curiosamente, LI e LB, na segunda ocorrência da palavra, propõem [beotos], que não tem nada a ver, sendo os Beotos habitantes duma região da Grécia, a Beócia, considerados rústicos em relação aos habitantes da Ática.]

134: [ARS: “pombos”, mas o resto do conto permite confirmar “pombas”.]



140 junto das colunatas, com as reses enfeitadas de escarlate, e os  
cestos de aves brancas. Eu ia, cheio de cólera, para os conde-  
nar, quando vi em redor uma confusa gente dominada pelo  
forte ruído duma voz: defronte dos mercadores, havia um  
homem de pé, que lhes falava. Era alto, magro, fraco: tinha os  
cabelos louros, pendentes, separados ao meio, cabelos de ho-  
mem da Galileia; mesmo, percebi logo, pelo acento e pela  
145 pronúncia, que ele era galileu; naquele momento o seu rosto  
era irritado e severo; tinha o gesto largo ao modo dos que  
pregam nas sinagogas, tinhas as feições inflamadas, os olhos  
cheios duma luz indignada; a sua estatura erguida pela cólera,  
enobrecida pela justiça das suas palavras, cheia do seu pensa-  
mento, fazia-o parecer mais que um homem.

150 Os mercadores assustados recolhiam os cestos, dobravam  
as esteiras, arrastavam as reses: as pombas esvoaçavam.

— Ide, disse-lhes ele então, vós fazeis da casa da oração  
uma caverna de ladrões!

155 E com a mão violenta, empurrou-os largamente, para além  
das colunas. Eles iam, tomados de temor. Os homens em redor  
tinham uma aprovação simpática para o de Galileia: alguns riam,  
havia crianças assustadas que gritavam. Eu olhava, admirado.

— Quem é este? — perguntei a João, um galileu, que esta-  
va junto dele, e que eu conhecia de o ter encontrado no átrio  
da casa de Anano.

160 — Não o conheces tu? É Jesus de Nazaré, profeta da Ga-  
lileia!

## II

165 Durante a minha vida do Templo eu tinha visto muitos  
videntes, muitos profetas: vinham da Galileia, da Judeia, de  
todo o país que vai até Jopé. Não direi o que penso da inten-  
ção profética e da crença messiânica. Só direi que os profetas

154: [ARS: “tomados do”.]

165: [Actualmente: “Jafa”.]

que no meu tempo vieram e eram lapidados às portas de Jerusalém, eram bons; eram uma voz colectiva, a esperança, a consolação e o alívio.

170 O povo era profundamente infeliz: os saduceus afogados nos seus repousos, os fariseus perdidos nas suas devoções, os escribas e doutores absorvidos nas suas escolas não viam o estado das almas. Além de tudo estavam longe do povo, numa separação desdenhosa e enfática. Eu estava profundamente ligado  
175 ao povo pela raça e pelo instinto. Já na vida estreita e toda comum de Jerusalém, já nas conversações dos átrios do Templo, já nas minhas demoras em Betel, em Efraim, em Galileia, eu via, compreendia, sabia o povo. Infeliz, desprezado, eternamente escravo, esmagado pelo tributo da dominação e pelo  
180 dízimo, refugiava-se, maltratado da terra, na esperança dum libertador, dum Messias. O judeu é dado a preocupações divinas e a sua verdadeira pátria é em Deus.

Uma série de homens fortes e piedosos eram os intérpretes deste desejo ideal, eram a voz daquela melancolia e eram os  
185 amigos do pobre, os ásperos juízes do rico, os consoladores austeros.

O povo, sufocado pela sua paixão interior, sentia-se aliviado, consolado, quando um profeta falava. Os profetas confirmavam a vinda do Messias, diziam-lhe a figura e as acções, a piedade e a paixão, esfarrapavam os seus vestidos, iam viver no deserto: daí a exaltação tornava-se um estado natural e humano; as almas cresciam em desejo e vontade. De sorte que todos os anos apareciam videntes e inspirados, que o sanedrim mandava lapidar à  
190 Porta Esterquilinária. Mas lamentavam-no, porque o povo segue sempre todo o movimento que seja original, amigo do pobre, anunciador da boa nova: Chamai, Hillel, Jesus de Sirach, que  
195 tiveram altos pensamentos de pureza e de justiça, viveram

196: [ARS: "Schinoai". Os nomes de Hillel e Chamai, dois sábios judeus anteriores a Cristo, vêm sempre juntos. Com razão pois, LI fez a leitura "Shammai".] / [ARS: "Siroch". De facto "Jésus de Sirach", autor de um dos livros do Antigo Testamento, *O Eclesiástico*, é conhecido. Hoje, seria Ben Sira. No resto do texto, predomina a grafia Sirach (só uma outra ocorrência de Siroch). Os editores anteriores não se preocupam com isso, e fazem alternar Siroch e Sirach.]



ignorados da Judeia e da Galileia porque não saíam do meio simples e infeliz, porque não pregavam em nome da esperança religiosa, não tinham a paixão messiânica. Eram espíritos sábios e justos, e não videntes possuídos da fé.

Ora nesse tempo a esperança do Messias era activa. Clamavam por ele a Deus, jejuavam, oravam, para não morrer antes da vinda dele; tinham desalentos, esperavam avidamente os sinais místicos, e as almas falavam baixo, porque vinha o Senhor!

Eu mesmo tinha visto muitos profetas, muitos Mestres inovadores; não conhecia João Baptista, que vivia no deserto do Jordão, mas sabia que ele também pregava um renascimento, e que tendo escandalizado a olímpica Herodíade, se definhava numa prisão de Antipas.

No entanto nunca nenhum desses homens me dera uma sensação feliz como esse Jesus de Nazaré. Os seus olhos cheios de infinito, a sua voz poderosa e serena, a justiça das suas palavras deixara-me numa vaga e imprevista perturbação como quando se olha para o céu, que se supõe escuro, e de repente se vê uma estrela imortalmente luminosa.

Nessa tarde como eu caminhasse, pela encosta de Sião para o lado do horto de Salomão, com Simeão, escriba do Templo, perguntei-lhe se conhecia Jesus de Nazaré, que pregava em Galileia. Simeão disse-me com um riso:

— Que sabes tu que possa vir de bom de Nazaré?

Realmente toda a Galileia é muito desprezada pelos de Jerusalém. Fomos conversando nesta apreciação; Simeão dizia-me que os galileus eram fracos, femininos, imbecis; que eram ignorantes e pouco ortodoxos; que o sangue estava neles muito misturado; que tinham muito de samaritano; que a sua pronúncia era viciosa; que eram grotescos a falar, insuficientes a pensar; e que *idiotismo galileu* era um provérbio de Jerusalém. Eu respondia que a gente de Galileia me parecia simples e dedicada: que quem vive numa natureza tão humana, tão cheia de águas, tão auxiliada das sombras, não podia deixar de ter qualidades finas, e harmoniosas; os galileus eram trabalhadores e sóbrios; e que Isaías tinha dito: — “oh terra de Zabulão, e terra de Neftali, caminho do mar, Galileia dos gentios, o povo que caminhava na sombra viu uma grande luz!”



— Ora, Simeão, dizia eu, estas palavras de Isaías indicam que em Galileia pode nascer um profeta!

240 Íamos assim largamente conversando, quando chegámos ao horto de Salomão: a natural beleza, as árvores, as vinhas, a perspectiva suave e recolhida dos vales de Jerusalém, a silenciosa espessura, a fresca serenidade, os bandos de pombos que vêm beber aos velhos reservatórios de Salomão, fazem daquele lugar um retiro bom para espíritos sábios, para aqueles que têm no coração uma ideia, ou que são habitados por uma esperança; ali se reúnem assim muitos de Jerusalém! Naquele dia andava ali, absorvido, grave e vagaroso o sábio Gamaliel. Gamaliel era o maior do Templo: se os outros eram o poder, 245 a intriga, a riqueza, a tradição — ele era [a] ciência; se os outros eram a lei — ele era a justiça. Eu preocupado pelo Nazareno, perguntei a Gamaliel se conhecia aquele homem severo. 250

— Pelo que sei dele, disse Gamaliel, penso que é um justo.

Guardei com amor esta palavra: ela correspondia à atracção suave e piedosa que eu sentia pelo severo Mestre de Galileia. Ao voltar a Jerusalém pensava nele: via-o irritado e augusto; 255 imaginei-o cheio da cólera do justo e da rebelião do oprimido; o que ele pregava decerto era a condenação do rico, e a humilhação do fariseu. Era o que tu precisavas, Jerusalém, dizia eu, era um profeta armado e seguido, que fosse a alma duma infinita desgraça que se vingasse, que erguesse o povo, aniquilasse os sacerdócios corrompidos, expulsasse o Romano, que reconstituísse nas almas a velha Israel, nas instituições a velha Judeia, que fosse o homem forte e puro, e o continuador dos Macabeus. Produzira a Galileia esta alma terrível? Ou será Elias ressuscitado dentre os mortos? Assim pensava, encaminhando-me, pela 260 noite pesada, para a casa de Anano. 265

Anano, era o grande sacerdote, ainda que na realidade e nas coisas do Templo o fosse seu genro Caifás; mas ele era o espírito, a direcção, o conselho, a iniciativa de toda a vida

258: [Os editores anteriores, menos NA: [amado]]

267: [Esta frase permite identificar sem dúvida o Hanan do texto como Anano, pontífice sogro de Caifás.]

270 sacerdotal do Templo. Era velho, sabedor das tradições, astuto, possuía enormes riquezas, conspirava contra Roma, era concentrado e soberbo.

Num dos largos pátios cobertos de sua casa em Bezeta, era um costume reunirem-se em volta dum grande fogo, quando o frio entristecia Jerusalém, os oficiais do Templo: às vezes vinham  
275 escribas, doutores, sacerdotes afáveis. Aquele grupo, sempre igual, era como uma consciência um pouco mordente do Templo. Às vezes, quando não estava algum austero doutor fariseu, pedia-se a um soldado expedicionário que entrasse para junto do lume, dava-se-lhe do vinho de Sídon e das colinas do Líbano e pedia-se-lhe  
280 que cantasse alguma das cantigas latinas do bairro de Subura. Alguns velhos sacerdotes riam nas suas barbas brancas. Nessa noite quando eu atravessava o átrio de Anano, cruzei-me com aquele galileu, João, que eu tinha visto junto a Jesus de Nazaré na Galeria de Salomão. Ele costumava vir ali ver uma velha,  
285 guardadora dos cães, que era de Cafarnaum na Galileia. Chamei-o, tomei-lhe as mãos, falei-lhe afavelmente em Jesus de Nazaré: eu enfim compreendia bem aquele, que por um imprevisto interesse, pela elevação da sua palavra, pela beleza do seu aspecto, habitava já no meu peito, como um amigo de antiga mocidade!

290

## III

João disse-me vagamente todo o passado de Jesus, em palavras simples, mas penetradas de fé e de desejo.

Eu reconstruí então em espírito a vida obscura de Jesus; vi-o, pela intuição, em Nazaré, educado por aquela doce paisagem da Galileia, sob a influência do Carmelo, das serras do  
295 Tabor e das terras patriarcais.

Eu tinha ali viajado, e muitas vezes me tinha sentado no rochedo nas alturas de Nazaré. Se algum lugar há no mundo em que o homem sinta a estreiteza da vida civil, a instabilidade dos interesses, o contingente e fugitivo das afeições e dos desejos, é ali, naquele vasto e sossegado horizonte, em que parece  
300 que o céu exerce mais profundamente a sua atracção infinita sobre a alma cativa.



305 Que pomares, que prados, que humanas águas, que aldeias delicadamente adormecidas entre as figueiras e as vinhas!

E eu via Jesus, imaginando, esperando naquele húmido paraíso da Galileia e nas suas montanhas queridas, de belas formas amorosas!

310 Via-o com os seus primeiros amigos, já possuído da ideia do seu Deus, entrando a falar nas sinagogas, correndo as aldeias, ajudando as pescas, dormindo nos largos terraços sob a luz das estrelas tão belas, tão expressivas como na velha Caldeia; chamando os que encontrava para que o amassem, acariciando os fracos, e dando-se a si, e ao Deus interior que o habitava, em alimento às almas infelizes.

320 Os de Jerusalém, que nunca saíram das suas estreitas e duras ruas, e apenas têm visto da natureza as suas colinas calvas e os seus vales cheios de mortos, riem quando se lhes fala na natureza do norte, na fecundidade da Samaria e da Galileia e na excelência daquela gente.

325 Pois se Jerusalém tem de ser erguida das suas choradas humilhações, será por alguém vindo do lado das aldeias e dos lagos da Galileia! Esta Jerusalém áspera, seca, toda de pedra e de indiferença só fará espíritos estreitos, fariseus argumentadores, escribas e lapidadores de homens. O sangue de Juda Gaulonite, de Hillel, do filho de Sirach, de Gamaliel, de todos os homens justos do nosso tempo é parente da seiva das árvores da Galileia. Uma elevação ideal sai daquelas sombras e do rumor daquelas águas. Jerusalém será a lei, a autoridade, a sabedoria, a habilidade, a astúcia; mas a Galileia será a virtude e o sacrifício.

335 Ali não há cidades: há as pequenas aldeias sírias que eu amo, onde as mulheres têm o seio pacífico, os homens a força serena, e até os pequenos burros têm um olhar doce, em que parece habitar uma resignação humana. Tudo é fecundo, bem

326: [ARS: "Galaunite", mais abaixo "Galaunete". De facto, trata-se de Juda de Gamala, dito também Juda de Gauleia ou Juda Gaulonite, fundador da seita dos Zeladores e herói da Revolta do Censo aos haveres judeus, contra os romanos. Os editores anteriores não se importam com a questão e deixam ficar as grafias erróneas.]



cultivado: a abundância impede a hostilidade ao imposto, a  
 avareza, a economia áspera, qualidades de Jerusalém. Ah, lâmi-  
 nas douradas do Templo, túmulos gregos dos Herodes, com  
 relevos de folhagens, como eu vos dera, por um dos pequenos  
 340 regatos azulados, que dormem e sonham, na espessura amada  
 das searas de Chorazim! Porque não conheço melhor alegria, do  
 que andar pelas estradas de Galileia: vêem-se os casais escureci-  
 dos pelas sombras das figueiras, das vinhas; os pomares de no-  
 gueiras, de romãzeiras estreladas de vermelho; vai-se numa fres-  
 345 ca espessura povoada de aves gloriosas! Quando se está fatigado  
 senta-se o homem diante duma porta, à sombra dum cedro, bebe-  
 se o vinho de Safed, olham-se as formas lânguidas das monta-  
 nhas, conversa-se com as mulheres que vêm da fonte, todas fres-  
 cas, cantando os cantos do tempo de Salomão! E não se  
 350 encontram fariseus, nem escribas, nem saduceus, nem herodianos!

Era ali que Jesus vivia, falando pelos campos, pelos casais  
 e nas sinagogas; ali devia ser escutado: não tinha sábios da Lei  
 para o contradizer e para o injuriar, e podia se penetrar do  
 encanto de dizer a verdade aos simples!

355 O que João me contava da doce vida do Lago de Tiberíade  
 enchia-me duma afeição inefável, pelo doce Mestre. Eu conhe-  
 ço bem o Lago de Tiberíade, todo o país de Genesaré: muitas  
 alvoradas andei pelas suas aldeias e pelos caminhos das suas  
 vilas! Ai Magdala, Chorazim, Betsaida, margens do Lago, luga-  
 360 res que eu choro, hoje, velho, seco, pálido das saudades pela  
 força do meu peito, e pela altura da minha esperança! Ó arvo-  
 redos sonoros de Genesaré, todos cortados de água, onde os  
 meus pés faziam erguer as rolas! Ó caminho estreito do roche-  
 do, cheio de musgos! Ó rio salgado que nasces ao pé do Lago  
 365 e logo no Lago cais, e que eu tantas vezes comparei ao meu ser  
 fugitivo! Ó margem do Lago, cheia de tamarindos, onde a água  
 tão azul como os olhos das mulheres de Tiro, vem terminar  
 sem ondas, sem aflições, nas ervas verde-negras! Ó Galileia, se  
 as ideias moças, que trago mortas dentro do meu peito, as  
 370 pudesse sepultar fora de mim, escolheria a tua relva, ó terra de  
 Neftali!

Jesus e os seus amigos viviam ao pé do Lago, da vida de  
 pescadores: aquele clima é tão doce, tão afável, que o homem

375 pouco pensa no seu corpo; assim de dia pescavam, de noite  
dormiam na areia, sob as estrelas, ao rumor de água. Jesus  
pescava, ou falava numa barca, no sossegado embalar da água,  
aos seus companheiros de rede: assentava-se às vezes sobre as  
colinas, que são duma viva liberdade de ar e de luz, e cercado  
dos simples pescadores, de mulheres, de crianças, pregava-se a  
380 si, ensinava o seu coração, falava das esperanças do reino de  
Deus. Ele amava tudo o que era delicado, as mulheres, as crian-  
ças, os lírios, as aves: a sua palavra era assim tão suave como  
os olhos das crianças, tão pacífica como o caminhar dos rega-  
tos: ele pedia apenas que o amassem, e não tinha razões infla-  
385 madas de profeta. Ele era o centro de todo amor na verde  
Galileia, dava a esperança às almas: dizia a vinda do Senhor, o  
fim das lágrimas, as glórias do pobre.

— O Céu é dos simples, dizia ele, os que choram serão  
consolados; os miseráveis possuirão a Terra; tendes fome e sede  
390 de justiça? Vinde a mim, sereis saciados. Sede pacíficos, sede  
puros. Se vos perseguirem no reino da Terra, abrir-se-vos-á o  
reino do Céu. Segui-me, segui-me.

E seguiam-no: abandonavam os campos, as hortas, os bar-  
cos, os casais; as crianças amavam-no; as mulheres iam presas  
395 da luz imortal dos seus olhos; todos queriam errar com ele  
pelo país de Genesaré, comendo os frutos casuais dos pomares,  
bebendo como as reses no fio dos regatos.

Ele explicava Deus de um modo novo: ninguém o conhe-  
cia melhor; ele era a consciência viva de Deus. O seu Deus não  
400 era Jeová, amigo de Israel, inimigo dos homens: mas é o ser  
solitário, tenebroso, irritável; o seu Deus é o pai, o consolador,  
o purificador, o eternamente sereno, o eternamente justo.

O Mestre pregava a fraternidade entre os homens, o per-  
dão, a caridade, a humildade, a grandeza, a poderosa virtude  
405 do sacrifício.

— Se vos ferirem, oferecei-vos; se vos odiarem, amai; se  
vos perseguirem, orai! Que mérito há em amar os que nos  
amam?

Uma coisa que singularmente me tocava no ensino que  
410 João me repetia, era a condenação dos usos do Templo, dos  
zelos devotos dos fariseus: com efeito, para que são tantas



purificações, tantos cilícios, tantos usos de piedade? Para que  
 hão-de os fariseus trazer nas suas túnicas as tiras de papiro, que  
 são o sinal da devoção, e para que dão a esmola, de pé, nas  
 415 escadarias do Templo, gritando, e elevando a moeda?

— Quando tu deres a esmola, dizia o Mestre de Nazaré,  
 que a tua mão esquerda não saiba o que fez a direita.

E esta palavra enchia-me o coração. E alegrava-me o saber  
 que ele não era como os mais profetas, não se retirava para o  
 420 deserto, não se emagrecia em jejuns, não rasgava os seus vesti-  
 dos, não se feria nas rochas agudas: vivia como um simples e  
 como um pobre, e se procurava às vezes os lugares retirados,  
 e amava as montanhas é que aí estava mais na fraternidade dos  
 seus, e no coração de Deus.

425 João falava-me das mulheres que o seguiam, e eram Joana,  
 mulher de Chusa, Salomé, Maria de Cléofas, e Maria de  
 Magdala, que eu conhecia do Acra, em Jerusalém. Maria de  
 Magdala, aí e em Tiberíade, tinha tido uma vida apaixonada e  
 impura: uma exaltação inexplicável era a essência daquele ser;  
 430 tinha espasmos, contracções, entusiasmos perturbados; julgava  
 acalmar a impetuosidade da sua natureza febril pelo amor dos  
 homens; ligava-se com os doutores notáveis de então, penetra-  
 va em discussões e explicações da Lei, depois andava cercada  
 de fariseus e envolta em devoções; mas tinha o amor dos esto-  
 435 fos, e todos os dias chorava. Era uma alma inquieta que busca-  
 va alguma coisa; tudo o que fazia era com paixão: a cultura das  
 plantas raras, a criação das moreias em reservatórios, a compo-  
 sição de aromáticos, o estudo das ervas, tudo tentava, ardente  
 e enfasiada. Doente, pobre, foi para Magdala. Aí viu Jesus,  
 440 pregando. Seguiu-o. Adorava a doutrina do Mestre, e amava a  
 sua figura delicada e bela. Mas tinha fortes impaciências, erguia  
 discórdias com os discípulos, retirava-se ao deserto. Mas volta-  
 va, porque a sua dedicação suave pelo Mestre era maior, e  
 domava a sua tenebrosa e confusa natureza.

437: [ARS: “morenas”, talvez partindo do latim *muræna*, ou mesmo do francês  
 “murène”, a designar a moreia.]



445 Gostava de derramar perfumes no corpo de Jesus, e de lhe coser à túnica franjas de Tiro.

Jesus, de resto, aceitava na sua companhia, as mulheres transviadas, os publicanos, todos os pecadores.

450 Tal era Jesus, segundo João. Eu estava cheio de admiração. Demais, dizia eu, aquele homem que eu vi no Templo, com as indignações de Isaías, é pois suave como o céu da Galileia? Realmente uma raça tão humana, tão simples, tão abundante, tão pacífica poderia dar um profeta irritado?

— O Mestre é a mesma doçura, — dizia-me João.

455 Donde vinha então aquela cólera, aquele gesto de Messias vingador?

— Desde quando é ele assim, perguntava eu a João.

— Dizes bem. O Rabi mudou, desde que chegou a Jerusalém.

460

## IV

Era já a manhã e ainda João me contava estas coisas pacíficas, enquanto eu seguia para o Templo. Ia perturbado, sem centro moral. Ora me vinham desejos de ir à Galileia seguir os passos de Jesus de Nazaré, ora o meu velho orgulho estreito de homem do Templo me suscitava hostilidades ou desdêns.

465 O Templo abria-se, chegavam os fariseus, os devotos; os doutores aproximavam-se nos seus burros, os sacerdotes nas suas liteiras; encruzavam-se nas suas esteiras os mercadores; tirava-se a água das piscinas, acendiam-se os purificadores, desdobravam-se os velários; os pregões anunciavam os debates civis, as vendas de campos; começavam a instalar-se as escolas rabínicas; o ouro tinha nas bancas dos cambiadores; havia risadas; ouvia-se o balar das reses.

475 Quando eu estava vigiando os serviços veio a mim, todo alegre, um velho camarada do Templo, Josué, que andava há muito pelas vilas de Galileia para a organização dos sofrins nas sinagogas. Era homem conhecedor das tradições e cheio de experiência da vida sacerdotal. Perguntei-lhe se conhecia da sua

480 peregrinação Jesus de Nazaré, filho de Maria de Caná, e os seus companheiros. Ele era douto, sincero, atento, devia saber explicar-me, melhor do que o simples, o exaltado João, a essência do Rabi da Galileia.

Disse-me, com efeito, que vira Jesus, na sinagoga de Chora-  
 485 zim; que conhecia a sua vida e a sua doutrina, e que era um homem destinado, mais tarde ou mais cedo, a ser lapidado às portas de Betel; que pregava toda a sorte de impiedades; que combatia a Lei, a tradição e os textos; que falava contrariamente à velha sabedoria judaica, sendo ignorante e moço; que  
 490 não respeitava nem os ricos, nem os sacerdotes, nem os fariseus; que queria distribuir as riquezas pelos pobres; que vivia em companhia de mendigos e de mulheres perversas; vivia, dormia ao acaso pelos hortos; não tinha casa nem campo; que se associava com o publicano e até com o pagão; que  
 495 não fazia as abluções, nem sacrificava; e que era um vagabundo dos montes da Galileia, sem autoridade entre os doutos e entre os ricos.

Eu ouvia calado estas palavras, que eram todo o espírito dos fariseus e dos doutores. E quando saí do Templo corri ao  
 500 átrio de Anano.

Jesus de Nazaré, era-me já simpático e íntimo, pelo sentimento e pela razão. Mas o que era aquele homem? Era um simples visionário? Era um contemplador, cheio da melancolia que dão as espessuras de Galileia, e tomado dum desdém divino? Era um espírito cheio de sabedoria? Era um continuador  
 505 de Juda Gaulonite? Vinha ele pregar contra o imposto e contra o dízimo? Era ele hostil a César, e cheio da tradição dos Macabeus? Era um simples? Era um crente? Era um especulador frio das esperanças messiânicas? — Vinha ele atacar o espírito do Templo?  
 510

Encontrei João, conversando no átrio lajeado com um homem da milícia sacerdotal. Chamei-o para uma longa galeria escura vagamente estrelada de lâmpadas.

— João, disse eu, diz o que vem fazer a Jerusalém o sábio  
 515 de Nazaré?

João olhou-me:

— Vem à festa da Páscoa, disse ele, lento.

— João, insisti, pelo Messias, e pela liberdade do Baptista,  
 prisioneiro de Antipas, diz-me, a que vem Jesus, a Jerusalém e  
 520 ao Templo?

— Pregar, disse João.

Compreendi, rapidamente, todos os resultados daquela luta  
 original.

— Vai, lhe disse eu exaltado, diz-lhe que parta, que volte  
 525 para o Lago de Tiberíade! Que viva nas suas montanhas, com  
 o seu Deus, com os que o amam, sossegado, no repouso dos  
 campos. Que vá, que evite as portas de Jerusalém! Diz-lhe que  
 não venha nunca encostar-se como profeta à coluna do Tem-  
 plo! Que volte para a Galileia, que se lembre das pedras que  
 530 estão à Porta Esterquilinária e que são para lapidar os profetas.

João tinha o espanto nos olhos, na voz,

— Eliziel! Eliziel!

— Que volte, que volte para a Galileia.

E subi rapidamente, pela escadaria de granito verde, que  
 535 levava aos interiores de Anano.

O velho sacerdote, debilitado, caduco, dobrado, comia,  
 deitado sobre largas peles, arroz e mel. Ao pé, uma escrava síria,  
 de Damasco, cantava. Jesus Barrabás, defronte, fazia momices.

## V

540 No outro dia, casualmente, tive ordem de Caifás, para ir  
 à Galileia, em serviço das sinagogas: a concentração dos sacer-  
 dotes rituais em Jerusalém, obriga assim os oficiais do Templo  
 a sucessivas peregrinações; porque as sinagogas estão domina-  
 das pelos escribas e pelos sofrins, e por isso agitadas em per-  
 545 pétuas intrigas.

Mas esta viagem agradava-me porque me levava a Betsaida,  
 a Chorazim, a todo o país que fora até aí o centro amado de  
 Jesus.

518: [ARS: “insiste”.]



550 Em toda a região do Lago achei muitos espíritos ou mais  
simples, ou mais lúcidos, ou mais amantes, singularmente ocupa-  
dos na simpatia e na razão pela pessoa, pela doutrina do Rabi  
de Nazaré.

555 Falavam-me longamente da sua doutrina nas sinagogas, das  
suas palavras nas colinas: e a figura moral de Jesus acentuava-  
-se, definia-se progressivamente no meu espírito.

560 Diziam-me que a voz do Mestre era doce, untuosa, que só  
o [seu] som cativante fazia esquecer as mulheres da roca, os  
homens da agulha de rede: falava devagar; a silêncios; as altas  
verdades, as palavras profundas apareciam de repente como uma  
565 centelha sai de um diamante, tocado de uma luz inesperada.  
Contava parábolas, histórias; repetia com paciência, sorrindo:  
uns estavam deitados, preguiçosos, atentos, outros remenda-  
vam as velas, alguns sentados aos seus pés olhavam pasmados  
a água. Ele falava, sossegado, ou catava uma criança, ou con-  
tando as parábolas, consertava a sua rede.

565 Vivia como um simples, junto da vida, sem ter as curio-  
sidades da vida. Tinha um desdém elevado pelas coisas exte-  
riores.

570 — Não vos inquieteis pelo alimento, ou pelo vestuário,  
dizia ele. Olhai as aves do céu, não semeiam, nem ceifam, e o  
pai do Céu é quem as alimenta, e não sois vós mais que as aves  
que esvoaçam nos campos.

575 — Para que haveis de cuidar dos vossos vestidos? Vede os  
lírios: não trabalham, nem fiam; pois eu vos digo que Salomão  
em toda a sua glória, não estava vestido como nenhum deles  
na sua simples candura. E o que Deus faz pelas ervas dos cam-  
pos que florescem hoje, amanhã secam, não o fará por vós,  
homens de pouca fé?

580 Por isso os discípulos seguiam-no assim, enlevados naque-  
las ambições ideais, sem roupas, sem provisões, sem dinheiro.  
Naquele pensamento, o dinheiro era considerado como um

557: [ARS: “aquecer”. O erro vem assinalado com a correcção no número seguin-  
te de ARS. Eis o texto da emenda: “Em o número anterior, columna terceira, onde se lê  
‘fazia *aquecer*’ leia-se ‘fazia *esquecer*’.”]

fardo, um inimigo, um traidor, que assim como se toma da ferrugem, dá à alma a esterilidade.

585 — Vendei o que possuíis, dizia ele, dai o dinheiro em es-  
molas!

Realmente de que servem na Galileia as riquezas?

590 Ali só há a verde natureza: o dinheiro não dá mais infini-  
to ao azul, mais repouso à água; o pobre, o mendigo, é o rei  
misterioso daquela glória da folhagem e da luz: para ele se ves-  
tem as açucenas de branco, para ele resplandecem os regatos.

595 Jesus glorificava o pobre: naquele evangelho da Galileia o  
rico é considerado o inimigo, o pagão, o cruel, o inquieto; ele  
tem os largos vestidos fáceis, macios; ele come sobre leitos  
cobertos de peles; ele enterra os braços nus nas moedas do  
cofre; o pobre come escassamente as ervas mal cozidas dos  
600 hortos; remenda, à candeia, a sua túnica, traz apertada à cin-  
tura, tendo sobre ela uma pedra, a moeda de cobre que é a sua  
fortuna. Bem: Deus tomará conta do vestuário do pobre, e da  
brancura do lírio, ele velará para que ao homem não falte o  
pão e à rola o grão, ele fará no Céu, ao pobre, um saco, um  
tesouro de boas obras, de glória, sem temor da ferrugem e dos  
ladrões.

605 O rico irá para a Geena, para o fogo inextinguível: um  
cuidado o emagreceu na vida, uma chama o consumirá na  
existência extra-humana. O pobre estará junto de Deus, e a sua  
face será imortal e ativa.

— Porque em verdade vos digo, ensinava o Mestre, que é  
mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que  
entrar um rico no reino de Deus.

610 Assim falava ele à beira do Lago, e desprendendo os ho-  
mens dos fatais cuidados do mundo, ele era o criador da paz e  
o consolador da vida. Os tédios da existência ordinária, a dis-  
córdia dos interesses, as humilhações da vaidade, as invejas, as  
avarezas, a melancolia da miséria, a apatia da necessidade, as  
615 aflições da obscuridade, as desconsoações da doença, todos estes  
antigos demónios desapareciam, e a velha cabeça humana obs-  
cura, cativa, pesada, podia enfim sentir, esperar, repousar, en-  
costada ao mais profundo seio humano, que o pão da terra  
tem alimentado.

620 A alma tinha enfim um lugar, o *seu* lugar, o *seu* espaço,  
 que era o *reino de Deus*. O reino de Deus era o reino das crian-  
 ças, dos simples, dos deserdados da vida, dos que sofrem, e até  
 do samaritano, e até do pagão e do publicano, e até do que  
 habita Sídon. Ah! Vós não quereis esperar nas minhas pala-  
 625 vras, amar no meu peito, vós, os fariseus, os saduceus, os  
 escribas, os ricos, os sacerdotes, os príncipes! vinde vós pois os  
 humildes, os repelidos, os lapidados, os enfermos, os culpados,  
 todos os que eles repelem, todos os que eles amaldiçoam!  
 Desgraçados de vós oh ricos que estais saciados, porque tereis  
 630 fome, desgraçados de vós que rídes, porque vos desfareis em  
 lágrimas!

Boas palavras que eu amo, eu, que conheço as ricas existên-  
 tências sacerdotais. Os nossos profetas já tinham contra o rico  
 ímpio e duro, cóleras terríveis em vingança do pobre que é  
 635 doce e piedoso. Ora o Rabi feria assim violentamente todo o  
 judaísmo sacerdotal do Templo, porque fazia dos que ele des-  
 preza e domina, os preferidos, os bem-amados do esposo, os  
 amigos de Deus! Que significa na verdade que o fariseu não  
 queira comer com o samaritano e com o pobre recebedor de  
 640 imposto? Que quer dizer que os levitas de Caifa vão lavar à  
 piscina os seus vestidos se à entrada do santuário tocaram num  
 mendigo ou num publicano?

Mas Jesus na imortal ascensão a que obrigava as almas  
 para o ideal divino, já não somente chamava a si o deserdado,  
 645 mas chamava o culpado.

— O culpado é infeliz, dizia, merece por isso mais que o  
 justo o calor do meu seio. O filho pródigo merece mais amor  
 do que o filho cuidadoso, porque é triste na sua alma, e todo  
 em lágrimas.

650 — Havia uma mulher aqui, dizia-me o homem bom de  
 Chorazim que me explicava estas coisas imortais, — que era  
 repelida, mal vista, amaldiçoada; as mães honestas não a que-

630: [ARS: “desfazeis”.]

640: [Actualmente: “Haifa”.]



655 riam ver: só os escribas da sinagoga se aproximavam dela, mas  
de noite, sob as figueiras do cemitério, porque de dia se a viam,  
tapavam a cara com a túnica, e resmungavam maldições. Esta  
mulher ouviu Jesus, sentiu-se inesperadamente perdoada, viu-  
se solta da fatalidade por aquela palavra piedosa, e pela fé pu-  
rificou-se. É Maria de Cléofas. Segue Jesus, serve-o: quanto mais  
se humilha, mais o ama, e quanto mais se sente amante, mais  
660 se sente perdoada.

Os pobres galileus, que nunca tinham ouvido uma tão doce  
e elevada palavra, julgavam-se já no Paraíso imortal. Ele ia,  
seguido dos seus, confundido com todas as alegrias, aparecen-  
do nas bodas, e nas noites de noivados misturando-se às dan-  
ças, com a sua lâmpada na mão; caminhava pelos campos a pé,  
665 dizendo as boas palavras, ou montado num pequeno burro,  
que os discípulos cobriam com as túnicas; às vezes ajudava a  
ceifar, ou, assentando-se ao pé da fonte, falava às mulheres,  
escutava os cantares; entrava nos casais, nos hortos; as crianças  
vinham, vinham as mulheres: — “Rabi, Rabi, diz-nos a boa  
nova: és tu o Messias?” — Limpavam-lhe os pés, iam buscar os  
melhores frutos, os vinhos de Safed, os legumes que nadam em  
azeite; as mães mostravam-lhe os filhos de peito que com as  
suas pequeninas mãos vermelhas e gordas lhe puxavam as bar-  
675 bas: ele ria, agasalhava-os; quando ele passava atiravam-lhe ra-  
magens, desejavam-lhe o bom caminho; os doentes vinham tocar  
as suas mãos, as viúvas limpavam as suas lágrimas; ele falava de  
Deus, e endireitava as canas de milho caídas no caminho. Vi-  
nham das aldeias e diziam-lhe:

680 — Mestre, tu és bom.  
— Bom só é Deus, dizia ele sorrindo.  
— Mestre, que havemos de fazer para entrar no Paraíso?  
— Amai os outros, dai aos pobres, segui-me.

E seguiam-no todos, enlevados naquele sonho ideal, o mais  
685 belo, o mais doce, o mais acima da terra que até hoje tem feito  
o homem.

Então o Céu, amigo e compassivo, tocou na lacrimosa  
Terra; então pela primeira vez o olhar do pobre foi seguro e  
confiado; pela primeira vez o estreito sorriso do velho conteve  
690 a esperança!

## VI

Mal sei dizer o que o meu pobre espírito, educado na antiga lição do cativo, sentia ao suave calor humano e feliz daquelas palavras.

695 Voltei a Jerusalém: passei sobre o Tabor, donde se vê a  
larga planície de Esdrelon, amada dos heróis, o branco Hérmon,  
Eudor, e as montanhas de Galaad; descansei em Geneia, toda  
escondida entre oliveiras, palmeiras, que era uma cidade dos  
levitas; depois em Dotém onde José foi vendido por seus ir-  
700 mãos; depois na velha Betúlia, pátria da forte Judite; vi  
Shomeron, que foi uma das mais velhas cidades de Israel, hoje  
caída, coberta com muralhas e bastiões de Herodes; Siquém,  
junto da qual Abraão ergueu a sua tenda, debaixo dos carva-  
lhos do Mória; Silo, onde se fez a partilha do território entre  
705 as tribos, e onde pousou pela primeira vez o tabernáculo, de-  
pois da conquista de Canaã.

Depois desviei-me para os lados de Jericó, que estava en-  
tão cheio de seivas e de rosas: junto ao Jordão andavam ainda  
alguns discípulos de João, cheios de saudade e de desejo; atra-  
vessei as lúgubres colinas de Judá, asilo de profetas, túmulo  
710 dos heróis; uma madrugada entrei, só, em Jerusalém.

Nesse dia logo, subi ao Templo. Junto dos pórticos exte-  
riores, onde trabalhavam ainda cinzeladores de Cesareia, pe-  
dreiros de Samaria, vi entre homens de Galileia, a alta figura  
715 de Jesus de Nazaré. Estavam parados, esperando: um homem  
de Carioth, chamado Judas, curvado diante dum cambiador de  
moeda, trocava dracmas, atento. Parei, comovido, a olhar pro-  
fundamente o Rabi. Ele estava triste: os braços caídos, sem  
vontade, sem gesto; a cabeça desanimada. Tinha nas feições  
720 finas, delicadas, pessoais, uma abstracção, uma transcendente  
serenidade. Os olhos cheios de infinito, que pareciam olhar  
dum lugar inacessível, a testa larga, expressiva como a imobi-

702: [Actualmente: "Naplusa".]

704: [ARS: "do Morè". A proposta da nossa edição descansa no facto de ser o Monte Mória o monte onde Abraão sacrificou o filho.]



725 lidade dum céu, assemelhavam-se, superficialmente, como o  
 corpo se assemelha à sombra — aos olhos, à testa de Hillel, de  
 Jesus de Sirach e dum outro, que era como eles dado às con-  
 730 templações, à abstracção, ao ideal. A boca tinha uma forma  
 tão pura, tão leve, uma mobilidade tão penetrada de graça, que  
 parecia que dela só deviam soltar-se ironias aladas: mas o forte  
 contorno dos lábios, a linha que era como um arco em descanso,  
 735 tinham uma gravidade, uma beleza austera, que denunciavam  
 a origem das palavras elevadas, e faziam sentir o profeta.  
 Parecia-me ver-lhe na parte inferior do rosto, uma firmeza,  
 uma expressão de energia, que o tornavam um pouco seme-  
 lhante a Juda Gaulonite, o poderoso agitador, em quem a ac-  
 ção era como um sangue vivo. De resto, um ar simples.

Ele olhava os trabalhos dos pórticos, com um desdém sereno. Nos galileus sentia-se o constrangimento, o isolamento.

740 Entrei no santuário: nas câmaras dos serviços dois escribas  
 argumentavam junto da arca do tesouro, com exclamações  
 abundantes. Interroguei-os; disseram-me que o Rabi de Galileia  
 muitas vezes pregara no Templo; que curara alguns doentes  
 dos que se lamentam nas galerias da piscina probática; que  
 argumentara com os escribas, e que em casa de Anano, na sala  
 do banho, Gamaliel dissera do Rabi:

745 — Ele é bom, justo, mas não diz coisas novas.

Argumentava-se muito sobre aquela palavra contida e desdenhosa do sábio Gamaliel entre os privados de Anano.

750 — Mas Gamaliel, dizia soberbamente o escriba, é um homem  
 alheio a nós; entretém relações com essa gente da escola  
 de Alexandria; viaja demoradamente em Siquém onde estão os  
 heréticos, e em Cesareia onde estão os romanos, e dá-se à cul-  
 tura helénica, desprezando a Lei.

— Homem, disse eu, em que despreza Gamaliel a Lei, estudando e sabendo as letras gregas?

755 O escriba riu finamente, com um triunfo:

— Pois não diz o Texto — e a sua voz era compassada e enfática — “Estudarás a Lei de noite e de dia, e se assim não

755: [Os editores anteriores, menos NA, alteram em “como em triunfo”.]



fizeres desagradarás ao Eterno?” Ora, — e traçava amplamente a capa, tossindo, vitorioso — ora Gamaliel só não desagradará  
760 ao Eterno se estudar a sabedoria grega num tempo, que não seja nem a noite nem o dia.

O outro escriba, que era Eliel, de Efraim, aprovou ruidosamente, batendo no peito. E sob a sombra pesada do velário saudaram-se, risonhos.

765 Saí das câmaras levíticas, à hora sétima, quando há nos terraços do Templo uma vida poderosa. Uns argumentavam, ou estudavam a Lei, com as folhas de metal diante de si, em movimentos rítmicos; outros vinham comprar ofertas de pombas e cordeiros; alguns consultavam sobre questões agrárias;  
770 muitos vinham trocar moedas; os serventes do Templo passavam com as reses a levá-las às piscinas; tocavam as trompas que anunciam a hora dos sacrifícios; os doentes cantavam os salmos; as mulheres levíticas lavavam as vestes brancas nos tanques exteriores, espertavam as fogueiras purificadoras, ou giravam em volta das primeiras colunas, batendo em discos de metal.  
775

Eu entrei na Galeria de Salomão, toda sonora de vozes. Jesus, cercado dos galileus, tinha ensinado. Alguns gritavam: “Hosana, ao filho de David!”: porque os pobres, os doentes, as  
780 crianças, vendo que ele era entre os homens o melhor, o mais terno, o mais consolador, chamavam-lhe o filho de David; os escribas riam; bocejavam desdenhosos. Alguns fariseus tomados de exaltação, queriam a convocação do sanedrim. Um velho herodiano, com gestos desolados, lamentava a decadência da  
785 escola profética de Israel.

— É um ignorante, diziam, com desprezo, vastos doutores.

Ásperos zelosos, com a cabeça envolvida na ponta do manto, as barbas eriçadas, insultavam-no. O povo, com o ruído dum arvoredo, falava do Mestre: alguns velhos diziam: — Sim,  
790 sim, irmãos, este é um profeta!

— É o Cristo! É o Messias, clamavam grandes vozes.

771: [ARS: “lavá-las”. A preposição “a” (às piscinas) parece implicar um movimento que não condiz com a ideia de lavar.]

Muitos iam, correndo, prostrar-se diante da Porta da Arca  
bradando:

— Graças, Senhor, o Messias chegou!

795 Os sacerdotes interrogavam, inquietos. Os homens espalhavam-se pelo Templo gritando:

— É o Messias, é o profeta de Galileia!

Os escribas andavam entre a multidão, explicando, convencendo:

800 — Que dizeis? Vós não conheceis a Lei?

— A Lei diz que o Messias virá, e que Elias ressuscitará!

— Calai-vos, bradavam os escribas, sois também galileus?

805 Não sabeis que a Escritura diz, que o Messias há-de ser da geração de David? E não sabeis vós, que este é o filho do carpinteiro José, e duma mulher da aldeia de Caná? Não vo-lo têm dito todos os que vêm de Nazaré?

— É verdade, é verdade, diziam alguns.

810 — E não sabeis, continuavam, que os Textos dizem que o Messias nascerá em Belém, e onde nasceu este? Em Nazaré, bem o sabeis.

Uma voz, receosa mas irritada, disse:

— Pois ele nasceu em Belém!

— Em Nazaré, bradaram alguns escribas.

— Sim, sim, em Nazaré, disse a gente.

815 — É pois o Cristo? — Ide, homens amaldiçoados que andais afastados da Escritura!

Os do povo calavam-se, mas desciam rapidamente as largas escadarias areadas, porque se dizia que Jesus estava curando e ensinando no Tyrepeon.

820

## VII

Fui apressado ao Tyrepeon: Jesus tinha saído à Porta dos Rebanhos, atravessado o Cédron, subido a Betânia.

825 Quando eu voltava para Bezeta, veio a mim um homem muito conhecido em Jerusalém, que era Jesus Barrabás. Era uma figura descarnada, torta, arqueada, cheia de cicatrizes, imunda, rindo sempre, em farrapos. Era uma espécie de truão

de Jerusalém. Tinha gracejos, farsas, deslocações: espancavam-no, ele ria, estendia uma ponta da túnica, para aparar as dracmas. Encontrava-se com a sua lâmpada em todos os noivados, gritando em todos os enterros, com uma pedra em todas as sedições, em todos os suplícios com uma cântara de *posca*, para vender aos soldados. Tinha todos os desastres da miséria, do vício, e era servil. Os soldados expedicionários espancavam-no, às vezes prendiam-no, mas o povo cobria-o com uma protecção avara. Era casado. Tinha uma voz vibrante, forte para cantar os salmos e imitava os profetas, pregando. Cheirava miseravelmente a alho.

Jesus Barrabás pediu-me uma dracma, e disse-me que nessa noite, Simeão, um rico do sanedrim, tinha uma ceia para os oficiais do Templo e sacerdotes, fora das muralhas, em Betfagé.

Simeão amava as festas, tinha vivido em Roma, era soberbo; contava com orgulho que fora amigo do gladiador Estério.

Barrabás fazia rir Simeão: comia com os seus servos, dormia nos seus átrios.

Nessa noite fui a casa de Anano. Nos pátios, João aquecia-se ao lume, junto da velha de Cafarnaum.

Caifás e Gamaliel estavam com Anano. Gamaliel dizia versos gregos: Anano, repousado, com os olhos cerrados, grave, escutava; Caifás, aquilino, duro, áspero, tinha uma atitude desdenhosa. Dois escribas, encruzados no chão, comiam.

Quando o serão ia remoto, repentinamente Caifás mandou-me a casa de Simeão. O sanedrim devia reunir-se ao outro dia pela hora oitava: tinha havido exigências do legado imperial sobre os vasos do Templo.

Um escravo negro de Anano seguia-me com uma lanterna; a noite era negra, quente, mole: ouviam-se apenas uivar os cães.

Em Betfagé, os servos de Simeão conduziram-me ao pomar onde era a ceia, sob um velário feito à moda grega, suspenso às ramagens de cedros. O chão estava coberto de areia verme-

840: [Esta palavra dá lugar a uma série de gralhas: [Reftagé, Beptagé, Beftagé], etc., que os editores anteriores reproduzem pacificamente. A grafia, e portanto a pronúncia correcta, consta de qualquer dicionário ou Bíblia.]



860 Iha, luzidia. Largas lâmpadas resplandeciam. Flores de Damas-  
co, rosas de Jericó, jasmims de Chorazim, e as plantas fortes de  
Galaad, pendentes dos vasos negros da Pereia como serpentes  
verdes, penetravam o ar da mole vitalidade que dão os aromas.  
865 No chão estavam ânforas, grossos cântaros envoltos em palha,  
jarros cinzelados. Os escravos frígios, com os longos cabelos  
reluzentes de óleo, giravam apressados.

Havia ali membros do sanedrim, escribas, sacerdotes,  
herodianos, saduceus, fariseus. Todos eram zelosos devotos,  
amplos em sacrifícios, alguns costumavam cobrir-se de cinza.  
870 Estavam todos deitados em estrados, cobertos com lãs de  
Babilónia. Alguns eram gordos, fortes, vermelhos. Quase to-  
dos tinham a fisionomia áspera, adunca, erriçada de barbas.  
Reluziam cabeças calvas.

O vinho dourado, o vinho de Safed, um falerno de Cesa-  
875 reia, o massico davam uma ampla respiração aos peitos, uma  
feliz cintilação aos agudos olhos negros. Havia largas risadas.  
Fariseus austeros, que se ferem nas pedras dos caminhos, curva-  
dos sobre os discos de aço brunido devoravam com um ruído  
devoto. Outros tinham olhares ansiosos, e desapercibidamen-  
880 te, esvaziavam as largas taças de bronze. Alguns decrépitos,  
desdentados, tinham sobre a barba fios de molho. Velhas mãos  
trémulas e lívidas levantavam as ânforas!

Alguns, estendidos sobre leitos como animais que rumi-  
nam, tinham as túnicas soltas, os braços nus. Cabeças enérgi-  
885 cas, duras, mostravam uma expressão irritada, fixa, vazia; os  
velhos tinham largos risos cínicos. Uns dormiam, outro canta-  
va. Um velho curvado, frouxo, rouco, lembrava as mulheres e  
os fariseus riam. Entre esta multidão sacerdotal havia um ro-  
mano. Era Públio Sexto, lugar-tenente do legado imperial; fa-  
890 lava com palavras abundantes, largos gestos. Era pálido, com  
uma pequena cabeça enérgica e voluntária; era devasso, servil,  
falso, luxuoso, e vinha de Cápreas. Era ali escutado como um  
profeta na antiga Israel; falava da Via Ápia, das festas de Roma.

875: [O vinho massico provinha do Monte Massico, célebre pelo seu vinho (*vinum massicum*, *apud* Gaffiot).]

895 Eu escutava, encostado a uma árvore, na escuridão, concentrado e triste.

— Só em Roma se vive, dizia ele. Isto é pior que o bairro das Esquílias. Não é por vós, Simeão, que tendes a escola do vosso amigo Ventídio, homem que sabe comer; mas, na verdade, que nos recebem aqui como Evandro recebeu Hércules, 900 com farinha cozida e uma esteira espartana.

— Mas vós outros, os romanos, sois glutões e amigos do vinho! disse Nathan, um escriba, homem invejoso, com uns lábios carnis.

905 Mas Públio falava duma ceia em casa de Ático, antes de vir a Óstia embarcar com o legado da Síria.

— Quereis saber? perguntava.

— Dizei, dizei, gritavam curiosamente pela mesa.

910 — O chão era de mosaicos gregos. Entre as colunas havia largos panos tecidos de aço, pesados, à moda de Cartago. Um vapor de água tépida penetrava os músculos, enlanguescia. Tínhamos esfregado os braços, o peito, com pedaços de pele de tigre humedecida de óleo. Os membros estavam ágeis, fáceis para as danças, para as escravas! Do tecto caíam folhas de rosas húmidas!

915 Todos tinham olhos cintilantes; estendiam-se para escutar; alguns estavam de pé, junto de Públio.

920 — O trinchador, dizia ele, o trinchador, meus amigos, era o próprio Trifério! Tínhamos lebre, gazela, faisão de Lícia, cabras da Getúlia, javalis, cordeiros de Tíbure, que nunca tinham comido erva, e tartarugas delicadamente preparadas em molhos da Campânia, na própria concha, polida, transparente! Moreias do Lago Lustrino, lagostas nadando no azeite de Venafre! As taças eram de âmbar. Que dizeis vós?

925 Os austeros doutores, os graves herodianos, os fariseus, cevados, oleosos, com os beiços luzídios de molhos, a boca riscada de vinho, tinham um olhar ávido, guloso, ímpio, para as palavras de Públio.

910: [ARS: “enlaquecia”. Adoptou-se a opção dos editores anteriores, embora se possa propor [enfraquecia].]

918: [Actualmente: “Tívoli”.]

Barrabás, entre os escravos, tinha os olhos humedecidos pelo desejo. Todos admiravam.

930 O romano dizia o fim da ceia e as gaditanas que entravam, envoltas em tecidos diáfanos, correndo em coreia, em volta dos triclinios, e aspergiam a cabeça dos saciados, com lilases molhados em falerno! — E falava das mulheres romanas do bairro de Subura; e com uma voz branda, curvando-se:

— Que estas mulheres sírias, dizia, têm uns olhos escuros  
935 que valem centenaes de sestércios.

Os outros riam. Falavam baixo, jovialmente, contavam, lembravam, desejavam.

— Estas mulheres são castas e cuidadosas, as romanas são devassas, e tudo ali terminará, como em Sodoma e Nínive!

940 Quem assim falava era um fariseu, Essen, homem magro, lívido, cavado de jejuns, com uns olhos tenebrosos, cheio de barba. Não comia, e parecia constrangido, isolado. Tinha vindo para amaldiçoar, para lembrar a morte, e o terror de Jeová!

— Devassas, dignas do fogo — para vós, devotos e zelosos!  
945 — Mas belezas impecáveis, imortais para quem pode desapertar a rede de ouro, em que elas prendem o seio! — São os seus costumes que as tornam desejadas, que as fazem mais apetitosas que todas as farinhas molhadas em leite que elas põem na face, e que todos os unguentos de Popeia.

950 Públio falava, inflamado, descomposto: tinha gestos lascivos; bradava os nomes das damas romanas:

— Vede Laupella, uma patrícia! E Medullina! E Hillia! que se namorou do actor Úrbio, e Hippra que fugiu com o gladiador Sérgio, e Hipulla, que em plenos jogos megalésios, diante do  
955 povo romano e das legiões, cuspiu na estátua do Pudor!

Uma larga risada sacudia os peitos. Bradavam:

— Contai, contai!

Enchiam as ânforas: arrepelavam os escravos. De bruços, sobre a mesa, com a cabeça apoiada nos braços, esperavam  
960 voltados para Públio, com olhos perturbados. Os velhos abriam

299: [ARS: “— O romano dizia, o fim da ceia e as gaditanas”.]



largamente uma boca escura, sem dentes. Os olhos reluziam. Havia gritos. Um escriba da arca do tesouro gaguejava uma cantiga siciliana, com voz áspera arrastada. O círculo de cabeças ávidas, duras, curiosas, destacava, violentamente no escuro. 965 Públio exclamava, com palavras tumultuosas: tinha a túnica clara manchada de vinho; tinha os braços nus, brancos, femininos: e com largos gestos.

— E Túcía, e Túcía, gritava, eu vi-a um dia no teatro, quando o actor Bactilo fazia com toda a sorte de lascívias o papel 970 de Leda, torcer-se no seu lugar, arrancar a rede dos seus seios, e com os olhos mortalmente lânguidos chamar a altas vozes: — Bactilo, Bactilo, vem!

Largas risadas. Alguns gritavam, imitando o romano: Bactilo, Bactilo!

975 Os velhos torciam-se nos seus triclinios, tomados de riso, de escândalo. Alguns escribas gritavam: — *Viva Roma!* Os fariseus tinham olhos terríveis, e uma atenção ávida. Um cortava violentamente o pau do estrado, mordendo os lábios!

Públio pedia falerno, folhas de louro, insultava a indolência dos escravos, queria lançar fogo ao velário, e dizia: 980

— Quem conhece Cessénia? Ninguém conhece Cessénia? Cessénia tinha de dote seis milhões de sestércios. Casou com Sertório, o pobre, com a condição de poder escrever diante do marido os bilhetes aos amantes, e poder ir deitar-se uma vez 985 cada mês, para quem entrar, no leito alugado de um lupanar de Subura!

Os escribas riam, esvaziavam as taças, desafogavam o peçoço das túnicas pesadas, lançavam para longe as folhas de metal presas à cintura, onde está escrita a Lei. Um, ébrio, com os 990 olhos riscados de sangue pedia o culto de Baal.

Alguns sacerdotes tinham adormecido sobre os triclinios, curvados, enroscados, imóveis. Os fariseus torciam o braços, falavam de Tiro.

Públio clamava:

995 — Pois que há de melhor que ver uma patrícia, de longo penteado e saia curta, depois de estar cheia de ostras e lagostas irritantes, beber de um trago numa enorme taça o falerno consular, e vir, resvalando sobre o mosaico húmido de vinho,

cair sobre o nosso peito, gritando em grego: *minha alma, minha vida, ai!*

1000

E Públio arqueava lascivamente os braços, deixando pender a cabeça, a garganta túmida de suspiros, arquejando!

Os escribas, os fariseus estavam cheios de delírio e de vinho. Riam animalmente. Soltavam grandes gritos. Alguns rolavam-se no chão: mordiam as almofadas dos triclinios. Derramavam o vinho sobre os vestidos, abraçavam os escravos, quebravam a taça, exaltados. Um jogava à luta com uma árvore, depois envolvia-a, beijava-a. Cantavam em grande voz os cantos do tempo de Salomão, dando-lhe expressões lascivas. Feriam a cabeça contra os grandes jarros cinzelados. Corriam, inflamados, como num mistério sagrado. Alguns gabavam-se de devassidões ocultas. Falavam de dinheiro, de banquetes, de mulheres, de prostituições sagradas no fundo dos bosques!

1005

1010

Públio gritava:

1015

— Não sabeis, fariseus, não sabeis a aventura de Lêntulo.

— Não, não, bradavam alguns penetrados da alegria, do escândalo, de curiosidades inflamadas.

— Lêntulo casa com uma virgem patrícia, neta de cônsules: nove meses depois prepara, segundo o costume, para o filho que vai nascer, o berço de tartaruga, coberto de estofos e de ramos de loureiro, e expõe-no às boas palavras dos que passam. Mas toda a nobreza da Via Ápia rompe em risadas. O filho de Lêntulo era a imagem viva do bufão Euríalo, e tinha, como ele, três verrugas no queixo.

1020

1025

A risada fazia o ar sonoro. Públio, de pé, manchado, com a túnica rota, descomposto, gritava:

— Ouvi, ouvi!

Escutavam com um riso inquieto.

E Públio, enfático:

1030

— Os actores, dizia, os gladiadores, os bufões, os tocadores de flauta, os truões, são os pais de todas as crianças, que nasceram na nobreza romana!

1028: [ARS: “ruim”. Adoptou-se a opção dos editores anteriores, embora se possa propor [ruído].]

Um velho fariseu elevando sacerdotalmente uma ânfora, gritou com uma voz terrível:

1035 — Vivam os truões!

A multidão sacerdotal bradava, uivava, cantava, rojava-se pelo chão. Era bestial e imundo.

Aquele ruído parecia-me triste como o cálix de pedras de sepulcros.

1040 Barrabás, espancado, cambaleava, blasfemando, imundo e jovial.

O vinho começava a domá-los, alguns escorregavam, caíam, agitavam-se como agonizantes, e perdiam os espíritos num sono petrificado. Outros penetravam na espessura do pomar, buscando frescuras da erva, da água. Uns falavam como num delírio grotesco. Dois escribas argumentavam, frenéticos, hostis. Um, forte e vasto fariseu, de braços sobre a mesa, o olhar fixo, bestial, roía monotonamente uma flor.

1050 Simeão ressonava no seu estrado, Públio no chão húmido. Os escravos deitavam peles sobre os dormentes. Os lampadários extinguíam-se. Vinha um frio húmido. Cantavam os galos.

Eu atravessei o pomar, subi a um terraço.

1055 Uma claridade assustada, abatida, aparecia. Eu via ainda reluzirem lâmpadas nos pequenos bazares que estão sob os cedros do Monte das Oliveiras. Ouvia-se o rumor grave do Cédron; por vezes o grito dum chacal. Via Betânia; ali Jesus dormia, sereno, puro, impecável.

1060 Voltei aos pórticos da casa, pela rua areada do pomar. Ali havia um rumor; os escravos, agitados, falavam. Alguns da milícia do Templo tinham encontrado, no Pórtico de David, nas lajes, uma mulher nos braços dum homem. Era uma adúltera; a milícia trazia-a a casa do Simeão, que naquela semana fazia a condenação dos desacatos ao Templo, em nome do sanedrim. A milícia tinha sido diligente, apressada, minuciosa, porque a miserável era mulher de Barrabás, e todos queriam ver as contorções joviais, o desgosto grotesco do truão! Mas Barrabás estava prostrado, imóvel, enroscado, no chão.

1036: [ARS: — “A multidão”.]



Fui ao lugar do velário; os doutores, os fariseus acordavam; era já manhã azul; todos se erguiam, fatigados, sombrios, calados, hostis; aconchegavam-se nos mantos, lívidos, tomados do frio; procuravam os cintos das túnicas, amarravam as franjas, apanhavam, limpavam as lâminas da Lei; sacudiam-se, penetrados do orvalho. Queriam água clara, fria; os escravos traziam largas conchas de jaspe; bebiam, mergulhando a cabeça; enchiam as taças; alguns iam estirar-se, de rastos, junto de um regato, e bebiam com a cabeça entre as ervas. Simeão, absorto, sonolento, bocejava:

— Vinde, dizia-lhe eu, tendes serviço; vieram uns da polícia, com uma miserável mulher.

Simeão, trémulo de frio, febril, encolhido no manto, caminhava, arrastando os coturnos, para o seu pátio civil. Fariseus, doutores, membros do sanedrim seguiam-no. O pátio era largo, em colunas. Uma lâmpada esmorecia. O cão acorrentado rosnava.

Os da milícia falavam, riam, partiam um pão escuro, bebiam em cântaros. A mulher caída sobre o chão, rota, sonolenta, imbecil, soluçava. A túnica aberta deixava ver a forma impecável do seio.

Simeão interrogava:

— Vem presa, dizia eu, com uma voz forte, que dominava, no silêncio; acharam-na à porta do Templo, no Pórtico de David. Vede-a. Estava em acto de adultério.

— Oh, disseram todos, indignados.

E fariseus, escribas, sacerdotes, recuavam, escondiam a cabeça nos mantos, estendiam a mão espalmada esconjurando:

— Lapidada, lapidada, disseram irritados. Alguns cuspiam-lhe sobre o seio. E saíam apressados, erguendo os mantos, para que não tocassem o chão, impuro pelo contacto da mulher adúltera.

Essen afastou-se, e falou junto ao ouvido de Simeão.

— Sim, sim, disse Simeão — e voltando-se para os da milícia — esta mulher que seja aqui guardada até à hora sexta.

Eu saí. Os soldados romanos abriam com estrondo metálico as portas de Jerusalém. A multidão apressava-se: vinham os vendedores de legumes das hortas de Betfagé, de

Betânia; os camponeses de Betel, de Emona traziam os sacos de trigo; passavam solenemente as fileiras de camelos. Um beduíno de Idumeia conduzia rebanhos: as reses balavam. Do alto da Torre Antónia vinha um som de trompas: entravam  
 1110 velhos mercadores sentados em seus burros; um vidente clamava!

## VIII

Eu ia triste: o amanhecer, a aparição espiritual da aurora, enche de melancolia depois das noites tomadas de vinho, fartas  
 1115 de carne. Demais nunca os tenebrosos devotos me tinham despertado, pelo seu artifício, tão altivos desprezos.

Mal dormi, durante o roxo da madrugada: à hora quarta, encaminhei-me, obscuro e inconsolado, para os meus monótonos  
 1120 ofícios do Templo. Alguns dos fariseus, dos escribas, que se tinham rojado nas relvas de Simeão, já argumentavam, ajustavam reses para os sacrifícios.

O dia estava nublado, hostil ao homem. Eu afogava-me na melancolia: pensava nos prados da Galileia, nas águas do Lago, nas  
 1125 espessas folhagens: Jerusalém, cidade de pedra escura e de negra intriga, pesava-me. Sentia-me desligado da vida sacerdotal. E dizia: Se eu fosse um pobre cultivador das vinhas de Safed, um semeador das planícies de Saron!

A multidão provincial enchia o Templo; havia o ruído dum mercado; a minha irritação crescia: percebia em volta de  
 1130 mim uma influência material, dura, mesquinha, sufocante! Ia-me encostar à balaustrada da Galeria de Salomão, olhava as verduras, as hortas, os cedros do Monte das Oliveiras: mas tinha de entrar nos santuários, de roçar pelos fariseus, escribas, por aquelas hierarquias sacerdotais, que me amargavam. As co-

1106: [ARS: “Betama”.] / [ARS: “de Betel d’Emmons”. A minha proposta vem do facto de estar a aldeia de Emona muito perto da de Betel no mapa da Jerusalém Bíblica (Enciclop. Espasa Calpe, item “Palestina”).]

1120: [ARS: “Simeão. Já”.]

1135 lunas enormes e brancas, as portas esculpidas em bronze irritavam-me: invejava a erva que cresce junto às pedras dos mortos.

Aquela vida sem fé, sem dignidade, era-me tão odiosa, como me seria odioso o meu corpo se ele se petrificasse, deixando-me a alma livre. Para qualquer lado que olhasse daquela organização sacerdotal, só via uma hipocrisia ou uma especulação, ou uma vaidade, ou uma humilhação: os sacerdotes que se prostram à entrada do santuário, sustentado por dois levitas risonhos, no seu êxtase enfastiado; os argumentadores, vãos, artificiais, vazios; os doentes que cantam os salmos, mendigam, riem, fazem a ostentação ruidosa das suas chagas, tudo me dava um tédio obscuro e atormentado. Sentia em mim cóleras de bárbaro: agradava-me a ideia de desprezar com um açoite aquele sacerdócio aviltado que vive do Templo, lhe compreende a vaidade e lhe aceita o lucro. Quantas vezes eu percebi o sorriso imperceptível dos sacerdotes sacrificadores, diante da piedade simples e crente de pobres galileus, e de provinciais ingênuos!

Invejava quase o Romano, o Grego, o mercador de Tiro, que não é de Jerusalém, nem do Templo, que não habita neste espaço duro, entre o Acra e o Mória, cativos e gementes!

Que temos nós em Jerusalém de bom, de justo?

— Temos uma pátria? Não: e olhava a Torre Antónia, onde os expedicionários, com grande ruído, atiravam à barra.

1160 — Temos uma religião, uma fé? Não: e via os sacrificadores vestindo os pertuais, para degolar a pomba da rocha sagrada, enfastiados, bocejando nas noites mal dormidas na encosta de Sião ou na rua do Alto Mercado, no leito do cortesão de Cesareia!

1165 — Temos nós uma ciência, uma lei elevada — forte, justa? Não: e olhava aqueles estéreis, consumidos doutores, clamando contra uma palavra, e argumentando se os papiros devem ser enrolados, ou dobrados para agradar ao Senhor!

1145: [ARS: “cantavam”.]

1156: [ARS: “a Acra e a Maria”. Tanto o Acra como o Mória são montes.]



Até a brancura do Templo, aquelas escadarias novas, po-  
 1170 lidas, aqueles frisos pálidos e nítidos, me faziam o efeito do  
 quer que fosse que não tem alma, nem passado, nem legenda!  
 Eu sentia que o ideal já não habitava Jerusalém!

Ambicionava ter a palavra de Isaías, a ciência de Gamaliel,  
 a popularidade de Juda Gaulonite, e à frente das multidões do  
 1175 Norte, galileus e samaritanos, gente espontânea e forte, derru-  
 bar tudo na escura cidade, desde o pórtico onde ora o fariseu,  
 até à ameia donde escarnece o Romano. Estes pensamentos  
 enchiam-me, resultados da noite perturbada, ou dum estado  
 elevado de consciência, ou enfim da reacção que em toda a  
 1180 alma honesta aparece um dia, contra o que ela julga, o erro ou  
 a vaidade.

— Ah Jesus de Nazaré, pensava eu, é o único homem, que  
 nos poderia salvar, ou como um Messias, ou como um Macabeu,  
 ou como um simples que tem a fé e a justiça! Mas terá ele a  
 1185 acção?

Aqueles braços consumidos de se erguerem em vão para o  
 seu ideal terão o vigor de sustentar a velha espada da pátria  
 Judeia? Será ele o homem humano, forte, duro? Ou o seu corpo  
 é apenas o cárcere duma alma melancólica e transcendente?

O Rabi de Nazaré tem popularidade na Galileia; as suas  
 máximas largas, onde cabem o pecador e o pagão chamar-lhe-  
 1190 ão a Samaria; a Pereia é um país de profetas; o povo de Jeru-  
 salém sofre todos os dias a vexação de Roma; todo o país cul-  
 tivado que vai até Jopé, é infeliz, porque o tributo devora a  
 1195 seara. Poderá Jesus de Nazaré fazer este movimento popular?

Porque a ideia duma pátria perseguia-me, como uma voz  
 que pede socorro.

— Porque não, dizia eu, eu surpreendi já nos seus olhos  
 uma vontade dura: porque há-de ele ser apenas abstracção,  
 1200 zomba, símbolo?

1178: [ARS: “os resultados”. Adoptou-se a supressão do artigo dos editores ante-  
 riores, embora NA conserve a versão original, um tanto estranha.]

1180: [ARS: “altura honesta”. Adoptou-se a alteração dos editores anteriores, em-  
 bora NA conserve a versão original, que de facto não faz grande sentido.]

E pensava em falar a Jesus de Nazaré. Estas ideias aliviaram-me, como inesperadas consolações.

1205 O dia azulava-se, enchia-se do sol imortal. Eu sentia, junto aos pórticos, onde esperam as reses dos sacrifícios, o profundo mugir dos bois: tinha a sensação de natureza verde, de tempos repousados, contentes.

1210 O Templo estava cheio do rumor da multidão civil. Eu descia a larga escadaria para o Pátio da Balaustrada: vi Jesus de Nazaré junto do pórtico onde estão as inscrições latinas e gregas de entrada defesa, cercado de galileus, de povo. Os de Jerusalém começavam a atender às palavras de Jesus: ainda que penetrados da educação farisaica, e limitados num espírito estreito e hostil, achavam verdade, doçura, nas parábolas do Rabi de Galileia; era o povo do baixo mercado, dos arredores de 1215 Betânia, de Betfagé, do Monte das Oliveiras. Os mercadores, os ricos, mesmo os mais afastados dos zelos farisaicos, tinham para a palavra do Mestre o riso áspero, o desdém, ou a indiferença.

1220 O Rabi de Nazaré estava triste. Sentia-se decerto isolado, sufocado, naquele mundo hostil, argumentador. Jerusalém devia pesar à alma delicada e aspiradora do Mestre. Lamentava decerto os seus campos de Galileia, as solidões consteladas, os pomares de Chorazim. Naquela alma, passava-se uma luta dolorosa entre a fé, a convicção que o retinham em Jerusalém, 1225 e os seus instintos todos suaves, idílicos, que, com vozes amantes, o estavam levando para os prados da Galileia! A sua vida até aí tinha sido larga, fácil como a sua túnica, toda penetrada do amor, da luz paradisíaca do reino de Deus.

1230 Em Jerusalém a sua vida seria de luta, de intriga, de hostilidade, de desdém. E onde tinha tomado o doce Mestre do Lago a energia, a resistente fibra, para esses dias amargos? Nos embalos da água, no ar doce das montanhas de Galileia, na leitura serena da sinagoga de Magdala, no amor humilde dos seus companheiros? O homem muito amado pode ser forte? 1235 A felicidade simpática, as intimidades femininas, a piedade dos velhos, pode dar a dureza, a altivez, a atitude indomável? Não, não: em presença daquelas poderosas hierarquias sacerdotais, da hostilidade minuciosa dos escribas, das oposições farisaicas,



1240 da impassibilidade inimiga de Jerusalém, a sua alma acostuma-  
da a ser amada, rogada, devia fechar-se asperamente, no seu  
ideal, como em uma concha. O receio da morte era, nele,  
decerto maior, do que a repugnância que devia fazer à sua alma  
virginal o escárnio, a argumentação vingativa, o opróbrio. Viver  
1245 sempre na Galileia, pregar o seu coração, dar-se em amor e em  
verdade aos infelizes mal-amados e transviados, ter a eterna  
serenidade do seu idílio social, que doce futuro, terno, purifi-  
cado, coberto de luz!

E estava ele bem certo de convencer as almas, de conver-  
ter as hostilidades? Como seria compreendida a sua palavra de  
1250 amor, igualdade, perdão, pobreza, neste mundo todo egoísta,  
avaro, hierárquico, agonizador, político? Não ia ser repellido,  
por um imenso desdém? Ele só pela sua palavra etérea, pela  
promessa do reino de Deus, como lutaria com estes sacerdotes  
que têm liteiras, milícias, escravos frígios, colunas de mármore  
1255 grandes como torres, e um templo edificado como uma eterni-  
dade? E os seus olhos voltavam-se com amargura para as edi-  
ficações de Herodes o Grande.

Os galileus tomaram nas suas feições o perfil da melanco-  
lia do Mestre: eles pobres camponeses, ignorantes, sentiam-se  
1260 esmagados no meio de tantos mármore do Templo, de tanta  
ciência de doutores, de tantas forças civis!

Jesus ia, com passos casuais pelos terraços do Templo: os  
seus olhos tinham um vago inefável; os discípulos mostravam-  
-lhe ou um sacrificador revestido, resplandecente, ou as altas  
1265 colunas incrustadas de jaspe, ou as lâminas de ouro do san-  
tuário: ele olhava infinitamente triste com um desdém abatido.

Eu estudava junto dele o movimento provável, lógico, das  
suas ideias: mas um grande rumor encheu o Templo.

Jesus de Nazaré estava nos altos terraços, donde se domi-  
1270 na todo o baixo recinto do Templo.

Pelos pátios, pelas escadarias, aproximava-se uma multi-  
idão cheia de vozes, de gritos penetrantes.

Adiante, entre alguns da milícia sacerdotal, armados de  
paus, couraçados de peles de búfalo, vinha uma mulher, arras-  
1275 tada; escribas, fariseus, herodianos, inflamados de zelo, cheios  
das vinganças da lei, vinham em volta, com largos gestos de



1280 cólera, ásperas imprecações. Os negros olhos irritados reluziam. A mulher a todo o passo caía, abatia-se, duramente espancada: tinha fortes cabelos negros desmanchados, os pés riscados de sangue, a túnica espedaçada, o rosto levemente aquilino tomado de aflição.

1285 A multidão dura clamava: todos corriam, curiosos; vinham as vendedoras de pombas, os cambiadores do oiro; os escribas saíam do santuário; vinham os pregões, os demandistas, os que passeiam na rua com fardos, ou conduzindo gados; os doentes da piscina arrastavam-se, os coxos corriam com grandes deslocções nas suas muletas.

1290 Todos interrogavam, queriam penetrar até aos soldados, aos fariseus, havia uma curiosidade bárbara: alguns subiam às balaustradas, e estendendo o manto sobre a cabeça, contra o pesado sol, olhavam avidamente; as aves de sacrifício assustadas esvoaçavam, as reses balavam. Os sacerdotes revestidos à porta do santuário sobre [a] tripeça de bronze olhavam, interrogavam. A multidão enchia as escadarias e os pátios.

1295 O Rabi de Nazaré estava no terraço, imóvel, sereno, cercado dos seus galileus: defronte dele havia um espaço batido do sol; os soldados pararam ali, e a mulher caiu sobre a pedra, sufocada, abandonada, torcendo os braços. Era alta, escultural, de fortes cabelos, com uma semelhança pagã.

1300 Então, num grande silêncio, um escriba, que vinha, caminhou para Jesus, e com a voz austera, altiva, disse:

— Rabi, sabemos que és justo e verdadeiro; aqui está uma mulher que foi achada em adultério nos pórticos do Templo.

— Lapidada, lapidada, prorrompeu a multidão.

1305 Erguiam-se braços com paus; apareciam rostos inflamados. Sentiam-se os gritos agudos, arrastados, das mulheres.

Jesus tinha o olhar abstracto; aos seus pés a mulher soluçava. Os soldados riam.

1286: [ARS: “arrastam-se”. Adoptou-se a modificação dos editores anteriores, mais lógica, de facto.]

1297: [ARS: “paravam”.]

1306: [ARS: “sentiam os gritos”. Adoptou-se a modificação dos editores anteriores, mais lógica.]

- O escriba falava, com gestos abundantes:
- 1310 — Rabi, dizia, a Lei de Moisés, a nossa Lei, diz que a mulher adúltera deve ser lapidada; mas tu que comentas, explicas a Lei; o que pensas tu, Rabi?
- Jesus olhou o escriba serenamente.
- O Rabi de Nazaré perdoa sempre esses pecados.
- 1315 Sentiram-se risos. Um velho, áspero, adunco, gritava:
- Ele vive com as mulheres possessoras; ele vive com os publicanos!
- E um fariseu bradou:
- É o Salomão das mulheres perdidas.
- 1320 Toda a multidão riu largamente; mas o escriba mostrava o filactério onde anda escrita a Lei, e exclamava:
- Ouve bem, Rabi, a Lei de Moisés manda-a lapidar.
- O povo cruel dizia num clamor:
- Lapidada, que seja lapidada!
- 1325 Alguns fariseus gritavam:
- E o Rabi, e o Rabi de Nazaré!
- Os sacerdotes, escandalizados, faziam ver os centuriões da milícia templária. A multidão era espessa; os mendigos apregoavam *posca*; os vendedores de Betfagé mostravam pombas enfeitadas de escarlata; os doentes da piscina iam, entre a gente, mostrando as chagas, dizendo os salmos, pedindo dracmas; da Torre Antónia algumas velhas cabeças de legionários espreitavam.
- 1330 Então uma voz aguda, vibrante, amarga, gritou:
- 1335 — Essa é a mulher de Jesus Barrabás.
- Uma risada sonora, pesada, tomou o povo: os soldados apertavam as costelas; os sacerdotes, junto às portas da ara,

1311-2: [ARS: “cimentas, explica a Lei;”]

1314: [Aqui os editores anteriores, menos NA, introduzem uma frase, que é a seguinte: [— gritou alguém na multidão]. O acréscimo faz sentido, na medida em que, como se nota lendo o texto a seguir, Jesus de Nazaré só vai falar no fim, dizendo “— Sim, lapidai-a”, etc. E antes de Jesus falar, acabava de dizer João ao escriba: “— Quem te disse que o Rabi de Nazaré perdoa a mulher adúltera? Ele manda lapidá-la”. No entanto, tal acréscimo, de pura invenção, não se justifica. O leitor pode pensar que a primeira réplica surge mais ou menos anónima, partindo a segunda do velho áspero e adunco.]

riam nas suas longas barbas, fazendo oscilar as pesadas mitras cravejadas. Entretanto os fariseus iam entre os homens, contentes do riso, dizendo:

1340 — Esse Rabi de Galileia, quer que seja perdoada; é um homem impuro, que despreza a Lei.

Alguns queriam levar o Mestre diante do sinédrio.

1345 Mas na multidão havia uma oscilação; sentiam-se gritos, risadas joviais, vozes; o povo afastava-se; e dentre a sua escura espessura vinha empurrado, repelido, atirado, um homem.

E vozes alegres bradavam:

— Aí vai Jesus, Barrabás, aí vai!

1350 O homem, esfarrapado, absorto, assustado, veio estacar, olhando, nessa áspera inquietação, como um boi espantado, junto de Jesus.

Era Barrabás.

Viu a mulher soluçando, caindo sobre as largas lajes.

1355 E olhava, com os olhos vibrantes, voltava-se, recuava, e tomando, com ambas as mãos, violentamente uma ponta da túnica, estendeu-a para a multidão, gritando:

— Quem dá para o luto?

O povo ria; bradava:

— Lapidai-a, lapidai-a!

1360 Barrabás dizia:

— Lapidai-a, dai-me para o luto!

E ria, com grandes contorções, com visagens. A mulher chorava.

1365 Havia um clamor; o povo pedia a lapidação, os fariseus, os escribas diziam que o Rabi queria o perdão, o desprezo da Lei.

— Fala, Rabi, fala, gritavam-lhe dentre a multidão.

Mas Jesus olhava sereno, calado.

Então um escriba, erguendo os braços, convulso, com a voz mordente, colérica, bradou:

1370 — Sim, sim, povo de Jerusalém, o Rabi de Galileia despreza a Lei, quer o perdão da mulher adúltera.

1369: [ARS: “mudente”. Adoptou-se a proposta dos editores anteriores.]



Ergueu-se um clamor inimigo; alguns zelosos erguiam paus, pediam a morte.

1375 Mas João, exaltado, tomando o braço ao escriba, bradou-lhe poderoso, irritado:

— Quem te disse que o Rabi de Nazaré perdoa a mulher adúltera? — Ele manda lapidá-la.

1380 Havia um silêncio. E Jesus, adiantando-se, em toda a nobreza da sua estatura, para a multidão, com um olhar inflamado de luz, disse:

— Sim, lapidai-a, e aquele de vós outros que se julgar sem pecado, que lhe atire a primeira pedra!

A sua voz era forte, côncava, misteriosa, assustava.

1385 A imensa multidão estava calada, absorta; alguns rumores elevaram-se; os fariseus, os escribas afastavam-se, rosnando. Alguns velhos choravam: vozes diziam: — É o Messias, é o Messias! Todos se dispersavam. Os largos pátios reluziam ao sol, quase desertos.

1390 Eu afastei os soldados, soltei a mulher: os fariseus, em grupos irritados, concertavam, à porta do santuário, entre os centuriões da milícia templária.

1395 Eu que tantas vezes assistira às lapidações de adúlteras, estava concentrado, absorto: aquela palavra, caída no meio da minha educação judaica, perturbava toda a organização do mundo interior que nos habita. Alegrava-me em ver, com uma palavra simples e genial, a hipocrisia de uma raça ferida na sua essência: tinha admirações inesperadas pelo espírito harmonioso do Mestre de Galileia.

1400 — Sim, sim, dizia eu, Jesus de Nazaré, pelo seu génio simples e justo, pela delicadeza penetrante da sua palavra, pelo seu ensino sobre a riqueza, sobre os pobres, sobre o perdão, sobre o culto, e pela influência poderosa do seu ser sobre os homens, está destinado, talvez, a ser a regeneração de Israel. Se ele tem

1376: [Os editores anteriores preferem “à mulher”, mas a vogal no original aqui não leva acento, e sim no resto de texto quando se trata de “a” preposicional.]

1382: [ARS: “pedra?”]

1484: [ARS: “aborta;”]

1405 apenas o espírito, eu terei por ele a força. Ai de mim, ignora-  
do, fraco, tímido, mais especulativo que activo, como poderia  
eu ser o homem decisivo duma insurreiçãõ?

1410 Mas o tédio da vida presente, uma mocidade ávida de acção,  
o desdém irreconciliável pelo Templo, e pela sua gente, o pres-  
tígio que em mim tinha a vida do agitador Juda Gaulonite,  
tudo isso, e o desejo de me aproximar do Mestre de Galileia  
me levou a procurar João, de Cafarnaum, e a pedir-lhe, sim-  
plesmente, rapidamente, que me levasse a Jesus de Nazaré. João  
1415 disse-me que à noite estivesse junto à Porta dos Rebanhos; viria  
um homem que me diria esta palavra *Shalon*, que era a sauda-  
ção usada do Rabi, que o seguisse, e pela noite alta, falaria a  
Jesus.

1420 Uma trémula inquietação me tomou até ao anoitecer: o  
contacto com aquele homem, a gravidade das ideias que eu lhe  
levava, o perigo, tudo me tornava mais perfeito de sentidos,  
mais abundante de palavras, mais pronto de fé.

## IX

1425 À hora terceira da noite, eu descia por entre os pomares  
que têm a sua raiz na encosta onde assenta o bairro de Bezeta;  
era num horto, junto ao Monte das Oliveiras, que eu ia ver  
Jesus de Nazaré.

1430 A noite estava cheia de um luar vivo, profundo: havia  
sombrias suaves sob as largas ramagens; um silêncio doce ocupa-  
va a terra. Ouvei apenas um canto, triste, arrastado: alguma  
pobre mulher embalava o filho, chorava o marido levado para  
as legiões de Roma.

O homem que me guiava abriu uma porta, estreita, de  
vime: entrei num espaço coberto por folhagem de cedro; sen-  
tia-se frescura de água, cheiro de plantas.

1422: [ARS: "tercena".]

1435 A lua alumiaava, defronte, um espaço aberto, areado, com um banco de pedra: aí, com os braços cruzados no regaço, a cabeça apoiada ao muro, o olhar afogado no espaço alumiado, estava Jesus.

Ergueu-se, lentamente, e disse:

— Paz.

1440 — Paz e alegria, Rabi, disse eu. Velavas.

— Velo sempre; bem-aventurado o que vela: ele é como o servo diligente, que espera acordado o seu senhor que foi para as bodas; e mal o sente chegar, corre logo a abrir.

1445 Jesus calou-se, perdendo o olhar, no inefável espaço luminoso.

Eu aproximei-me, e com uma voz profunda, convencida, disse:

— Creio em ti, Mestre!

Jesus olhava, enlevado, transcendente.

1450 Havia um silêncio; eu estava constrangido, e dizia para o chamar às nossas comuns imaginações:

— Rabi, o que é necessário, segundo pensas, para alcançar feliz a vida eterna?

1455 Jesus pousou em mim, demoradamente, os seus olhos severos.

— Serves o Templo, disse, serves a Lei, e não conheces a Lei; a Lei que diz?

— A Lei, disse eu, ensina que amemos a Deus sobre tudo, e aos outros como a nós.

1460 — E eu digo como a Lei.

E olhava-me, penetrantemente: falava, como num sonho, ou a alguém invisível,

1465 — Não se pode servir bem a dois amos: um deles se há-de desprezar, outro servir. Não se adora no mesmo coração a Deus e a Moloch.

Compreendi que o Rabi não tinha confiança em mim: que me julgava um emissário do Templo para lhe escutar a doutrina, e dar testemunho contra ele.

Respondi com uma dignidade dura:

1470 — Tens para mim palavras desconfiadas, Rabi. Chama João. Ele sabe que creio em ti, e que não vou dar-vos testemunhas,



que o sanedrim põe por trás das portas dos blasfemadores da Lei. O meu corpo serve, e vive no Templo, mas muitas vezes, o meu espírito tem andado contigo, em desejo e em verdade,  
1475 no teu Lago de Tiberíade. Chama João.

## IX

1480 O Rabi considerava-me atento.

— O homem, disse ele, dá testemunho do homem: só Deus conhece os corações.

— Pois bem: tu, que segundo dizem, és hoje o maior vidente de Israel, tu julga, ou condena minha alma.

1485 Dizia isto grave, firme, áspero. Jesus de Nazaré, com o rosto esclarecido, disse-me docemente:

— A fé salva.

E depois dum momento:

— E quem dizem então os de Jerusalém que eu sou?

1490 — Uns, Mestre, dizem que és Elias, ou o Baptista ressuscitado, outros que és o Messias, os fariseus pensam que és um blasfemador ambicioso ou um simples sincero, a maior parte ignora-te: esta é a verdade.

— E tu quem dizes que eu sou?

1495 — Eu, digo que és um homem justo, e uma elevada consciência das coisas divinas. Digo que és um homem mandado providencialmente, num tempo humilhado e vil, para erguer as almas, desmascarar as hipocrisias, vingar a pátria! Penso que se tens de ter uma acção no mundo, essa deve ser insurgir-te  
1500 contra a aristocracia do Templo, contra este espírito estreito de Jerusalém, contra este culto pagão das tradições, contra o fariseu e contra o Romano, ser o consolador, e ser o vingador!

— Homem, em que espírito estás? Eu vim a salvar as almas, e não a perdê-las.

1505 — E é perdê-las torná-las justas? É perdê-las, o combater este sacerdócio rico e indiferente, este culto ensanguentado e hipócrita? É perdê-las o quebrar-lhes este destino que as traz escravas, sempre choradas e sempre perdidas, e agora sob o arbítrio dos favoritos imbecis de Tibério?

1510 — Essas coisas pequenas não me pertencem: são do mundo.  
 — Perdoa, Rabi: mas a que vieste então? — E tu quem dizes  
 que és, te pergunto eu agora? Queres ficar eternamente pregan-  
 do e contemplando no Lago de Tiberíade, e andar errante pelos  
 casais? E pensas que isso influirá sobre os homens, tanto se-  
 1515 quer como uma folha seca? Pensas fazer uma revolução na  
 Judeia, acariciando as cabeças loiras das crianças de Chorazim,  
 e contando parábolas, entre os campos, aos simples e às mulhe-  
 res? Compreendo que a tua ambição não seja maior, e que te  
 baste a felicidade de um sonho na fraternidade dos simples.  
 1520 Mas então para que vieste a Jerusalém? Para que pregas no  
 Templo? Se tu não és uma iniciativa revolucionária, o que és  
 então? Que és tu, se não és uma forte intensidade de vontade?  
 As máximas que tu pregas são de Hillel, são de Gamaliel, são  
 de Jesus de Sirach: sei que há coisas novas no teu ensino, mas  
 1525 o que nelas há de grande é a tua força de convicção, e a tua fé  
 e a tua profunda virtude no sacrifício, e a tua infinita vontade.

De que te servem então estas qualidades, para que as guar-  
 das? Não és tu judeu? Não é a tua mãe de Caná? Não podia  
 teu pai ser levado legionário para Roma? De que nos servem  
 1530 essas parábolas, essas ironias, essas respostas excelentes, se elas  
 não vão ferir a riqueza do saduceu, a hipocrisia do escriba, a  
 vexação do Romano? Queres abster-te da acção? Imaginas que  
 as prédicas do Templo, e o ensino sobre as montanhas, só pela  
 sua verdade abstracta podem combater, vencer um mundo  
 1535 completo, organizado, civil, rico, amado? Imaginas que se pode  
 repetir o milagre das trompas de Jericó? Crês tu que um mun-  
 do inteiro, tribunais, templos, ofícios, mercados, sacerdócios,  
 escolas, tudo fortemente ligado, se dissipe como uma visão,  
 porque um homem simpático se ergue num caminho e diz: —  
 1540 amai-vos uns aos outros, e sereis amados do vosso Pai celeste!  
 Não, tal não será, Rabi!

— Pela vossa incredulidade! Que se tivésseis a fé, — tan-  
 ta, — eu sei? — como um grão de mostarda, e dissésseis àquele

1528: [ARS: "Casia?"]

1545 monte: *passa-te daí!* o monte passaria! Oh geração incrédula, geração incrédula, até quando estarei entre ti?

O Rabi dava largos passos atormentado, doloroso.

— Rabi, Rabi, escuta-me. Eu tenho a tua fé, amo o teu reino de Deus. Mas o teu Deus consola muito em cima, e nós sofremos e choramos, muito baixo na terra.

1550 Jesus estava tomado de incerteza, de amargura. Eu dizia:

— Escuta, Rabi: consinto que só pela tua palavra, tu possas realizar o teu reino de Deus. Mas então deixa esses galileus simples, liga-te aos homens que têm a força e a ciência, e o segredo das coisas humanas: nós seremos a acção, sê tu o nosso  
1555 Messias na Judeia, nada se faz sem um profeta!

Como tens tu pensado realizar o teu reino de Deus?

Pela doçura e pela paciência, ou pela força e pela revolta?

1560 Não podes hesitar, se pensas. Queres fazer um renascimento, com os galileus que te cercam, com os publicanos infelizes, com os doentes que curas, com os miseráveis que consolas, com as mulheres que te amam, com as crianças que te sorriem?

— Deus esconde muitas coisas aos sábios, que revela às crianças.

1565 — Para que pregas então no Templo, contra os fariseus e os príncipes?

— Deixa pelo espírito dos simples e crianças operar-se a regeneração!

1570 — Na verdade, Rabi, diz-me: entendes tu, que no mundo nada vale, e que só o teu ideal pode dar felicidade e sossego? — Professas tu o desdém?

— Só o desdém dá a paz.

1575 — Dá a inércia, o sacrifício e as virtudes passivas. E se amanhã tu pudesses começar a ver realizado no mundo esse reino dos pobres, dos simples, dos pequenos? Se pelo menos visses uma terra bem preparada para a tua palavra? Se visses tudo transformado, por uma acção enérgica, revolucionária, pela nossa acção?

1569: [ARS: "Rabbi disse-me:"]



Jesus caminhava, inquieto, o seu olhar vibrava: as minhas palavras davam-lhe inesperadas perturbações.

1580 Nós víamos o Templo, luzia na branca palidez da pedra sob o luar; eu dizia-lhe, profundo:

— Olha, vê o Templo, hoje ali tudo é intriga, artifício, aparato, riqueza, sangue, hipocrisia, vaidade: amanhã seria o lugar mais santo da terra.

1585 Jesus cobria o Templo com um vasto olhar, cheio de fulguração do seu desejo. Eu tinha-lhe tomado as mãos, dizia-lhe baixo, junto à face:

— Ouve: em Jerusalém há descontentes; alguns membros do sanedrim estão irritados com a família de Elanan, com os boetosins; Gamaliel não ama o Templo; o baixo povo do mercado detesta fariseus e escribas, é nosso; a Galileia é nossa, a Pereia é nossa; mandar-se-ão emissários a Jopé; toda a Judeia se erguerá: tu serás o profeta. Queres? O teu sonho do Lago de Tiberíade será então vivo, real, palpável, existente, sobre as nuvens! — Queres?

1595 A noite era imortalmente bela: havia uma bondade no ar; o mundo parecia-me possuído de um elemento diverso.

Eu falava confusamente, ora contra os fariseus, ora contra os romanos: e não conhecia nem a força de Roma, nem o poder sacerdotal, nem a inércia de um povo egoísta. Uma grande tentação cativava o espírito do Mestre. Eu dizia-lhe tomando-lhe as mãos:

1600 — Rabi, Rabi, depois do fariseu, será a vez do Romano. Tu serás o maior da Judeia: terás glorificado o pobre, terás humilhado o rico, terás aniquilado o hipócrita, terás expulso o Romano; serás pela justiça igual a Ezequiel, pela força igual aos Macabeus; serás como David, terás a Palestina desde o Jordão até ao mar, e serás o rei de Israel.

Eu falava exaltado, mostrava-lhe Jerusalém e dizia-lhe: [—] Terás a Palestina até ao mar, serás o rei de Israel!

1610 Mas Jesus, erguendo a mão, mostrando-me com um gesto elevado e transcendente o céu cheio de lua serena, o inefável

1580: [Os editores anteriores alteram em “polidez”.]

silêncio, a pura beleza do elemento, o profundo mistério onde Deus habita, disse-me:

— Vai-te: o meu reino não é deste mundo.

1615

Olhei longamente o Rabi, lamentei o seu desdém, sorri da sua palavra: e calado, concentrado, saí pelo caminho de Betfagé.

Uma claridade aparecia: os galos cantavam. No outro dia, pela hora da tarde, Jesus, seguido dos seus, subiu para a Galileia!

*(Continua)*

1621: [Esta indicação deixa pensar que, mais do que um relato breve, “A Morte de Jesus” iria ser um romance.]





## Singularidades de Uma Rapariga Loura

### I

Começou por me dizer que o seu caso era simples — e que se chamava Macário...

5 Devo contar que conheci este homem numa estalagem do Minho. Era alto e grosso: tinha uma calva larga, luzidia e lisa, com repas brancas que se lhe erriçavam em redor; e os seus olhos pretos, com a pele em roda engelhada e amarelada, e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e rectidão — por  
10 atrás dos seus óculos redondos com aros de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resoluto. Trazia uma gravata de cetim negro apertada por trás com uma fivela; um casaco comprido cor de pinhão, com as mangas estreitas e justas e canhões de veludilho. E pela longa abertura do seu colete de  
15 seda, onde reluzia um grilhão antigo, — saíam as pregas moles de uma camisa bordada.

Era isto em Setembro: já as noites vinham mais cedo, com uma friagem fina e seca e uma escuridão aparatosa. Eu tinha

1: [*In: Brinde aos Senhores Assignantes do Diario de Noticias em 1873*. Lisboa, Typographia Universal, 1874, pp. 7-40. *In* “A Batalha”, Jornal republicano, semanário, Lisboa, ano v, n.ºs 189-198, de 16 de Junho a 18 de Agosto de 1900 (ou seja: as últimas páginas saíram dois dias depois da morte do escritor). Trata-se de uma versão com leves alterações, que parecem devidas ao tipógrafo. Extracto *in* “Almanach do Brasil-Portugal”, Janeiro, 1900. Trata-se de uma reprodução, que vai desde “As Vilaças costumavam ir” até “Era uma honra que el-rei concedia à casa dos Arcos”. Recolhido por LI, *Contos (Ct)*.]

20 descido da diligência, fatigado, esfomeado, tiritando, num  
cobrejão de listas escarlates.

Vinha de atravessar a serra e os seus aspectos pardos e  
desertos. Eram oito horas da noite. Os céus estavam pesados e  
sujos. E, ou fosse um certo adormecimento cerebral produzido  
pelo rolar monótono da diligência, ou fosse a debilidade ner-  
25 vosa da fadiga, ou a influência da paisagem descarpada e chata,  
sob o côncavo silêncio nocturno, ou a opressão da electricida-  
de, que enchia as alturas — o facto é — que eu, que sou natu-  
ralmente positivo e realista, — tinha vindo tiranizado, pela ima-  
ginação e pelas quimeras. Existe, no fundo de cada um de nós,  
30 é certo, — tão friamente educados que sejamos, — um resto de  
misticismo; e basta às vezes uma paisagem soturna, o velho  
muro de um cemitério, um ermo ascético, as emolientes bran-  
curas de um luar, — para que esse fundo místico suba, se alar-  
gue como um nevoeiro, encha a alma, a sensação e a ideia, e  
35 fique assim o mais matemático, ou o mais crítico — tão triste,  
tão visionário, tão idealista — como um velho monge poeta.  
A mim, o que me lançara na quimera e no sonho, fora o as-  
pecto do Mosteiro de Rostelo, que eu tinha visto, na claridade  
suave e outonal da tarde, na sua doce colina. Então, enquanto  
40 anoitecia, a diligência rolava continuamente ao trote esgalgado  
dos seus magros cavalos brancos, e o cocheiro, com o capuz do  
gabão enterrado na cabeça, ruminava o seu cachimbo — eu pus-  
me elegiacamente, ridiculamente, a considerar a esterilidade  
da vida: e desejava ser um monge, estar num convento, tran-  
45 quilo, entre arvoredos, ou na murmurosa concavidade dum vale,  
e enquanto a água da cerca canta sonoramente nas bacias de  
pedra, ler a *Imitação*, e ouvindo os rouxinóis nos loureirais ter  
saudades do Céu. — Não se pode ser mais estúpido. Mas eu  
estava assim, e atribuo a esta disposição visionária a falta de  
50 espírito — a sensação — que [me] fez a história daquele homem  
dos canhões de veludilho. A minha curiosidade começou à ceia,  
quando eu desfazia o peito de uma galinha afogada em arroz  
branco, com fatias escarlates de paio — e a criada, uma gorda e  
cheia de sardas, fazia espumar o vinho verde no copo, fazendo-  
55 -o cair de alto de uma caneca vidrada: o homem estava defron-  
te de mim, comendo tranquilamente a sua geleia; perguntei-

-lhe, com a boca cheia, o meu guardanapo de linho de Guimarães suspenso nos dedos — se ele era de Vila Real.

— Vivo lá. Há muitos anos — disse-me ele.

60 — Terra de mulheres bonitas, segundo me consta, disse eu.

O homem calou-se.

— Hein? tornei.

O homem contraiu-se num silêncio saliente. Até aí estivera alegre, rindo dilatadamente, loquaz, e cheio de bonomia.  
65 Mas então imobilizou o seu sorriso fino.

Compreendi que tinha tocado a carne viva de uma lembrança. Havia decerto no destino daquele velho uma *mulher*. Aí estava o seu melodrama ou a sua farsa, porque inconscientemente estabeleci-me na ideia de que o *facto*, o *caso* daquele  
70 homem, devera ser grotesco, e exalar escárnio.

De sorte que lhe disse:

— A mim têm-me afirmado que as mulheres de Vila Real são as mais bonitas do Minho. Para olhos pretos Guimarães, para corpos Santo Aleixo, para tranças os Arcos: é lá que se  
75 vêem os cabelos claros cor de trigo.

O homem estava calado, comendo, com os olhos baixos.

— Para cinturas finas Viana, para boas peles Amarante — e para isto tudo Vila Real. Eu tenho um amigo que veio casar a Vila Real. Talvez conheça. O Peixoto, um alto, de barba  
80 loira, bacharel.

— O Peixoto, sim, disse-me ele, olhando gravemente para mim.

— Veio casar a Vila Real como antigamente se ia casar à Andaluzia — questão de arranjar a fina-flor da perfeição. —  
85 À sua saúde.

Eu evidentemente constrangia-o, porque se ergueu, foi à janela com um passo pesado, e eu reparei então nos seus grossos sapatos de casimira com sola forte e atilhos de couro. E saiu.

90 Quando eu pedi o meu castiçal, a criada trouxe-me um candeeiro de latão lustroso e antigo e disse:

— O senhor está com outro. É no n.º 3.

Nas estalagens do Minho, às vezes, cada quarto é um dormitório impertinente.



95 — Vá, disse eu.

O n.º 3 era no fundo do corredor. Às portas dos lados os passageiros tinham posto o seu calçado para engraxar: estavam umas grossas botas de montar, enlameadas, com esporas de correia; os sapatos brancos de um caçador; botas de proprietário, de altos canos vermelhos; as botas de um padre, altas, com a sua borla de retrós; os botins cambados de bezerro, de um estudante; e a uma das portas, o n.º 15, havia umas botinas de mulher, de duraque, pequeninas e finas, e ao lado as pequeninas botas de uma criança, todas coçadas e batidas, e os seus canos de pelica-mor caíam-lhe para os lados com os atacadores desatados. Todos dormiam. Defronte do n.º 3 estavam os sapatos de casimira com atilhos: e quando abri a porta vi o homem dos canhões de veludilho, que amarrava na cabeça um lenço de seda; estava com uma jaqueta curta de ramagens, uma meia de lã, grossa e alta, e os pés metidos nuns chinelos de ourelo.

110 — O senhor não repare, disse ele.

— À vontade — e para estabelecer a intimidade tirei o casaco.

Não direi os motivos por que ele daí a pouco, já deitado, me disse a sua história. Há um provérbio eslavo da Galícia que diz: o que não contas à tua mulher, o que não contas ao teu amigo, conta-lo a um estranho, na estalagem. Mas ele teve raivas inesperadas e dominantes para a sua larga e sentida confiança. Foi a respeito do meu amigo, do Peixoto, que fora casar a Vila Real. Vi-o chorar, àquele velho de quase sessenta anos; talvez a história seja julgada trivial: a mim, que nessa noite estava nervoso e sensível, pareceu-me terrível, — mas conto-a apenas como um acidente singular da vida amorosa...

125 Começou pois por me dizer que o seu caso era simples — e que se chamava Macário.

Perguntei-lhe então se era de uma família que eu conhecia que tinha o apelido de *Macário*. E como ele me respondeu que era primo desses, eu tive logo do seu carácter uma ideia simpática, porque os Macários eram uma antiga família, quase uma dinastia de comerciantes, que mantinham com uma severidade religiosa a sua velha tradição de honra e de escrúpulo. Macário disse-me que nesse tempo, em 1823 ou 33, na sua

135 mocidade, seu tio Francisco tinha em Lisboa um armazém de  
panos, e ele era um dos caixeiros. Depois o tio compenetrara-  
se de certos instintos inteligentes e do talento prático e arit-  
mético de Macário, e deu-lhe a escrituração. Macário tornou-se  
o seu *guarda-livros*.

140 Disse-me ele que sendo naturalmente linfático e mesmo  
tímido, a sua vida tinha nesse tempo uma grande concentra-  
ção. Um trabalho escrupuloso e fiel, algumas raras merendas  
no campo, um apuro saliente de fato e de roupas brancas, era  
todo o interesse da sua vida. A existência nesse tempo era ca-  
seira e apertada. Uma grande simplicidade social aclarava os  
145 costumes: os espíritos eram mais ingénuos, os sentimentos  
menos complicados. Jantar alegremente numa horta, debaixo  
das parreiras, vendo correr a água das regas — chorar com os  
melodramas que rugiam entre os bastidores do Salitre, alumia-  
dos a cera, eram contentamentos que bastavam à burguesia  
cautelosa. Além disso os tempos eram confusos e revolucioná-  
rios: e nada torna o homem recolhido, conchegado à lareira,  
150 simples e facilmente feliz — como a guerra. É a paz que dando  
os vagares da imaginação — causa as impaciências do desejo.

155 Macário, aos vinte e dois anos, ainda não tinha — como  
lhe dizia uma velha tia, que fora querida do desembargador  
Curvo Semedo, da Arcádia — *sentido Vénus*.

Mas por esse tempo veio morar para defronte do arma-  
zém dos Macários, para um terceiro andar, uma mulher de  
quarenta anos, vestida de luto, uma pele branca e baça, o busto  
bem feito e redondo, e um aspecto desejável. Macário tinha a  
160 sua carteira no primeiro andar por cima do armazém, ao pé de  
uma varanda, e dali viu uma manhã aquela mulher com o cabelo  
preto solto e anelado, um *chambre* branco e braços nus, che-  
gar-se a uma pequena janela de peitoril, a sacudir um vestido.  
Macário afirmou-se, e sem mais intenção dizia mentalmente  
165 que aquela mulher aos vinte anos devia ter sido uma pessoa  
cativante e cheia de domínio: porque os seus cabelos violentos  
e ásperos, o sobrolho espesso, o lábio forte, o perfil aquilino e  
firme, revelavam um temperamento activo, e imaginações apa-  
ixonadas. No entanto, continuou serenamente alinhando as suas  
170 cifras. Mas à noite estava sentado fumando à janela do seu



quarto que abria sobre o pátio: era em Julho e a atmosfera estava eléctrica e amorosa; a rebecca de um vizinho gemia uma *xácara* mourisca, que então sensibilizava, e era de um melodrama; o quarto estava numa penumbra doce e cheia de mistério — e Macário, que estava em chinelas, começou a lembrar-se daqueles cabelos negros e fortes e daqueles braços que tinham a cor dos mármoreos pálidos: espreguiçou-se, rolou morbidamente a cabeça pelas costas da cadeira de vime, como os gatos sensíveis que se esfregam, e decidiu bocejando que a sua vida era monótona. E ao outro dia, ainda impressionado, sentou-se à sua carteira com a janela toda aberta, e olhando o prédio fronteiro, onde viviam aqueles cabelos grandes — começou a aparar vagarosamente a sua pena de rama. Mas ninguém se chegou à janela de peitoril, com caixilhos verdes. Macário estava enfasiado, pesado e o trabalho foi lento. Pareceu-lhe que havia na rua um sol alegre, e que nos campos as sombras deviam ser mimosas e que se estaria bem, vendo o palpitar das borboletas brancas nas madressilvas! E quando se fechou a carteira sentiu defronte correr-se a vidraça; eram decerto os cabelos pretos. Mas apareceram uns cabelos loiros. Oh! E Macário veio logo salientemente para a varanda aparar um lápis. Era uma rapariga de vinte anos, talvez, fina, fresca, loira como uma vinheta inglesa: a brancura da pele tinha alguma coisa da transparência das velhas porcelanas, e havia no seu perfil uma linha pura como de uma medalha antiga, e os velhos poetas pitorescos ter-lhe-iam chamado — pomba, arminho, neve e oiro.

Macário disse consigo: *é filha*. A outra vestia de luto, mas esta, a loira, tinha um vestido de cassa com pintas azuis, um lenço de cambraia traspassado sobre o peito, as mangas perdidas com rendas, e tudo aquilo era aseado, moço, fresco, flexível e tenro.

Macário nesse tempo era loiro com a barba curta. O cabelo era anelado e a sua figura devia ter aquele ar seco e nervoso que depois do século XVIII e da Revolução — foi tão vulgar nas raças plebeias.

199: [A manga perdida é “uma manga bem larga e comprida, e sem punho” (Aurélio). Os editores anteriores, a não ser NA, alteram em “pendida”.]



205 A rapariga loira reparou naturalmente em Macário, mas naturalmente desceu a vidraça, correndo por trás uma cortina de cassa bordada. Estas pequenas cortinas datam de Goethe e elas têm na vida amorosa — um interessante destino — revelam: levantar-lhes uma ponta e espreitar, franzi-la suavemente, resvala  
210 la um fim; corrê-la, pregar nela uma flor, agitá-la fazendo sentir que por trás um rosto atento se move e espera — são velhas maneiras com que na realidade e na arte começa o romance. A cortina ergueu-se devagarinho e o rosto loiro espreitou.

Macário não me contou por pulsações — a história minuciosa do seu coração. Disse singelamente que daí a cinco dias —  
215 *estava doido por ela*. O seu trabalho tornou-se logo vagaroso e infiel e o seu belo cursivo inglês firme e largo ganhou curvas, ganchos, rabiscos, onde estava todo o romance impaciente dos seus nervos. Não a podia ver pela manhã: o sol mordente de  
220 Julho batia e escaldava a pequena janela de peitoril. Só pela tarde, a cortina se franzia, se corria a vidraça, e ela, estendendo uma almofadinha no rebordo do peitoril, vinha encostar-se mimosa e fresca com o seu leque. Leque que preocupou Macário: era uma ventarola chinesa, redonda, de seda branca  
225 com dragões escarlates bordados à pena, uma cercadura de plumagem azul, fina e trémula como uma penugem e o seu cabo de marfim, donde pendiam duas borlas de fio de oiro, tinha incrustações de nácar à linda maneira persa.

Era um leque magnífico e naquele tempo inesperado nas  
230 mãos plebeias de uma rapariga vestida de cassa. Mas como ela era loira e a mãe tão meridional, Macário, com esta intuição interpretativa dos namorados, disse à sua curiosidade: será filha de um inglês. O inglês vai à China, à Pérsia, a Ormuz, à Austrália e vem cheio daquelas jóias dos luxos exóticos, e nem  
235 Macário sabia porque é que aquela ventarola de mandarina o preocupava assim: mas segundo ele me disse — *aquilo deu-lhe no goto*.

210: [As edições aqui, apesar de o texto dizer “resvala” preferem [revela]. Mas “resvalar” pode ser transitivo e, nesse caso, significa “atirar, lançar” (ex. do Aurélio: “o Sol resvala claridade sobre a Terra”).]

240 Tinha-se passado uma semana, quando um dia Macário viu, da sua carteira que ela, a loira, saía com a mãe, porque se acostumava a considerar mãe dela aquela magnífica pessoa, magnificamente pálida e vestida de luto.

245 Macário veio à janela e viu-as atravessar a rua, e entrarem no armazém. No seu armazém! Desceu logo trémulo, sôfrego, apaixonado e com palpitações. Estavam elas já encostadas ao balcão e um caixeiro desdobrava-lhes defronte casimiras pretas. Isto comoveu Macário. Ele mesmo mo disse.

— Porque enfim, meu caro, não era natural que elas viessem comprar, para si, casimiras pretas.

250 E não: elas não usavam *amazonas*, não quereriam decerto estofar cadeiras com casimira preta, não havia homens em casa delas, portanto aquela vinda ao armazém era um meio delicado de o ver de perto, de lhe falar, e tinha o encanto penetrante de uma mentira sentimental. Eu disse a Macário: que sendo assim, ele devia estranhar aquele movimento amoroso, porque  
255 denotava na mãe uma cumplicidade equívoca. Ele confessou-me *que nem pensava em tal*. O que fez foi chegar ao balcão e dizer estupidamente:

— Sim, senhor, vão bem servidas, estas casimiras não encolhem.

260 E a loira ergueu para ele o seu olhar azul e foi como se Macário se sentisse envolvido na doçura de um céu.

265 Mas quando ele ia dizer-lhe uma palavra reveladora e veemente, apareceu ao fundo do armazém o tio Francisco, com o seu comprido casaco cor de pinhão, de botões amarelos. Como era singular e desusado achar-se o senhor guarda-livros vendendo ao balcão, e o tio Francisco com a sua crítica estreita e celibatária [podia] escandalizar-se, Macário começou a subir vagarosamente a escada em caracol que levava ao escritório, e ainda ouviu a voz delicada da loira dizer brandamente:

270 — Agora queria ver lenços da Índia.

E o caixeiro foi buscar um pequenino pacote daqueles lenços, acamados e apertados numa tira de papel dourado.

Macário que tinha visto naquela visita uma revelação de amor, quase uma *declaração*, esteve todo o dia entregue às

275 impaciências amargas da paixão. Andava distraído, abstracto,  
pueril, não deu atenção à escrituração, jantou calado, sem es-  
cutar o tio Francisco que exaltava as almôndegas, mal reparou  
no seu ordenado que lhe foi pago em pintos às três horas, e  
280 dos caixeiros sobre o desaparecimento de um pacote de lenços  
da Índia.

— É o costume de deixar entrar pobres no armazém, ti-  
nha dito no seu laconismo majestoso o tio Francisco; são doze  
mil réis de lenços. Lance à minha conta.

285 Macário no entanto ruminava secretamente uma carta, mas  
sucedeu que ao outro dia, estando ele à varanda, a mãe, a de  
cabelos pretos, veio encostar-se ao peitoril da janela, e neste  
momento, passava na rua um rapaz amigo de Macário, que ven-  
do aquela senhora afirmou-se e tirou-lhe com uma cortesia toda  
290 risonha o seu chapéu de palha. Macário ficou radioso: logo nessa  
noite procurou o amigo, e abruptamente sem meia-tinta:

— Quem é aquela mulher que tu hoje cumprimentaste de-  
frente do armazém?

— É a Vilaça. Bela mulher.

295 — E a filha?

— A filha!

— Sim, uma loira, clara, com um leque chinês.

— Ah! sim. É filha.

— É o que eu dizia...

300 — Sim e então?

— É bonita.

— É bonita.

— É gente de bem, hein?

— Sim, gente de bem.

305 — Está bom! Tu conhece-las muito?

— Conheço-as. Muito não. Encontrava-as dantes em casa  
de D. Cláudia.

— Bem, ouve lá.

310 E Macário, contando a história do seu coração acordado e  
exigente, e falando do amor com as exaltações de então, pediu-  
-lhe como a glória da sua vida *que achasse um meio de o encai-*



*xar lá*. Não era difícil. As Vilaças costumavam ir aos sábados a casa de um tabelião muito rico da Rua dos Calafates: eram assembleias simples e pacatas, onde se cantavam motetes ao cravo, se glosavam motes e havia jogos de prendas do tempo da senhora D. Maria I, e às nove horas a criada servia a orchata. Bem. Logo no primeiro sábado, Macário, de casaca azul, calças de ganga com presilhas de trama de metal, gravata de cetim roxo, curvava-se diante da esposa do tabelião, a senhora D. Maria da Graça, pessoa seca e aguçada, com um vestido bordado a matiz, um nariz adunco, uma enorme luneta de tartaruga, a pluma de *marabout* nos seus cabelos grisalhos. A um canto da sala já lá estava, entre um *frou-frou* de vestidos enormes, a menina Vilaça, a loira, vestida de branco, simples, fresca, com o seu ar de gravura colorida. A mãe Vilaça, a soberba mulher pálida, cochichava com um desembargador de figura apoplética. O tabelião era homem letrado, latinista, e amigo das musas; escrevia num jornal de então, a *Alcofa das Damas*: porque era sobretudo galante, e ele mesmo se intitulava numa ode pitoresca, *moço escudeiro de Vénus*. Assim as suas reuniões eram ocupadas pelas belas-artes — e numa noite um poeta do tempo devia vir ler um poemeto intitulado *Elmira ou a vingança do veneziano!*... Começavam então a aparecer as primeiras audácias românticas. As revoluções da Grécia principiavam a atrair os espíritos romanescos e saídos da mitologia para os países maravilhosos do Oriente. Por toda a parte se falava no paxá de Janina. E a poesia apossava-se vorazmente deste mundo novo e virginal de minaretes, serralhos, sultanas cor de âmbar, piratas do arquipélago, e salas rendilhadas, cheias do perfume do aloés onde paxás decrépitos acariciam leões. — De sorte que a curiosidade era grande — e quando o poeta apareceu com os cabelos compridos, o nariz adunco e fatal, o pescoço entalado na alta gola do seu *frak* à Restauração e um

343: [A palavra francesa “frac” originar-se-ia no inglês “frock” (vestido, de “frock-coat”, sobrecasaca), dando lugar tanto à palavra “froc” (hábito de frade) como à palavra “frac”(fraque). O alemão diz “frack”, para designar, ao que parece, o fraque.]

345 canudo de lata na mão — o Sr. Macário é que não teve sensa-  
ção, porque lá estava todo absorvido, falando com a menina  
Vilaça, e dizia-lhe meigamente:

— Então, noutro dia, gostou das casimiras?

— Muito, disse ela baixo.

E desde esse momento envolveu-os um destino nupcial.

350 No entanto na larga sala, a noite passava-se espiritualmente.  
Macário não pôde dar todos os pormenores históricos e  
característicos daquela assembleia. Lembrava-se apenas que um  
corregedor de Leiria recitava o *Madrigal a Lídia*: lia-o de pé,  
355 com uma luneta redonda aplicada sobre o papel, a perna direi-  
ta lançada para diante, a mão na abertura do colete branco de  
gola alta, e em redor o círculo das damas, recamadas de vesti-  
dos de ramagens, cobertas de plumas, as mangas estreitas, ter-  
minadas num fofo de rendas; mitenes de retrós preto cheios da  
360 cintilação dos anéis; tinham sorrisos ternos, cochichos, doces  
murmurações, risinhos, e um brando palpitar de leques reca-  
mados de lentejoulas. — Muito bonito, diziam, muito bonito!  
E o corregedor desviando a luneta, cumprimentava sorrindo, e  
via-se-lhe um dente podre.

365 Depois a preciosa D. Jerónima da Piedade e Sande, sen-  
tando-se com maneiras comovidas, ao cravo, cantou com a sua  
voz roufenha, a antiga ária de Sully:

Oh Ricardo, oh meu rei,  
O mundo te abandona.

370 o que obrigou o terrível Gaudêncio, democrata de 20 e admi-  
rador de Robespierre, a rosnar rancorosamente junto de Ma-  
cário:

— Reis-víboras!

375 Depois, o cónego Savedra cantou uma modinha de Per-  
nambuco muito usada no tempo do senhor D. João VI: *lindas*  
*moças, lindas moças* — e a noite ia assim correndo, literária,  
pachorrenta, erudita, requintada e toda cheia de musas.

358: ["cheios", conforme o *Brinde*.]

Oito dias depois, Macário era recebido em casa da Vilaça, num domingo. A mãe convidara-o, dizendo-lhe: espero que o vizinho honre aquela choupana. — E até o desembargador  
 380 apoplético, que estava ao lado, exclamou: choupana! diga alcáçar! formosa dama!

Estava, nesta noite, o amigo do chapéu de palha, um velho cavaleiro de Malta, trôpego, estúpido e surdo, um beneficiado da Sé, ilustre pela sua voz de tiple, e as manas Hilárias,  
 385 a mais velha das quais, tendo assistido, como aia de uma senhora da Casa da Mina, à tourada de Salvaterra, em que morreu o conde dos Arcos, nunca deixava de narrar os episódios pitorescos daquela tarde: a figura do conde dos Arcos de cara rapada e uma fita de cetim escarlate no rabicho; o soneto que  
 390 um magro poeta parasita da Casa de Vimioso, recitou quando o conde entrou, fazendo ladear o seu cavalo negro, arreado à espanhola, com um xairol onde as suas armas estavam lavradas em prata; o tombo que nesse momento um frade de S. Francisco deu da trincheira alta, e a hilaridade da corte, que até a  
 395 sra condessa de Pavolide apertava as mãos nas ilhargas; depois el-rei o senhor D. José I, vestido de veludo escarlate, recamado de ouro, todo encostado ao rebordo do seu palanque, e fazendo girar entre dois dedos a sua caixa de rapé cravejada, e por trás imóveis, o físico Lourenço, e o frade, seu confessor; depois o  
 400 rico aspecto da praça cheia de gente de Salvaterra, maiores, mendigos dos arredores, frades, lacaios, e o grito que houve, quando D. José I entrou: — Viva el-rei, nosso senhor, e o povo ajoelhou, e el-rei tinha-se sentado, comendo doces, que um criado trouxe num saco de veludo atrás dele; depois a morte  
 405 do conde dos Arcos, os desmaios, e até el-rei todo debruçado, batendo com a mão no parapeito, gritava na confusão, e logo o capelão da Casa dos Arcos tinha corrido a buscar a extrema-unção; ela, Hilária, ficara atarracada de pavor, sentia os urros dos bois, gritos agudos de mulheres, os ganidos dos flatos, e  
 410 vira então um velho, todo vestido de veludo preto, com a fina

407: [“Casa de Arcos”, no *Brinde*.]



espada na mão, debater-se entre fidalgos e damas que o seguravam, e querer atirar-se à praça, bradando de raiva. É o pai do conde: ela então desmaia nos braços de um padre da Congregação. Quando veio a si, achou-se junto da praça; a berlinda real está à porta, com os postilhões emplumados, os machos cheios de guizos e os batedores com pampilhos: el-rei já estava dentro, escondido no fundo, pálido, sorvendo febrilmente rapé, todo encolhido com o confessor; e defronte, com uma das mãos apoiada à alta bengala, forte, espaduado, com o aspecto carregado, o marquês de Pombal, falando devagar e intimativamente, e gesticulando com a luneta: mas os batedores picaram, os estalos dos postilhões retiniram, e a berlinda partiu ao galope, enquanto o povo gritava: Viva el-rei nosso senhor — e o sino da porta da capela do paço tocava a finados! Era uma honra que el-rei concedia à Casa dos Arcos.

Quando D. Hilária acabou de contar, suspirando, estas desgraças passadas, começou-se a jogar. Era singular que Macário não se lembrava o que tinha jogado nessa noite radiosa. Só se recordava que ele tinha ficado ao lado da menina Vilaça, que se chamava Luísa, que ele reparara muito na sua fina pele rosada, tocada de luz, e na meiga e amorosa pequenez da sua mão com uma unha mais polida que o marfim de Dieppe. E lembrava-se também de um acidente excêntrico, que determinava nele, desde esse dia, uma grande hostilidade ao clero da Sé. Macário estava sentado à mesa e ao pé dele Luísa: Luísa estava toda voltada para ele, com uma das mãos apoiando a sua fina cabeça loura e amorosa, e a outra esquecida no regaço. Defronte estava o beneficiado, com o seu barrete preto, os seus óculos na ponta aguda do nariz, o tom azulado da forte barba rapada, e as suas duas grandes orelhas, complicadas e cheias de cabelo, separadas do crânio como dois postigos abertos. Ora, como era necessário no fim do jogo pagar uns tentos ao cavaleiro de Malta que estava ao lado do beneficiado, Macário tirou da algibeira uma peça e quando o cavaleiro, todo curvado

419: [“espaduado”, conforme o *Brinde*; talvez seja gralha, por “espadaúdo”.]

445 e com um olho pisco, fazia a soma dos tentos nas costas de um  
 ás, Macário conversava com Luísa, e fazia girar sobre o pano  
 verde a sua peça de ouro, como um bilro ou um pião. Era uma  
 peça nova que luzia, faiscava, rodando, e feria a vista como  
 uma bola de névoa dourada. Luísa sorria vendo-a girar, girar,  
 450 e parecia a Macário que todo o céu, a pureza, a bondade das  
 flores e a castidade das estrelas estavam naquele claro sorriso,  
 distraído, espiritual, arcangélico, com que gira, gira, a peça de  
 ouro nova. Mas de repente a peça correndo até à borda da  
 mesa caiu para o lado do regaço de Luísa, e desapareceu, sem  
 455 se ouvir no soalho de tábuas o seu ruído metálico. O benefi-  
 ciado abaixou-se logo cortesmente: Macário afastou a cadeira,  
 olhando para debaixo da mesa; a mãe Vilaça alumiu com um  
 castiçal, e Luísa ergueu-se e sacudiu com [uma] pequenina pan-  
 cada o seu vestido de cassa. A peça não apareceu.

460 — É célebre, disse o amigo de chapéu de palha, eu não  
 ouvi tinir no chão.

— Nem eu, nem eu, disseram.

O beneficiado, curvado como um F buscava tenazmente,  
 e [a] Hilária mais nova rosnava o responso de Santo António.

465 — Pois a casa não tem buracos, dizia a mãe Vilaça.

— Sumiço assim, resmungava o beneficiado.

No entanto Macário exalava-se em exclamações desinte-  
 ressadas:

470 — Pelo amor de Deus! Ora que tem! Amanhã aparecerá!  
 Tenham a bondade! Por quem são! Então sr.<sup>a</sup> D. Luísa! Pelo  
 amor de Deus! Não vale nada!

Mas mentalmente estabeleceu — que houvera uma subtrac-  
 ção — e atribuiu-a ao beneficiado. A peça rolara, decerto, até  
 junto dele, sem ruído: ele pusera-lhe em cima o seu vasto sapa-  
 475 to eclesiástico e tachado, depois no movimento brusco e curto

448: [Embora se leia no *Brinde*: “fazia a vista como uma bola de névoa dourada”, preferiu-se a versão de “A Batalha”.]

10: [No *Brinde*: “com que ele gira, gira, a peça”. A frase não se entende. Os editores anteriores, ou a reproduzem tal e qual, ou propõem um fragmento inventado, ou suprimem-na. Contentámo-nos com suprimir o pronome pessoal “ele”, de facto inoportuno, deixando assim espaço para hipóteses.]

que tivera, empolgara-a vilmente. E quando saíram, o beneficiado, todo embrulhado no seu vasto capote de camelão, dizia a Macário pela escada:

— Ora o sumiço da peça, hein, que brincadeira!

480 — Acha, sr. beneficiado, disse Macário parando, absorto de imprudência.

— Ora essa! Se acho! Se lhe parece! Uma peça de 7500 réis. Só se o senhor as semeia! Safa! Eu dava em doido.

485 Macário teve tédio daquela astúcia fria. Não lhe respondeu. O beneficiado é que acrescentou:

— Amanhã mande lá pela manhã, homem. Que diabo... Deus me perdoe! Que diabo, uma peça não se perde assim. Que bolada, hein!

E Macário tinha vontade de lhe bater.

490 Foi neste ponto que Macário me disse com a voz singularmente sentida:

— Enfim meu amigo, para encurtarmos razões resolvi-me casar com ela.

— Mas a peça.

495 — Não pensei mais nisso! Pensava eu lá na peça! Resolvi-me casar com ela!

## II

500 Macário contou-me o que o determinara mais precisamente àquela resolução profunda e perpétua. Foi um beijo. Mas esse caso, casto e simples, eu calo-o —; mesmo porque a única testemunha foi uma imagem em gravura da Virgem, que estava pendurada no seu caixilho de pau-preto, na saleta escura que abria para a escada... Um beijo fugitivo, superficial, efêmero. Mas isto bastou ao espírito recto e severo para o obrigar a

11: [Como surpreende a palavra “imprudência”, em LI inventa-se “pasmado da impudência”. LB propõe “absorto de impudência”, que não faz sentido e é retomado em A e NA. Luiz Fagundes Duarte (DQ) admite o texto-base, como aqui. A interpretação seria: “absorto [pelo desejo] de [não cometer] imprudência”.]



505 tomá-la como esposa, a dar-lhe uma fé imutável, e a posse da  
sua vida. Tais foram os seus esponsais. Aquela simpática som-  
bra de janelas vizinhas — tornara-se para ele um destino, o fim  
moral da sua vida, e toda a ideia dominante do seu trabalho.  
E esta história toma desde logo um alto carácter de santidade  
510 e de tristeza.

Macário falou-me muito do carácter e da figura do tio  
Francisco: a sua possante estatura, os seus óculos de oiro, a sua  
barba grisalha, em colar, por baixo do queixo, um *tic* nervoso  
que tinha numa asa do nariz, a dureza da sua voz, a sua austera  
515 e majestosa tranquilidade, os seus princípios antigos, autori-  
tários e tirânicos, e a brevidade telegráfica das suas palavras.

Quando Macário lhe disse uma manhã ao almoço, ex-  
-abruptamente, sem transições emolientes: peço-lhe licença para  
casar — o tio Francisco, que deitava açúcar no seu café, ficou  
520 calado, remexendo com a colher, devagar, majestoso e terrível;  
e quando acabou de sorver pelo pires, com grande ruído, tirou  
do pescoço o guardanapo, dobrou-o, aguçou com a faca o seu  
palito, meteu-o na boca e saiu: mas à porta da sala parou e  
voltando-se para Macário, que estava de pé, junto da mesa, disse  
525 secamente:

— Não.

— Perdão, tio Francisco.

— Não.

— Mas oiça, tio Francisco.

530 — Não.

Macário sentiu uma grande cólera:

— Nesse caso, faço-o sem licença.

— Despedido da casa.

— Sairei. Não haja dúvida.

535 — Hoje.

— Hoje.

E o tio Francisco ia a fechar a porta, mas voltando-se:

— Olá, disse ele a Macário, que estava exasperado, apo-  
plético, raspando nos vidros da janela.

540 Macário voltou-se com uma esperança.

— Dê-me daí a caixa de rapé, disse o tio Francisco.

Tinha-lhe esquecido a caixa! Portanto estava perturbado.

— Tio Francisco, começou Macário.

545 — Basta. Estamos a 12. Receberá o seu mês por inteiro. Vá.

As antigas educações produziam estas situações insensatas. Era brutal e idiota. Macário afirmou-me que era assim.

550 Nessa tarde Macário achava-se no quarto de uma hospedaria na Praça da Figueira com seis peças, o seu baú de roupa branca e a sua paixão. No entanto estava tranquilo. Sentia o seu destino cheio de apuros. Tinha relações e amizades no comércio. Era conhecido vantajosamente: a nitidez do seu trabalho, a sua honra tradicional, o nome da família, o seu tacto comercial, o seu belo cursivo inglês abriam-lhe, de par em par,  
555 respeitosa, todas as portas dos escritórios. No outro dia foi procurar alegremente o negociante Faleiro, antiga relação comercial da sua casa.

— De muito boa vontade, meu amigo, disse-me ele. Quem mo dera cá. Mas, se o recebo, fico de mal com seu tio, meu  
560 velho amigo de vinte anos. Ele declarou-mo categoricamente. Bem vê. Força maior. Eu sinto, mas...

E todos, a quem Macário se dirigiu, confiado em relações sólidas, receavam *ficar de mal com seu tio, velho amigo de vinte anos*.

565 E todos *sentiam, mas...*

Macário dirigiu-se então a negociantes novos, estranhos à sua casa e à sua família, e sobretudo aos estrangeiros: esperava encontrar gente livre da *amizade de vinte anos do tio*. Mas para esses Macário era desconhecido, e a sua dignidade e o seu hábil  
570 trabalho. Se tomavam informações sabiam que ele fora despedido da casa do tio repentinamente, por causa de uma rapariga loira, vestida de cassa. Esta circunstância tirava as simpatias a Macário. O comércio evita o guarda-livros sentimental. De sorte que Macário começou a sentir-se num momento agudo. Procurando, pedindo, rebuscando, o tempo passava, sorvendo,  
575 pinto a pinto, as suas seis peças.

Macário mudou para uma estalagem barata e continuou farejando. Mas como fora sempre de temperamento recolhido, não criara amigos. De modo que se encontrava desamparado e  
580 solitário — e a vida aparecia-lhe como um descampado.

As peças findaram. Macário entrou, pouco a pouco, na tradição antiga da miséria; ela tem solenidades fatais e estabelecidas: começou por empenhar. Depois vendeu. Relógio, anéis, casaco azul, cadeia, *paletot* de alamares, tudo foi levando pouco a pouco, embrulhado debaixo do xaile, uma velha seca e cheia de asma.

No entanto via Luísa de noite, na saleta escura que dava para o patamar: uma lamparina ardia em cima da mesa; era feliz ali naquela penumbra, todo sentado castamente, ao pé de Luísa, a um canto de um velho canapé de palhinha; não a via de dia, porque trazia já a roupa usada, as botas cambadas, e não queria mostrar, à fresca Luísa, toda mimosa nas suas cambraias asseadas, a sua miséria remendada: ali, àquela luz ténue e esbatida, ele exalava a sua paixão crescente e escondia o seu fato decadente. Segundo me disse Macário — era muito singular o temperamento de Luísa. Tinha o carácter loiro, como o cabelo — se é certo que o loiro é uma cor fraca e desbotada: falava pouco, sorria sempre com os seus brancos dentinhos, dizia a tudo *pois sim*; era mais simples, quase indiferente, cheia de transigências. Amava decerto Macário, mas com todo o amor que podia dar a sua natureza débil, aguada, nula. Era como uma estriga de linho, fiava-se como se queria: e às vezes naqueles encontros nocturnos, tinha sono.

Um dia porém Macário encontrou-a excitada: estava com pressa, o xaile traçado à toa, olhando sempre para a porta interior.

— A mamã percebeu, disse ela.

E contou-lhe que a mãe desconfiava, ainda rabugenta e áspera, e que decerto farejava aquele plano nupcial tramado como uma conjuração.

— Porque não me vens pedir à mamã?

— Mas, filha, se eu não posso. Não tenho arranjo nenhum. Espera. É mais um mês talvez. Tenho agora aí um negócio em bom caminho. Morríamos de fome.

Luísa calou-se, torcendo a ponta do xaile, com os olhos baixos.

— Mas ao menos, disse ela, enquanto eu te não fizer sinal da janela, não subas mais, sim.



620 Macário rompeu a chorar; os soluços saíam violentos e desesperados.

— Chut! dizia-lhe Luísa. Não chores alto!...

625 Macário contou-me a noite que passou, ao acaso pelas ruas, ruminando febrilmente a sua dor, e lutando, sob a nudente friagem de Janeiro, na sua quinzena curta. Não dormiu, e logo pela manhã, ao outro dia, entrou como uma rajada, no quarto do tio Francisco e disse-lhe abruptamente, secamente:

— É tudo o que tenho. — e mostrava-lhe três pintos. Roupa estou sem ela. Vendi tudo. Daqui a pouco tenho fome.

630 O tio Francisco, que fazia a barba à janela, com o lenço da Índia amarrado na cabeça, voltou-se, e pondo os óculos, fitou-o.

— A sua carteira lá está. Fique, e acrescentou, com um gesto decisivo — solteiro.

— Tio Francisco ouça-me.

635 — Solteiro, disse eu, continuou o tio Francisco, dando o fio à navalha, numa tira de sola.

— Não posso.

— Então, rua.

640 Macário saiu, estonteado. Chegou a casa, deitou-se, chorou e adormeceu. Quando saiu, à noitinha, não tinha ainda resolução, nem ideia. Estava como uma esponja saturada. Deixava-se ir.

De repente, uma voz disse de dentro de uma loja.

— Eh! pst! olá!

645 Era o amigo do chapéu de palha: abriu grandes braços pasmados.

— Que diacho, desde manhã que te procuro!

E contou-lhe que tinha chegado da província, tinha sabido a sua crise, e trazia-lhe um desenlace.

— Queres?

650 — Tudo.

Uma casa comercial queria um homem hábil, resoluto e duro, para ir numa comissão difícil e de grande ganho, a Cabo Verde.

— Pronto, disse Macário. Pronto. Amanhã.

655 E foi logo escrever a Luísa pedindo-lhe uma despedida, um último encontro, aquele em que os braços desolados e

veementes tanto custam a desenlaçar-se. Foi. Encontrou-a toda embrulhada no seu xaile, tiritando de frio. Macário chorou. Ela, com a sua passiva e loira doçura, disse-lhe:

660 — Fazes bem. Talvez ganhes.

E ao outro dia Macário partiu.

Conheceu as viagens trabalhosas nos mares inimigos, o enjoo monótono num beliche abafado, os duros sóis das colónias, a brutalidade tirânica dos fazendeiros ricos, o peso das fardas humilhantes, as dilacerações da ausência, as viagens no interior de terras negras, e a melancolia das caravanas que costeiam por violentas noites, durante dias e dias os rios tranquilos, donde se exala a morte.

Voltou.

670 E logo nessa tarde a viu a ela, Luísa, clara, fresca, repousada, serena, encostada ao peitoril da janela com a sua ventarola chinesa. E ao outro dia sofregamente, foi pedi-la à mãe. Macário tinha feito um ganho saliente — e a mãe Vilaça abriu-lhe uns grandes braços amigos, cheia de exclamações. O casamento decidiu-se para daí a um ano.

675 — Porquê, disse eu a Macário.

E ele explicou-me que os lucros de Cabo Verde não podiam constituir um capital definitivo: eram apenas um capital de habilitação; trazia de Cabo Verde elementos de poderosos negócios: trabalharia, durante um ano heroicamente, e ao fim poderia, sossegadamente, criar uma família.

E trabalhou: pôs naquele trabalho a força criadora da sua paixão. Erguia-se de madrugada, comia à pressa, mal falava. À tardinha ia visitar Luísa. Depois voltava sofregamente para a fadiga como um avaro para o seu cofre. Estava grosso, forte, duro, fero: servia-se com o mesmo ímpeto das ideias e dos músculos; vivia numa tempestade de cifras. Às vezes Luísa, de passagem, entrava no seu armazém: aquele pousar de ave fugitiva — dava-lhe alegria, valor, fé, reconforto — para todo um mês cheiamente trabalhado.

690 Por esse tempo o amigo do chapéu de palha veio pedir a Macário que fosse seu fiador por uma grande quantia que ele pedira para estabelecer uma loja de ferragens em grande. Macário, que estava no vigor do seu crédito, cedeu com ale-

695   gria. O amigo do chapéu de palha é que lhe deu o negócio providencial de Cabo Verde. Faltavam então dois meses para o casamento. Macário já sentia, por vezes, subirem-lhe ao rosto as febris vermelhidões da esperança. Já começava a tratar dos *banhos*. Mas um dia o amigo do chapéu de palha desapareceu com a mulher de um alferes. O seu estabelecimento estava em começo. Era uma confusa aventura. Não se pôde nunca precisar nitidamente aquele *embroglio* doloroso. O que era positivo é que Macário era fiador, Macário devia reembolsar. Quando o soube empalideceu e disse simplesmente:

705       — Líquido e pago.

E quando liquidou ficou outra vez pobre. Mas nesse mesmo dia, como o desastre tivera uma grande publicidade, e a sua honra estava santificada na opinião, a casa Peres & C.<sup>a</sup>, que o mandara a Cabo Verde, veio propor-lhe uma outra viagem e outros ganhos.

710       — Voltar a Cabo Verde outra vez!

— Faz outra vez fortuna, homem. O senhor é o diabo, disse o sr. Eleutério Peres.

Quando se viu assim, só e pobre, Macário desatou a chorar. Tudo estava perdido, findo, extinto; era necessário recommençar pacientemente a vida, voltar às longas misérias de Cabo Verde, tornar a tremer os passados desesperos, suar os antigos suores! E Luísa? Macário escreveu-lhe. Depois rasgou a carta. Foi a casa dela: as janelas tinham luz; subiu até ao primeiro andar, mas aí tomou-o uma mágoa, uma covardia de revelar o desastre, o pavor trémulo de uma separação, o terror de ela se recusar, negar-se, hesitar! E queria ela esperar mais! Não se atreveu a falar, explicar, pedir; desceu pé ante pé. Era noite. Andou ao acaso pelas ruas: havia um sereno e silencioso luar.

720    Ia sem saber: de repente ouviu, de uma janela alumiada, uma rebeca que tocava a *xácara* mourisca. Lembrou-se do tempo em que conhecera Luísa, do bom sol claro que havia então, e do vestido dela, de cassa com pintas azuis! Estava na rua onde

725

702: [No *Brinde*: “*embroglio*”, palavra que não existe, pois o italiano bem diz “*imbroglio*”.]



eram os armazéns do tio. Foi caminhando. Pôs-se a olhar  
730 para a sua antiga casa. A janela do escritório estava fechada.  
Quantas vezes dali vira Luísa, e o brando movimento do seu  
leque chinês: mas uma janela no segundo andar tinha luz; era  
o quarto do tio. Macário vai observar mais de longe: uma  
figura estava encostada por dentro à vidraça; era o tio Fran-  
735 cisco. Veio-lhe uma saudade de todo o seu passado simples,  
retirado, plácido. Lembrava-lhe o seu quarto, e a velha cartei-  
ra com fecho de prata, e a miniatura de sua mãe, que estava  
por cima da barra do leito; a sala de jantar e o seu velho  
aparador de pau-preto, e a grande caneca da água, cuja asa era  
740 uma serpente irritada. Decidiu-se, e impelido por um instinto  
bateu à porta. Bateu outra vez. Sentiu abrir a vidraça, e a voz  
do tio perguntar:

— Quem é?

— Sou eu, tio Francisco, sou eu. Venho dizer-lhe adeus.

745 A vidraça fechou-se, e daí a pouco a porta abriu-se com  
um grande ruído de ferrolhos. O tio Francisco tinha um can-  
deieiro de azeite na mão. Macário achou-o magro, mais velho.  
Beijou-lhe a mão.

— Suba, disse o tio.

750 Macário ia calado, cosido com o corrimão.

Quando chegou ao quarto o tio Francisco poisou o cande-  
eiro sobre uma larga mesa de pau-santo, e de pé, com as mãos  
nos bolsos, esperou.

Macário estava calado, anediando a barba.

755 — Que quer? gritou-lhe o tio.

— Vinha dizer-lhe adeus; volto para Cabo Verde.

— Boa viagem. E o tio Francisco, voltando-lhe as costas,  
foi rufar na vidraça.

760 Macário ficou imóvel, deu dois passos no quarto todo  
revoltado, e ia sair.

— Onde vai, seu estúpido? gritou-lhe o tio.

— Vou-me.

— Sente-se ali. E o tio Francisco falava, com grandes pas-  
sadas pelo quarto:

765 — O seu amigo é um canalha! Loja de ferragens! Não está  
má! O senhor é um homem de bem. Estúpido, mas homem

[de] bem. Sente-se ali! Sente-se! O seu amigo é um canalha!  
O senhor é um homem de bem! Foi a Cabo Verde! Bem sei!  
Pagou tudo. Está claro! Também sei! Amanhã faz favor de ir  
770 para a sua carteira, lá para baixo. Mandeí pôr palhinha nova  
na cadeira. Faz favor de pôr na factura Macário & Sobrinho.  
E case. Case e que lhe preste! Levante dinheiro. O senhor  
precisa de roupa branca, e de mobília. Levante dinheiro.  
E meta na minha conta. A sua cama lá está feita.

775 Macário queria abraçá-lo estonteado, com as lágrimas nos  
olhos, radioso.

— Bem, bem. Adeus.

Macário ia sair.

— Oh! burro, pois quer-se ir desta sua casa.

780 E indo a um pequeno armário trouxe geleia, um covilhete  
de doce, uma garrafa antiga de Porto e biscoitos.

— Coma.

E sentando-se ao pé dele, e tornando a chamar-lhe estúpi-  
do tinha uma lágrima a correr-lhe pelo engelhado da pele.

785 De sorte que o casamento foi decidido para dali a um mês.  
E Luísa começou a tratar do seu enxoval.

Macário estava então na plenitude do amor e da alegria.  
Via o fim da sua vida preenchido, completo, radioso. Estava  
quase sempre em casa da noiva, e um dia andava-a acompa-  
790 nhando, em compras, pelas lojas. Ele mesmo lhe quisera fazer  
um pequeno presente, nesse dia. A mãe tinha ficado numa  
modista, num primeiro andar da Rua do Ouro, e eles tinham  
descido, alegremente, rindo, a um ourives que havia em baixo,  
no mesmo prédio, na loja.

795 O dia estava de Inverno, claro, fino, frio, com um grande  
céu azul-ferrete profundo, luminoso, consolador.

— Que bonito dia, disse Macário.

E com a noiva pelo braço, caminhou um pouco, ao com-  
prido do passeio.

800 — Está! disse ela. Mas podem reparar; nós sós...

— Deixa, está tão bom...

— Não, não.

E Luísa arrastou-o brandamente para a loja do ourives.  
Estava apenas um caixeiro, trigueiro, de cabelo hirsuto.

- 805 Macário disse-lhe:  
 — Queria ver anéis.  
 — Com pedras, disse Luísa, e o mais bonito.  
 — Sim, com pedras, disse Macário; ametista, granada. En-  
 fim, o melhor.
- 810 E no entanto Luísa ia examinando as *montres* forradas de  
 veludo azul, onde reluziam as grossas pulseiras cravejadas, os gri-  
 lhões, os colares de camafeus, os anéis de armas, as finas *alianças*  
 frágeis como o amor, e toda a cintilação da pesada ourivesaria.  
 — Vê, Luísa, disse Macário.
- 815 O caixeiro tinha estendido na outra extremidade do balcão,  
 em cima do vidro da *montre*, um reluzente espalhado de anéis  
 de ouro, de pedras, lavrados, esmaltados; e Luísa tomando-os e  
 deixando-os com as pontas dos dedos, ia-os correndo e dizendo:  
 — É feio. É pesado. É largo.
- 820 — Vê este, disse-lhe Macário.  
 Era um anel de pequenas pérolas.  
 — É bonito, disse ela. É lindo!  
 — Deixa ver se serve, disse Macário.
- E tomando-lhe a mão, meteu-lhe o anel devagarinho, do-  
 cemente no dedo; e ela ria, com os seus brancos dentinhos  
 825 finos, todos esmaltados.  
 — É muito largo, disse Macário, que pena!  
 — Aperta-se, querendo. Deixe a medida. Tem-no pronto  
 amanhã.
- 830 — Boa ideia, disse Macário; sim, senhor. Porque é muito  
 bonito. Não é verdade? As pérolas muito iguais, muito claras.  
 Muito bonito. E estes brincos? — acrescentou, indo ao fim do  
 balcão, a outra *montre*. — Estes brincos com uma concha?  
 — Dez moedas, disse o caixeiro.

810: [É no Littré que se encontra o sentido hoje arcaico da palavra “montre”: “boîte vitrée dans laquelle les orfèvres, bijoutiers, etc. mettent leurs marchandises” (caixa envidraçada onde ourives e joalheiros põem a mercadoria). Que a palavra portuguesa “montra” (LI, LB) derive daí é altamente provável, mas com sentido diferente.]

892: [É interessante ver que, apesar do aportuguesamento da palavra, “aliança” (anel de casamento, francês “alliance”) ainda é sentida como estrangeira, e posta em itálico. LB suprime os itálicos, achando sem dúvida que fazem da palavra um francesismo...]



835 E no entanto Luísa continuava examinando os anéis, experimentando-os em todos os dedos, revolvendo aquela delicada *montre* cintilante e preciosa.

Mas de repente o caixeiro fez-se muito pálido, e afirmou-se em Luísa, passeando vagarosamente a mão pela cara.

840 — Bem, disse Macário, aproximando-se: então amanhã temos o anel pronto. A que horas?

O caixeiro não respondeu, e começou a olhar fixamente para Macário.

— A que horas?

845 — Ao meio-dia.

— Bem, adeus; — disse Macário. E iam sair. Luísa trazia um vestido de lã azul, que arrastava um pouco, dando uma ondulação melodiosa ao seu passo, e as suas mãos pequeninas estavam escondidas num regalo branco.

850 — Perdão, — disse de repente o caixeiro. Macário voltou-se. — O senhor não pagou.

Macário olhou para ele gravemente.

— Está claro que não. Amanhã venho buscar o anel, pago amanhã.

855 — Perdão, disse o caixeiro, mas o outro...

— Qual outro? disse Macário com uma voz surpreendida, adiantando-se para o balcão.

— Essa senhora sabe, disse o caixeiro. Essa senhora sabe. Macário tirou a carteira lentamente.

860 — Perdão, se há uma conta antiga...

O caixeiro abriu o balcão, e com um aspecto resolutivo:

— Nada, meu caro senhor, é de agora. É um anel com dois brilhantes que aquela senhora leva.

— Eu! disse Luísa, com a voz baixa, toda escarlate.

865 — Que é? Que está a dizer?

E Macário, pálido, com os dentes cerrados, contraído, fitava o caixeiro colericamente.

O caixeiro disse então:

870 — Essa senhora tirou dali um anel. — Macário ficou imóvel, encarando-o. — Um anel com dois brilhantes. Vi perfeitamente. — O caixeiro estava tão excitado, que a sua voz gaguejava, prendia-se espessamente. — Essa senhora não sei quem é. Tirou-o dali...

875 Macário, maquinalmente, agarrou-lhe no braço, e voltando-se para Luísa, com a palavra abafada, gotas de suor na testa, lívido:

— Luísa, dize... — mas a voz cortou-se-lhe.

— Eu... — disse ela. Mas estava trémula, assombrada, enfiada, decomposta; e tinha deixado cair o regalo no chão.

880 Macário veio para ela, agarrou-lhe no pulso fitando-a: e o seu aspecto era tão resoluto e tão imperioso, que ela meteu a mão no bolso, bruscamente, apavorada, e mostrando o anel:

— Não me faça mal, disse, encolhendo-se toda.

885 Macário ficou com os braços caídos, o ar abstracto, os beiços brancos; mas de repente, dando um puxão ao casaco, recuperando-se disse ao caixeiro:

— Tem razão. Era distração. Está claro. Esta senhora tinha-se esquecido. É o anel. Sim, senhor, evidentemente. Tem a bondade. Toma, filha. Toma. Deixa estar, este senhor embrulha-o. Quanto custa?

890 Abriu a carteira e pagou.

Depois apanhou o regalo, sacudiu-o brandamente, limpou os beiços com o lenço, deu o braço a Luísa, e dizendo ao caixeiro *desculpe, desculpe*, levou-a, inerte, passiva, extinta e aterrada..

895 Deram alguns passos na rua. Um largo sol aclarava o génio feliz: as seges passavam, rolando ao estalido do chicote; figuras risonhas passavam conversando; os pregões ganiam os seus gritos alegres; um cavalheiro de calção de anta fazia ladear o seu cavalo, enfeitado de rosetas; e a rua estava cheia, ruidosa, viva, feliz e coberta de sol.

900 Macário ia maquinalmente como no fundo de um sonho. Parou a uma esquina. Tinha o braço de Luísa passado no seu; e via-lhe a mão pendente, era de cera, com as veias docemente azuladas, os dedos finos e amorosos: era a mão direita, e aquela mão era a da sua noiva! E instintivamente leu o cartaz que anunciava para essa noite *Palafox em Saragoça*.

906: [É bem provável que a obra, relacionada com o sítio de Saragoça, e os feitos de Palafox, seja de teor romântico, em contraponto com a desilusão de Macário.]

De repente, soltando o braço de Luísa, disse-lhe baixo:

— Vai-te.

— Ouve, disse ela, com a cabeça toda inclinada.

910 — Vai-te. — E com a voz abafada e terrível. — Vai-te. Olha  
que chamo. Mando-te para o Aljube. Vai-te.

— Mas ouve, Jesus, disse ela.

— Vai-te! — E fez um gesto com o punho cerrado.

— Pelo amor de Deus, não me batas aqui, disse ela sufocada.

915 — Vai-te, podem reparar. Não chores. Olha que vêem.  
Vai-te.

E chegando-se para ela, disse baixo:

— És uma ladra.

920 E voltando-lhe as costas, afastou-se, devagar, riscando o  
chão com a bengala.

A distância voltou-se: ainda viu, através dos vultos, o seu  
vestido azul.

Como partiu nessa tarde para a província, não soube mais  
daquela rapariga loira.





## Um Poeta Lírico

Aqui está, simplesmente, sem frases e sem ornatos, a história triste do poeta Korriscosso: de todos os poetas líricos de que tenho notícia é este certamente, o mais infeliz. Conheci-o em Londres, no hotel de Charing-Cross, uma madrugada regelada, de Dezembro. Tinha eu chegado do Continente, prostrado por duas horas de Canal da Mancha... Ah que mar! E era só uma brisa fresca de Noroeste: mas ali no tombadilho, sob uma capa de oleado de que um marujo me tinha coberto, como se cobre um corpo morto, fustigado da neve e da vaga, oprimido por aquela treva tumultuosa que o paquete ia rompendo aos roncões e aos encontrões — parecia-me um tufão dos mares da China...

Apenas entrei no hotel, gelado e estremunhado, corri ao vasto fogão do peristilo, e ali fiquei, saturando-me daquela paz quente em que a sala estava adormecida, com os olhos beatamente postos na boa brasa escarlata... E foi então que vi aquela figura esguia e longa, já de casaca e gravata branca, que do outro lado da chaminé, de pé, com a taciturna tristeza duma cegonha que cisma, olhava também os carvões ardentes, com um guardanapo no braço. Mas o porteiro tinha rolado a minha bagagem, e eu fui inscrever-me ao *bureau*. A guarda-livros tesa e loira, com um perfil antiquado de medalha safada, pou-

1: [In "O Atlântico", Folha comercial, literária e noticiosa, Lisboa, ano I, n.º 5, 28 de Março de 1880, p. 1-2. Recolhido por LI (Ct).]

25 sou o seu *crochet* ao lado da sua chávena de chá, acariciou com um gesto doce os dois bandós loiros, assentou correctamente o meu nome, de dedinho no ar fazendo rebrilhar um diamante, e eu ia subir a vasta escadaria, — quando a figura magra e fatal se dobrou num ângulo, e murmurou-me num inglês silabado:

— Já está servido o almoço das sete...

30 Mas eu não queria o almoço das sete. Fui dormir.

Mais tarde, já repousado, fresco do banho, quando descii ao restaurante para o *lunch*, avistei logo, plantado melancolicamente ao pé da larga janela, o indivíduo esguio e triste. A sala estava deserta numa luz parda; os fogões flamejavam; e fora, no silêncio do domingo, nas ruas mudas, a neve caía sem cessar dum céu amarelado e baço. Eu via apenas as costas do homem: mas havia na sua linha magra e um pouco dobrada uma expressão tão evidente de desalento, que me interessei por aquela figura. O cabelo comprido, de tenor, caído sobre a gola da casaca, era manifestamente dum meridional; e toda a sua magreza friorenta se encolhia ao aspecto daqueles telhados cobertos de neve, na sensação daquele silêncio lívido... Chamei-o. Quando ele se voltou, a sua fisionomia, que apenas entrevira na véspera, impressionou-me: era um carão longo e triste, muito moreno, de nariz judaico, e uma barba curta e frisada, uma barba de Cristo em estampa romântica; a testa era destas que, em boa literatura, se chama creio eu, uma *fronte*: era larga e era lustrosa. Tinha o olhar encovado e vago, com uma indecisão de sonho nadando num fluido enternecido... E que magreza! quando andava, a calça curta torcia-se em torno da canela como pregas de bandeira em torno dum mastro; a casaca tinha dobras de túnica ampla; as duas abas compridas e agudas eram desgraçadamente grotescas... Recebeu a ordem do meu almoço sem me olhar, num tédio resignado; arrastou-se para o *comptoir*, onde o *maitre de hotel* lia a Bíblia, passou a mão pela testa, com um gesto errante e dolente, e disse-lhe numa voz surda:

— Número 307. Duas costeletas. Chá...

50: [“Atlântico”: “canela com”.]

54-5: [“Atlântico”: *maitre de hotel* (duas ocorrências), forma incorrecta.]



O *maitre de hotel* afastou a Bíblia, inscreveu o *menu* — e eu, acomodei-me à mesa, abri o volume de Tennyson que trouxera para almoçar comigo — porque, creio que lhes disse, era domingo, dia sem jornais e sem pão fresco. Fora continuava a nevar sobre a cidade muda. A uma mesa distante um velho cor de tijolo, e todo branco de cabelo e de suíças, que acabara de almoçar, dormitava de mãos no ventre, boca aberta, e luneta na ponta do nariz. E o único som vinha da rua, uma voz gemente que a neve abafava mais, uma voz pedinte que à esquina defronte garganteava um salmo... Um domingo de Londres.

Foi o magro que me trouxe o almoço — e apenas ele se aproximou, com o serviço do chá, eu senti logo que aquele volume de Tennyson nas minhas mãos o tinha interessado e impressionado; foi um olhar rápido, gulosamente fixado na página aberta, um estremecimento quase imperceptível, — emoção fugitiva, decerto, porque, depois de ter pousado o serviço, rodou sobre os calcanhares e foi plantar-se melancolicamente à janela, de olho triste posto na neve triste. Eu atribuí aquele movimento curioso ao esplendor da encadernação do volume, que eram os *Idílios d'El-rei*, em marroquim negro, com o escudo de armas de Lançarote do Lago — o pelicano de ouro sobre um mar de sinopla.

Nessa noite parti no expresso para a Escócia, e ainda não tinha passado York, adormecida na sua gravidade episcopal, já me esquecera o criado romanesco do *Restaurant* de Charing-Cross. Foi só daí a um mês, ao voltar a Londres, que entrando no restaurante, e revendo aquela figura lenta e fatal atravessar com um prato de *roast beef* numa das mãos, na outra um *pudding* de batata, senti renascer o antigo interesse. E nessa noite mesmo tive a singular felicidade de saber o seu nome, e de entrever um fragmento do seu passado. Era já tarde e eu voltava de *Covent Garden*, quando no peristilo do hotel encontrei, majestoso e próspero, o meu amigo Bracolletti.

Não conhecem Bracolletti? A sua presença é formidável: tem a amplidão pançuda, o negro cerrado da barba, a lentidão, o cerimonial dum paxá gordo; mas esta ponderosa gravidade turca é temperada, em Bracolletti, pelo sorriso e pelo olhar. Que olhar! Um olhar doce, que me faz lembrar o dos animais

da Síria: é a mesma suavidade, o mesmo enternecimento. Parece errar no seu fluido macio a religiosidade meiga das raças que dão os Messias... Mas o sorriso! O sorriso de Bracolletti é a mais complexa, mais perfeita, a mais rica das expressões humanas; há finura, inocência, bonomia, abandono, ironia doce, persuasão, naqueles dois lábios que se descerram e que deixam brilhar um esmalte de dentes de virgem entre umas barbas de Holofernes... Ah! mas também este sorriso é a fortuna de Bracolletti.

Moralmente Bracolletti é um hábil. Nasceu em Esmirna de pais gregos; é tudo o que ele revela: de resto quando se lhe pergunta pelo seu passado, o bom grego rola um momento a cabeça de ombro a ombro, esconde sob as pálpebras cerradas com bonomia o seu olho maometano, desabrocha o sorriso duma doçura a tentar abelhas, e murmura, como afogado em bondade e em enternecimento:

— *Eh! mon Dieu!... Eh! mon Dieu!...*

Nada mais. Parece porém que viajou, — porque conhece o Peru, a Crimeia, o Cabo da Boa Esperança, os países exóticos — tão bem como Regent Street: mas é evidente para todos que a sua existência não foi tecida, como a dos vulgares aventureiros do Levante, de oiro e estopa, de esplendores e pelin-trices: é um gordo e portanto um prudente: o seu magnífico solitário nunca deixou de lhe brilhar no dedo: nenhum frio jamais o surpreendeu sem uma peliça de dois mil francos: e nunca deixa de ganhar, todas as semanas, no *Fraternity Club*, de que é um membro querido, dez libras ao whist. É um forte.

Mas tem uma debilidade. É singularmente guloso de rapariguinhas de doze a catorze anos: gosta delas magrinhas, muito loiras, e com o hábito de praguejar. Colecciona-as pelos bairros pobres de Londres, com método. Instala-as em casa, e ali as tem como passarinhos na gaiola, metendo-lhes a papinha no bico, ouvindo-as palrar todo baboso, animando-as a que lhe roubem os *shillings* da algibeira, gozando o desenvolvimento dos vícios naquelas flores da lama de Londres, pondo-lhes ao alcance as garrafas de *gin* para que os anjinhos se embebedem; — e quando alguma, excitada de álcool, de cabelo ao vento e face acesa, o injuria, o arrepela, baba obscenidades — o bom Bra-



135 colletti, encruzado no sofá, de mãos beatamente cruzadas na  
pança, o olhar afogado em êxtase, murmura no seu italiano da  
costa síria:

— *Piccolina! Gentilleta!*

140 Querido Bracolletti! Foi realmente com prazer que o abra-  
cei, nessa noite em Charing-Cross: e como nos não víamos há  
muito, fomos cear juntos ao restaurante. O criado triste lá estava  
no seu *comptoir*, curvado sobre o *Journal des Débats*. E apenas  
Bracolletti apareceu, na sua majestade de obeso, o homem es-  
tendeu-lhe silenciosamente a mão; foi um *shake-hands* solene,  
enternecido e sincero.

145 Bom Deus, eram amigos! Arrebatei Bracolletti para o fun-  
do da sala, e vibrando de curiosidade, interroguei-o com sofrega-  
guidão. Quis primeiro o nome do homem.

— Chama-se Korriscosso, disse-me Bracolletti, grave.

150 Quis depois a sua história. Mas Bracolletti como os deuses  
da Ática que, nos seus embaraços no mundo, se recolhiam à  
sua nuvem, Bracolletti refugiou-se na sua vaga reticência:

— *Eh! mon Dieu!... Eh! mon Dieu!...*

— Não, não, Bracolletti. Vejamos. Quero-lhe a história...  
Aquela face fatal e byroniana deve ter ter uma história...

155 Bracolletti então tomou todo o ar cândido que lhe permi-  
tem a sua pança e as suas barbas — e confessou-me, deixando  
cair as frases às gotas, que tinham viajado ambos na Bulgária e  
no Montenegro... Korriscosso foi seu secretário... Boa letra...  
Tempos difíceis... *Eh! mon Dieu!...*

160 — Donde é ele?

Bracolletti respondeu sem hesitar, baixando a voz, com  
um gesto repassado de desconsideração.

— É um grego de Atenas.

165 O meu interesse sumiu-se como água que a areia absorve.  
Quando se tem viajado no Oriente e nas escalas do Levante,  
adquire-se facilmente o hábito, talvez injusto, de suspeitar do  
grego; aos primeiros que se vêem, sobretudo tendo-se uma  
educação universitária e clássica, o entusiasmo acende-se um  
pouco, pensa-se em Alcibíades e em Platão, nas glórias duma  
170 raça estética e livre, e perfilam-se na imaginação as linhas  
augustas do Pártenon; mas, depois de os ter frequentado, às



mesas redondas, e no tombadilho das *Messageries*, e principalmente depois de ter escutado a lenda de velhacaria que eles têm deixado desde Esmirna até Tunes, os outros que se vêem  
 175 provocam apenas estes movimentos — abotoar rapidamente o casaco, cruzar fortemente os braços sobre a cadeia do relógio, e aguçar o intelecto para rechazar a *escroquerie*. A causa desta reputação funesta — é que a gente grega que emigra para as  
 180 escalas do Levante é uma plebe torpe, parte pirata e parte lacaia, bando de rapina astuto e perverso. A verdade é que apenas soube Korriscosso um grego, lembrei-me logo que o meu belo volume de Tennyson, na minha última estada em Charing-  
 -Cross me desaparecera do quarto, e recordei o olhar de gula e de presa que cravara nele Korriscosso... Era um bandido...

185 E durante a ceia não falámos mais de Korriscosso. Serviu-nos outro criado, rubro, honesto e são. O lúgubre Korriscosso não se afastou do *comptoir*, abismado no *Journal des Débats*.

Nessa noite aconteceu, ao recolher-me ao meu quarto, que me perdi... O hotel estava atulhado, e eu tinha sido alojado  
 190 naqueles altos de Charing-Cross, numa complicação de corredores, escadas, recantos, ângulos, onde é quase necessário roteiro e bússola.

De castiçal na mão, penetrei num passadiço onde corria um bafo morno de viela mal arejada. As portas aí não tinham  
 195 números — mas pequenos cartões colados, onde estavam inscritos nomes — *John, Smith, Charlie, Willie...* Enfim, eram evidentemente as habitações dos criados. De uma porta aberta saía a claridade de um bico de gás; adiantei-me, e vi logo Korriscosso, ainda de casaca, sentado a uma mesa alastrada de  
 200 papéis, de testa pendida sobre a mão, escrevendo.

— Pode-me indicar o caminho para o número 508? balbuciei.

Ele ergueu para mim um olhar estremunhado e enevoado; parecia ressurgir de muito longe, de um outro universo; batia  
 205 as pálpebras, repetia:

— 508? 508?...

Foi então que eu avistei sobre a mesa, entre papéis, colarinhos sujos e um rosário — o meu volume de Tennyson! Ele viu o meu olhar, o bandido, e acusou-se todo numa vermelhi-

210 dão que lhe inundou a face escavada. O meu primeiro movimento foi *não* reconhecer o livro: como era um movimento bom, e obedecendo logo à moral superior do mestre Talleyrand, reprimi-o; e apontando o volume, com um dedo severo, um dedo de Providência irritada, disse-lhe:

215 — É o meu Tennyson...

Não sei que resposta ele tartamudeou, porque eu apiedado, retomado também pelo interesse que me dava aquela figura picaresca de grego sentimental, acrescentei num tom repassado de perdão, e de justificação:

220 — Grande poeta, não é verdade? Que lhe pareceu? Tenho a certeza que se entusiasmou...

Korriscosso corou mais: mas não era o despeito humilhado do salteador surpreendido; era, julguei eu, a vergonha de ver a sua inteligência, o seu gosto poético adivinhados — e de ter no corpo a casaca coçada de criado de *restaurant*. Não respondeu. Mas as páginas do volume que eu abri responderam por ele; a brancura das margens largas desaparecia sob uma rede de comentários a lápis: *Sublime! Grandioso! Divino!* — palavras lançadas numa letra convulsiva, num tremor de mão, agitada por uma sensibilidade vibrante...

230 No entanto Korriscosso permanecia de pé, respeitoso, culpado, de cabeça baixa, com o laço da gravata branca fugindo para o cachaco. Pobre Korriscosso! Compadeci-me daquela atitude, revelando todo um passado sem sorte, tantas tristezas de dependência... Lembrei-me que nada impressiona o homem do Levante como um gesto de drama e de palco; estendi-lhe ambas as mãos num movimento à Talma, e disse-lhe:

— Eu também sou poeta!...

240 Esta frase extraordinária pareceria grotesca e impudente a um homem do Norte; o levantino viu logo nela a expansão de uma alma irmã. Porque, não lhes disse? o que Korriscosso estava escrevendo, numa longa tira de papel, eram estrofes: era uma ode.

245 Daí a pouco, com a porta fechada, Korriscosso contava-me a sua história — ou antes fragmentos, anedotas desirmanadas da sua biografia. É tão triste, que a condenso. De resto, havia na sua narração lacunas de anos; — e eu não posso reconstituir



com lógica e sequência a história deste sentimental. Tudo é vago e suspeito. Nasceu com efeito em Atenas; seu pai parece que era carregador no Pireu. Aos dezoito anos Korriscosso servia de criado a um médico, e nos intervalos do serviço frequentava a Universidade de Atenas; estas coisas são frequentes *lâ-bas*, como ele dizia. Formou-se em leis: isto habilitou-o mais tarde, em tempos difíceis, a ser intérprete de hotel. Desse tempo datam as suas primeiras elegias num semanário lírico, intitulado *Ecos da Ática*. Isto levou-o directamente à política e às ambições parlamentares. Uma paixão, uma crise patética, um marido brutal, ameaças de morte, forçaram-no a expatriar-se. Viajou na Bulgária, foi em Salónica empregado numa sucursal do Banco Otomano, remeteu endechas dolorosas a um jornal da província — *A Trombeta da Argólida*. Aqui há uma dessas lacunas, um buraco negro na sua história. Reaparece em Atenas com fato novo, liberal, e deputado. Este período de glória foi breve, mas suficiente para o pôr em evidência; a sua palavra colorida, poética, recamada de imagens engenhosas e lustrosas, encantou Atenas: tinha o segredo de florir, como ele dizia, os terrenos mais áridos; numa discussão de imposto ou de viação fazia saltar écloas de Teócrito. Em Atenas este talento leva ao poder: Korriscosso era indicado para gerir uma alta administração do Estado; o Ministério porém, e com ele a maioria de que Korriscosso era o tenor querido, caíram, sumiram-se, sem lógica constitucional, num destes súbitos desabamentos políticos tão comuns na Grécia, em que os governos se aluem, como as casas em Atenas — sem motivo. Falta de base, decrepitude de materiais e de individualidades... Tudo tende para o pó num solo de ruínas...

Nova lacuna, novo mergulho obscuro na história de Korriscosso...

Volta à superfície, membro de um *club* republicano de Atenas pede num jornal a emancipação da Polónia, e a Grécia governada por um concílio de génios. Publica então os seus *Suspiros da Trácia*. Tem outro romance de coração... E enfim — e isto disse-mo, sem explicações, — é obrigado a refugiar-se em Inglaterra. Depois de tentar em Londres várias posições, coloca-se no *restaurant* de Charing-Cross.



— É um porto de abrigo, disse-lhe eu, apertando-lhe a mão.

Ele sorriu com amargura. Era decerto um porto de abrigo, e vantajoso. É bem alimentado; as gorjetas são razoáveis; tem um velho colchão de molas, — mas as delicadezas da sua alma são a todo o momento dolorosamente feridas...

Dias atribulados, dias crucificados, os daquele poeta lírico forçado a distribuir numa sala, a burgueses estabelecidos e glutões, costeletas e copos de cerveja! Não é a dependência que o aflige; a sua alma de grego não é particularmente ávida de liberdade; basta-lhe que o patrão seja cortês. E, como ele me disse, é-lhe grato reconhecer que os fregueses de Charing-Cross nunca lhe pedem a mostarda ou o queijo, sem dizer *if you please*; e quando saem, ao passar por ele, levam dois dedos à aba do chapéu: isto satisfaz a dignidade de Korriscosso.

Mas o que o tortura é o contacto constante com o alimento. Se ele fosse guarda-livros de um banqueiro, primeiro caixeiro de um armazém de sedas!... Nisso há uma sombra de poesia — os milhões que se revolvem, as frotas mercantes, a brutal força do oiro, ou então dispor ricamente os estofos, os cortes de seda, fazer correr a luz nas ondulações dos *moirés*, dar ao veludo as molezas da linha e da prega... Mas num restaurante como se pode exercer o gosto, a originalidade artística, o instinto da cor, do efeito, do drama — a partir nacos de *roast beef* ou de presunto de York?... Depois, como ele disse, dar a comer, fornecer alimento, é servir exclusivamente a pança, a tripa, a baixa necessidade material: no *restaurant* o ventre é Deus; a alma fica fora, com o chapéu pendurado no cabide ou com o rolo de jornais que se deixou no bolso do *paletot*.

E as convivências, e a falta de conversação! Nunca se voltarem para ele senão para lhe pedirem salame ou sardinhas de Nantes! Nunca abrir os seus lábios, donde pendia o Parlamento de Atenas, senão para perguntar: — mais pão? mais bife? Esta privação de eloquência é-lhe dolorosa.

Além disso o serviço impede-lhe o trabalho. Korriscosso compõe de memória: quatro passeios pelo quarto, um repelão ao cabelo, e a ode sai-lhe harmónica e doce... Mas a interrupção glutona da voz do freguês pedindo nutrição é fatal a esta maneira de trabalhar. Às vezes, encostado a uma janela, de

guardanapo no braço, Korriscosso está fazendo uma elegia: são  
 325 tudo luares, roupagens alvas de virgens pálidas, horizontes  
 celestes, flores de alma dorida... É feliz; está remontado aos  
 céus poéticos, nas planícies azuladas onde os sonhos acampam,  
 galopando de estrela em estrela... De repente uma grossa voz  
 faminta berra dum canto:

330 — Bife e batatas!

Ai, as aladas fantasias batem o voo como pombas espavore-  
 ridas! E aí vem o infeliz Korriscosso, precipitado dos cimos  
 ideais, de ombros vergados e abas da casaca balouçando, per-  
 guntar com o sorriso lívido:

335 — Passado ou meio-cru?

Ah! é um amargo destino!

— Mas, perguntei-lhe eu, porque não deixa este covil, este  
 templo do ventre?

340 Ele deixou pender a sua bela cabeça de poeta. E disse-me  
 a razão que o prende: disse-ma, quase chorando nos meus bra-  
 ços, com o nó da gravata branca no cachaço. Korriscosso ama.

Ama uma Fanny, criada de todo o serviço em Charing-  
 -Cross. Ama-a desde o primeiro dia em que entrou no hotel;  
 amou-a no momento em que a viu lavando as escadas de pe-  
 345 dra, com os braços roliços nus, e os cabelos louros, os fatais  
 cabelos louros, deste louro que entontece os meridionais, cabe-  
 los ricos, dum tom de cobre, dum tom de oiro-mate, torcendo-  
 -se numa trança de deusa. E depois a carnação, uma carnação  
 de inglesa do Yorkshire — leite e rosas...

350 E o que Korriscosso tem sofrido! Toda a sua dor exala-a  
 em odes — que passa a limpo ao domingo, dia de repouso e dia  
 do Senhor! Leu-mas. E eu vi quanto a paixão pode perturbar  
 um ser nervoso; que ferocidade de linguagem, que lances de  
 desespero, que gritos de alma dilacerada arremessados dali,  
 355 daqueles altos de Charing-Cross, para a mudez do céu frio!  
 É que Korriscosso tem ciúmes. A desgraçada Fanny ignora aque-  
 le poeta a seu lado, aquele delicado, aquele sentimental; e ama  
 um *policeman*. Ama um *policeman*, um colosso, um alcides,  
 uma montanha de carne erriçada numa floresta de barbas, com  
 360 o peito como o flanco dum couraçado, com pernas como for-  
 talezas normandas. Este Polifemo, como diz Korriscosso, tem

ordinariamente serviço no Strand; e a pobre Fanny passa o seu dia a espreitá-lo dum postigo, dos altos do hotel. Todas as suas economias as gasta em quartilhos de *gin*, de *brandy*, de *genebra*, que à noite lhe leva em copinhos debaixo do avental; mantém-no fiel pelo álcool; o monstro, plantado enormemente a uma esquina, recebe em silêncio o copo, atira-o dum golpe às fauces tenebrosas, arrota cavamente, passa a mão cabeluda pela barba de hércules e segue taciturnamente, sem um *obrigado*, sem um *amo-te*, batendo o lajedo com a vastidão das suas solas sonoras. A pobre Fanny admira-o babosa... E talvez nesse momento, à outra esquina, o magro Korriscosso, fazendo no nevoeiro um esguio relevo de poste telegráfico, soluça com a face magra entre as mãos transparentes.

Pobre Korriscosso! Se ele ao menos a pudesse comover... Mas quê! Ela despreza-lhe o corpo de tísico triste; e a alma não lha compreende... Não que Fanny seja inacessível a sentimentos ardentes expressos numa linguagem melodiosa... Mas Korriscosso só pode escrever as suas elegias na sua língua materna... E Fanny não compreende grego... E Korriscosso é só um grande homem — em grego!...

Quando descí ao meu quarto, deixei-o soluçando sobre o catre. Tenho-o visto depois, outras vezes, ao passar em Londres. Está mais magro, mais fatal, mais mirrado de zelos, mais curvado quando se move pelo restaurante com [a] travessa do *roast beef*, mais exaltado no seu lirismo... Sempre que ele me serve dou-lhe um *shilling* de gorjeta: e depois, ao sair, aperto-lhe sinceramente a mão.





## No Moinho

D. Maria da Piedade era considerada em toda a vila como «uma senhora modelo». O velho Nunes, director do Correio, sempre que se falava nela, dizia, acariciando com autoridade os  
5 quatro pêlos da calva:

— É uma santa! É o que ela é!

A vila tinha quase orgulho na sua beleza delicada e tocante; era uma loira, de perfil fino, a pele ebúrnea, e os olhos escuros de um tom de violeta, a que as pestanas longas escureciam mais o brilho sombrio e doce. Morava ao fim da estrada,  
10 numa casa azul de três sacadas; e era para a gente que às tardes ia fazer o giro até ao moinho um encanto sempre novo vê-la por trás da vidraça, entre as cortinas de cassa, curvada sobre a sua costura, vestida de preto, recolhida e séria. Poucas vezes  
15 saía. O marido, mais velho que ela, era um inválido, sempre de cama, inutilizado por uma doença de espinha; havia anos que não descia à rua; avistavam-no às vezes também à janela murcho e trôpego, agarrado à bengala, encolhido no *robe-de-chambre*, com uma face macilenta, a barba desleixada e um  
20 barretinho de seda enterrado melancolicamente até ao cachaço. Os filhos, duas rapariguitas e um rapaz, eram também doentes, crescendo pouco e com dificuldade, cheios de tumores nas orelhas, chorões e tristonhos. A casa interiormente parecia

1: [*In* “O Atlântico”, Folha comercial, literária e noticiosa, Lisboa, ano 1, n.º 7, 28 de Abril de 1880, pp. 1-2. Recolhido por LI (Ct).]

25 lúgubre. Andava-se em pontas dos pés, porque o senhor na  
excitação nervosa que lhe davam as insónias, irritava-se com o  
menor rumor; havia sempre sobre as cómodas alguma garrafa-  
da da botica, alguma malga com papas de linhaça; as mesmas  
flores com que ela, no seu arranjo e no seu gosto de frescura,  
30 ornava as mesas, depressa murchavam naquele ar abafado de  
febre, nunca renovado por causa das correntes de ar; e era uma  
tristeza ver sempre algum dos pequenos ou de emplastro sobre  
a orelha, ou a um canto do canapé, embrulhado em coberto-  
res, com uma amarelidão de hospital.

35 Maria da Piedade vivia assim, desde os vinte anos. Mesmo  
em solteira, em casa dos pais, a sua existência fora triste.  
A mãe era uma criatura desagradável e azeda; o pai, que se  
empenhara pelas tavernas e pelas batotas, já velho, sempre  
bêbado, os dias que aparecia em casa passava-os à lareira, num  
silêncio sombrio, cachimbando e escarrando para as cinzas.  
40 Todas as semanas desancava a mulher. E quando João Coutinho  
pediu Maria em casamento, apesar de doente já, ela aceitou,  
sem hesitação, quase com reconhecimento, para salvar o case-  
bre da penhora, não ouvir mais os gritos da mãe que a faziam  
tremar, rezar, em cima, no seu quarto, onde a chuva entrava  
45 pelo telhado. Não amava o marido decerto; e mesmo na vila  
tinha-se lamentado que aquele lindo rosto de Virgem Maria,  
aquela figura de fada, fosse pertencer ao Joãozinho Coutinho,  
que desde rapaz fora sempre entrevado. O Coutinho por morte  
do pai ficara rico; e ela, acostumada por fim àquele marido  
50 rabugento, que passava o dia arrastando-se sombriamente da  
sala para a alcova, ter-se-ia resignado, na sua natureza de enfer-  
meira e de consoladora, se os filhos ao menos tivessem nascido  
sãos e robustos. Mas aquela família que lhe vinha com o san-  
gue viciado, aquelas existências hesitantes, que depois pareciam  
55 apodrecer-lhe nas mãos, apesar dos seus cuidados inquietos,  
acabrunhavam-na. Às vezes só, picando a sua costura, corriam-  
-lhe as lágrimas pela face, uma fadiga da vida invadia-a, como  
uma névoa que lhe escurecia a alma.

60 Mas se o marido de dentro chamava desesperado, ou um  
dos pequenos choramingava, lá limpava os olhos, lá aparecia  
com a sua bonita face tranquila com alguma palavra consola-



dora, compondo a almofada a um, indo animar o outro, feliz em ser boa. Toda a sua ambição era ver o seu pequeno mundo bem tratado e bem acarinhado. Nunca tivera desde casada uma curiosidade, um desejo, um capricho: nada a interessava na Terra senão as horas dos remédios e o sono dos seus doentes. Todo o esforço lhe era fácil quando era para os contentar: apesar de fraca passeava horas trazendo ao colo o pequerrucho que era o mais impertinente, com as feridas que faziam dos seus pobres beicinhos uma crosta escura: durante as insónias do marido não dormia também, sentada ao pé da cama, conversando, lendo-lhe as *Vidas* dos santos, porque o pobre entrevado ia caindo em devoção. De manhã estava um pouco mais pálida, mas toda correcta no seu vestido preto, fresca, com os bandós bem lustrosos, fazendo-se bonita para ir dar as sopas de leite aos pequerruchos. A sua única distracção era à tarde, sentar-se à janela com a sua costura, e a pequenada em roda, aninhada no chão, brincando tristemente. A mesma paisagem que ela via da janela era tão monótona como a sua vida: em baixo a estrada, depois uma ondulação de campos, uma terra magra plantada aqui e além de oliveiras, e erguendo-se ao fundo, uma colina triste e nua, sem uma casa, uma árvore, um fumo de casal que pusesse naquela solidão de terreno pobre uma nota humana e viva.

Vendo-a assim tão resignada e tão sujeita, algumas senhoras da vila afirmavam que ela era beata; todavia ninguém a avistava na igreja, a não ser ao domingo, com o pequerrucho mais velho pela mão todo pálido no seu vestido de veludo azul. Com efeito a sua devoção limitava-se a esta missa todas as semanas. A sua casa ocupava-a muito para se deixar invadir pelas preocupações do céu; naquele dever de boa mãe, cumprido com amor, encontrava uma satisfação suficiente à sua sensibilidade; não necessitava adorar santos, ou enternecer-se com Jesus. Instintivamente mesmo, pensava que toda a afeição excessiva dada ao Pai do céu, todo o tempo gasto em se arrastar pelo confessionário ou aos pés do oratório, seria uma diminuição cruel no seu cuidado de enfermeira: a sua maneira de rezar era velar os filhos; e aquele pobre marido pregado numa cama, todo dependente dela, tendo-a só a ela, parecia-lhe ter mais

100 direito ao seu fervor que o outro, pregado numa cruz, tendo  
para o amimar toda uma humanidade pronta. Além disso nunca  
tivera estas sentimentalidades de alma triste que levam à  
devoção. O seu longo hábito de dirigir uma casa de doentes,  
de ser ela o centro, a força, o amparo daqueles inválidos tor-  
105 nara-a terna, mas prática: e assim era ela que administrava agora  
a casa do marido, com um bom senso que a afeição dirigia,  
uma solicitude de mãe próspera. Tais ocupações bastavam para  
entreter o seu dia: o marido de resto detestava visitas, o aspecto  
de caras saudáveis, e as comiserações de cerimónia; e passa-  
110 vam-se meses sem que em casa de Maria da Piedade se ouvisse  
outra voz estranha à família, a não ser a do Dr. Abílio — que  
a adorava, e que dizia dela com os olhos esgazeados:  
— É uma fada! é uma fada!...

Foi por isso grande a excitação na casa, quando João  
115 Coutinho recebeu uma carta de seu primo Adrião que lhe  
anunciava que em duas ou três semanas ia chegar à vila. Adrião  
era um homem célebre, e o marido de Maria da Piedade tinha  
naquele parente um orgulho enfático. Assinara mesmo um  
jornal de Lisboa, só para ver o seu nome nas locais e na crítica.  
120 Adrião era um romancista: e o seu último livro, *Madalena*, um  
estudo de mulher trabalhado a grande estilo, duma análise  
delicada e subtil, consagrara-o como um mestre. A sua fama,  
que chegara até à vila, num vago de legenda, apresentava-o como  
uma personalidade interessante, um herói de Lisboa, amado  
125 das fidalgas, impetuoso e brilhante, destinado a uma alta situa-  
ção no Estado. Mas realmente na vila era sobretudo notável  
por ser primo do João Coutinho.

D. Maria da Piedade ficou aterrada com esta visita. Via já  
a sua casa em confusão com a presença do hóspede extraordi-  
130 nário. Depois a necessidade de fazer mais *toilette*, de alterar a  
hora do jantar, de conversar com um literato, e tantos outros  
esforços cruéis!... E a brusca invasão daquele mundano, com as  
suas malas, o fumo do seu charuto, a sua alegria de são, na paz  
triste do seu hospital, dava-lhe a impressão apavorada de uma  
135 profanação. Foi por isso um alívio, quase um reconhecimento,  
quando Adrião chegou, e muito simplesmente se instalou na



140 estalagem do Tio André, à outra extremidade da vila. João Coutinho scandalizou-se: tinha já o quarto do hóspede preparado, com lençóis de rendas, uma colcha de damasco, pratos sobre a cómoda, e queria-o todo para si, o primo, o homem célebre, o grande autor... Adrião porém recusou:

145 — Eu tenho os meus hábitos, vocês têm os seus... Não nos contrariemos, hein?... O que faço é vir cá jantar. De resto não estou mal no Tio André... Vejo da janela um moinho, e uma represa que são um quadrozinho delicioso... E ficamos amigos, não é verdade?

150 Maria da Piedade olhava-o assombrada: aquele herói, aquele fascinador por quem choravam mulheres, aquele poeta que os jornais glorificavam era um sujeito extremamente simples, — muito menos complicado, menos espectacular que o filho do recebedor! Nem formoso era: e com o seu chapéu desabado sobre uma face cheia e barbuda, a quinzena de flanela caindo à larga num corpo robusto e pequeno, os seus sapatos enormes, parecia-lhe a ela um dos caçadores de aldeia que às vezes encontrava, quando de mês a mês ia visitar as fazendas do outro lado do rio. Além disso não fazia frases; e a primeira vez que veio jantar, falou apenas, com grande bonomia, dos seus negócios. Viera por eles. Da fortuna do pai, a única terra que não estava devorada ou abominavelmente hipotecada era a Curgossa, 160 uma fazenda ao pé da vila, que andava além disso mal arrendada... O que ele desejava era simplesmente vendê-la. Mas isso parecia-lhe a ele tão difícil, como fazer a *Ilíada!*... E lamentava sinceramente ver o primo ali, inútil sobre uma cama, sem o poder ajudar nesses passos a dar com os proprietários da vila. 165 Foi por isso com alegria que ouviu João Coutinho declarar-lhe que a mulher era uma administradora de primeira ordem, e hábil nessas questões, como um antigo rábula!...

— Ela vai contigo ver a fazenda, fala com o Teles, e arranja-te isso tudo... E na questão de preço, deixa-a a ela!...

170 — Mas que superioridade, prima, exclamou Adrião maravilhado. Um anjo que entende de cifras!

Pela primeira vez na sua existência Maria da Piedade corrou com a palavra dum homem. De resto prontificou-se logo a ser a procuradora do primo...



175 No outro dia foram ver a fazenda. Como ficava perto, e  
era um dia de Março fresco e claro, partiram a pé. Ao princí-  
pio, acanhada por aquela companhia dum leão, a pobre senho-  
ra caminhava junto dele com o ar de um pássaro assustado:  
180 apesar de ele ser tão simples havia na sua figura enérgica e  
musculosa, no timbre rico da sua voz, nos seus olhos pequenos  
e luzidios alguma coisa de forte, de dominante, que a enleava.  
Tinha-se-lhe prendido à orla do vestido um galho de silvado, e  
como ele se abaixara para o desprender delicadamente, o con-  
tacto daquela mão branca e fina de artista na orla da sua saia  
185 incomodou-a singularmente. Apressava o passo para chegar bem  
depressa à fazenda, aviar o negócio com o Teles, e voltar  
imediatmente a refugiar-se, como no seu elemento próprio, no  
ar abafado e triste do seu hospital. Mas a estrada estendia-se  
branca e longa sob o sol tépido, — e a conversação de Adrião  
190 foi-a lentamente acostumando à sua presença.

Ele parecia desolado daquela tristeza da casa. Deu-lhe al-  
guns bons conselhos: o que os pequenos necessitavam era ar,  
sol, uma outra vida que aquele abafamento de alcova...

195 Ela também assim o julgava: mas quê! o pobre João, sem-  
pre que se lhe falava de ir passar algum tempo à quinta, afligia-  
-se terrivelmente: tinha horror ao grande ar e aos grandes ho-  
rizontes; a natureza forte fazia-o quase desmaiar; tornara-se um  
ser artificial, encafudado entre os cortinados da cama...

200 Ele então lamentou-a. Decerto poderia haver alguma satis-  
fação num dever tão santamente cumprido... Mas enfim, ela  
devia ter momentos em que desejasse alguma outra coisa além  
daquelas quatro paredes, impregnadas do bafo da doença...

— Que hei-de eu desejar mais? disse ela.

205 Adrião calou-se: pareceu-lhe absurdo supor que ela dese-  
jasse, realmente, o Chiado ou o Teatro da Trindade... No que  
ele pensava era noutros apetites, nas ambições de coração insa-  
tisfeito... Mas isto pareceu-lhe tão delicado, tão grave de dizer  
àquela criatura virginal e séria — que falou da paisagem...

— Já viu o moinho? perguntou-lhe ela.

210 — Tenho vontade de o ver se mo quiser ir mostrar, prima.  
— Hoje é tarde.

Combinaram logo ir visitar esse recanto de verdura, que era o idílio da vila.

215 Na fazenda, a longa conversa com o Teles criou uma aproximação maior entre Adrião e Maria da Piedade. Aquela venda que ela discutia com uma astúcia de aldeã, punha entre eles como um interesse comum. Ela falou-lhe já como menos reserva quando voltaram. Havia nas maneiras dele, dum respeito tocante, uma atracção que a seu pesar a levava a revelar-se, a dar-lhe a sua confiança: nunca falara tanto a ninguém; a ninguém jamais deixara ver tanto da melancolia oculta que errava constantemente na sua alma. De resto as suas queixas eram sobre a mesma dor — a tristeza do seu interior, as doenças, tantos cuidados graves... E vinha-lhe por ele uma simpatia, como  
220 um indefinido desejo de o ter sempre presente, desde que ele se tornava assim depositário das suas tristezas.

Adrião voltou para o seu quarto, na estalagem do André, impressionado, interessado por aquela criatura tão triste e tão doce. Ela destacava sobre o mundo de mulheres que até ali conhecera, como um perfil suave de anjo gótico entre fisionomias de mesa  
230 redonda. Tudo nela concordava deliciosamente, o oiro do cabelo, a doçura da voz, a modéstia na melancolia, a linha casta, fazendo um ser delicado e tocante, a que mesmo o seu pequenino espírito burguês, certo fundo rústico de aldeã, e uma leve vulgaridade de hábitos davam um encanto: era um anjo que vivia há muito  
235 tempo numa vilota grosseira e estava por muitos lados preso às trivialidades do sítio; mas bastaria um sopro para o fazer remontar ao céu natural, aos cimos puros da sentimentalidade...

Achava absurdo e infame fazer a corte à prima... Mas  
240 involuntariamente pensava no delicioso prazer de fazer bater aquele coração que não estava deformado pelo espartilho, e de pôr enfim os seus lábios numa face onde não houvesse pós de arroz... E o que o tentava sobretudo era pensar que poderia percorrer toda a província em Portugal, sem encontrar nem  
245 aquela linha do corpo, nem aquela virgindade tocante de alma adormecida... Era uma ocasião que não voltava.



O passeio ao moinho foi encantador. Era um recanto de natureza, digno de Corot, sobretudo à hora do meio-dia em que eles lá foram, com a frescura da verdura, a sombra recolhida das grandes árvores, e toda a sorte de murmúrios de água corrente, fugindo, reluzindo entre os musgos e as pedras, levando e espalhando no ar o frio da folhagem, da relva, por onde corriam cantando. O moinho era dum alto pitoresco, com a sua velha edificação de pedra secular, a sua roda enorme, quase podre, coberta de ervas, imóvel sobre a gelada limpidez da água escura. Adrião achou-o digno duma cena de romance, ou melhor, da morada duma fada. Maria da Piedade não dizia nada achando extraordinária aquela admiração pelo moinho abandonado do Tio Costa. Como ela vinha um pouco cansada sentaram-se numa escada desconjuntada de pedra, que mergulhava na água da represa os últimos degraus: e ali ficaram um momento calados, no encanto daquela frescura murmurosa, ouvindo as aves piarem nas ramas. Adrião via-a de perfil, um pouco curvada, esburacando com a ponteira do guarda-sol as ervas bravas que invadiam os degraus: era deliciosa assim, tão branca, tão loira, duma linha tão pura sobre o fundo azul do ar; o seu chapéu era de mau gosto, o seu mantelete antiquado, mas ele achava nisso mesmo uma ingenuidade picante. O silêncio dos campos em redor isolava-os, — e insensivelmente, ele começou a falar-lhe baixo. Era ainda a mesma compaixão pela melancolia da sua existência naquela triste vila, pelo seu destino de enfermeira... Ela escutava-o de olhos baixos, pasmada de se achar ali tão só com aquele homem tão robusto, toda receosa e achando um sabor delicioso ao seu receio... Houve um momento em que ele falou do encanto de ficar ali para sempre na vila...

— Ficar aqui? Para quê? perguntou ela sorrindo.

— Para quê? para isto, para estar sempre ao pé de si...

261: [“Atlântico”: “água de”.]



280 Ela cobriu-se de um rubor, o guarda-solinho escapou-lhe das mãos. Adrião recebeu tê-la ofendido, e acrescentou logo rindo:

— Pois não era delicioso?... Eu podia alugar este moinho, fazer-me moleiro... A prima havia de me dar a sua freguesia...

285 Isto fê-la rir: era ainda mais linda quando ria; tudo brilhava nela, os dentes, a pele, a cor do cabelo. Ele continuou graçeando, com o seu plano de se fazer moleiro, e de ir pela estrada tocando o burro, carregado das sacas de farinha.

— E eu venho ajudá-lo, primo! disse ela, animada pelo seu próprio riso, pela alegria daquele homem ao seu lado.

290 — Vem? exclamou ele. Juro-lhe que me faço moleiro! Que paraíso nós aqui ambos no moinho, ganhando alegremente a nossa vida, e ouvindo cantar estes melros!

295 Ela corou outra vez do fervor da sua voz, e recuou como se ele fosse já arrebatá-la para o moinho. Mas Adrião agora, inflamado àquela ideia, pintava-lhe na sua palavra colorida toda uma vida romanesca, de uma felicidade idílica, naquele esconderijo de verdura: de manhã, a pé cedo, para o trabalho; depois o jantar na relva à beira de água; e à noite as boas palestras ali sentados, à claridade das estrelas ou sob a sombra cálida dos céus negros de Verão...

300 E de repente, sem que ela resistisse, prendeu-a nos braços, e beijou-a sobre os lábios, dum só beijo profundo e interminável. Ela tinha ficado contra o seu peito, branca, como morta: e duas lágrimas corriam-lhe ao comprido da face. Era assim tão dolorosa e fraca, que ele soltou-a; ela ergueu-se, apanhou o guarda-solinho, e ficou diante dele, com o beicinho a tremer, murmurando:

305 — É mal feito... é mal feito...

Ele mesmo estava tão perturbado — que a deixou descer para o caminho: e daí a um momento, seguiam ambos calados para a vila. Foi só na estalagem que ele pensou:

310 — Fui um tolo!

315 Mas no fundo estava contente da sua generosidade. À noite foi a casa dela: encontrou-a com o pequerrucho no colo, lavando-lhe em água de malvas as feridas que ele tinha na perna. E então, pareceu-lhe odioso distrair aquela mulher dos seus doentes. De resto um momento como aquele no moinho não

voltaria. Seria absurdo ficar ali, naquele canto odioso da província, desmoralizando, a frio, uma boa mãe... A venda da fazenda estava concluída. — Por isso no dia seguinte apareceu, de tarde, a dizer-lhe adeus: partia à noitinha na diligência; encontrou-a na  
 320 sala, à janela costumada, com a pequenada doente aninhada contra as suas saias... Ouviu que ele partia, sem lhe mudar a cor, sem lhe arfar o peito. Mas Adrião achou-lhe a palma da mão tão fria como um mármore: e quando ele saiu, Maria da Piedade ficou voltada para a janela, escondendo a face dos pequenos,  
 325 olhando abstractamente a paisagem que escurecia, com as lágrimas, quatro a quatro, caindo-lhe na costura...

Amava-o. Desde os primeiros dias a sua figura resoluta e forte, os seus olhos luzidios, toda a virilidade da sua pessoa, se lhe tinham apossado da imaginação. O que a encantava nele  
 330 não era o seu talento, nem a sua celebridade em Lisboa, nem as mulheres que o tinham amado; isso para ela aparecia-lhe vago e pouco compreensível: o que a fascinava era aquela seriedade, aquele ar honesto e são, aquela robustez de vida, aquela voz tão grave e tão rica; e antevia, para além da sua existência ligada a um inválido, outras existências possíveis, em que se  
 335 não vê sempre diante dos olhos uma face fraca e moribunda, em que as noites se não passam a esperar as horas dos remédios... Era como uma rajada de ar impregnado de todas as forças vivas da natureza, que atravessava subitamente a sua alcova abafada, — e respirava-a deliciosamente... Depois, tinha ouvido  
 340 aquelas conversas em que ele se mostrava tão bom, tão sério, tão delicado: e à força do seu corpo que admirava, juntava-se agora um coração terno, duma ternura varonil e forte, para a cativar... Este amor latente invadiu-a, apoderou-se dela uma  
 345 noite que lhe apareceu esta ideia, esta visão: — *se ele fosse meu marido!* Toda ela estremeceu, apertou desesperadamente os braços contra o peito, como confundindo-se com a sua imagem evocada, prendendo-se a ela, refugiando-se na sua força... Depois ele deu-lhe aquele beijo no moinho.

350 E partira!

Então começou para Maria da Piedade uma existência de abandonada. Tudo de repente em volta dela, a doença do



marido, achaques dos filhos, tristezas do seu dia, a sua costura, lhe pareceu lúgubre. Os seus deveres, agora que não punha  
355 neles toda a sua alma, eram-lhe pesados, como fardos injustos. A sua vida representava-se-lhe como uma desgraça excepcional: não se revoltava ainda; mas tinha desses abatimentos, dessas súbitas fadigas de todo o seu ser, em que caía sobre a cadeira com os braços pendentes, murmurando:

360 — Quando acabará tudo isto?

Refugiava-se então naquele amor como uma compensação deliciosa. Julgando-o todo puro, todo de alma, deixava-se penetrar dele e da sua lenta influência. Adrião tornara-se na sua imaginação como um ser de proporções extraordinárias,  
365 tudo o que é forte, e que é belo e que dá razão à vida. Não quis que nada do que era dele ou vinha dele lhe fosse alheio. Leu todos os seus livros, sobretudo aquela *Madalena* que também amara, e morrera dum abandono. Estas leituras calmavam-na, davam-lhe como uma vaga satisfação ao desejo. Chorando as dores das heroínas de romance, parecia sentir um alívio às suas. Lentamente esta necessidade de encher a imaginação desses lances de amor, de dramas infelizes, apoderou-se dela. Foi durante meses um devorar constante de romances. Ia-se assim criando no seu espírito um mundo artificial e  
370 idealizado. A realidade tornava-se-lhe odiosa, sobretudo sob aquele aspecto de sua casa, onde encontrava sempre agarrado às saias um ser enfermo. Vieram as primeiras revoltas. Tornou-se impaciente e áspera. Não suportava ser arrancada aos episódios sentimentais do seu livro, para ir ajudar a voltar o marido, e sentir-lhe o hálito mau. Veio-lhe o nojo das garrafadas, dos emplastos, das feridas dos pequenos a lavar. Começou a ler versos. Passava horas só, num mutismo, à janela, tendo sob o seu ar de virgem loura toda a rebelião duma apaixonada. Acreditava nos amantes que escalam os balcões, entre  
375 o canto dos rouxinóis; e queria ser amada assim, possuída num mistério de noite romântica...

O seu amor desprende-se pouco a pouco da imagem de Adrião, e alargou-se, estendeu-se a um ser vago que era feito de tudo o que a encantara nos heróis de novela; era um ente  
380 meio príncipe e meio facínora, que tinha sobretudo a força.



Porque era isto que admirava, que queria, por que ansiava nas noites cálidas em que não podia dormir — dois braços fortes como aço que a apertassem num abraço mortal, dois lábios de fogo que num beijo lhe chupassem a alma. Estava  
 395 uma histérica.

Às vezes ao pé do leito do marido, vendo diante de si aquele corpo de tísico, numa imobilidade de entrevado, vinha-lhe um ódio torpe, um desejo de lhe apressar a morte...

E no meio desta excitação mórbida do temperamento irritado, eram fraquezas súbitas, sustos de ave que pouasa, um grito ao ouvir bater uma porta, uma palidez de desmaio se havia na sala flores muito cheirosas... À noite abafava; abria a janela; mas o cálido ar, o bafo morno da terra aquecida do sol, enchiam-na dum desejo intenso, duma ânsia voluptuosa, cortada de crises de choro...  
 405

A Santa tornava-se Vénus.

E o romanticismo mórbido tinha penetrado tanto aquele ser, e desmoralizara-o tão profundamente que chegou ao momento em que bastaria que um homem lhe tocasse, para ela lhe cair nos braços: — e foi o que sucedeu enfim, com o primeiro que a namorou, daí a dois anos. Era o praticante da botica.  
 410

Por causa dele escandalizou toda a vila. E agora, deixa a casa numa desordem, os filhos sujos e remelosos, em farrapos, sem comer até altas horas, o marido a gemer abandonado na sua alcova, toda a trapagem dos emplastos por cima das cadeiras, tudo num desamparo torpe, — para andar atrás do homem, um maganão, odioso e sebento, de cara balofa e gordalhufa, luneta preta com grossa fita passada atrás da orelha, e bonezinho de seda posto à catita. Vem de noite às entrevistas de chinelos de ourelo; cheira a suor: e pede-lhe dinheiro emprestado para sustentar uma Joana, criatura obesa, a quem chamam na vila — a *Bola de Unto*.  
 415  
 420

406: [LB: "Tornara-se".]

419: ["entrevistas": conforme "O Atlântico".]

## Outro Amável Milagre

Nesse tempo Jesus ainda não saíra de Galileia, das margens do lago de Genesaré: mas a nova dos seus milagres chegara já a Siquém, cidade rica, entre vinhedos, no país de Samaria.

5 Uma tarde um homem passara com os cabelos ao vento, dizendo que um novo Rabi, um novo profeta, andava pelas verdes colinas que vão de Magdala a Cafarnaum, anunciando o advento do reino de Deus, e curando todos os males humanos. Enquanto descansava junto ao poço de Jacob, o homem

10 contou mais que o Rabi, num campo ao pé de Cafarnaum, sarara o servo dum centurião romano, de longe, e só com murmurar suavemente uma palavra; e noutra tarde, tendo atravessado numa barca de Galileia para a terra dos Gerasénios, onde se fazia a colheita do bálsamo, ressuscitara a filha de Jaira, homem

15 considerável que lia na Sinagoga. E como a gente em redor lhe perguntava se esse era o Messias, e que doçura havia

1: [*In Um Feixe de Penas*, coligido por Maria Amália Vaz de Carvalho, Lisboa, Tipografia de Castro & Irmão, 1885, pp. 93-100. Diz Guerra da Cal (*op. cit.*, item 798), “Reproducido en: *O Jornal do Comércio*, Lisboa, 1885, 32.º ano, n.º 9417, Domingo, 19 de Abril, p. 1”, e acrescenta o seguinte: “Bajo el título: ‘Um Feixe de Penas... de Ouro — Outro amável milagre’. Versión alterada por um revisor del periódico que introdujo correcciones y aditamentos al texto, de los que Eça se quejó en una divertida carta particular al director del *Jornal*, Cristóvão Ayres”. Guerra da Cal refere outras duas edições em vida do autor, *in* “*A Província*”, Porto, 1886, II ano, n.º 200, Segunda-feira 13 de Setembro, p. 2; e *Primeiras Leituras*, por Joaquim de Araújo. Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardon, Casa Editora Lugan e Genelioux, Sucessores, 1891, pp. 100-107. Recolhido por *EdC* e *LB* (Cts).]

nas suas palavras, o homem ergueu-se, apanhou o cajado, e sem sequer beber do poço onde bebera Jacob, desapareceu, com os cabelos ao vento, por entre as rochas, no caminho que leva  
 20 a Betânia. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho do Hérmon, ficara refrescando as almas; e logo a terra pareceu menos dura, e todo o fardo pareceu menos pesado...

Ora, em Siquém, vivia um velho chamado Obed, senhor de rebanhos, senhor de vinhas, duma família pontifical,  
 25 que, desde os antigos cultos de Israel, sacrificava no alto do monte Ebal. Mas um vento abrasador, esse vento de desolação que vem, à voz irada do Senhor, do fundo das terras de Assur, matara as melhores reses dos seus largos rebanhos; e, nas encostas onde lhe tinham crescido mil pés alegres de  
 30 vinha, negrejava agora só a esterilidade das urzes. Obed, com a cabeça escondida no manto, lamentava-se à beira dos caminhos.

Depois ouvindo em Siquém falar do Rabi de Galileia, que alimentava as multidões, e emendava todas as desgraças huma-  
 35 nas, Obed, homem lido, pensou consigo que o Rabi seria um desses feiticeiros que maravilhavam a Judeia, como Apolónio, o da voz de bronze, e o subtil Simão de Samaria. Esses, mesmo nas noites escuras, conversavam com as estrelas; e sabiam as palavras que afugentam de sobre as searas os moscardos ne-  
 40 gros, gerados nos lodos do Egipto. Jesus, mais poderoso que Apolónio, mais subtil que Simão, sustaria a mortandade dos seus gados, e faria reverdecer as suas vinhas... Obed chamou os servos, e ordenou-lhes que fossem buscar o Rabi às cidades de Galileia.

Os servos apertaram os cintos de couro, — e largaram cor-  
 45 rrendo para o norte, pela estrada das caravanas que conduz a Damasco. Uma tarde avistaram, sobre o poente vermelho, as neves do monte Hérmon. Depois o lago de Genesaré resplandeceu diante deles, espelhado, azul-celeste, e calmo na frescura  
 50 da manhã: um bando lento de cegonhas brancas cortava o céu claro, voando para os lados de Safed; a cidade nova de Gamala tinha um doce brilho de mármore, entre as verduras; e a água, transparente e sem murmúrio, banhava os pés das ervas altas e dos aloendros em flor. Um pescador que ali desamarrava pre-



55 guçosamente a sua barca, disse-lhes que o Rabi deixara a Galileia, e partira com os discípulos para os lados de Galaad, para onde desce o Jordão.

Os servos seguiram, correndo, sem repouso, até ao sítio onde o Jordão, mais baixo, tem um largo remanso, e dorme  
60 um instante, imóvel e verde, à sombra dos tamarindos. Da entrada duma cabana, feita de rama, um Essénio, coberto de peles de cabra, soturno e selvagem, gritou-lhes que Jesus, sozinho, se afastara “para além”. Mas aonde era “além”? O Essénio, com um gesto brusco, indicou vagamente as montanhas  
65 da Judeia, Engaddi, e as fronteiras roxas do reino de Asketh onde se ergue, sinistra sobre o seu rochedo, a cidadela de Makaur. Mas de balde os servos arquejantes procuraram até ao país de Moab. Jesus não estava ali. Um dia, já na volta, um escriba, que recolhia a Jericó, passou por eles, montado  
70 na sua mula. Os servos de Obed rodearam-no, perguntando-lhe se encontrara um profeta de Galileia que fazia milagres. O homem da Lei bradou-lhes que nem havia profetas, nem havia milagres fora de Jerusalém, e que só Jeová era forte no seu Templo: e perseguiu-os ainda, às pedradas, em nome do  
75 Senhor de Israel. Os servos fugiram para Siquém. E grande foi a desconsolação de Obed porque os seus rebanhos morriam, as suas vinhas secavam — e a esse tempo crescia em Samaria, consolador e cheio de promessas divinas, o nome de Jesus de Galileia.

80 Ora um centurião romano, Públio Séptimo, comandava então o forte que domina o vale por onde se vai a Cesareia e ao mar. Públio era homem próspero, e gozava os favores de Flaco, Legado Imperial na Síria. Mas, desde tempos, sua filha única, e infinitamente amada, definhava com um mal estranho, incompreensível mesmo aos esculápios e aos mágicos que  
85 ele mandara consultar a Sídon e a Tiro. Branca e triste como a lua, sem se queixar e sem falar a seu pai, deixava-se finar,

67: [A fortaleza de Makaur costuma ser associada ao Reino de Hareth. Asketh seria [Hareth]? Não se pode afirmar con segurança.]

90 sentada na esplanada do forte, sob um velário, olhando melancolicamente os longes azulados do mar de Tiro, por onde ela viera de Itália, numa galera, com soldados. Por vezes ao seu lado um legionário, dentre as ameias, apontava lentamente ao alto a flecha, e varava uma grande águia, voando de asa serena no azul. A filha de Séptimo seguia um momento a ave, torneando, até bater morta sobre as rochas; depois, mais triste e  
95 mais pálida, continuava a olhar o mar.

Então Séptimo tendo ouvido destes feitiços do Rabi, tão potente sobre os Espíritos, que curava todos os males, destacou três decúrias de soldados a procurá-lo em todas as cidades da Decápola, na Pereia, e ao longo da costa até Ascalon. Os  
100 soldados meteram os escudos dentro dos sacos de lona; e partiram, fazendo ressoar as sandálias ferradas sobre as lajes das três estradas romanas que se encruzam em Samaria. De noite as suas armas brilhavam no alto das colinas, entre a vermelhidão dos archotes. De dia penetravam nos casais, rebuscavam a  
105 espessura dos pomares; e as mulheres inquietas traziam-lhes figos, e malgas cheias de vinho de Safed, que eles bebiam, às mãos ambas e dum trago, sentados no chão, à sombra dos sicômoros. Ao passarem nos postos romanos, e dizendo o nome de Séptimo, outros legionários, ou homens das coortes sírias,  
110 juntavam-se-lhes, levando no capacete um ramo de oliveira. Mas pouco a pouco estas inúteis marchas, à busca dum Rabi judeu, irritavam-nos: agora faziam parar as caravanas, brutalizavam a gente nos burgos, clamando o nome de Jesus. Ao avistá-los, os pastores de Idumeia, que dão as reses brancas para o Templo,  
115 refugiavam-se à pressa nos montes; e da beira dos eirados das vilas, os velhos sacudiam sobre eles as mãos cheias de maus presságios, invocando a cólera de Elias. Nas vizinhanças de Hébron arrastaram para fora das grutas os Solitários, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar onde se escondia  
120 Jesus de Galileia; e a ignorância de dois mercadores, que vinham de Jopé com uma carregação de malóbatro, e que não tinham jamais ouvido o nome do Rabi de Galileia, foi-lhes contada como um delito e pagaram vinte dracmas ao decurião. Assim prosseguiram até Ascalon; não encontraram Jesus; e  
125 retrocederam ao longo da costa, enterrando as sandálias nas



areias ardentes. Uma madrugada, junto a Cesareia, avistaram, sobre um fresco outeiro, um bosque de loureiros onde alvejava recolhidamente o frontão liso dum templo. Um velho, de barbas brancas, vestido de linho alvo, esperava ali, grave e religiosamente, a aparição do sol. Os soldados, de baixo, perguntaram-lhe, agitando os ramos de oliveira, se ele sabia dum profeta de Galileia que fazia milagres. O velho, sereno e sorrindo, disse-lhes que não havia profetas, nem havia milagres, e só Apolo Delfico conhecia o segredo das coisas. Então devagar, com a cabeça baixa, como numa tarde de derrota, os soldados recolheram ao forte de Samaria. E grande foi o desespero de Séptimo, porque sua filha morria, sem se queixar e sem falar a seu pai, — e a fama de Jesus de Galileia ia subindo, alumando toda a Samaria, como a aurora quando se levanta por trás do monte Hérmon.

Ora junto a Siquém, num casebre, vivia então uma viúva, desgraçada entre todas, que tinha o filho doente com as febres. O chão miserável não estava caiado, nem nele havia enxerga. Na lâmpada de barro vermelho secara o azeite. O grão faltava na arca: o ruído dormente do moinho doméstico cessara, e esta era, em Israel, a evidência cruel da infinita miséria.

A pobre mãe, sentada a um canto, chorava; — e estendida sobre os seus joelhos, embrulhada em farrapos, pálida e tremendo toda, a criança pedia-lhe, numa voz débil como um suspiro, que lhe fosse chamar esse Rabi de Galileia de quem ouvira falar junto ao poço de Jacob, que amava as crianças, nutria as multidões, e curava todos os males humanos, com a carícia das suas mãos. E a mãe dizia, chorando:

— Como queres tu, filho, que eu te deixe, e vá procurar o Rabi a Galileia? Obed é rico e tem servos, eu vi-os passar, e debalde buscaram Jesus por areais e cidades, desde Chorazim até ao país de Moab. Séptimo é forte e tem soldados, eu vi-os passar e perguntaram por Jesus sem o achar desde o Hébron até ao mar... Como queres tu que eu te deixe? Jesus está longe, a nossa dor está connosco. E sem dúvida o Rabi, que lê nas Sinagogas novas, não escuta as queixas duma mãe de Samaria, que só sabe ir orar, como outrora, no alto do monte Gerazim.



165 A criança, com os olhos cerrados, pálida e como morta,  
murmurou o nome de Jesus. E a mãe dizia chorando:

— De que me serviria, filho, partir e ir procurá-lo? Longas  
são as estradas da Síria, curta é a piedade dos homens. Vendo-  
-me tão pobre e tão só, os cães viriam ladrar-me à porta dos  
casais. Decerto Jesus morreu; e com ele morreu, uma vez mais,  
170 toda a esperança dos tristes.

Pálida, e desfalecendo, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus de Galileia.

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à  
criança:

175 — Aqui estou.

## Civilização

### I

Eu possuo preciosamente um amigo (o seu nome é Jacinto), que nasceu num palácio, com quarenta contos de renda em pingues terras de pão, azeite e gado.

Desde o berço, onde sua mãe, senhora gorda e crédula de Trás-os-Montes, espalhava, para reter as Fadas Benéficas, funcho e âmbar, Jacinto fora sempre mais resistente e são que um pinheiro das dunas. Um lindo rio, murmuroso e transparente, com um leito muito liso de areia muito branca, reflectindo apenas pedaços lustrosos de um céu de Verão ou ramagens sempre verdes e de bom aroma, não ofereceria àquele que o descesse numa barca cheia de almofadas e de *champagne* gelado mais doçura e facilidades do que a vida oferecia ao meu camarada Jacinto. Não teve sarampo e não teve lombrigas. Nunca padeceu, mesmo na idade em que se lê Balzac e Musset, os tormentos da sensibilidade. Nas suas amizades foi sempre tão feliz como o clássico Orestes. Do Amor só experimentara o mel — esse mel que o amor invariavelmente concede a quem o pratica, como as abe-

1: [In “Gazeta de Notícias” (GN), Rio de Janeiro, ano XVIII, n.ºs 289, Domingo 16 de Outubro, p. 1; n.º 290, Segunda-feira 17 de Outubro, p. 1; n.º 291, Terça-feira 18 de Outubro, p. 1; Sexta-feira 21 de Outubro, p. 1; n.º 294, 23 de Outubro, p. 1. Guerra da Cal (item 908) assinala que o n.º 294 devia ser 295. A “Gazeta” não saíria aos Domingos? Recolhido por LI (Ct).]

13: [GN: “gelada”.]

20 lhas, com ligeireza e mobilidade. Ambição sentira somente a  
de compreender bem as ideias gerais, e a «ponta do seu intelecto»  
(como diz o velho cronista medieval) não estava ainda romba  
nem ferrugenta... E todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto  
25 já se vinha repastando de Schopenhauer, do Ecclesiastes, de outros  
Pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava,  
com um bocejo cavo e lento, passando os dedos finos sobre as  
faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. Porquê?

Era ele, de todos os homens que conheci, o mais comple-  
xamente civilizado — ou antes aquele que se munira da mais  
30 vasta soma de civilização material, ornamental e intelectual.  
Nesse palácio (floridamente chamado o Jasmineiro) que seu  
pai, também Jacinto, construía sobre uma honesta casa do  
século XVII, assoalhada a pinho e branqueada a cal — existia,  
creio eu, tudo quanto para bem do espírito ou da matéria os  
35 homens têm criado, através da incerteza e dor, desde que aban-  
donaram o vale feliz de Septa-Sindu, a Terra das Águas Fáceis,  
o doce país ariano. A biblioteca, que em duas salas, amplas e  
claras como praças, forrava as paredes, inteiramente, desde os  
tapetes de Caramânia até ao tecto de onde alternadamente,  
40 através de cristais o sol e a electricidade vertiam uma luz estu-  
diosa e calma — continha vinte e cinco mil volumes, instalados  
em ébano, magnificamente revestidos de marroquim escarlate.  
Só sistemas filosóficos (e com justa prudência, para poupar  
espaço, o bibliotecário apenas colecionara os que irreconcili-  
45 avelmente se contradizem) havia mil e oitocentos e dezasetel

Uma tarde que eu desejava copiar um ditame de Adam  
Smith, percorri, buscando este economista ao longo das estan-  
tes, oito metros de economia política! Assim se achava formi-  
davelmente abastecido o meu amigo Jacinto de todas as obras  
50 essenciais da inteligência — e mesmo da estupidez. E o único  
inconveniente deste monumental armazém do saber era que  
todo aquele que lá penetrava inevitavelmente lá adormecia, por  
causa das poltronas, que providas de finas pranchas móveis para  
sustentar o livro, o charuto, o lápis das notas, a taça de café,  
55 ofereciam ainda uma combinação oscilante e flácida de almofa-  
das, onde o Corpo encontrava logo, para mal do Espírito, a  
doçura, a profundidade e a paz estirada de um leito.



Ao fundo, e como um altar-mor, era o gabinete de trabalho de Jacinto. A sua cadeira, grave e abacial, de couro, com  
60 brasões, datava do século XIV, e em torno dela pendiam numerosos tubos acústicos, que, sobre os panejamentos de seda cor de musgo e cor de hera, pareciam serpentes adormecidas e suspensas num velho muro de quinta. Nunca recordo sem asombro a sua mesa, recoberta toda de sagazes e subtis instrumentos para cortar papel, numerar páginas, colar estampilhas,  
65 aguçar lápis, raspar emendas, imprimir datas, derreter lacre, cintar documentos, carimbar contas! Uns de *nickel*, outros de aço, rebrilhantes e frios, todos eram de um manejo laborioso e lento: alguns com as molas rígidas, as pontas vivas, trilhavam e feriam; e nas largas folhas de papel *Whatman* em que ele  
70 escrevia, e que custavam quinhentos réis, eu por vezes surpreendi gotas de sangue do meu amigo. Mas a todos ele considerava indispensáveis para compor as suas cartas (Jacinto não compunha obras) assim como os trinta e cinco dicionários, e os manuais, e as enciclopédias, e os guias, e os directórios,  
75 atulhando uma estante isolada, esguia, em forma de torre, que silenciosamente girava sobre o seu pedestal, e que eu denominara o Farol. O que porém mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso carácter de civilização eram, sobre as suas peanhas de carvalho, os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento, — a máquina de escrever, os auto-  
80 copistas, o telégrafo Morse, o fonógrafo, o telefone, o teatrofone, outros ainda, todos com metais luzidios, todos com longos fios. Constantemente sons curtos e secos retiniam no ar morno daquele santuário. Tic, tic, tic! Dlin, dlin, dlin! Crac, crac, crac! Trrre, trrre!... Era o meu amigo comunicando. Todos esses fios mergulhavam em forças universais, transmitiam forças universais. E elas nem sempre, desgraçadamente, se conservavam domadas e disciplinadas! Jacinto recolhera no fonógrafo  
85 a voz do conselheiro Pinto Porto, uma voz oracular e rotunda, no momento de exclamar com respeito, com autoridade:

— *Maravilhosa invenção! Quem não admirará os progressos deste século?* Pois, numa doce noite de S. João o meu supercivilizado amigo, desejando que umas senhoras parentas de Pinto Porto (as amáveis Gouveias) admirassem o fonógrafo, fez  
95





seis amigos que Jacinto escolhia com critério na literatura, na arte e na metafísica, e que, entre as tapeçarias de Arrás, representando colinas, pomares e pórticos da Ática, cheias de classicismo e luz, renovavam ali repetidamente banquetes que pela  
 135 sua intelectualidade lembravam os de Platão. Cada garfada se cruzava com um pensamento ou com palavras destramente arranjadas em forma de pensamento.

E a cada talher correspondiam seis garfos, todos de feitios dissemelhantes e astuciosos: — um para as ostras, outro para o  
 140 peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para a fruta, outro para o queijo. Os copos, pela diversidade dos contornos e das cores, faziam, sobre a toalha mais reluzente que esmalte, como ramalhetes silvestres espalhados por cima  
 145 de neve. Mas Jacinto e os seus filósofos, lembrando o que o experiente Salomão ensina sobre as ruínas e amarguras do vinho, bebiam apenas em três gotas de água uma gota de Bordéus (Chateaubriand, 1860). Assim o recomendam — Hesíodo no seu *Nereu*, e Díocles nas suas *Abelhas*. E de águas havia sempre no  
 150 Jasmineiro um luxo redundante — águas geladas, águas carbonatadas, águas esterilizadas, águas gasosas, águas de sais, águas minerais, outras ainda, em garrafas sérias, com tratados terapêuticos impressos no rótulo... O cozinheiro, mestre Sardão, era daqueles que Anaxágoras equiparava aos Retóricos, aos  
 155 Oradores, a todos os que sabem a arte divina de «temperar e servir [a] Ideia»: e em Síbaris, cidade do Viver Excelente, os magistrados teriam votado a mestre Sardão, pelas festas de Juno Lacínia, a coroa de folhas de ouro e a túnica milésia que se devia aos benfeitores cívicos. A sua sopa de alcachofra e ovas  
 160 de carpa; os seus filetes de veado macerados em velho Madeira com *purée* de nozes; as suas amoras geladas em éter, outros acepipes ainda, numerosos e profundos (e os únicos que tolerava o meu Jacinto), eram obras de um artista, superior pela abundância das ideias novas — e juntavam sempre a raridade  
 165 do sabor à magnificência da forma. Tal prato desse mestre in-

158: [GN: “temica” por “túnica”.]



comparável parecia, pela ornamentação, pela graça florida dos  
 labores, pelo arranjo dos coloridos frescos e cantantes, uma  
 jóia esmaltada do cinzel de Meurice ou Cellini. Quantas tardes  
 eu desejei fotografar aquelas composições de excelente fantasia,  
 170 antes que o trinchante as retalhasse! E esta superfinidade do  
 comer condizia deliciosamente com a do servir. Por sobre um  
 tapete, mais fofo e mole que o musgo da floresta de Brocelande,  
 deslizavam, como sombras fardadas de branco, cinco criados —  
 e um pajem preto, à maneira vistosa do século XVIII. As traves-  
 175 sas (de prata) subiam da cozinha e da copa por dois ascensores,  
 um para as iguarias quentes, forrado de tubos onde a água fer-  
 via; outro, mais lento, para as iguarias frias, forrado de zinco,  
 amónia e sal, e ambos escondidos por flores tão densas e viço-  
 180 sas que era como se até a sopa saísse fumegando dos românti-  
 cos jardins de Armida. E muito bem me lembro de um do-  
 mingo de Maio em que, jantando com Jacinto um bispo, o  
 erudito bispo de Chorazim, o peixe emperrou no meio do  
 ascensor, sendo necessário que acudissem, para o extrair, pe-  
 dreiros com alavancas.

185

## II

Nas tardes em que havia «banquete de Platão» (que assim  
 denominávamos essas festas de trufas e ideias gerais), eu, vizi-  
 nho e íntimo, aparecia ao declinar do sol, e subia familiarmen-  
 te aos quartos do nosso Jacinto — onde o encontrava sempre  
 190 incerto entre as suas casacas, porque as usava alternadamente  
 de seda, de pano, de flanelas Jaeghel, e de *foulard* das Índias.  
 O quarto respirava o frescor e aroma do jardim por duas vas-  
 tas janelas, providas magnificamente (além das cortinas de seda  
 mole Luís XV) de uma vidraça exterior de cristal inteiro, de  
 195 uma vidraça interior de cristais miúdos, dum toldo rolando na  
 cimalha, dum estore de sedinha frouxa, de gazes que franziam

191: [Ainda hoje há *foulards* de marca Jaeger. Será esse o caso?]

196: [GN: “duma estore”.]

e se enrolavam como nuvens, e duma gelosia móvel de gradaria mourisca. Todos estes resguardos (sábria invenção de Holland & C.<sup>a</sup>, de Londres) serviam a graduar a luz e o ar, — segundo os avisos de termómetros, barómetros e higrómetros, montados em ébano, e a que um meteorologista (Cunha Guedes) vinha, todas as semanas, verificar a precisão.

Entre estas duas varandas rebrilhava a mesa de *toilette*, uma mesa enorme de vidro, toda de vidro, para a tornar impenetrável aos micróbios, e coberta de todos esses utensílios de asseio e alinhio que o homem do século XIX necessita numa capital, para não desfear o conjunto sumptuário da civilização. Quando o nosso Jacinto, arrastando as suas engenhosas chinelas de pelica e seda, se acercava desta ara — eu, bem aconchegado num divã, abria com indolência uma revista, ordinariamente a “Revista Electropática”, ou a das “Indagações Psíquicas”. E Jacinto começava... Cada um desses utensílios de aço, de marfim, de prata, impunham ao meu amigo, pela influência onnipoderosa que as coisas exercem sobre o dono (*sunt tyrannae rerum*), o dever de o utilizar com aptidão e deferência. E assim as operações do alindamento de Jacinto apresentavam a prolixidade, reverente e insuprimível, dos ritos dum sacrifício. Começava pelo cabelo... Com uma escova chata, redonda e dura, acamava o cabelo, corredio e louro, no alto, aos lados da risca; com uma escova estreita e recurva, à maneira do alfange dum persa, ondeava o cabelo sobre a orelha; com uma escova côncava, em forma de telha, empastava o cabelo, por trás, sobre a nuca... Respirava e sorria. Depois, com uma escova de longas cerdas, fixava o bigode; com uma escova leve e flácida acurvava as sobranceiras; com uma escova feita de penugem regularizava as pestanas. E deste modo Jacinto ficava, diante do espelho, passando pêlos sobre o seu pêlo, durante catorze minutos.

Penteado e cansado, ia purificar as mãos. Dois criados, ao fundo, manobravam com perícia e vigor os aparelhos do laboratório — que era apenas um resumo dos maquinismos monumentais da sala de banho. Ali, sobre o mármore verde e róseo do lavatório, havia apenas duas duchas (quente e fria) para a cabeça; quatro jactos, graduados desde zero até cem graus; o vaporizador de perfumes; a fonte de água esterilizada (para os



235 dentes); o repuxo para a barba, e ainda torneiras que rebrilha-  
 240 vam e botões de ébano que, de leve roçados, desencadeavam o  
 marulho e o estridor de torrentes nos Alpes... Nunca eu, para  
 molhar os dedos, me cheguei àquele lavatório sem terror —  
 escarmentado da tarde amarga de Janeiro, em que bruscamen-  
 te, dessoldada a torneira, o jacto de água a *cem graus* rebentou,  
 silvando e fumegando, furioso, devastador... Fugimos todos,  
 espavoridos. Um clamor atroou o Jasmineiro. O velho Grilo,  
 escudeiro que fora do Jacinto pai, ficou coberto de empolas na  
 face, nas mãos fiéis.

245 Quando Jacinto acabava de se enxugar laboriosamente a  
 toalhas de felpo, de linho, de corda entrançada (para restabele-  
 cer a circulação), de seda frouxa (para lustrar a pele) bocejava,  
 com um bocejo cavo e lento.

E era este bocejo, perpétuo e vago, que nos inquietava a  
 250 nós, seus amigos e filósofos. Que faltava a este homem exce-  
 lente? Ele tinha a sua inabalável saúde de pinheiro bravo, cres-  
 cido nas dunas; uma luz de inteligência, própria a tudo alumiar,  
 firme e clara, sem tremor ou morrão; quarenta magníficos  
 255 contos de renda; todas as simpatias duma cidade chasqueadora  
 e céptica; uma vida varrida de sombras, mais liberta e lisa do  
 que um céu de Verão... E todavia bocejava constantemente,  
 palpava na face, com os dedos finos, a palidez e as rugas. Aos  
 trinta anos Jacinto corcoveava, como sob um fardo injusto!  
 E pela morosidade desconsolada de toda a sua acção parecia  
 260 ligado, desde os dedos até à vontade, pelas malhas apertadas  
 duma rede que se não via e que o travava. Era doloroso teste-  
 munhar o fastio com que ele, para apontar um endereço, to-  
 mava o seu lápis pneumático, a sua pena eléctrica — ou, para  
 avisar o cocheiro, apanhava o tubo telefónico!... Neste mover  
 265 lento do braço magro, nos vincos que lhe arrepanhavam o nariz,  
 mesmo nos seus silêncios, longos e derreados, se sentia o brado  
 constante que lhe ia na alma: — *Que maçada! Que maçada!* Cla-  
 ramente a vida era para Jacinto um cansaço, — ou por labo-  
 riosa e difícil, ou por desinteressante e oca. Por isso o meu  
 270 pobre amigo procurava constantemente juntar à sua vida no-  
 vos interesses, novas facilidades. Dois inventores, homens de  
 muito zelo e pesquisa, estavam encarregados, um em Inglater-



ra, outro na América, de lhe noticiar e de lhe fornecer todas as invenções, as mais miúdas, que concorressem a aperfeiçoar a  
 275 confortabilidade do Jasmineiro. De resto ele próprio se correspondia com Edison. E, pelo lado do pensamento, Jacinto não cessava também de buscar interesses e emoções que o reconciliassem com a vida — penetrando à cata dessas emoções e desses interesses pelas veredas mais desviadas do saber, a ponto de  
 280 devorar, desde Janeiro a Março, setenta e sete volumes sobre a *evolução das ideias morais entre as raças negróides*. Ah, nunca homem deste século batalhou mais esforçadamente contra a *seca de viver!* Debalde! Mesmo de explorações tão cativantes como essa, através da moral dos negróides, Jacinto regressava  
 285 mais murcho, com bocejos mais cavos!

E era então que ele se refugiava intensamente na leitura de Schopenhauer e do *Eclesiastes*. Porquê? Sem dúvida porque ambos esses pessimistas o confirmavam nas conclusões que ele tirava de uma experiência paciente e rigorosa: — «que tudo é  
 290 vaidade ou dor, que quanto mais se sabe, mais se pena, e que ter sido rei de Jerusalém e obtido os gozos todos na vida só leva a maior amargura...» Mas porque rolara assim a tão escura desilusão — o saudável, rico, sereno e intelectual Jacinto? O velho escudeiro Grilo pretendia que «Sua Excelência sofria  
 295 de fatura!»

### III

Ora justamente depois desse Inverno, em que ele se embrenhara na moral dos negróides, e instalara a luz eléctrica entre os arvoredos do jardim, sucedeu que Jacinto teve a necessidade moral iniludível de partir para o Norte, para o seu velho solar de Torges. Jacinto não conhecia Torges, e foi com desusado tédio que ele se preparou, durante sete semanas, para essa  
 300 jornada agreste. A quinta fica nas serras — e a rude casa solarenga, onde ainda resta uma torre do século XV, estava  
 305 ocupada, havia trinta anos, pelos caseiros, boa gente de trabalho, que comia o seu caldo entre a fumaraça da lareira, e estendia o trigo a secar nas salas senhoriais. Jacinto, logo nos come-

ços de Março, escrevera cuidadosamente ao seu procurador Sousa, que habitava a aldeia de Torges, ordenando-lhe que compusesse os telhados, caiasse os muros, envidraçasse as janelas. Depois mandou expedir, por comboios rápidos, em caixotes que transpunham a custo os portões do Jasmineiro, todos os confortos necessários a duas semanas de montanha — camas de penas, poltronas, divãs, lâmpadas de Carcel, banheiras de nickel, tubos acústicos para chamar os escudeiros, tapetes persas para amaciar os soalhos. Um dos cocheiros partiu com um coupé, uma vitória, um break, mulas e guizos.

Depois foi o cozinheiro, com a bateria, a garrafeira, a geleira, bocais de trufas, caixas profundas de águas minerais. Desde o amanhecer, nos pátios largos do palacete, se pregava, se martelava, como na construção de uma cidade. E as bagagens, desfilando, lembravam uma página de Heródoto ao narrar a invasão persa. Jacinto emagrecera com os cuidados daquele Êxodo. Por fim, largámos, numa manhã de Junho, com o Grilo, e trinta e sete malas.

Eu acompanhava Jacinto, no meu caminho para Goães, onde vive minha tia, a uma légua farta de Torges: e íamos num vagão reservado, entre vastas almofadas, com perdizes e *champagne* num cesto. A meio da jornada devíamos mudar de comboio — nessa estação, que tem um nome sonoro em *ola* e um tão suave e cândido jardim de roseiras brancas. Era domingo de imensa poeira e sol — e encontrámos aí, enchendo a plataforma estreita, todo um povaréu festivo que vinha da romaria de S. Gregório da Serra.

Para aquele transbordo, em tarde de arraial, o horário só nos concedia três minutos avaros. O outro comboio já esperava, rente aos alpendres, impaciente e silvando. Uma sineta badalava com furor. E, sem mesmo atender às lindas moças que ali saracoteavam aos bandos, afogueadas, de lenços flamejantes, o seio farto coberto de ouro, e a imagem do santo espetada no chapéu — corremos, empurrámos, furámos, saltámos para o outro *wagon*, já reservado, marcado por um cartão com as iniciais de Jacinto. Imediatamente o trem rolou. Pensei então no nosso Grilo, nas trinta e sete malas! E debruçado da portinhola avistei ainda junto ao cunhal da estação, sob os



eucaliptos, um monte de bagagens, e homens de bonet agalado que, diante delas, bracejavam com desespero.

Murmurei, recaindo nas almofadas:

— Que serviço!

350 Jacinto, ao canto, sem descerrar os olhos, suspirou:

— Que maçada!

Toda uma hora deslizámos lentamente entre trigais e vinhedo; e ainda o sol batia nas vidraças, quente e poeirento, quando chegámos à estação de Gondim, onde o procurador de Jacinto, o excelente Sousa, nos devia esperar com cavalos para treparmos a serra até ao solar de Torges. Por trás do jardim da estação, todo florido também de rosas e margaridas, Jacinto reconheceu logo as suas carruagens ainda empacotadas em lona.

360 Mas quando nos apeámos no pequeno cais branco e fresco — só houve em torno de nós solidão e silêncio... Nem procurador, nem cavalos! O chefe da estação, a quem eu perguntara com ansiedade «se não aparecera ali o Sr. Sousa, se não conhecia o Sr. Sousa», tirou afavelmente o seu *bonnet* de galão. Era um moço gordo e redondo com cores de maçã camoesa, que trazia sob o braço um volume de versos. «Conhecia perfeitamente o Sr. Sousa! Três semanas antes jogara ele a manilha com o Sr. Sousa! Nessa tarde porém, infelizmente não avistara o Sr. Sousa!» O comboio desaparecera por detrás das fragas altas que ali pendem sobre o rio. Um carregador enrolava o cigarro, assobiando. Rente da grade do jardim, uma velha toda de negro, dormitava agachada no chão, diante duma cesta de ovos. E o nosso Grilo, e as nossas bagagens?... O chefe encolheu risonhamente os ombros nédios. Todos os nossos bens tinham encalhado decerto naquela estação de roseiras brancas que tem um nome sonoro em *ola*. E nós ali estávamos, perdidos na serra agreste, sem procurador, sem cavalos, sem Grilo, sem malas!

375 Para quê esfiar miudamente o lance lamentável? Ao pé da estação, numa quebrada da serra, havia um casal foreiro à quinta, onde alcançámos para nos levarem e nos guiarem a

380

379-80: [GN: “foreiro, a quinta.”.]



Torges uma égua lazarenta, um jumento branco, um rapaz e um podengo. E aí começámos a trepar, enfasiadamente, estes caminhos agrestes — os mesmos decerto por onde vinham e iam de monte a rio os Jacintos do século xv. Mas, passada uma  
 385 trémula ponte de pau que galga um ribeiro todo quebrado por fragas (e onde abunda a truta adorável) os nossos males esqueceram, ante a inesperada, incomparável beleza daquela terra bendita. O divino artista que está nos céus compusera certamente esse monte, numa das suas manhãs de mais solene e  
 390 bucólica inspiração.

A grandeza era tanta como a graça... Dizer os vales fofos de verdura, os bosques quase sacros, os pomares cheirosos e em flor, a frescura das águas cantantes, as ermidades branqueando nos altos, as rochas musgosas, o ar de uma doçura de  
 395 paraíso, toda a majestade e toda a lindeza — não é para mim, homem de pequena arte. Nem creio mesmo que fosse para mestre Horácio. Quem pode dizer a beleza das coisas, tão simples e inexprimível? Jacinto adiante, na égua tarda, murmurava: “Ah! que beleza!” Eu atrás no burro, com as pernas bambas, murmurava: “Ah! que beleza!” Os espertos regatos riam, saltando de rocha em rocha. Finos ramos de arbustos floridos roçavam as nossas faces, com familiaridade e carinho. Muito tempo um melro nos seguiu, de choupo para castanheiro, assobiando os nossos louvores. Serra bem acolhedora e amável...  
 400 Ah! que beleza!

Por entre estes *ahs* maravilhados chegámos a uma avenida de faias, que nos pareceu clássica e nobre. Atirando uma nova vergastada ao burro e à égua, o nosso rapaz, com o seu podengo ao lado, gritava: “Aqui é que estemos!” E ao fundo das faias  
 410 havia com efeito um portão de quinta, que um escudo de armas de velha pedra, roída de musgo, grandemente afidalgava. Dentro já os cães ladravam com furor. E mal Jacinto, e eu atrás dele no burro de Sancho, transpusemos o limiar solarengo, correu para nós do alto duma escadaria um homem branco, rapado como um clérigo, sem colete, sem jaleca, que erguia  
 415 para o ar, num assombro, os braços esgazeados. Era o caseiro, o Zé Brás. E logo ali, nas pedras do pátio, entre o latir dos cães, surdiu uma tumultuosa história que o pobre Brás balbu-

420 ciava, aturdido, e que enchia a face de Jacinto de lividez e de cólera. O caseiro não esperava Sua Ex.<sup>a</sup>. Ninguém esperava Sua Ex.<sup>a</sup>. (Ele dizia “*sua inselência*”).

425 O procurador, o Sr. Sousa, estava para a raia desde Maio, a tratar a mãe que levava um coice de mula. E decerto houvera engano, cartas perdidas... Porque o Sr. Sousa só contava com Sua Ex.<sup>a</sup> em Setembro, para a vindima. Na casa nenhuma obra começara. E infelizmente para Sua Ex.<sup>a</sup> os telhados ainda estavam sem telhas, e as janelas sem vidraças...

430 Cruzei os braços, num justo espanto. Mas os caixotes — esses remetidos para Torges, com tanta prudência, em Abril, repletos de colchões, de regalos, de civilização?... O caseiro, vago, sem compreender, arregalava os olhos miúdos onde já bailavam lágrimas. Os caixotes? Nada chegara, nada aparecera. E na sua perturbação o Zé Brás procurava entre as arcadas do pátio, nas algibeiras das pantalonas... Os caixotes? Não, não  
435 tinha os caixotes.

Foi então que o cocheiro de Jacinto (que trouxera os cavalos e as carruagens) se acercou, gravemente. Esse era um civilizado — e acusou logo o governo. Já quando ele servia o Sr. Visconde de S. Francisco se tinham assim perdido, por desleixo do governo, da cidade para a serra, dois caixotes com  
440 vinho velho da Madeira e roupa branca de senhora. Por isso ele, escarmentado, sem confiança na nação, não largara as carruagens: — e era tudo o que restava a Sua Ex.<sup>a</sup>, o *break*, a vitória, o *coupé* e os guizos. Somente, naquela rude montanha  
445 não havia estradas onde elas rolassem. E como só podiam subir para a quinta em grandes carros de bois, — ele lá as deixara em baixo, na estação, quietas, empacotadas na lona...

Jacinto ficara plantado diante de mim com as mãos no bolso:

450 — E agora?

Nada restava senão recolher, cear o caldo do tio Zé Brás, e dormir nas palhas que os fados nos concedessem. Subimos. A escadaria nobre conduzia a uma varanda, toda coberta, em alpendre, acompanhando a fachada do casarão, e  
455 ornada entre os seus grossos pilares de granito por caixotes cheios de terra, em que floriam cravos. Colhi um cravo, en-



trâmos: e o meu pobre Jacinto contemplou enfim as salas do seu solar! Eram enormes, com as altas paredes rebocadas a cal que o tempo e o abandono tinham enegrecido, e vazias, desoladamente nuas, oferecendo apenas como vestígio de habitação e de vida, pelos cantos algum monte de cestos ou algum molho de enxadas. Nos tectos remotos de carvalho negro alvejavam manchas — que era o céu já pálido do fim da tarde, surpreendido através dos buracos do telhado. Não restava uma vidraça. Por vezes, sob os nossos passos uma tábua podre rangia e cedia.

Parámos, enfim, na última, a mais vasta, onde havia duas arcas tulheiras para guardar o grão; e aí depusemos melancolicamente o que nos ficara de trinta e sete malas — os paletós alvadios, uma bengala e um *Jornal da Tarde*. Através das janelas desvidraçadas, por onde se avistavam copas de arvoredos e as serras azuis de além-rio, o ar entrava montesino e largo, circulando plenamente como em um eirado, com aromas de pinheiro bravo. E, lá de baixo, dos vales, subia, desgarrada e triste, uma voz de pegureira cantando. Jacinto balbuciou: — “É horroroso!” Eu murmurei: — “É campestre!”

#### IV

O Zé Brás no entanto, com as mãos na cabeça, desaparecera a ordenar a ceia para “suas inselências”. O pobre Jacinto, esbarrondado pelo desastre, sem resistência contra aquele brusco desaparecimento de toda a civilização, caíra pesadamente sobre o poial duma janela, e dali olhava os montes. E eu, a quem aqueles ares serranos e o cantar da pegureira sabiam bem, terminei por descer à cozinha, conduzido pelo cocheiro, através de escadas e becos onde a escuridão vinha menos do crepúsculo do que de densas teias de aranha.

474: [GN: “debaixo”.]

482: [GN: “portal”.]

483: [GN: “do pegureiro”.]



A cozinha era uma espessa massa de tons e formas negras, cor de fuligem, onde refulgia ao fundo, sobre o chão de terra, uma fogueira vermelha que lambia grossas panelas de ferro, e se perdia em fumarada pela grade escassa que no alto coava a luz. Aí um bando alvoroçado e palreiro de mulheres depenava frangos, batia ovos, escarolava arroz, com santo fervor... Do meio delas o bom caseiro, estonteado, investiu para mim jurando que «a ceia de suas inselências não demorava um credo». E como eu o interrogava a respeito de camas, o digno Brás teve um murmúrio vago e tímido sobre «enxergazinhas no chão».

— É o que basta, Sr. Zé Brás, acudi eu para o consolar.

— Pois assim Deus seja servido! suspirou o homem excelente, que atravessava nessa hora o transe mais amargo da sua vida serrana.

Voltando acima, com estas consolantes novas de ceia e cama, encontrei ainda o meu Jacinto no poial da janela, embebedando-se todo da doce paz crepuscular, que lenta e caladamente se estabelecia sobre vale e monte. No alto já tremeluzia uma estrela, a Vésper diamantina, que é tudo o que neste céu cristão resta do esplendor corporal de Vénus! Jacinto nunca considerara bem aquela estrela — nem assistira a este majestoso e doce adormecer das coisas. Esse enegrecimento de montes e arvoredos, casais claros fundindo-se na sombra, um toque dormente de sino que vinha pelas quebradas, o cochichar das águas entre as relvas baixas — eram para ele como iniciações. Eu estava defronte, no outro poial. E senti-o suspirar como um homem que enfim descansa.

Assim nos encontrou nesta contemplação o Zé Brás com o doce aviso de que estava na mesa a *ceiazinha*. Era adiante, noutra sala mais nua, mais negra. E aí, o meu supercivilizado Jacinto recuou com um pavor genuíno. Na mesa de pinho, recoberta com uma toalha de mãos, encostada à parede sórdida, uma vela de sebo meio derretida num castiçal de latão, alumiaava dois pratos de louça amarelada, ladeados por colheres de pau e por garfos de ferro. Os copos de vidro grosso e baço conservavam o tom roxo do vinho que neles passara em fartos anos de fartas vindimas. O covilhete de barro com as azeitonas

deleitaria, pela sua singeleza ática, o coração de Diógenes. Na  
525 larga broa estava cravado um facalhão... Pobre Jacinto.

Mas lá abancou resignado, e muito tempo, pensativamente, esfregou com o seu lenço o garfo negro e a colher de pau. Depois, mudo, desconfiado, provou um gole curto de caldo, que era de galinha e rescendia. Provou, e levantou para mim,  
530 seu companheiro e amigo, uns olhos largos que luziam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada do caldo, mais cheia, mais lenta... E sorriu, murmurando com espanto: “Está bom!” Estava realmente bom: tinha fígado e tinha moela; o seu perfume enternecia. Eu, três vezes, com energia, ataquei  
535 aquele caldo: foi Jacinto que rapou a sopeira. Mas já, arredando a broa, arredando a vela, o bom Zé Brás pousara na mesa uma travessa vidrada, que transbordava de arroz com favas. Ora, apesar de a fava (que os Gregos chamavam “ciboria”) pertencer às épocas superiores da civilização, e promover tanto  
540 a sapiência que havia em Sício, na Galácia, um templo dedicado a Minerva Ciboriana — Jacinto sempre detestara favas. Tentou todavia uma garfada tímida. De novo os seus olhos, alargados pelo assombro, procuraram os meus. Outra garfada, outra concentração... E eis que o meu difícilíssimo amigo exclama: “Está  
545 ótimo!” Eram os picantes ares da serra? Era a arte deliciosa daquelas mulheres que em baixo remexiam as panelas, cantando o *Vira meu bem?* Não sei: — mas os louvores de Jacinto a cada travessa foram ganhando em amplidão e firmeza. E diante do frango louro, assado no espeto de pau, terminou por  
550 bradar: “Está divino!” Nada porém o entusiasmou como o vinho, o vinho caindo de alto, da grossa caneca verde, um vinho gostoso, penetrante, vivo, quente, que tinha em si mais alma que muito poema ou livro santo! Mirando à luz de sebo o copo rude que ele orlava de espuma, eu recordava o dia geórgico  
555 em que Virgílio, em casa de Horácio, sob a ramada, cantava o fresco palhete da Rética. E Jacinto, com uma cor que eu nunca vira na sua palidez schopenháurica, sussurrou logo o doce verso: *Rethica quo te carmina dicat*. Quem dignamente te cantará, vinho daquelas serras?

560 Assim jantámos deliciosamente sob os auspícios do Zé Brás. E depois voltámos para as alegrias únicas da casa, para as jane-



las desvidraçadas, a contemplar silenciosamente um sumptuoso  
céu de Verão, tão cheio de estrelas que todo ele parecia uma  
densa poeirada de ouro vivo, suspensa, imóvel, por cima dos  
565 montes negros. Como eu observei ao meu Jacinto, na cidade  
nunca se olham os astros por causa dos candeeiros — que os  
ofuscam: e nunca se entra por isso numa completa comunhão  
com o universo. O homem nas capitais pertence à sua casa, ou  
se o impelem fortes tendências de sociabilidade, ao seu bairro.  
570 Tudo o isola e o separa da restante natureza — os prédios  
obstrutores de seis andares, a fumaça das chaminés, o rolar  
moroso e grosso dos ónibus, a trama encarceradora da vida  
urbana... Mas que diferença, num cimo de monte, como Torges!  
Aí todas essas belas estrelas olham para nós de perto, rebri-  
575 lhando, à maneira de olhos conscientes, umas fixamente, com  
sublime indiferença, outras ansiosamente, com uma luz que  
palpita, uma luz que chama, como se tentassem revelar os seus  
segredos ou compreender os nossos... E é impossível não sentir  
uma solidariedade perfeita entre esses imensos mundos e os  
580 nossos pobres corpos. Todos são obras da mesma vontade.  
Todos vivem da acção dessa vontade imanente. Todos por-  
tanto, desde os Úranos até aos Jacintos, constituem modos di-  
versos de um ser único, e através das suas transformações so-  
mam na mesma unidade. Não há ideia mais consoladora do  
585 que esta — que eu, e tu, e aquele monte, e o sol que agora se  
esconde, são moléculas do mesmo Todo, governadas pela mes-  
ma Lei, rolando para o mesmo Fim. Desde logo se somem as  
responsabilidades torturantes do individualismo. Que somos  
nós? Formas sem força, que uma Força impele. E há um des-  
590 canso delicioso nesta certeza, mesmo fugitiva, de que se é o  
grão de pó irresponsável e passivo que vai levado no grande  
vento, ou a gota perdida na torrente! Jacinto concordava, su-  
mido na sombra. Nem ele nem eu sabíamos os nomes desses  
astros admiráveis. Eu, por causa da maciça e indesbastável ig-  
595 norância de bacharel, com que saí do ventre de Coimbra, minha  
mãe espiritual. Jacinto, porque na sua ponderosa biblioteca tinha  
*trezentos e dezoito* tratados sobre astronomia! Mas, que nos  
importava de resto, que aquele astro além se chamasse Sirius e



aquele outro Aldebarão? Que lhes importava a eles que um de  
 600 nós fosse José e o outro Jacinto? Éramos formas transitórias  
 do mesmo ser eterno — e em nós havia o mesmo Deus. E se  
 eles também assim o compreendiam, estávamos ali, nós à jane-  
 la num casarão serrano, eles no seu maravilhoso infinito, per-  
 fazendo um acto sacrossanto, um perfeito acto de Graça — que  
 605 era sentir conscientemente a nossa unidade, e realizar, durante  
 um instante, na consciência, a nossa divinização.

Assim enevoadamente filosofávamos — quando Zé Brás,  
 com uma candeia na mão, veio avisar que «estavam preparadas  
 as camas de suas inselências»... Da idealidade descemos  
 610 gostosamente à realidade, e que vimos então, nós os irmãos  
 dos astros? Em duas salas tenebrosas e côncavas duas enxergas,  
 postas no chão a um canto, com duas cobertas de chita; à ca-  
 beceira um castiçal de latão, pousado sobre um alqueire: e aos  
 pés, como lavatório, um alguidar vidrado em cima de uma  
 615 cadeira de pau!

Em silêncio, o meu supercivilizado amigo palpou a sua  
 enxerga e sentiu nela a rigidez dum granito. Depois, corren-  
 do pela face descaída os dedos murchos, considerou que, per-  
 didas as suas malas, não tinha nem chinelas nem roupão!  
 620 E foi ainda Zé Brás que providenciou, trazendo ao pobre Ja-  
 cinto para ele desafogar os pés uns tremendos tamancos de  
 pau, e para ele embrulhar o corpo, docemente educado em  
 Síbaris, uma camisa da caseira, enorme, de estopa mais áspera  
 que estamemha de penitente, e com folhos crespos e duros como  
 625 labores em madeira... Para o consolar lembrei que Platão quan-  
 do compunha *O Banquete*, Xenofonte quando comandava os  
 Dez Mil, dormiam em piores catres. As enxergas austeras faz-  
 em as fortes almas — e é só vestido de estamemha que se pe-  
 netra no Paraíso.

— Tem você, (murmurou o meu amigo, desatento e seco)  
 630 alguma coisa que eu leia?... Eu não posso adormecer sem ler!

Eu possuía apenas o número do *Jornal da Tarde*, que ras-  
 guei pelo meio, e partilhei com ele fraternalmente. E quem  
 não viu então Jacinto, senhor de Torges, acaçapado à borda da  
 635 enxerga, junto da vela que pingava sobre o alqueire, com os

pés nus encafudados nos grossos socos, perdido dentro da camisa da patroa, toda em folhos, percorrendo na metade do “Jornal da Tarde”, com os olhos turvos, os anúncios dos paquetes — não pode saber o que é uma vigorosa e real imagem do desalento!

Assim o deixei, — e daí a pouco, estendido na minha enxerga também espartana, subia, através dum sonho jovial e erudito, ao planeta Vénus, onde encontrava, entre os olmos e os ciprestes, num vergel, Platão e o Zé Brás, em alta camaradagem intelectual, bebendo o vinho da Rética pelos copos de Torges! Travámos todos três bruscamente uma controvérsia sobre o século XIX. Ao longe, por entre uma floresta de roseiras mais altas que carvalhos, alvejavam os mármores duma cidade e ressoavam cantos sacros. Não recordo o que Xenofonte sustentou acerca da civilização e do fonógrafo. De repente tudo foi turbado por fuscas nuvens, através das quais eu distinguia Jacinto, fugindo num burro que ele impelia furiosamente com os calcanhares, com uma vergasta, com berros, para os lados do Jasmineiro!

## V

Cedo, de madrugada, sem rumor, para não despertar Jacinto que, com as mãos sobre o peito, dormia placidamente no seu leito de granito — parti para Goães.

E durante três quietas semanas, naquela vila onde se conservam os hábitos e as ideias do tempo de el-rei D. Dinis, não soube do meu desconsolado amigo, que decerto fugira dos seus tectos esburacados e remergulhara na civilização. Depois, por uma abrasada manhã de Agosto, descendo de Goães, de novo trilhei a avenida de faias, e entrei o portão solarengo de Torges,

656: [Com esta frase abre tradicionalmente o capítulo V, embora na edição da GN não haja indicação de mudança de capítulo.]

665 entre o furioso latir dos rafeiros. A mulher do Zé Brás apareceu alvoroçada à porta da tulha. E a sua nova foi logo que o Sr. D. Jacinto (em Torges, o meu amigo tinha Dom) andava lá em baixo com o Sousa nos campos de Freixomil.

— Então, ainda cá está o Sr. D. Jacinto?

670 Sua “inselência” ainda estava em Torges — e sua “inselência” ficava para a vindima!... Justamente eu reparava que as janelas do solar tinham vidraças novas; e a um canto do pátio pousavam baldes de cal; uma escada de pedreiro ficara arrimada contra a varanda; e num caixote aberto, ainda cheio de palha de

675 empacotar, dormiam dois gatos.

— E o Grilo apareceu?

— O Sr. Grilo está no pomar, à sombra.

— Bem! e as malas?

— O Sr. D. Jacinto já tem o seu saquinho de couro...

680 Louvado Deus! O meu Jacinto estava enfim provido de civilização! Subi contente. Na sala nobre onde o soalho fora composto e esfregado, encontrei uma mesa recoberta de oleado, prateleiras de pinho com louça branca de Barcelos e cadeiras de palhinha, orlando as paredes muito caiadas que davam

685 uma frescura de capela nova. Ao lado, noutra sala, também de faiscante alvura, havia o conforto inesperado de três cadeiras de verga da Madeira, com braços largos e almofadas de chita; sobre a mesa de pinho, o papel almaço, o candeeiro de azeite, as penas de pato espetadas num tinteiro de frade, pareciam

690 preparadas para um estudo calmo e ditoso das humanidades; e na parede, suspensa de dois pregos, uma estantezinha continha quatro ou cinco livros, folheados e usados, o *D. Quixote*, um Virgílio, uma *História de Roma*, as *Crónicas* de Froissart. Adiante era certamente o quarto de D. Jacinto, um quarto claro

695 e casto de estudante, com um catre de ferro, um lavatório de ferro, a roupa pendurada de cabides toscos. Tudo resplandecia de asseio e ordem. As janelas cerradas defendiam do sol de Agosto, que escaldava fora os peitoris de pedra. Do soalho, borrifado de água, subia uma fresquidão consoladora. Num

700 velho vaso azul um molho de cravos alegrava e perfumava. Não havia um rumor. Torges dormia no esplendor da sesta.



E envolvido naquele repouso de convento remoto, terminei por me estender numa cadeira de verga junto à mesa, abri languidamente o Virgílio, murmurando:

705                   Fortunate Jacinthe! tu inter arva nota  
Et fontes sacros, frigus captabis opacum.

Já mesmo irreverentemente adormecera sobre o divino Bucolista, quando me despertou um brado amigo. Era o nosso Jacinto. E imediatamente o comparei a uma planta, meio murcha e estiolada no escuro, que fora profusamente regada e revivera em pleno sol. Não corcovava. Sobre a sua palidez de supercivilizado, o ar da serra ou a reconciliação com a vida tinham espalhado um tom trigueiro e forte que o virilizava soberbamente. Dos olhos, que na cidade eu lhe conhecera sempre crepusculares, saltava agora um brilho de meio-dia, decidido e largo, que mergulhava francamente na beleza das coisas.

710 Já não passava as mãos murchas sobre a face — batia com elas rijamente na coxa... Que sei eu? Era uma reencarnação. E tudo o que me contou, pisando alegremente com os sapatos brancos

720 o soalho, foi que se sentira, ao fim de três dias em Torges, como desanuviado, mandara comprar um colchão macio, reunira cinco livros nunca lidos, e ali estava...

— Para todo o Verão?

725 — Para todo o sempre! E agora, homem das cidades, vem almoçar umas trutas que eu pesquei, e compreende enfim o que é o céu.

As trutas eram com efeito celestes. E apareceu também uma salada fria de couve-flor e vagens, e um vinho branco de Azães... Mas quem condignamente vos cantará, comer e beberes daquelas serras?

730

De tarde, finda a calma, passeámos pelos caminhos coleando da vasta quinta, que vai de vales a montes. Jacinto

704: [GN: "um".]

724: [GN: "Para todo sempre!"]

parava a contemplar com carinho os milhos altos. Com a mão  
 735 espalmada e forte batia no tronco dos castanheiros, como nas  
 costas de amigos recuperados. Todo o fio de água, todo o tufo  
 de erva, todo o pé de vinha o ocupava como vidas filiais por  
 que fosse responsável. Conhecia certos melros que cantavam  
 em certos choupos. Exclamava enternecido:

— Que encanto, a flor do trevo!

740 À noite, depois de um cabrito assado no forno, a que  
 mestre Horácio teria dedicado uma Ode (talvez mesmo um  
 Carne Heróico), conversámos sobre o Destino e a Vida. Eu  
 citei, com discreta malícia, Schopenhauer e o Ecclesiastes... Mas  
 745 Jacinto ergueu os ombros, com seguro desdém. A sua confian-  
 ça nesses dois sombrios explicadores da vida desaparecera, e  
 irremediavelmente, sem poder mais voltar, como uma névoa  
 que sol espalha. Tremenda tolice! afirmar que a vida se com-  
 põe meramente duma longa ilusão — é erguer um aparatoso  
 sistema sobre um ponto especial e estreito da vida, deixando  
 750 fora do sistema toda a vida restante, como uma contradição  
 permanente e soberba. Era como se ele Jacinto, apontando para  
 uma urtiga, crescida naquele pátio, declarasse, triunfalmente: —  
 «Aqui está uma urtiga! Toda a quinta de Torges, portanto, é  
 uma massa de urtigas.» — Mas bastaria que o hóspede erguesse  
 755 os olhos, para ver as searas, os pomares e os vinhedos! De  
 resto desses dois ilustres pessimistas, um, o alemão, que conhe-  
 cia ele da vida — dessa vida de que fizera, com doutoral majes-  
 tade, uma teoria definitiva e dolente? Tudo o que pode conhe-  
 760 cer quem, como este genial farsante, viveu cinquenta anos numa  
 soturna hospedaria de província, levantando apenas os óculos  
 dos livros para conversar, à mesa redonda, com os alferes da

740: [Entre a palavra “cabrito” e a palavra “assado” surge no texto um fragmento incoerente, que parece pertencer à coluna seguinte. Eis o fragmento: “sistema, toda a imensa simista um”. A palavra “sistema” aparece com efeito duas vezes na coluna seguinte, acompanhada na segunda ocorrência da palavra “toda a”. Quanto a “simista”, parece um pedaço de “pessimistas” que também figura na coluna seguinte, seguido do artigo “um”. Só “imensa” não nos consta. LI suprime o fragmento incoerente, que é restabelecido em LB, onde se lê: “À noite, depois de um cabrito sistema, toda a imensa simitas, um assado no forno.”]

guarnição! E o outro, o israelita, o homem dos *Cantares*, o muito pedantesco rei de Jerusalém, só descobre que a vida é uma ilusão aos setenta e cinco anos, quando o poder lhe escapa das mãos trémulas, e o seu serralho de trezentas concubinas se torna ridiculamente supérfluo à sua carcaça frígida. Um, dogmatiza funebremente sobre o que não sabe — e o outro sobre o que não pode. Mas que se dê a esse bom Schopenhauer uma vida tão completa e cheia como a de César, e onde estará o seu schopenhauerismo? Que se restitua a esse sultão, besuntado de literatura, que tanto edificou e professorou em Jerusalém, a sua virilidade — e onde estará o Ecclesiastes? De resto, que importa bendizer ou maldizer da vida? Afortunada ou dolorosa, fecunda ou vã, ela tem de ser vivida. Loucos aqueles que, para a atravessar, se embrulham desde logo em pesados véus de tristeza e desilusão, de sorte que na sua estrada tudo lhes seja negrume, não só as léguas realmente escuras, mas mesmo aquelas em que cintila um sol amável. Na Terra tudo vive — e só o homem sente a dor e a desilusão da vida. E, tanto mais as sente, quanto mais alarga e acumula a obra dessa inteligência que o torna homem, e que o separa da restante natureza, impensante e inerte. É no máximo da civilização que ele experimenta o máximo do tédio. A sapiência, portanto, está em recuar até esse honesto mínimo de civilização que consiste em ter um tecto de colmo, uma leira de terra e o grão para nela semear. Em resumo, para reaver a felicidade, é necessário regressar ao Paraíso — e ficar lá, quieto, na sua folha de vinha, inteiramente desguarnecido de civilização, contemplando o anho aos saltos entre o tomilho, e sem procurar, nem [com] o desejo, a árvore funesta da Ciência! “Dixi!”

Eu escutava, assombrado, este Jacinto novíssimo. Era verdadeiramente uma Ressurreição no magnífico estilo de Lázaro. Ao *surge et ambula* que lhe tinham sussurado as águas e os bosques de Torges, ele erguia-se do fundo da cova do Pessimismo, desembaraçava-se das suas casacas de Poole, *et ambulabat*,

795: [Ainda hoje é conhecida a loja Henry Poole em Londres, que vende fatos para homens. Será a mesma?]



e começava a ser ditoso. Quando recolhi ao meu quarto, àque-  
 las horas honestas que convêm ao campo e ao Optimismo,  
 tomei entre as minhas a mão já firme do meu amigo, e pensan-  
 do que ele enfim alcançara a verdadeira realeza, porque possuía  
 a verdadeira liberdade, gritei-lhe os meus parabéns à man-  
 800 eira do moralista de Tibus — *Vive et regna, fortunate Jacinthe!*

Daí a pouco através da porta aberta que nos separava, senti  
 uma risada fresca, moça, genuína e consolada. Era Jacinto que  
 lia o *D. Quixote*. Oh bem-aventurado Jacinto! Conservava o  
 805 agudo poder de criticar, e recuperara o dom divino de rir!

Quatro anos vão passados — Jacinto ainda habita Torges.  
 As paredes do seu solar continuam bem caiadas, mas nuas.

De Inverno enverga um gabão de briche e acende um  
 braseiro. Para chamar o Grilo ou [a] moça, bate as mãos, como  
 810 fazia Catão. Com os seus deliciosos vagares já leu a *Iliada*. Não  
 faz a barba. Nos caminhos silvestres, pára e fala com as crian-  
 ças. Todos os casais da serra o bendizem. Ouço que vai casar  
 com uma forte, sã e bela rapariga de Goães. Decerto crescerá  
 ali uma tribo, que será grata ao Senhor!

815 Como ele recentemente me mandou pedir livros da sua  
 livraria (uma *Vida do Buda*, uma *História da Grécia*, e as obras  
 de S. Francisco de Sales) fui, depois destes quatro anos, ao  
 Jasmineiro deserto. Cada passo meu sobre os fofos tapetes de  
 Caramânia soou triste como um chão de mortos. Todos os  
 820 brocados estavam engelhados, esgaçados. Pelas paredes pendiam,  
 como olhos fora de órbitas, os botões eléctricos das campai-  
 nhas e das luzes: — e havia vagos fios de arame soltos, enrosca-  
 dos, onde a aranha regalada e reinando tecera teias espessas.  
 Na livraria, todo o vasto saber dos séculos jazia numa imensa  
 825 mudez, debaixo duma imensa poeira; sobre as lombadas dos  
 sistemas filosóficos alvejava o bolor; vorazmente a traça devas-  
 tara as Histórias Universais, errava ali um cheiro mole de lite-  
 ratura apodrecida: — e eu abalei, com o lenço no nariz, certo  
 de que naqueles vinte mil volumes não restava uma verdade  
 830 viva! Quis lavar as mãos, maculadas pelo contacto com estes

801: [GN: “fortuna”.]

detritos de conhecimentos humanos. Mas os maravilhosos aparelhos do lavatório, da sala de banho, enferrujados, perros, dessoldados, não largaram uma gota de água; e, como chovia nessa tarde de Abril, tive de sair à varanda, pedir ao céu que me lavasse.

835 Ao descer penetrei no gabinete de trabalho de Jacinto, e tropecei num montão negro de ferragens, rodas, lâminas, campainhas, parafusos... Entreabri a janela, e reconheci o telefone, o teatrofone, o fonógrafo, outros aparelhos, tombados das suas  
840 peanhas, sórdidos, desfeitos, sob a poeira dos anos. Empurrei com o pé este lixo do engenho humano. A máquina de escrever, escancarada, com os buracos negros marcando as letras desarraigadas, era como uma boca alvar e desdentada. O telefone parecia esborrachado, enrodilhado nas suas tripas de arame.

845 Na trompa do fonógrafo, torta, esbeçada, para sempre muda, fervilhavam carochas. E ali jaziam, tão lamentáveis e grotescas, aquelas geniais invenções, que eu saí rindo, como duma enorme facécia, daquele supercivilizado palácio.

850 A chuva de Abril secara: os telhados remotos da cidade negrejavam sobre um poente de carmesim e ouro. E, através das ruas mais frescas, eu ia pensando que este nosso magnífico século XIX se assemelharia um dia àquele Jasmineiro abandonado, e que outros homens, com uma certeza mais pura do que é a Vida e a Felicidade, dariam como eu com o pé no lixo da  
855 supercivilização, e, como eu, ririam alegremente da grande ilusão que findara, inútil e coberta de ferrugem.

Aquela hora, decerto, Jacinto, na varanda em Torges, sem fonógrafo e sem telefone, reentrado na simplicidade, via, sob a paz lenta da tarde, ao tremeluzir da primeira estrela, a boiada recolher entre o canto dos boiadeiros.

---

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



[A Aia]

### Tema para Versos

5 A história que eu, há dias, desejava contar para que algum poeta, amigo dos temas fecundos e estimuladores do pensamento, a compusesse em versos ricos (e que não contei por me ter demorado a construir diante dela um pórtico de considerações gerais) sucedeu na Índia. A Índia, terra das pedrarias, das galas e dos céus sumptuosos, sugere logo a um artista largos desenvolvimentos decorativos.

10 Mas a minha história necessita ser apresentada com toda a simplicidade na sua nudez moral, sem paisagens, arquitecturas ou trajes que a materializem.

1: [*In* GN, Rio de Janeiro, ano XIX, n.ºs 91-91 [92], 2-3 de Abril de 1893, p. 1. Recolhido por LI (C), sob o título inventado por Luís de Magalhães [A Aia] e sem o título original “Tema para versos” I e II. De facto a narrativa propriamente dita é a exemplificação do relativamente longo ensaio que o precede, e que se chama “Tema para versos”, publicado no primeiro n.º 91 da GN, e onde Eça de Queirós expõe as suas concepções sobre a poesia do narrar. Estas considerações não fazem parte, evidentemente, do relato, mas apresentam inegável interesse para o conhecimento do nosso autor. Por isso, aparece o ensaio em anexo ao conto propriamente dito. No entanto, conservámos a curta introdução que se enlaça directamente com o conto e figura antes do relato. Suprimimos os n.ºs (I e II) que surgiriam em ordem inversa. LB e A também só recolhem o conto propriamente dito, com o título [A Aia]. DQ propõe “Tema para versos” (I) e a seguir o conto (II) sem o título [A Aia]. NA oferece os dois títulos, mas não reproduz “Tema para versos”, “por ter passado a integrar *A Correspondência de Fradique Mendes* (Carta a Manuel)”, *op. cit.*, p. 1525.]

O poeta que, por ela se passar na Índia, a orne de palmeiras, elefantes e baiaderas, corre a um desastre certo. Sem época, sem nomes, sem localizações que se possam verificar num mapa, abstracta e como acontecida no país das almas, esta história de uma alma, que se dirige só à alma, deve vir envolta em tão pouca literatura como aquelas que o Povo na sua singeleza genial, torna profundamente vivas e imoventes, afirmando apenas, com magnífica indiferença pelas épocas, pelas nações, e pelos costumes — *que era uma vez um Rei...*

\*

Era, pois, uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e searas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas faixas.

A lua cheia que o vira marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a minguar — quando um dos seus cavaleiros apareceu, com as armas rotas, negro do sangue seco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre a flor da sua nobreza, à beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas sobretudo chora ansiosamente o pai que assim deixava o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua frágil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

Desses inimigos o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravio, consumido de cobiças grosseiras, desejando só a realeza por causa dos seus tesouros, e que havia anos vivia num castelo sobre os montes, com uma horda de rebeldes, à maneira de um lobo que, entre a sua atalaia, espera a presa. Ai! a presa agora era aquela criancinha, rei de mama, senhor de tantas províncias, e que dormia no seu berço com o seu guizo de ouro fechado na mão!

Ao lado dele outro menino dormia noutro berço. Mas este era um escravozinho, filho da bela e robusta escrava que

amamentava o príncipe. Ambos tinham nascido na mesma  
noite de Verão. O mesmo seio os criava. Quando a rainha,  
50 antes de adormecer, vinha beijar o príncipezinho, que tinha  
o cabelo louro e fino, beijava também por amor dele o esca-  
vozinho, que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de am-  
bos reluziam como pedras preciosas. Somente o berço de um  
era magnífico e de marfim entre brocados — e o berço do  
55 outro pobre e de verga. A leal escrava, porém, a ambos cer-  
cava de carinho igual porque se um era o seu filho — o outro  
seria o seu rei.

Nascida naquela casa real, ela tinha a paixão, a religião  
dos seus senhores. Nenhum pranto correra mais sentidamente  
60 do que o seu pelo rei morto à beira do grande rio. Pertencia  
porém a uma raça que acredita que a vida da Terra se continua  
no Céu. O rei seu amo, decerto, já estaria agora reinando num  
outro reino, para além das nuvens, abundante também em searas  
e cidades. O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pa-  
65 jens tinham subido com ele às alturas. Os seus vassalos que  
fossem morrendo prontamente iriam nesse reino celeste reto-  
mar em torno dele a sua vassalagem. E ela um dia, por seu  
turno, remontaria num raio de luz a habitar o palácio do seu  
senhor, e a fiar de novo o linho das suas túnicas, e a acender  
70 de novo a caçoleta dos seus perfumes, seria no Céu como fora  
na Terra, e feliz na sua servidão.

Todavia também ela tremia pelo seu príncipezinho!  
Quantas vezes, com ele pendurado do peito, pensava na sua  
fragilidade, na sua longa infância, nos anos lentos que corre-  
75 riam antes que ele fosse ao menos do tamanho de uma espada,  
e naquele tio cruel, de face mais escura que a noite e coração  
mais escuro que a face, faminto do trono, e espreitando de  
cima do seu rochedo entre os alfanges da sua horda! Pobre  
príncipezinho de sua alma! Com uma ternura maior o aperta-  
80 va então nos braços. Mas se o seu filho chalhava ao lado — era  
para ele que os seus braços corriam com um ardor mais feliz.  
Esse, na sua indigência, nada tinha a recear da vida. Desgraças,  
assaltos da sorte má nunca o poderiam deixar mais despido das  
glórias e bens do mundo do que já estava ali no seu berço, sob  
85 o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez.



A existência na verdade era para ele mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu príncipe, porque nenhum dos duros cuidados com que ela enegrece a alma dos senhores, roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E como se o  
90 amasse mais por aquela humildade ditosa, cobria o seu corpinho gordo de beijos pesados e devoradores — dos beijos que ela fazia ligeiros sobre as mãos do seu príncipe.

No entanto um grande temor enchia o palácio, onde agora reinava uma mulher entre mulheres. O bastardo, o homem  
95 de rapina que errava no cimo das serras, descera à planície com a sua horda, e já através de casais e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e ruínas. As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardiam lumes mais altos. Mas à defesa faltava disciplina viril. Uma roca não go-  
100 verna como uma espada. Toda a nobreza fiel perecera na grande batalha. E a rainha desventurosa apenas sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho e chorar sobre ele a sua fraqueza de viúva. Só a ama leal parecia segura — como se os braços em que estreitava o seu príncipe fossem muralhas de uma  
105 cidadela que nenhuma audácia pode transpor.

Ora uma noite, noite de silêncio e de escuridão, indo ela a adormecer, já despida, no seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, à entrada dos vergéis reais. Embrulhada à pressa  
110 num pano, atirando os cabelos para trás, escutou, ansiosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente, sobre lajes, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens,  
115 um clarão de lanternas, brilhos de armas... Num relance tudo compreendeu — o palácio surpreendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu Príncipe! Então, rapidamente, sem uma vacilação, uma dúvida, arrebatou o príncipe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga — e tirando o  
120 seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real que cobriu com um brocado.

Bruscamente um homem enorme, de face flamejante, com um manto negro sobre a cota de malha, surgiu à porta da

câmara, entre outros, que erguiam lanternas. Olhou — correu  
 125 ao berço de marfim onde os brocados luziam, arrancou a criança,  
 como se arranca uma bolsa de ouro, e abafando os seus  
 gritos no manto, abalou furiosamente.

O príncipe dormia no seu novo berço. A ama ficara imó-  
 vel no silêncio e na treva.

130 Mas brados de alarme de repente atroaram o palácio. Pelas  
 vidraças perpassou o longo flamejar das tochas. Os pátios  
 ressoavam com o bater das armas. E desgrenhada, quase nua, a  
 rainha invadiu a câmara, entre as aias, gritando pelo seu filho!  
 Ao avistar o berço de marfim, com as roupas desmanchadas,  
 135 vazio, caiu sobre as lajes, num choro despedaçada. Então calada,  
 muito lenta, muito pálida, a ama descobriu o pobre berço  
 de verga... O príncipe lá estava, quieto, adormecido, num sonho  
 que o fazia sorrir, lhe iluminava toda a face entre os seus  
 cabelos de ouro. A mãe caiu sobre o berço, com um suspiro,  
 140 como cai um corpo morto.

E nesse instante um novo clamor abalou a galeria de  
 mármore. Era o capitão das guardas, a sua gente fiel. Nos  
 seus clamores havia porém mais tristeza que triunfo. O bastardo  
 morrera! Colhido, ao fugir, entre o palácio e a cidadela,  
 145 esmagado pela forte legião de archeiros, sucumbira, ele e vinte  
 da sua horda. O seu corpo lá ficara, com flechas no flanco,  
 numa poça de sangue. Mas, ai! Dor sem nome! O corpezinho  
 tenro do príncipe lá ficara também, envolto num manto, já  
 frio, roxo ainda das mãos ferozes que o tinham esganado!...  
 150 Assim tumultuosamente lançavam a nova cruel os homens de  
 armas — quando a rainha, deslumbrada, com lágrimas entre  
 risos, ergueu nos braços, para lho mostrar, o príncipe que  
 despertara.

Foi um espanto, uma aclamação. Quem o salvara? Quem?...  
 155 Lá estava junto do berço de marfim vazio, muda e hirta, aquela  
 que o salvara! Serva sublimemente leal! Fora ela que para  
 conservar a vida ao seu príncipe, mandara à morte o seu fi-

130: [GN: "atroavam".]

157: [GN: "mandava".]



lho... Então, só então, a mãe ditosa emergindo da sua alegria extática, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração... E dentre aquela multidão que se apertava na galeria veio uma nova, ardente aclamação, com súplicas de que fosse recompensada, magnificamente, a serva admirável que salvara o rei e o reino.

Mas como? Que bolsas de ouro podem pagar um filho? Então um velho de casta nobre lembrou que ela fosse levada ao tesouro real, e escolhesse dentre essas riquezas, que eram as maiores da Índia, todas as que o seu desejo apetecesse...

A rainha tomou a mão da serva. E sem que a sua face de mármore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como num sonho ela foi assim conduzida para a Câmara dos Tesouros. Senhores, aias, homens de armas, seguiam num respeito tão comovido que apenas se ouvia o roçar das sandálias nas lajes. As espessas portas do Tesouro rolaram lentamente. E quando um servo desatrancou as janelas, a luz da madrugada, já clara e rósea, entrando pelos gradeamentos de ferro, acendeu um maravilhoso e faiscante incêndio de ouro e pedrarias! Do chão de rocha até às sombrias abóbodas, por toda a câmara, reluziam, cintilavam, refulgiam, os escudos de ouro, as armas marchetadas, os montões de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de pérolas, todas as riquezas daquele reino acumuladas por cem reis durante vinte séculos. Um longo *ab* lento e maravilhado passou por sobre a turba que emudecera. Depois houve um silêncio, ansioso. E no meio da câmara, envolta na refulgência preciosa, a ama não se movia... Apenas os seus olhos, brilhantes e secos, se tinham erguido para aquele céu que, além das grades, se tingia de rosa e de ouro. Era lá nesse céu fresco de madrugada que estava agora o seu menino. Estava lá, e já o sol se erguia, e era tarde, e o seu menino chorava decerto, e procurava o seu peito!... Então a ama sorriu e estendeu a mão.

173: [GN: "rolavam".]

174: ["desatrancou", conforme a GN.]

177: [GN: "abóbodas".]



190 Todos seguiam, sem respirar, aquele lento mover da sua mão aberta. Que jóia maravilhosa, que fio de diamantes, que punhado de rubis, ia ela escolher?

195 A ama estendia a mão — e sobre um escabelo ao lado, entre um molho de armas, agarrou um punhal. Era um punhal de um velho rei, todo cravejado de esmeraldas, e que valia uma província.

Agarrara o punhal e, com ele apertado fortemente na mão, apontando para o céu onde subiam os primeiros raios de sol, encarou a rainha, a multidão, e gritou:

200 — Salvei o meu Príncipe, e agora — vou dar de mamar ao meu filho!

E cravou o punhal no coração.

\*

205 Eis a minha história. Ou antes eis o rude esboço de uma maravilhosa lenda de alma. Tão bela, que me pareceu que só poderia ser dignamente cantada ao som da lira. Aos poetas a ofereço. E aquele que com ela se tentar, se não fizer uma obra de arte, fará pelo menos uma obra de justiça popularizando esta pobre serva índia tão ignorada e tão sublime.

---

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## Anexo

Um amigo meu, que depois de ser, durante anos, um mau poeta, se regenerou, e se tornou um bom crítico, costuma sempre com a sua autoridade de antigo mareante experiente em escolhos e naufrágios, aconselhar os poetas novos a que procurem os temas e motivos dos seus poemas fora do próprio e estreito coração e das duas ou três palpitações que nele perpetuamente se repetem. Eu pertencço à escola deste homem sagaz — e também penso que essa poesia, chamada *subjectiva*, que vive aninhada nas saias de Elvira, e que arrulha sem cessar, no jornal e no livro, as suas gárrulas e alardeadoras confidências de amor (ou antes de namoro), necessita ser substituída por uma poesia mais forte, mais sã, mais humana que se desaninhe das saias já enxovalhadas da sua eterna dama, e lance o voo livre através do mundo e da vida.

O amor, como diz o meu amigo, é certamente uma força, e mesmo a maior deste pobre universo que dele vive e por ele se equilibra: e a notação em boa rima de qualquer das suas manifestações que seja intensamente genuína e nova constitui sem dúvida uma aquisição excelente para o nosso conhecimento do homem, entidade de sete palmos de altura, que, quanto mais profundamente a si próprio se sonda, mais insondável se reconhece. Por outro lado versos de amor são preciosos para aqueles que, possuindo o sentimento, não possuem o verbo que lho vivifique, lhes dê a consoladora certeza da sua realidade, — e que precisam portanto ver expressas, formuladas, sonoras, quase visíveis, as coisas indefinidas que lhe tumultuavam no peito e a que não sabiam dar nome.



Mas a não ser nestes dois casos em que o poeta tenha descoberto em si uma forma do sentir deliciosamente inédita; ou que tenha conseguido exprimir, com uma nitidez gráfica, algum subtil estado de alma até aí inexprimível, ele deveria (pelo menos enquanto durar este século saciado do lirismo sentimental) conservar os versos do seu amor no papel íntimo em que os traçou, ao lado das flores murchas, das mechas de cabelos, das fotografias enodoadas de beijos e de todas as outras relíquias de mocidade, que aos trinta anos se atiram ao lume. De outro modo, se os poetas insistirem em anunciar cada semana, com lábio trémulo, nos jornais ou nos volumes a 600 rs., que amam Laura e que a apertaram nos braços e que os veludos da alcova pendiam em pregas moles — esta geração ocupada, positiva, inteligente, e só seduzida pelas coisas da inteligência, fugirá deles desesperadamente como se foge de tudo quanto arrepia ou enerva, um realejo, uma serra a serrar pedra ou um canário mecânico, envernizado de amarelo, com corda para 20 horas! Para que a poesia guarde a sua clientela de espíritos é necessário que contenha em si toda a *humanidade* — e não somente a *feminidade* da vizinha que sorri além, à janela.

Tudo isto, que afirma o meu amigo, com aquela irremediável confusão, que lhe ficou dos hábitos do verso, é verídico. A poesia não se inventou para cantar o Amor — que de resto não existia ainda quando os primeiros homens cantaram. Ela nasceu com a necessidade de celebrar magnificamente os deuses, e de conservar na memória, pela sedução do ritmo, as leis da tribo. A adoração, ou captação da divindade, e a estabilidade social eram então os dois altos e únicos cuidados humanos: — e a Poesia tendeu sempre e tenderá constantemente a resumir nos conceitos mais puros, mais belos e mais concisos, as ideias que estão interessando e conduzindo os homens. Se a grande preocupação do nosso tempo fosse o Amor — ainda admitiríamos que se arquivasse, por meio das artes da imprensa, cada suspiro de cada Francisco. Mas o Amor é um sentimento extremamente raro entre raças velhas e enfraquecidas. Os Romeus, as Julietas (para citar só este casal clássico) já não se repetem, nem são quase possíveis, nas nossas democracias, saturadas de cultura, torturadas pela ânsia do bem-estar, cépti-

cas, portanto, egoístas, e movidas por meio do vapor e da electricidade. Mesmo nos crimes de amor, em que parece reviver, com a sua primitiva e dominante força, a paixão das raças novas, se descobrem logo factores lamentavelmente alheios ao amor, sendo os dois principais aqueles que mais caracterizam o nosso tempo, o interesse e a vaidade. Nestas condições o Amor que voltou a ser como na Grécia, um Cupido pequenino e brincalhão, que esvoaça, surripiando aqui e além um prazer fugitivo — é removido para entre os cuidados subalternos do homem, muito para baixo do dinheiro, muito para baixo da política... É uma ocupação, sem malícia o digo, que se deixa para quando acabar o dia verdadeiro e útil, e com ele os negócios, as ideias, os interesses que prendem. Já não há hoje nada de produtivo a fazer? Já não há nada de sério a pensar?... Bem! Então, um pouco de perfume nas mãos, e abra-se a porta ao Amor que espera! A isto está reduzida a Vénus fatal e vencedora!

Ora quando uma arte teima em exprimir unicamente um sentimento que se tornou secundário nas preocupações do homem — ela própria se torna secundária, pouco atendida, e perde pouco a pouco a simpatia das inteligências. Por isso hoje, tão tenazmente os editores se recusam a editar, e os leitores se recusam a ler, versos em que só se cante de amor e de rosas. E o artista que não quer ser uma voz clamando no deserto e um papel apodrecendo no armazém, evita já o amor, como tema essencial da sua obra. A glória de Zola vem sobretudo da universalidade e modernidade dos seus assuntos, — a terra, o dinheiro, o comércio, a política, a guerra, a religião, as grandes indústrias, e a ciência — que são os factos que interessam o homem culto.

Aqueles que, como Feuillet e Sandeau, e tantos outros, só sonhavam cantar, com pena enternecida e graciosa, histórias de amor, e em que o amor era o centro e o motor único da vida, estão abandonados, comidos humilhanamente pelos ratos, nos subterrâneos dos livreiros.

Nem mesmo as mulheres lêem já hoje versos de amor — que de resto não apreciaram, em tempo algum, porque nunca

99: [GN: "têm".]



uma mulher gostou de ver outra coroada e idealizada. E além disso nem elas, nem ninguém por mais simples, acreditam na sinceridade dos poemas amorosos. Todos sabemos que eles são meros exercícios de literatura, compostos pacientemente, friamente, de chinelos, com um dicionário de rimas. Nos primeiros anos do século, o poeta que penetrava no «comércio das Musas» começava por compor laboriosamente, e folheando os bons modelos, uma *Epístola* em que celebrava a felicidade de viver nos campos, um *Madrigal* em que cobria uma pastora de aljôfares e nardo, ou um *Ditirambo*, um pouco desgrenhado, em que erguia a taça de vinho rubro, e gritava «Evohé!...». Este homem excelente não conhecia pastoras, nem bosques, e vivia comedidamente no terceiro andar de uma rua estreita, frequentando o botequim vizinho onde se alagava de orchata.

A orgia báquica, os cordeiros e o surrão, o seu amor da paz silvana eram meramente nele temas recomendados pela arte poética. Hoje essa poesia bucólica ou ditirâmbica passou como os calções e como os espadins. O romantismo criou outra retórica. E o poeta que principia, em lugar de se mostrar ao leitor, em rimas castigadas, *pastoril* e *bêbado* como o seu antecessor que ainda estudava Horácio — mostra-se agora, com a mesma tranquilidade, mas com as fórmulas que herdou de Musset, *apaixonado* e *dolorido*. A dor e a paixão porém são no digno moço tão postiças, e tão laboriosamente trabalhadas como eram o bucolismo, o patriotismo e o fervor órgico do seu confrade de 1810.

Desta escandalosa insinceridade provém o descrédito do lirismo. Mas, mesmo quando seja sincero, quando brote de uma emoção pura, que interesse nos poderá jamais causar o livro em que o Sr. Fulano ou o Sr. Sicrano, que nós não conhecemos, nos vem revelar os êxtases e os tormentos que se debatem no seu peito? Um tal poema deveria ser reservado para os íntimos. Há desde logo um grave impudor em fazer assim do nosso coração uma tiragem de quinhentos volumes, para o vender, palpitante e sangrando, nos balcões das lojas. E há ainda uma intolerável impertinência da parte do Sr. Fulano, em nos deter no nosso caminho apressado para nos gritar, entre



140 suspiros, que ela é formosa e que os seus beijos sabem a mel!  
É formosa? Sabe a mel? Bom proveito para si, estimável se-  
nhor. Mas que me importa a mim, que vou vivamente levado  
pela minha ideia, pelo meu trabalho, pelo meu negócio ou pelo  
meu prazer?

145 A poesia, se quiser gozar ainda a nossa atenção, neste  
momento justamente em que ela atingiu a sua máxima habi-  
lidade técnica, necessita abandonar essa alcova em que se  
enerva e se esteriliza, e de que nós conhecemos, até à saciedade,  
e pela sua indiscrição, todos os lânguidos escaninhos. Fora  
150 dessa sombra mole não lhe faltam os belos temas — e aí tem  
a História, a lenda e as religiões, e os costumes, e a vida am-  
biente, que lhe fornecem correntes de inspiração onde ela pode  
beber mais profundamente que em nenhuma das castálias  
passadas. A sua lira, manejada por tão hábeis artistas, nestes  
155 últimos trinta anos, está superiormente afinada desde as cor-  
das de nervo até às cordas de bronze, e não há som, por mais  
delicado ou por mais estridente, que ele não saiba despedir,  
com precisão e com brilho. O homem tem a insaciável neces-  
sidade de se conhecer — e quantas formas, infinitamente vá-  
rias, do seu sentir, do seu pensar, do seu querer, não há aí,  
160 no presente e através do passado, dignas de serem afixadas,  
para que ele as bendiga ou as maldiga, nessa divina linguagem  
do verso, que é a única que verdadeiramente penetra na alma  
e se ele sabe gravar perduravelmente o amor do que é grande,  
o desdém do que é baixo... Que o poeta se despegue, pois,  
165 corajosamente da alcova, e mesmo da porta da sua bem-amada,  
e, com a lira à cinta, como os rapsodos de outrora, percorra  
o mundo escutando histórias, para as contar depois em rit-  
mos de ouro!

170 Justamente estas considerações que não são de crítica, e  
apenas lançadas tumultuária e familiarmente, em cavaqueira  
amável, as acarretei eu, porque conheço uma ou duas histórias,  
que bem mereciam pela sua beleza moral, ser perpetuadas em  
versos ricos. E como a minha história não é de amor, procedi  
logo, à maneira daquele mercador da lenda, que quando trazia  
175 armas a vender, clamava na praça contra a paz que debilita as  
almas — e quando seus fardos só continham sedas e perfumes,

erguia imprecações contra a guerra que asselvaja<sup>2</sup> e desmancha os lares. Mas quê! Em lugar de contar a minha história, para que algum poeta a cinzele num gentil poema, gastei o meu  
180 papel professorando doutrinas, e enfeitando de buxo e louro as minhas doutrinas, com esta loquacidade divagadora<sup>3</sup> da nossa raça que tanto mal nos causa nas letras e na causa pública. Que remédio? Nós somos Latinos e Godos. E temos em nós hereditariamente e irreparavelmente toda a secular tagarelice do  
185 *Forum Romanum*, e ainda aquela gralhada vã, que, misturada ao chiar dos carros lentos, anunciava outrora de longe, ao pobre Ibero, que os Godos vinham descendo.

177: [GN: “asselvaja”.]

181: [GN: “devagadora”.]

## As Histórias. O Tesouro

### I

Os três irmãos de Medranhos, Ruy, Guanes e Rostabal, eram então em todo o reino das Astúrias os fidalgos mais famintos e os mais remendados.

Nos Paços de Medranhos, a que o vento da serra levava vidraça e telha, passavam eles as tardes desse Inverno engelhados nos seus pelotes de camelão, batendo as solas rotas sobre as lajes da cozinha, diante da vasta lareira negra, onde desde muito não estalava lume nem fervia a panela de ferro. Ao escurecer devoravam uma côdea de pão negro, esfregada com alho. Depois, sem candeia, através do pátio, fendendo a neve, iam dormir à estrebaria, para aproveitar o calor das três éguas lazarentas que, esfaimadas como eles, roíam as traves da manjedoura. E a miséria tornara estes senhores mais bravios que lobos.

Ora, na Primavera, por uma silenciosa manhã de domingo, andando todos três na mata de Roquelanes a espiar pegadas

1: [In GN, Rio de Janeiro, 1894, ano xx, n.º 23, Terça-feira 23 de Janeiro, pp. 1-2. Recolhido por LI, em Ct. O título “As histórias”, que inclui “O Tesouro” e “Frei Genebro” e é repetido antes deste, é suprimido em LI, LB, A e NA, restabelecido em DQ.]

3: [Manteve-se a grafia espanhola de Ruy, que tem a sua conotação de nobreza, entre Ruy Díaz de Bivar, El Cid, y o Ruy Blas de Vitor Hugo. Lembremos que Rostabal (e não Rostabad) é o nome de um gigante em *La Légende des Siècles*, no poema intitulado “Le Petit Roi de Galice”. Curiosamente, nesse poema também intervém um Ruy le Subtil (não diz Eça que Ruy é o mais “avisado”, três vezes, quase em forma de epíteto homérico? Não é Ruy quem decide tudo no relato? Não pode surpreender tal clandestina intertextualidade hugoliana).]



de caça e a apanhar tortulhos entre os robles, enquanto as três  
 20 éguas pastavam a relva nova de Abril, — os irmãos de Medranhos encontraram, por trás de uma moita de espinheiros, numa cova de rocha, um velho cofre de ferro. Como se o resguardasse uma torre segura, conservava as suas três chaves nas suas três fechaduras. Sobre a tampa, mal decifrável através da ferrugem, corria um dístico em letras árabes. E dentro, até às bor-  
 25 das, estava cheio de dobrões de ouro!

No terror e esplendor da emoção os três senhores ficaram mais lívidos do que círios. Depois, mergulhando furiosamente as mãos no ouro, estalaram a rir, num riso de tão larga rajada que as folhas tenras dos olmos, em roda tremiam... E de novo  
 30 recuaram, bruscamente se encararam, com os olhos a flamejar, numa desconfiança tão desabrida que Guanes e Rostabal apalpavam nos cintos os cabos das grandes facas. Então Ruy, que era gordo e ruivo, e o mais avisado, ergueu os braços, como um árbitro, e começou por decidir que o tesouro, ou viesse de  
 35 Deus ou do Demónio, pertencia aos três, e entre eles se repartiria, rigidamente, pesando-se o ouro em balanças. Mas como poderiam carregar para Medranhos, para os cimos da serra, aquele cofre tão cheio? Nem convinha que saíssem da mata com o seu bem, antes de cerrar a escuridão. Por isso ele enten-  
 40 dia que o mano Guanes, como mais leve, devia trotar para a vila vizinha de Retortilho, levando já ouro na bolsilha, a comprar três alforges de couro, três maquias de cevada, três empadões de carne, e três botelhas de vinho. Vinho e carne eram para eles, que não comiam desde a véspera — a cevada era para  
 45 as éguas. E assim refeitos, senhores e cavalgadas, ensacariam o ouro nos alforges, e subiriam para Medranhos, sob a segurança da noite sem lua.

— Bem tramado! gritou Rostabal, homem mais alto que um pinheiro, de longa guedelha, e com uma barba que lhe caía  
 50 desde os olhos raiados de sangue até à fivela do cinturão.

Mas Guanes não se arredava do cofre, enrugado, desconfiado, puxando entre os dedos a pele negra do seu pescoço de grou. Por fim, brutalmente:

— Manos! O cofre tem três chaves... Eu quero fechar a  
 55 minha fechadura e levar a minha chave!

— Também eu quero a minha, mil raios! rugiu logo Rostabal.

Ruy sorriu. Decerto, decerto! A cada dono do ouro cabia uma das chaves que o guardavam. E cada um em silêncio, agachado ante o cofre, cerrou a sua fechadura com força. Imediatamente Guanes, desanuviado, saltou na égua, meteu pela vereda de olmos, a caminho de Retortilho, atirando aos ramos a sua cantiga costumada e dolente:

Olé! Olé!  
Sale la cruz de la iglesia,  
Vestida de negro luto...

## II

Na clareira, em frente à moita que encobria o tesouro (e que os três tinham desbastado a cutiladas), um fio de água, brotando entre rochas, caía sobre uma vasta laje escavada, onde fazia como um tanque, claro e quieto, antes de se escoar para as relvas altas. E ao lado, na sombra de uma faia, jazia um velho pilar de granito, tombado e musgoso. Ali vieram sentar-se Ruy e Rostabal, com os seus tremendos espadões entre os joelhos. As duas éguas retouçavam a boa erva pintalgada de papoulas e botões-de-ouro. Pela ramaria andava um melro a assobiar. Um cheiro errante de violetas adoçava o ar luminoso. E Rostabal, olhando o sol, bocejava com fome.

Então Ruy, que tirara o sombrero e lhe cofiava as velhas plumas roxas, começou a considerar, na sua fala avisada e mansa, que Guanes nessa manhã não quisera descer com eles, à mata de Roquelanes. E assim era a sorte ruim! Pois que se Guanes tivesse quedado em Medranhos, só eles dois teriam descoberto o cofre, e só entre eles dois se dividiria o ouro! Grande pena! Tanto mais que a parte de Guanes seria em breve dissipada, com rufiões, aos dados, pelas tavernas.

— Ah! Rostabal, Rostabal! Se Guanes, passando aqui sozinho, tivesse achado este ouro, não dividia connosco, Rostabal!

90 O outro rosnou surdamente e com furor, dando um pu-  
xão às barbas negras:

— Não, mil raios! Guanes é sôfrego... Quando o ano pas-  
sado, se te lembras, ganhou os cem ducados ao espadeiro de  
Fresno, nem me quis emprestar três para eu comprar um gibão  
novo!

95 — Vês tu? gritou Ruy, resplandecendo.

Ambos se tinham erguido do pilar de granito, como leva-  
dos pela mesma ideia, que os deslumbrava. E, através das suas  
largas passadas, as ervas altas silvavam.

— E para quê? prosseguia Ruy. Para que lhe serve todo o  
100 ouro que nos leva? Tu não o ouves, de noite, como tosse? Ao  
redor da palha em que dorme, todo o chão está negro de san-  
gue que escarra! Não dura até às outras neves, Rostabal! Mas  
até lá terá dissipado os bons dobrões que deviam ser nossos,  
para levantarmos a nossa casa, e para tu teres ginetes, e armas,  
105 e trajes nobres, e o teu terço de solarengos, como compete a  
quem é, como tu, o mais velho dos de Medranhos...

— Pois que morra, e morra hoje! bradou Rostabal.

— Queres?

110 Vivamente, Ruy agarrara o braço do irmão, apontava para  
a vereda de olmos por onde Guanes partira cantando:

— Logo adiante, ao fim do trilho, há um sítio bom, nos  
silvados. E hás-de ser tu, Rostabal, que és o mais forte e o mais  
destro. Um golpe de ponta pelas costas. E é justiça de Deus  
que sejas tu, que muitas vezes, nas tavernas, sem pudor, Guanes  
115 te tratava de “cerdo” e de “torpe”, por não saberes a letra nem  
os números.

— Malvado!

— Vem!

120 Foram — ambos se emboscaram; por trás dum silvado, que  
dominava o atalho, estreito e pedregoso como um leito de  
torrente. Rostabal, assolapado na vala, tinha já a espada nua.  
Um vento leve arrepiou na encosta as folhas dos álamos — e  
sentiram o repique leve dos sinos de Retortilho. Ruy, coçando  
a barba, calculava as horas pelo sol, que já se inclinava para as  
125 serras. Um bando de corvos passou sobre eles grasnando.



E Rostabal, que lhes seguira o voo, recomeçou a bocejar, com fome, pensando nos empadões e no vinho que o outro trazia nos alforges.

130 Enfim! Alerta! Era, na vereda, a cantiga dolente e rouca, atirada aos ramos:

Olé! Olé!  
Sale la cruz de la iglesia,  
Toda vestida de negro...

135

Ruy murmurou: — “Na ilharga! Mal que passe!” O chouto da égua bateu o cascalho, uma pluma num *sombrero* vermelhejou por sobre a ponta das silvas.

140 Rostabal rompeu dentre a sarça, por uma brecha, atirou o braço, a longa espada; — e toda a lâmina se embebeu molemente na ilharga de Guanes quando ao rumor, bruscamente, ele se virara na sela. Com um surdo arranco, tombou de lado, sobre as pedras. Já Ruy se arremessava aos freios da égua: — Rostabal, caindo sobre Guanes, que arquejava, de novo lhe mergulhou a  
145 espada, agarrada pela folha como um punhal, no peito e na garganta.

— A chavel! gritou Ruy.

E arrancada a chave do cofre ao seio do morto, ambos largaram pela vereda — Rostabal adiante, fugindo, com a pluma do *sombrero* quebrada e torta, a espada ainda nua entalada  
150 sob o braço, todo encolhido, arrepiado com o sabor de sangue que lhe espirrara para a boca. Ruy atrás puxava desesperadamente os freios da égua, que, de patas fincadas no chão pedregoso, arreganhando a longa dentuça amarela, não queria  
155 deixar o seu amo assim estirado, abandonado, ao comprido das sebes.

Teve de lhe espicaçar as ancas lazarentas, com a ponta da espada: — e foi correndo sobre ela, de lâmina alta, como se perseguisse um mouro, que desembocou na clareira onde o sol  
160 já não dourava as folhas. Rostabal arremessara para a relva o *sombrero* e a espada; e debruçado sobre a laje escavada em tanque, de mangas arregaçadas, lavava ruidosamente a face e as barbas.

165 A égua quieta recomeçou a pastar, carregada com os alfor-  
ges novos que Guanes comprara em Retortilho. Do mais lar-  
go, abarrotado, surdiam dois gargalos de garrafas. Então Ruy  
tirou lentamente do cinto a sua larga navalha. Sem um rumor  
na relva espessa deslizou até Rostabal que resfolgava com as  
170 longas barbas pingando. E serenamente, como se pregasse uma  
estaca num canteiro, enterrou a folha toda no largo dorso  
dobrado, certa sobre o coração.

Rostabal caiu sobre o tanque, sem um gemido, com a face  
na água, os longos cabelos flutuando na água. A sua velha  
escarcela de couro ficara entalada sob a coxa. Para tirar de  
175 dentro a terceira chave do cofre, Ruy solevou o corpo — e um  
sangue mais grosso jorrou, escorreu pela borda do tanque,  
fumegando.

### III

180 Agora eram dele, só dele, as três chaves do cofre!... E Ruy,  
alargando os braços, respirou deliciosamente. Mal a noite des-  
cesse, com o ouro metido nos alforjes, guiando a fila das éguas  
pelos trilhos da serra, subiria a Medranhos, e enterraria na adega  
o seu tesouro! E quando ali na fonte e além rente aos silvados  
só restassem, sob as neves de Dezembro, alguns ossos sem nome,  
185 ele seria o magnífico senhor de Medranhos, e na capela nova  
do solar renascido mandaria dizer missas ricas pelos seus dois  
irmãos mortos... Mortos, como? Como devem morrer os de  
Medranhos — a pelejar contra o Turco!

190 Abriu as três fechaduras, apanhou um punhado de dobrões,  
que fez retinir sobre as pedras. Que puro ouro, de fino quilate!  
E era o *seu* ouro! — Depois foi examinar a capacidade dos al-  
forjes — e encontrando as duas garrafas de vinho, e um gordo  
capão assado, sentiu uma imensa fome. Desde a véspera só  
comera uma lasca de peixe seco. E há quanto tempo não pro-  
195 vava capão.

Com que delícia se sentou na relva, com as pernas abertas,  
e entre elas, a ave loura, que rescendia, e o vinho cor de âmbar.  
Ah! Guanes fora bom mordomo — nem esquecerá azeitonas.

200 Mas, porque trouxera ele, para três convivas, apenas duas garrafas? Rasgou uma asa do capão — devorava a grandes dentadas. A tarde descia, pensativa e doce, com nuvenzinhas cor-de-rosa. Para além, na vereda, um bando de corvos grasnava. As éguas fartas dormitavam, com o focinho pendido. E a fonte cantava lavando o morto.

205 Ruy ergueu à luz a garrafa de vinho. Com aquela cor velha e quente não teria custado menos de três maravedis. E pondo o gargalo à boca, bebeu em sorvos lentos, que lhe faziam ondular o pescoço peludo. Oh vinho bendito, que tão prontamente aquecia o sangue! Atirou a garrafa vazia — destapou  
210 outra. Mas, como era avisado, não bebeu porque a jornada para a serra, com o tesouro, requeria firmeza e acerto. Estendido sobre o cotovelo, descansando, pensava em Medranhos coberto de telha nova, nas altas chamas da lareira por noites de neve, e no seu leito com brocados, onde teria sempre mulheres.

215 De repente, tomado de uma ansiedade, teve pressa de carregar os alforjes. Já entre os troncos, a sombra se adensava. Puxou uma das éguas para junto do cofre — ergueu a tampa, tomou um punhado de ouro... E oscilou, largando os dobrões que retinlintaram no chão, levou as duas mãos aflitas ao peito.  
220 Que é, D. Ruy? Raios de Deus! era um lume, um lume vivo, que se lhe acendera dentro, lhe subia até às goelas. Já rasgara o gibão, atirava os passos incertos, e, a arquejar, com a língua pendente, limpava as grossas bagas de um suor horrendo que o regelava como neve. Oh Virgem Mãe! Outra vez o lume,  
225 mais forte, que alastrava, o roía! Gritou:

— Socorro! Alguém! Guanes! Rostabal!

Os seus braços torcidos batiam o ar desesperadamente. E a chama dentro galgava — sentia os ossos a estalarem como as traves de uma casa em fogo.

230 Cambaleou até à fonte para apagar aquela labareda, tropeçou sobre Rostabal; e foi com o joelho fincado no morto, arranhando a rocha, que ele, entre uivos, procurava o fio de água, recebia sobre os olhos, pelos cabelos. Mas a água mais o queimava, como se fosse um metal derretido. Recuou, caiu para  
235 cima da relva que arrancava aos punhados, e que mordia, mordendo os dedos, para lhe sugar a frescura. Ainda se er-



gueu, com uma baba densa a escorrer-lhe nas barbas: e de repente, esbugalhando pavorosamente os olhos, berrou, como se compreendesse enfim a traição, todo o horror:

240 — É veneno!

Oh, D. Ruy, o avisado, era veneno! Porque Guanes, apenas chegara a Retortilho, mesmo antes de comprar os alforjes, corra cantando a uma viela, por detrás da catedral, a comprar ao velho droguista judeu o veneno que misturado ao vinho o tornaria a ele e a ele somente, dono de todo o tesouro.

245 Anoiteceu. Dois corvos, dentre o bando que grasnava, além nas silvadas, já tinham pousado sobre o corpo de Guanes. A fonte cantando lava o outro morto. Meio enterrada na erva negra, toda a face de Ruy se tornara negra. Uma estrelinha  
250 tremeluziu no céu. O tesouro ainda lá está, na mata de Roquelanes.

245: [LI, LB, A e NA suprimem a conjunção “e”, DQ suprime “a ele e”.]

247: [*Sic.* Os editores anteriores, menos NA, modificam o texto para [nos silvados]. Embora a palavra não apareça nos dicionários imediatos, pode ser uma criação queirosiana, aqui particularmente estética.]

248: [Os editores anteriores, menos NA, modificam o texto para [lavava]. No entanto, o presente de narração aqui tem valor de imperfeito, e como que eterniza a acção da fonte.]

## AS Histórias. Frei Genebro

### I

5 Nesse tempo ainda vivia na sua solidão das montanhas da Úmbria o divino Francisco de Assis — e já por toda a Itália se louvava a santidade de frei Genebro, seu amigo e seu discípulo.

Frei Genebro, na verdade, completara a perfeição em todas as virtudes evangélicas. Pela abundância e perpetuidade da oração ele arrancava da sua alma as raízes mais miúdas do pecado, e tornava-a limpa e cândida como um desses celestes jardins em que o solo anda regado pelo Senhor, e onde só podem brotar açucenas. A sua penitência, durante vinte anos de claustro, fora tão dura e alta que já não temia o Tentador; e agora, só com o sacudir a manga do hábito, rechaçava as tentações, por mais pavorosas ou por mais deliciosas, como se fossem apenas moscas importunas. Benéfica e universal à maneira de um orvalho de Verão, a sua caridade não se derramava somente sobre as misérias do pobre, mas sobre as melancolias do rico. Na sua humilíssima humildade não se considerava nem o igual dum verme. Os bravios barões, cujas negras torres esmagavam a Itália, acolhiam reverentemente e curvando a cabeça este franciscano descalço e mal remendado que lhes

1: [In GN, Rio de Janeiro, 1894, ano XX, n.º 86, Quarta-feira 28 de Março, p. 1; n.º 87, Quinta-feira 29 de Março, p. 1. Recolhido por LI (Ct), sem o título “As histórias”., também suprimido em LB e NA, restabelecido em DQ. A não selecciona “Frei Genebro”, “transferido para a secção *Páginas Agiográficas*”.]

ensinava a mansidão. Em Roma, em S. João de Latrão, o Papa Honório beijara as feridas de cadeias que lhe tinham ficado nos pulsos, do ano em que na Mourama, por amor dos escravos, padecera a escravidão. E como nessas idades os anjos ainda viajavam na Terra, com as asas escondidas, arrimados a um bordão, muitas vezes, trilhando uma velha estrada pagã ou atravessando uma selva, ele encontrava um moço de inefável formosura, que lhe sorria e murmurava: — “Bons dias, irmão Genebro!”

Ora, um dia, indo este admirável mendicante de Spoleto para Terni, e avistando no azul e no sol da manhã, sobre uma colina coberta de carvalhos, as ruínas do castelo de Otofrid, pensou no seu amigo Egídio, antigo noviço como ele no Mosteiro de Santa Maria dos Anjos, que se retirara àquele ermo para se avizinhar mais de Deus, e ali habitava uma cabana de colmo, junto das muralhas derrocadas, cantando e regando as alfaces do seu horto, porque a sua virtude era amena. E como mais de três anos tinham passado desde que visitara o bom Egídio, largou a estrada, passou em baixo, no vale, sobre as alpondras, o riacho que fugia por entre os aloendros em flor, e começou a subir lentamente a colina frondosa. Depois da poeira e ardor do caminho de Spoleto, era doce a larga sombra dos castanheiros e a relva que lhe refrescava os pés doridos. A meia encosta, numa rocha onde se esguedelhavam silvados, sussurrava e luzia um fio de água. Estendido ao lado nas ervas húmidas, dormia, ressonando consoladamente, um homem, que decerto por ali guardava porcos, porque vestia um grosso surrão de couro e trazia pendurada da cinta uma buzina de porqueiro. O bom frade bebeu de leve, afugentou os moscardos que zumbiam sobre a rude face adormecida e contornou a trepar a colina com o seu alforge, o seu cajado, agradecendo ao Senhor aquela água, aquela sombra, aquela frescura, tantos bens inesperados. Em breve avistou, com efeito, o rebanho de porcos, espalha-

41: [GN: “alvoendros”.]

51: [Os editores anteriores alteram para [continuou]. Acho possível a seguinte construção: contornou a colina a trepar.]



55 dos sob as frondes, roncando e fossando as raízes, uns magros e agudos, de cerdas duras, outros redondos, com o focinho curto afogado em gordura, e os bacorinhos correndo em torno às tetas das mães, luzidios e cor-de-rosa.

60 Frei Genebro pensou nos lobos e lamentou o sono do pastor descuidado. No fim da mata começava a rocha, onde os restos do castelo lombardo se erguiam, revestidos de hera, conservando ainda alguma seteira esburacada sobre o céu, ou numa esquina de torre uma goteira que esticava o pescoço de dragão, espreitava por meio das silvas bravas.

65 A cabana do ermitão, telhada de colmo que lascas de pedra seguravam, apenas se percebia entre aqueles escuros granitos, pela horta que em frente verdejava, com os seus talhões de couve e estacas de feijoal, entre alfazema cheirosa. Egídio não andaria afastado porque sobre o murozinho de pedra solta ficara pousado o seu cântaro, o seu podão e a sua enxada. E docemente, para o não importunar, se àquela hora de sesta estivesse recolhido e orando, frei Genebro empurrou a porta de pranchas velhas, que não tinha loquete para ser mais hospitaleira.

75 — Irmão Egídio!

Do fundo da choça rude, que mais parecia cova de bicho, veio um lento gemido:

— Quem me chama? Aqui neste canto, neste canto, a morrer!... A morrer, meu irmão!

80 Frei Genebro acudiu em grande dó: encontrou o bom ermitão estirado num monte de folhas secas, encolhido em farrapos, e tão definhado que a sua face, outrora farta e rosada, era como um pedacinho de velho pergaminho muito enrugado, perdido entre os flocos das barbas brancas. Com infinita caridade e doçura o abraçou.

85 — E há quanto tempo, há quanto tempo neste abandono, irmão Egídio?

90 Louvado Deus, desde a véspera! Só na véspera, à tarde, depois de olhar uma derradeira vez para o sol e para a sua horta, se viera estender naquele canto para acabar... Mas havia meses que com ele entrara um cansaço, que nem podia segurar a bilha cheia quando voltava da fonte.

— E dizei, irmão Egídio, pois que o Senhor me trouxe, que posso eu fazer pelo vosso corpo? Pelo corpo, digo; que  
95 pela alma bastante tendes vós feito na virtude desta solidão!

Gemendo, arrepanhando para o peito as folhas secas em que jazia, como se fossem dobras dum lençol, o pobre ermitão murmurou:

— Meu bom frei Genebro, não sei se é pecado, mas toda  
100 esta noite, em verdade vos confesso, me apeteceu comer um pedaço de carne, um pedaço de porco assado!... Mas será pecado?

Frei Genebro, com a sua imensa misericórdia, logo o tranquilizou. Pecado? Não, certamente! Aquele que, por tortura,  
105 recusa ao seu corpo um contentamento honesto, desagrada ao Senhor. Não ordenava Ele aos seus discípulos que comessem as boas coisas da Terra? O corpo é servo; e está na vontade divina que as suas forças sejam sustentadas, para que preste ao espírito, seu amo, bom e leal serviço. Quando frei Silvestre, já  
110 tão doentinho, sentira aquele longo desejo de uvas moscatéis, o bom Francisco de Assis logo o conduziu à vinha, e por suas mãos lhe apanhou os melhores cachos, depois de os abençoar para serem mais sumarentos e mais doces...

— É um pedaço de porco assado que apeteceu? exclamava  
115 risonhamente o bom frei Genebro, acariciando as mãos transparentes do ermitão. Pois sossegai, irmão querido, que bem sei como vos vou contentar!

E imediatamente, com os olhos a reluzir de caridade, de amor, agarrou o afiado podão que pousava sobre o muro da  
120 horta. Arregaçando as mangas do hábito, e mais ligeiro que um gamo, porque era aquele um serviço do Senhor, correu pela colina até aos densos castanheiros onde encontrara o rebanho de porcos. E aí, andando sorrateiramente de tronco para tronco, surpreendeu um bacorinho desgarrado que fossava  
125 a bolota, desabou sobre ele, e, enquanto lhe sufocava o focinho e os gritos, decepou, com dois golpes certos do podão, a perna por onde o agarrara. Depois, com as mãos salpicadas

119: [GN: “de caridade de amor”.]



de sangue, a perna do porco bem alta a pingar sangue, deixando a rês a arquejar num poça de sangue, o piedoso homem galgou a colina, correu à cabana, gritou para dentro  
130 alegremente:

— Irmão Egídio, a peça de carne já o Senhor a deu! E eu, em Santa Maria dos Anjos, era bom cozinheiro.

Na horta do ermitão arrancou uma estaca do feijoal, que, com o podão sangrento, aguçou em espeto. Entre duas pedras  
135 acendeu uma fogueira. Com zeloso carinho assou a perna do porco. Tanta era a sua caridade que para dar a Egídio todos os antegostos daquele banquete, raro em terra de mortificação, anunciava com vozes festivas e de boa promessa:

— Já vai alourando o porquinho, irmão Egídio! A pele já  
140 tosta, meu santo!

Entrou enfim na choça, triunfalmente, com o assado que fumegava e rescendia, cercado de frescas folhas de alface. Ternamente ajudou a sentar o velho, que tremia e se babava de  
145 gula. Arredou das pobres faces maceradas os cabelos que o suor de fraqueza empastara. E para que o bom Egídio se não vexasse com a sua voracidade e tão carnal apetite, ia afirmando, enquanto lhe partia as febras gordas, que também ele comeria regaladamente daquele excelente porco, se não tivesse almoçado à farta na Locanda dos Três Caminhos.

— Mas nem bocado agora me podia entrar, meu irmão! Com uma galinha inteira me atochei! E depois uma fritada de ovos! E de vinho branco, um quartilho!

E o santo homem mentia santamente — porque desde  
155 madrugada não provara mais que um magro caldo de ervas, recebido por esmola à cancela de uma granja.

Farto, consolado, Egídio deu um suspiro, recaiu no seu leito de folha seca. Que bem lhe fizera, que bem lhe fizera! O Senhor, na Sua justiça, pagasse a seu irmão Genebro aquele  
160 pedaço de porco! Até sentia a alma mais rija para a temerosa jornada... E o ermitão com as mãos postas, Genebro ajoelhado, ambos louvaram ardentemente o Senhor que, a toda a necessidade solitária, manda de longe o socorro.

Então, tendo coberto Egídio com um pedaço de manta e  
165 posto a seu lado a bilha cheia de água fresca, e tapado contra



as aragens da tarde a fresta da cabana, frei Genebro, debruçado sobre ele, murmurou:

— Meu bom irmão, vós não podeis ficar neste abandono... Eu vou levado por obra de Jesus que não admite tardança. Mas  
170 passarei no convento de Sambricensa e darei recado para que um noviço venha e cuide de vós com amor, no vosso transe. Deus vos vele entretanto, meu irmão; Deus vos sossegue e vos ampare com a Sua mão direita!

Mas Egídio cerrara os olhos, nem se moveu, ou porque  
175 adormecera, ou porque o seu espírito, tendo pago aquele derradeiro salário ao corpo, como a um bom servidor, para sempre partira, finda a sua obra na Terra. Frei Genebro abençoou o velho, tomou o seu bordão, desceu a colina dos grandes carvalhos. Sob a fronde, para os lados onde andava o rebanho,  
180 a buzina do porqueiro ressoava agora num toque de alarme e de furor. Decerto acordara, descobrira o seu porco mutilado... Estugando o passo, frei Genebro pensava quanto era magnânimo o Senhor em permitir que o homem, feito à Sua imagem augusta, recebesse tão fácil consolação duma perna de cerdo  
185 assada entre duas pedras.

Retomou a estrada, marchou para Terni. E prodigiosa foi desde esse dia a actividade da sua virtude. Através de toda a Itália, sem descanso, pregou o Evangelho Eterno, adoçando a aspereza dos ricos, alargando a esperança dos pobres. O seu  
190 imenso amor ia ainda para além dos que sofrem, até àqueles que pecam, oferecendo um alívio a cada dor, estendendo um perdão a cada culpa: e com a mesma caridade com que tratava os leprosos, convertia os bandidos. Durante as invernias e a neve, vezes inumeráveis dava aos mendigos a sua túnica, as suas  
195 alpercatas; os abades dos mosteiros ricos, as damas devotas, de novo o vestiam, para evitar o escândalo da sua nudez através das cidades; e sem demora, na primeira esquina, ante qualquer esfarapado, ele se despojava sorrindo. Para remir servos que penavam sob um amo fero, penetrava nas igrejas, arrancava do altar

198: [GN: “servas”. É mantida a palavra por NA, no entanto a emenda dos outros editores parece mais adaptada ao contexto.]

200 os candelabros de prata, afirmando jovialmente que mais praz  
a Deus uma alma liberta que uma tocha acesa.

Cercado de viúvas, de crianças famintas, invadia as padarias, os açougues, até as tendas dos cambistas, e reclamava imperiosamente, em nome de Deus, a parte dos deserdados.  
205 Sofrer, sentir a humilhação, eram para ele as duas alegrias completas: nada o deliciava mais do que chegar de noite, molhado, esfaimado, tiritando, a uma opulenta abadia feudal, e ser repellido da portaria como um mau vagabundo; só então, agachado nos lodos do caminho, mastigando um punhado de ervas cruas,  
210 ele se reconhecia verdadeiramente irmão de Jesus, que não tivera também, como têm sequer os bichos do mato, um covil para se abrigar. Quando um dia, em Perúcia, as confrarias saíram ao seu encontro, com bandeiras festivas, ao repique dos sinos, ele correu para um monte de esterco, onde se rolou e se  
215 sujou para que daqueles que o vinham engrandecer só recebesse compaixão e escárnio. Nos claustros, nos descampados, em meio das multidões, durante as lides mais pesadas, orava constantemente, não por obrigação mas porque na prece encontrava um deleite adorável. Deleite maior, porém, era para o  
220 franciscano ensinar e servir. Assim, longos anos errou entre os homens, vertendo o seu coração como a água de um rio, oferecendo os seus braços como alavancas incansáveis; e tão depressa, numa ladeira deserta, aliviava uma pobre velha da sua carga de lenha, como numa cidade revoltada, onde reluzissem armas, se  
225 adiantava, com o peito aberto, e amansava as discórdias.

Enfim uma tarde, em véspera de Páscoa, estando a descansar nos degraus de Santa Maria dos Anjos, avistou de repente, no ar liso e branco, uma vasta mão luminosa que sobre ele se abria e faiscava. Pensativo, murmurou:

230 — “Eis a mão de Deus, a Sua mão direita, que se estende para me acolher ou para me repelir”. Deu logo a um pobre que ali rezava a Ave-Maria, com a sua sacola nos joelhos, tudo o que no mundo lhe restava, que era um volume do Evangelho, muito usado e manchado das suas lágrimas. No domingo,  
235 na igreja, ao levantar da Hóstia, desmaiou. Sentindo então que ia terminar a sua jornada terrestre, quis que o levassem para um curral, o deitassem sobre uma camada de cinzas.



Em santa obediência ao guardião do convento, consentiu que o limpassem dos seus trapos, lhe vestissem um hábito novo: 240 mas, com os olhos alagados de ternura, implorou que o enterrassem num sepulcro emprestado como fora o de Jesus, seu senhor.

E, suspirando, só se queixava de não sofrer. — “O Senhor, que tanto padeceu, porque me não manda a mim o padecimento bendito?” De madrugada pediu que abrissem, bem largo, o 245 portão do curral.

Contemplou o céu que clareava, escutou as andorinhas que, na frescura e silêncio, começavam a cantar sobre o beiral do telhado, e sorrindo recordou uma manhã, assim de silêncio e 250 frescura, em que, andando com Francisco de Assis à beira do lago de Perúsia, o mestre incomparável se detivera ante uma árvore cheia de pássaros, e fraternalmente lhes recomendara que louvassem sempre o Senhor! «Meus irmãos, meus irmãos passarinhos, cantai bem o vosso Criador que vos deu essa ár- 255 vore para que nela habiteis, e toda esta limpa água para nela beber, e essas penas bem quentes para vos agasalharem, a vós e aos vossos filhinhos!» Depois, beijando humildemente a manga do monge que o amparava, frei Genebro morreu.

## II

Logo que ele cerrou os seus olhos carnaís, um grande Anjo penetrou diafanamente no curral e tomou nos braços a alma de frei Genebro. Durante um momento, na fina luz da madrugada, deslizou por sobre o prado fronteiro tão levemente que nem roçava as pontas orvalhadas da relva alta. Depois, abrindo 260 as asas, radiantes e níveas, transpôs, num voo sereno, as nuvens, os astros, todo o céu que os homens conhecem.

Aninhada nos seus braços, como na doçura de um berço, a alma de Genebro conservava a forma do corpo que sobre a terra ficara; o hábito franciscano ainda a cobria, com um resto de poeira e de cinza nas pregas rudes; e, com um olhar novo, 270 que agora tudo trespassava e tudo compreendia, ela contemplava num deslumbramento aquela região em que o Anjo parava,



para além dos universos transitórios e de todos os rumores siderais. Era um espaço sem limite, sem contorno e sem cor. 275 Por cima começava uma claridade, subindo espalhada à maneira duma aurora, cada vez mais branca e mais luzente, e mais radiante, até que resplandecia num fulgor tão sublime que nela um sol coruscante seria como uma nódoa pardacenta. E por baixo estendia-se uma sombra cada vez mais baça, mais fusca, 280 mais cinzenta, até que formava como um espesso crepúsculo de parada, insondável tristeza. Entre essa refulgência ascendente e a escuridão inferior, permanecera o Anjo imóvel, esperando, com as asas fechadas. E a alma de Genebro perfeitamente sentia que estava ali, esperando também, entre o Purgatório e 285 o Paraíso.

Então, subitamente, nas alturas, apareceram os dois imensos pratos duma balança — um que rebrilhava como diamante e era reservado às suas Boas Obras, outro, negrejando mais que carvão, para receber o peso das suas Obras Más. Entre os 290 braços do Anjo, a alma de Genebro estremeceu... Mas o prato diamantino começou a descer lentamente. Oh! contentamento e glória! Carregado com as suas Boas Obras, ele descia, calmo e majestoso, espargindo claridade. Tão pesado vinha que as suas grossas cordas se retesavam, rangiam. E entre elas, formando 295 como uma montanha de neve, alvejavam magnificamente as suas virtudes evangélicas. Lá estavam as incontáveis esmolas que semeara no mundo, agora desabrochadas em alvas flores, cheias de aroma e de luz.

A sua humildade era um cimo, aureolado por um clarão. 300 Cada uma das suas penitências cintilava mais limpidamente que cristais puríssimos. E a sua oração perene subia e enrolava-se em torno das cordas, à maneira duma deslumbrante névoa de ouro.

Sereno, tendo a majestade de um astro, o prato das Boas 305 Obras parou, finalmente, com a sua carga preciosa. O outro, lá em cima, não se movia também, negro da cor do carvão, inútil, esquecido, vazio. Já das profundidades, sonoros bandos de Serafins voavam, balançando palmas verdes. O pobre franciscano ia entrar triunfantemente no Paraíso — e aquela era 310 a milícia divina que o acompanharia cantando. Um frémito de

alegria passou na luz do Paraíso que um Santo novo enriquecia. E a alma de Genebro anteprovou as delícias da Bem-Aventura.

315 Subitamente, porém, no alto, o prato negro oscilou como a um peso inesperado que sobre ele caísse! E começou a descer, duro, temeroso, fazendo uma sombra dolente através da celestial claridade. Que Má Acção de Genebro trazia ele, tão miúda que nem se avistava, tão pesada que forçava o prato luminoso a subir, remontar ligeiramente, como se a montanha de Boas  
320 Acções, que nele transbordavam, fosse um fumo mentiroso? Oh! mágoa, oh! desesperança! Os Serafins recuavam, com as asas trementes. Na alma de frei Genebro correu um arrepio imenso de terror. O negro prato descia firme, inexorável, com as cordas retesas. E na região que se cavava sob os pés do Anjo,  
325 cinzenta, de inconsolável tristeza, uma massa de sombra, molemente e sem rumor, arfou, cresceu, rolou, como a onda duma maré devoradora.

O prato, mais triste que a noite, parara — parara em pavoroso equilíbrio com o prato que rebrilhava. E os Serafins,  
330 Genebro, o Anjo que o trouxera, descobriram, no fundo daquele prato que inutilizava um Santo, um porco, um pobre porquinho com uma perna barbaramente cortada, arquejando, a morrer, numa poça de sangue... O animal mutilado pesava tanto na balança da justiça como a montanha luminosa de virtudes perfeitas!  
335

Então, das alturas, surgiu uma vasta mão, abrindo os dedos que faiscavam. Era a mão de Deus, a Sua mão direita, que aparecera a Genebro na escada de Santa Maria dos Anjos, e que agora supremamente se estendia para o acolher ou para o  
340 repelir. Toda a luz e toda a sombra, desde o Paraíso fulgente ao Purgatório crepuscular, se contraíram num recolhimento de inexprimível amor e terror. E na extática mudez, a vasta mão, através das alturas, lançou um gesto que repelia...

Então o Anjo, baixando a face compadecida, alargou os  
345 braços e deixou cair na escuridão do Purgatório a alma de frei Genebro.

## O Defunto

### I

No ano de 1474, que foi por toda a cristandade tão abundante em mercês divinas, reinando em Castela el-rei Henrique IV, veio habitar na cidade de Segóvia, onde herdara moradias e uma horta, um cavaleiro moço, de muito limpa linhagem e gentil parecer, que se chamava D. Ruy de Cardenas.

Essa casa, que lhe legara seu tio, arcediago e mestre em cânones, ficava ao lado e na sombra silenciosa da Igreja de Nossa Senhora do Pilar; e, em frente, para além do adro, onde cantavam as três bicas de um chafariz antigo, era o escuro e gradeado palácio de D. Alonso de Lara, fidalgo de grande riqueza e maneiras sombrias, que já na madureza da sua idade, todo grisalho, desposara uma menina falada em Castela pela sua alvura, cabelos cor de sol claro, e colo de garça real. D. Ruy tivera justamente por madrinha, ao nascer, Nossa Senhora do Pilar, de quem sempre se conservou devoto e fiel servidor; ainda que, sendo de sangue bravo e alegre, amava as armas, a

1: [*In* GN, Rio de Janeiro, Ano XXI, n.º 219, Quarta-feira 7 de Agosto, p. 1; n.º 220, Quinta-feira 8 de Agosto, p. 1; n.º 221, Sexta-feira 9 de agosto, p. 1; n.º 222, Sábado 10 de Agosto, p. 1; n.º 223, Domingo 11 de Agosto, p. 1; n.º 224, Segunda-feira 12 de Agosto, p. 1; n.º 225, Terça-feira 13 de Agosto, p. 1; n.º 226, Quarta-feira 14 de Agosto, p. 1; n.º 227, Quinta-feira 15 de Agosto, p. 1; n.º 228, Sexta-feira 16 de Agosto, p. 1. Recolhido por LI (Ct).]

7: ]Manteve-se a ortografia espanhola. Cf. “O Tesouro.” / [A ortografia castelhana seria [Cárdenas].]



20 caça, os saraus bem galanteados, e mesmo por vezes uma noite ruidosa de taverna com dados e pichéis de vinho. Por amor, e pelas facilidades desta santa vizinhança, tomara ele o piedoso costume, desde a sua chegada a Segóvia, de visitar todas as manhãs, à hora de Prima, a sua divina Madrinha e de lhe pedir, em três Ave-Marias, a bênção e a graça.

25 Ao escurecer, mesmo depois de alguma rija correria por campo e monte com lebréus ou falcão, ainda voltava para a saudação de Vésperas, murmurar docemente uma Salve-Rainha.

30 E todos os domingos comprava no adro a uma ramalheteira mourisca, algum ramo de junquinhos ou cravos ou rosas singelas, que espalhava, com ternura e cuidado galante, em frente ao altar da Senhora.

A esta venerada igreja do Pilar vinha também cada domingo D. Leonor, a tão falada e formosa mulher do senhor de Lara, acompanhada por uma aia carrancuda, de olhos mais abertos e duros que os de uma coruja, e por dois possantes lacaios que a ladeavam e guardavam como torres. Tão ciumento era o Sr. D. Alonso que só por lho haver severamente ordenado o seu confessor, e com medo de ofender a Senhora, sua vizinha, permitia esta visita fugitiva, a que ele ficava espreitando sofregamente dentre as rexas de uma gelosia os passos e a demora. Todos os lentos dias da lenta semana os passava a senhora D. Leonor no encerro do gradeado solar de granito negro, não tendo, para se recrear e respirar, mesmo nas calmas do Estio, mais que um fundo de jardim verde-negro, cercado de tão altos muros, que apenas se avistava, emergindo deles, aqui, além, alguma ponta de triste cipreste. Mas essa curta visita a Nossa Senhora do Pilar bastou para que D. Ruy se namorasse dela, tresloucadamente, na manhã de Maio em que a viu de joelhos ante o altar, numa réstia de sol, aureolada pelos seus cabelos de ouro, com as compridas pestanas pendidas sobre o Livro de Horas, o rosário caindo dentre os dedos finos, fina toda ela e macia, e branca, de uma brancura de lírio aberto na sombra, mais branca entre as rendas negras e os negros cetins que à volta do seu corpo cheio de graça se quebravam, em pregas duras sobre as lajes da capela, velhas lajes de sepulturas. Quando depois dum momento de enleio e de delicioso

60 pasmo se ajoelhou, foi menos para a Virgem do Pilar, sua divina Madrinha, do que para aquela aparição mortal, de quem não sabia o nome nem a vida, e só que por ela daria vida e nome, se ela se rendesse por tão incerto preço. Balbuciando, com uma pressa ingrata, as três *Ave-Marias* com que cada manhã saudava Maria, apanhou o seu sombreiro, desceu levemente a nave sonora e no portal se quedou, esperando por ela entre os mendigos lazarentos que se catavam ao sol. Mas, quando ao  
65 cabo de um tempo em que D. Ruy sentiu no coração um desusado bater de ansiedade e medo, a senhora D. Leonor passou e se deteve, molhando os dedos na pia de mármore de água benta, os seus olhos, sob o véu descido, não se ergueram para ele, ou tímidos ou desatentos. Com a aia de olhos muito  
70 abertos colada aos vestidos, entre os dois lacaios, como entre duas torres, atravessou vagorosamente o adro, pedra por pedra, gozando decerto, como encarcerada, o desafogado ar e o livre sol que o inundavam. E foi um espanto para D. Ruy quando ela penetrou na sombria arcada, de grossos pilares, sobre que  
75 assentava o palácio, e desapareceu por uma esguia porta recoberta de ferragens. Era, pois, essa a tão falada D. Leonor, a linda e nobre senhora de Lara...

Então começaram sete arrastados dias, que ele gastou sentado a um poial da sua janela, considerando aquela negra porta recoberta de ferragens e como se fosse a do Paraíso, e por ela  
80 devesse sair um anjo para lhe anunciar a Bem-Aventura. Até que chegou o vagaroso domingo: e passando ele no adro, à hora de Prima, ao repicar dos sinos, com um molho de cravos amarelos para a sua divina Madrinha, cruzou D. Leonor, que saía dentre os pilares da escura arcada, branca, doce e pensativa, como uma lua dentre nuvens. Os cravos quase lhe caíram naquele gostoso alvoroço em que o peito lhe arfou mais  
85 que um mar, e a alma toda lhe fugiu em tumulto através do

61: [GN: “prec”. Embora se possa ler [prece], não se concilia bem com o subsequente “as três Ave-Marias”. Adoptou-se, pois, a leitura dos editores anteriores.]

62: [O “a” é manifestamente acentuado no texto-base, como preposicional, no entanto parece mais lógico propor um “a” sem acento, como artigo; aliás mais abaixo lê-se “D. Leonor descia a nave”.]



90 olhar com que a devorava. E ela ergueu também os olhos para  
 D. Ruy, mas uns olhos repousados, uns olhos serenos, em que  
 não luzia curiosidade, nem mesmo consciência de se estarem  
 trocando com outros tão acesos e enegrecidos pelo desejo.  
 O moço cavaleiro não entrou na igreja, com o piedoso receio  
 95 de não prestar à sua Madrinha divina a atenção, que decerto  
 lhe roubaria toda aquela que era só humana, mas dona já do  
 seu coração e nele divinizada.

Esperou sofregamente à porta, entre os mendigos, secando  
 os cravos com o ardor das mãos trémulas, pensando quanto  
 era demorado o rosário que ela rezava. Ainda D. Leonor des-  
 100 cia a nave, já ele sentia dentro da alma o doce rugir das sedas  
 fortes que ela arrastava nas lajes. A branca senhora passou — e  
 o mesmo distraído olhar, desatento e calmo, que espalhou pelos  
 mendigos e pelo adro, o deixou escorregar sobre ele, ou por-  
 que não compreendesse aquele moço que de repente se tornara  
 105 tão pálido, ou porque o não diferenciava ainda das coisas e das  
 formas indiferentes.

D. Ruy abalou, com um fundo suspiro; e no seu quarto,  
 pôs devotamente ante a imagem da Virgem as flores que não  
 oferecera, na igreja, ao seu altar. Toda a sua vida se tornou  
 110 então um longo queixume por sentir tão fria e desumana aque-  
 la mulher, única entre as mulheres, que prendera e tornara  
 sério o seu coração ligeiro e errante. Numa esperança, a que  
 antevia bem o desengano, começou a rondar os muros altos do  
 jardim — ou empuçado numa capa, com o ombro contra uma  
 115 esquina, lentas horas se quedava contemplando as grades das  
 gelosias, negras e grossas como as dum cárcere. Os muros não  
 se fendiam, das grades não saía sequer um rasto de luz prome-  
 tedora. Todo o solar era como um jazigo onde jazia uma in-  
 sensível e por trás das frias pedras ainda havia um frio peito.  
 120 Para se desapegar compôs, com piedoso cuidado, em noites  
 veladas sobre o pergaminho, trovas gementes que o não desa-

120: [Nos editores anteriores: “desafogar”. De facto, “desapegar” também signifi-  
 ca, como “despegar”, aliás, “desafeiçoar, tornar-se menos afeiçoado”. Julgo que, sendo a  
 leitura claríssima, pode manter-se.]



fogavam. Diante do altar da Senhora do Pilar, sobre as mesmas lajes onde a vira ajoelhada, pousava ele os joelhos, e ficava, sem palavras de oração, num cismar amargo e doce, esperando que o seu coração serenasse e se consolasse sob a  
125 influência d'Aquela que tudo consola e serena. Mas sempre se erguia mais desditoso e tendo apenas a sensação de quanto eram frias e rígidas as pedras sobre que ajoelhara. O mundo todo só lhe parecia conter rigidez e frieza.

130 Outras claras manhãs de domingo encontrou D. Leonor: e sempre os olhos dela permaneciam descuidados e como esquecidos, ou quando se cruzavam com os seus era tão singelamente, tão limpos de toda a emoção, que D. Ruy os preferiria ofendidos e faiscando de ira, ou soberbamente desviados com  
135 soberbo desdém. Decerto D. Leonor já o conhecia: — mas assim conhecia também a ramalheteira mourisca agachada diante do seu cesto à beira da fonte; ou os pobres que se catavam ao sol diante do portal da Senhora. Nem D. Ruy já podia pensar que ela fosse desumana e fria. Era apenas soberanamente remota,  
140 como uma estrela que nas alturas gira e refulge, sem saber que, em baixo, num mundo que ela não distingue, olhos que ela não suspeita a contemplam, a adoram e lhe entregam o governo da sua ventura e sorte.

Então D. Ruy pensou:

145 — Ela não quer, eu não posso, foi um sonho que findou, e Nossa Senhora a ambos nos tenha na sua graça!

E como era cavaleiro muito discreto, desde que a reconheceu assim inabalável na sua indiferença, não a procurou, nem sequer ergueu mais os olhos para as grades das suas janelas, e  
150 até nem penetrava na igreja de Nossa Senhora quando casualmente, do portal, a avistava ajoelhada, com a sua cabeça tão cheia de graça e de ouro, pendida sobre o Livro de Horas.

## II

155 A velha aia, de olhos mais abertos e duros que os de uma coruja, não tardara em contar ao senhor de Lara que um moço audaz, de gentil parecer, novo morador nas velhas casas do

arcediogo, constantemente se atravessava no adro, se postava diante da igreja para atirar o coração pelos olhos à senhora D. Leonor. Bem amargamente o sabia já o ciumento fidalgo, porque quando da sua janela espreitava, como um falcão, a airoso senhora a caminho da igreja, observara os giros, as esperas, os olhares dardejados daquele moço galante, — e puxara as barbas de furor. Desde então, na verdade, a sua mais intensa ocupação era odiar D. Ruy, o impudente sobrinho do cónego, que ousava erguer o seu baixo desejo até à alta senhora de Lara. Constantemente agora o trazia vigiado por um serviçal — e conhecia todos os seus passos e pousos, e os amigos com quem caçava ou folgava, e até quem lhe talhava os gibões, e até quem lhe polia a espada, e cada hora do seu viver. E mais ansiosamente ainda vigiava D. Leonor — cada um dos seus movimentos, os mais fugitivos modos, os silêncios e o conversar com as aias, as distrações sobre o bordado, o jeito de cismar sob as árvores do jardim, e o ar e a cor com que recolhia da igreja... Mas tão inalteradamente serena no seu sossego de coração se mostrava a senhora D. Leonor que nem o ciúme mais imaginador de culpas poderia achar manchas naquela pura neve. Redobradamente áspero então se voltava o rancor de D. Alonso contra o sobrinho do cónego por ter apetecido aquela pureza, e aqueles cabelos cor de sol claro, e aquele colo de garça real, que eram só seus, para esplêndido gosto da sua vida. E quando passeava na sombria galeria do solar, sonora e toda de abóbada, embrulhado na sua samarra orlada de peles, com o bico da barba grisalha espetado para diante, a grenha crespa eriçada para trás e os punhos, cerrados, era sempre remoendo o mesmo fel:

— Tentou contra a virtude dela, tentou contra a minha honra... É culpado por duas culpas e merece duas mortes!

Mas ao seu furor quase se misturou um terror, quando soube que D. Ruy já não esperava no adro a senhora D. Leonor, nem rondava amorosamente os muros do palacete, nem penetrava na igreja quando ela lá rezava, aos domingos; e que tão inteiramente se alheava dela que uma manhã, estando rente da arcada, e sentindo bem ranger e abrir a porta por onde a senhora ia aparecer, permanecera de costas voltadas, sem se



195 mover, rindo com um cavaleiro gordo que lhe lia um pergami-  
nho. Tão bem afectada indiferença só servia decerto (pensou  
D. Alonso) a esconder alguma bem danada tenção! Que trama-  
va ele, o destro enganador? Tudo no desabrido fidalgo se exa-  
cerbou — ciúme, rancor, vigilância, pesar da sua idade grisalha  
200 e feia. No sossego de D. Leonor suspeitou manha e fingimen-  
to; — e imediatamente lhe vedou as visitas à Senhora do Pilar.

Nas manhãs costumadas corria ele à igreja para rezar o  
rosário, a levar as desculpas de D. Leonor — «*que no puede venir*  
(murmurava curvado diante do altar) *por lo que sabéis, Virgen*  
205 *purísima!*» Cuidadosamente visitou e reforçou todos os negros  
ferrolhos das portas do seu solar.

De noite soltava dois mastins nas sombras do jardim  
murado.

À cabeceira do vasto leito, junto da mesa onde ficava a  
210 lâmpada, um relicário e o copo de vinho quente com canela e  
cravo para lhe retemperar as forças, — luzia sempre uma gran-  
de espada nua. Mas, com tantas seguranças, mal dormia, — e a  
cada instante se solevava em sobressalto dentre as fundas almo-  
fadas, agarrando a senhora D. Leonor com mão bruta e sôfre-  
215 ga, que lhe pisava o colo, para rugir muito baixo, numa ânsia:  
«Dize que me queres só a mim, só a mim!...» Depois, com a  
alvorada, lá se empoleirava a espreitar como um falcão, as ja-  
nelas de D. Ruy. Nunca o avistava, agora, nem cruzando o  
adro, nem à porta da igreja às horas de missa, nem recolhendo  
220 do campo a cavalo, ao toque de Ave-Marias.

E por o sentir assim sumido dos sítios e giros costuma-  
dos — é que mais o suspeitava dentro do coração de D. Leonor.

Enfim, uma noite, depois de muito trilhar o lajedo da  
galeria, removendo surdamente desconfianças e ódios, gritou  
225 pelo intendente e ordenou que se preparassem trouxas e caval-  
gaduras. Cedo, de madrugada, partiria, com a senhora D. Leo-  
nor, para a sua herdade de Cabril, a duas léguas de Segóvia!

215: [GN: “pesava”.]

217: [GN: “empoleira”.]

224: [Nos editores anteriores, menos NA: “remoendo”. De facto, “remover” tam-  
bém quer dizer “agitar”, e sendo a leitura claríssima, não vejo porque modificá-la.]



A partida não foi de madrugada, como uma fuga de avaro que vai esconder longe o seu tesouro: — mas realizada com  
 230 aparato e demora, ficando a liteira diante da arcada, a esperar longas horas, de cortinas abertas, enquanto um cavaleiro pas-  
 seava pelo adro a mula branca do fidalgo, axaielada à mourisca, e do lado do jardim a rédua de machos, carregados de baús,  
 presos às argolas, sob o sol e a mosca, aturdiam a viela com o  
 235 tilintar dos guizos. Assim D. Ruy soube a jornada do senhor de Lara; — e assim a soube toda a cidade.

Fora um grande contentamento para D. Leonor, que gostava de Cabril, dos seus viçosos pomares e jardins, para onde  
 abriam, rasgadamente e sem grades, as janelas dos seus aposen-  
 240 tos claros: aí ao menos tinha largo ar, pleno sol, e alegretes a regar, um viveiro de pássaros, e tão compridas ruas de loureiro  
 ou teixo, que eram quase a liberdade. E depois esperava que no campo se aligeirassem aqueles cuidados que traziam nos  
 derradeiros tempos tão enrugado e taciturno seu marido e se-  
 245 nhor. Mas não logrou esta esperança, porque ao cabo de uma semana ainda se não desanuviara a face de D. Alonso; — nem decerto havia frescura de arvoredos, sussurros de águas corren-  
 tes, ou aromas esparsos nos rosais em flor, que calmassem agitação tão amarga e funda. Como em Segóvia, na galeria  
 250 sonora de grande abóbada, sem descanso passava, enterrado na sua samarra, com o bico da barba espetado para diante, a grenha  
 basta eriçada para trás, e um jeito de arreganhar silenciosamente o beijo, como se meditasse maldades a que gozava de ante-  
 mão o sabor acre. E todo o interesse da sua vida se concentra  
 255 ra num serviço, que constantemente galopava entre Segóvia e Cabril, e que ele por vezes esperara ao começo da aldeia, junto  
 ao Cruzeiro, ficando a escutar o homem que desmontava, ofegante, e logo lhe dava novas apressadas.

Uma noite em que D. Leonor, no seu quarto, rezava  
 260 o terço com as aias, à luz duma tocha de cera, o senhor de Lara entrou, muito vagarosamente, trazendo na mão uma folha  
 de pergaminho e uma pena mergulhada no seu tinteiro de

256: [Nos editores anteriores, menos NA: “esperava”.]

osso. Com um rude aceno despediu as aias, que o temiam  
como a um lobo. E, empurrando um escabelo para junto da  
265 mesa, volvendo para D. Leonor a face a que impusera tran-  
quilidade e agrado, como se apenas viesse por coisas naturais  
e fáceis:

— Senhora, quero que me escrevais aqui uma carta que  
muito convém escrever...

270 — Tão acostumada era nela a submissão, que, sem outro re-  
paro ou curiosidade, indo apenas pendurar da barra do leito o  
rosário em que rezara, se acomodou sobre o escabelo, e os seus  
dedos finos, com muita aplicação, para que a letra fosse esme-  
rada e clara, traçaram a primeira linha curta que o senhor de  
275 Lara ditara e que era: «*Meu cavaleiro...*» Mas quando ele ditou  
a outra, mais longa, e dum modo amargo, D. Leonor arrojou  
a pena como se a pena a escaldasse, e, recuando da mesa, gri-  
tou, numa aflição:

— Senhor, para que convém que eu escreva tais coisas, e  
280 tão falsas?...

Num brusco furor, o senhor de Lara arrancou do cinto  
um punhal, que lhe agitou junto à face, rugindo surdamente:

— Ou escreveis o que vos mando e que a mim me con-  
vém, ou, por Deus, que vos varo o coração!...

285 Mais branca que a cera da tocha que os alumiaava, com a  
carne arrepiada ante aquele ferro que luzia, num tremor supre-  
mo e que tudo aceitava, D. Leonor murmurou:

— Pela Virgem Maria, não me façais mal!... Nem vos  
agasteis, senhor, que eu vivo para vos obedecer e servir... Agora,  
290 mandai, que eu escreverei.

Então, com os punhos cerrados nas bordas da mesa, onde  
pousava o punhal, esmagando a frágil e desditosa mulher sob  
o olhar duro que fuzilava, o senhor de Lara ditou, atirou  
roucamente, aos pedaços, aos repelões, uma carta que dizia,  
295 quando finda e traçada em letra bem incerta e trémula: — «Meu

292: [Nos editores anteriores, menos NA: “pousara”. Note-se que, sendo a leitura claríssima, no texto da GN o sujeito de “pousava” é “o punhal” (sentido de “pousar” como “repousar”), enquanto na leitura “pousara”, o sujeito é D. Alonso.]



cavaleiro. — Muito mal haveis compreendido, ou muito mal pagais o amor que vos tenho, e que não vos pude nunca, em Segóvia, mostrar claramente...

300 Agora aqui estou em Cabril, ardendo por vos ver; e se o vosso desejo corresponde ao meu, bem facilmente o podeis realizar, pois que meu marido se acha ausente noutra herdade, e esta de Cabril toda fácil e aberta. Vinde esta noite, entrai pela porta do jardim, do lado da azinhaga, passando o tanque, até ao terraço. Aí avistareis uma escada encostada a uma janela  
305 da casa, que é a janela do meu quarto, onde sereis bem docemente agasalhado por quem ansiosamente vos espera...»

— Agora, senhora, assinaí por baixo o vosso nome, que isso sobretudo convém!

310 D. Leonor traçou vagarosamente o seu nome, tão vermelha como se a despissem diante duma multidão.

— E agora, (ordenou o marido mais surdamente, através dos dentes cerrados) endereçai a D. Ruy de Cardenas!

Ela ousou erguer os olhos, na surpresa daquele nome desconhecido.

315 — Andai!... A D. Ruy de Cardenas! gritou o homem sombrio.

E ela endereçou a sua desonesta carta a D. Ruy de Cardenas.

320 D. Alonso meteu o pergaminho no cinto, junto ao punhal que embainhara, e saiu, em silêncio, com a barba espetada, abafando o rumor dos passos nas lajes do corredor. Ela ficara sobre o escabelo, as mãos cansadas e caídas no regaço, num infinito espanto, o olhar perdido na escuridão da noite quente. Menos escura lhe parecia a morte que essa escura aventura em  
325 que se sentia envolvida e levada! Quem era esse D. Ruy de Cardenas, de quem nunca ouvira, que nunca atravessara a sua vida, vida tão quieta, tão pouco povoada de memórias e de homens? E ele decerto a conhecia, a encontrara, a seguira ao menos com os olhos, pois que era coisa natural e bem ligada  
330 receber dela carta de tanta paixão e promessa.

Assim, um homem, e moço, decerto bem nascido, talvez gentil, penetrava no seu destino bruscamente, trazido pela mão de seu marido! Tão intimamente mesmo se entranhara esse



335 homem na sua vida, sem que ela se apercebesse, que já para ele se abria de noite a porta do seu jardim, e contra a sua janela, para ele subir, se arrumava de noite uma escada!... E era seu marido que muito secretamente escancarava a porta, e muito secretamente levantava a escada... Para quê?...

Então, num relance, D. Leonor compreendeu a verdade, a vergonhosa verdade, que lhe arrancou um grito ansiado e mal sufocado. Era uma cilada! O senhor de Lara atraía [a] Cabril esse D. Ruy com uma promessa magnífica, para dele se apoderar, e decerto o matar, indefeso e solitário! E ela, o seu amor, o seu corpo eram as promessas que se faziam rebrilhar ante os olhos seduzidos do moço desventuroso. Assim seu marido usava a sua beleza, o seu leito, como a rede de ouro em que devia cair aquela presa estouvada. Onde houvesse maior ofensa? E também quanta imprudência! Bem poderia esse D. Ruy de Cardenas desconfiar, não aceder a convite tão abertamente amoroso, e depois mostrar por toda a Segóvia, rindo e triunfando, aquela carta em que lhe fazia oferta do seu leito e do seu corpo a mulher de Alonso de Lara! Mas não! O desventurado correria a Cabril, e para morrer, miseravelmente morrer, no negro silêncio da noite, sem padre, nem sacramentos, com a alma encharcada em pecado de amor! Para morrer, decerto — porque nunca o senhor de Lara permitiria que vivesse o homem que recebera tal carta. Assim, aquele moço morria por amor dela, e por um amor que sem lhe valer nunca um gosto lhe valia logo a morte! Decerto por amor dela — pois que tal ódio do senhor de Lara, ódio que com tanta deslealdade e vilania se cevava, só podia nascer de ciúmes brutos, feros ciúmes, que lhe escureciam todo o dever de cavaleiro e de cristão. Sem dúvida ele surpreendera olhares, passos, tenções deste senhor D. Ruy, mal acautelado por bem namorado.

365 Mas como? quando? Confusamente se lembrava ela de um moço que um domingo a cruzara no adro, a esperara ao portal da igreja, com um molho de cravos na mão... Seria esse? Era de nobre parecer, muito pálido, com grandes olhos negros e

366: [GN: “cruzava” e “esperava”.]

quentes. Ela passara — nem pensara... Os cravos que segurava  
 370 na mão eram vermelhos e amarelos... A quem os levava?...  
 Ah! se pudesse avisar, bem cedo, de madrugada!

Como, se não havia em Cabril serviçal ou aia de quem se  
 fiasse? Mas deixar que uma bruta espada varasse traiçoeiramen-  
 te aquele coração, que vinha cheio dela, palpitando por ela,  
 375 todo na esperança dela!...

Oh! a desabrida e ardente correria de D. Ruy, desde Segóvia  
 a Cabril, com a promessa do encantador jardim aberto, da  
 escada posta contra a janela, sob a nudez e protecção da noite!  
 Mandaria realmente o senhor de Lara encostar uma escada à  
 380 janela? Decerto, para, com mais facilidade, o poderem matar,  
 pobre, e doce, e inocente moço, quando ele subisse, mal segu-  
 ro sobre um frágil degrau, as mãos embaraçadas, a espada a  
 dormir na bainha... E assim, na outra noite, em face ao seu  
 leito, a sua janela estaria aberta, e uma escada erguida contra a  
 385 sua janela, à espera de um homem! Emboscado na sombra do  
 quarto, seu marido seguramente mataria esse homem...

Mas se o senhor de Lara esperasse fora dos muros da quinta,  
 assaltasse brutalmente, nalgunha azinhaga, aquele D. Ruy de  
 Cardenas, e, ou por menos destro, ou por menos forte, num  
 390 terçar de armas, caísse ele trespassado, sem que o outro conhe-  
 cesse a quem matara? E ela, ali, no seu quarto, sem saber, e  
 todas as portas abertas, e a escada erguida, e aquele homem  
 assomando à janela na sombra macia da noite tépida, e o ma-  
 rido que a devia defender morto no fundo duma azinhaga...  
 395 Que faria ela, Virgem Mãe? Oh! decerto repeliria, soberbamen-  
 te, o moço temerário. Mas o espanto dele e a cólera do seu  
 desejo enganado! «Por vós é que eu vim chamado, senhora!»  
 E ali trazia, sobre o coração, a carta dela, com o seu nome, que  
 a sua mão traçara. Como lhe poderia contar a emboscada e o  
 400 dolo? E tão longo de contar, naquele silêncio e solidão da noite,  
 enquanto os olhos dele, húmidos e negros, a estivessem supli-  
 cando e trespassando... Desgraçada dela se o senhor de Lara  
 morresse, a deixasse solitária, sem defesa, naquela vasta casa  
 aberta! Mas quanto desgraçada também se aquele moço, cha-  
 405 mado por ela, e que a amava, e que por esse amor vinha cor-  
 rendo deslumbradamente, encontrasse a morte no sítio da sua

esperança, que era o sítio do seu pecado, e, morto em pleno pecado, rolasse para a eterna desesperança... Vinte e cinco anos teria ele — se era o mesmo de quem se lembrava, pálido, e tão airoso, com um gibão de veludo roxo e um ramo de cravos na  
410 mão, à porta da igreja, em Segóvia...

Duas lágrimas saltaram dos cansados olhos de D. Leonor. E dobrando os joelhos, levantando a alma toda para o céu, onde a lua se começava a levantar, murmurou, numa infinita  
415 mágoa e fé:

— Oh! Santa Virgem do Pilar, Senhora minha, vela por nós ambos, vela por todos nós!...

### III

D. Ruy entrava, pela hora da calma, no fresco pátio da sua casa, quando de um banco de pedra, na sombra, se ergueu  
420 um moço do campo, que tirou de dentro do surrão uma carta, lha entregou, murmurando:

— Senhor, dai-vos pressa em ler, que tenho de voltar a Cabril, a quem me mandou...

D. Ruy abriu o pergaminho, e no deslumbramento que o tomou, bateu com ele contra o peito, como para o enterrar no  
425 coração...

O moço do campo insistia, inquieto:

— Aviai, senhor, aviai! Nem precisais responder, e só que  
430 me deis um sinal de vos ter vindo o recado...

Muito pálido, D. Ruy arrancou uma das luvas bordadas a retrós, que o moço enrolou e sumiu no surrão. E abalava na ponta das alpercatas leves. Com um aceno, D. Ruy ainda o  
deteve:

435 — Escuta. Que caminho tomas tu para Cabril?

— O mais curto e sozinho para gente afoita, que é pelo Cerro dos Enforcados.

— Bem.

D. Ruy galgou as escadas de pedra, e no seu aposento, sem  
440 mesmo tirar o sombreiro, de novo leu junto da gelosia aquele pergaminho divino, em que D. Leonor o chamava de noite ao



seu quarto, à posse inteira do seu ser. E não o maravilhava esta oferta — depois de uma tão constante, imperturbada indiferença. Antes nela logo percebeu um amor muito astuto, por ser  
445 muito forte, que com grande paciência se esconde ante os estorvos e os perigos, e mudamente prepara a sua hora de contentamento, melhor e mais delicioso por tão preparado. Sempre ela o amara, pois, desde a manhã bendita, em que os seus olhos se tinham cruzado no portal de Nossa Senhora. E enquanto ele rondava aqueles muros do jardim, maldizendo uma  
450 frieza que lhe parecia mais fria que a dos frios muros, já ela lhe dera a sua alma, e cheia de constância, com amorosa sagacidade, recalçando o menor suspiro, adormecendo desconfianças, preparava a noite em que lhe daria também o seu corpo.

455 Tanta firmeza, tão fino engenho nas coisas do amor ainda lha tornavam mais bela e mais apetecida!

Com que impaciência olhava então o sol, tão desapressado nessa tarde em descer para os montes. Sem repouso, no seu quarto, com as gelosias cerradas para melhor concentrar a sua  
460 felicidade, tudo aprontava amorosamente para a triunfal jornada: as finas roupas, as finas rendas, um gibão de veludo negro e as essências perfumadas. Duas vezes desceu à cavaliça a verificar se o seu cavalo estava bem ferrado e bem folgado. Sobre o soalho, vergou e revergou, para a experimentar, a folha da espada que levaria à cinta... Mas o seu maior cuidado era o  
465 caminho para Cabril, apesar de bem o conhecer, e a aldeia apinhada em torno ao mosteiro franciscano, e a velha ponte romana com o seu Calvário, e a azinhaga funda que levava à herdade do senhor de Lara. Ainda nesse Inverno por lá passara, indo montar com dois amigos de Astorga, e avistara a  
470 torre dos de Lara, e pensara: — “Eis a torre da minha ingrata!” Como se enganava! As noites agora eram de lua, e ele saíria de Segóvia caladamente, pela Porta de S. Mauros. Um galope curto o punha no Cerro dos Enforcados... Bem o conhecia também,  
475 esse sítio de tristeza e ruído, com os seus quatros pilares de pedra, onde se enforcavam os criminosos, e onde ficavam, balouçados da ventania, ressequidos do sol, até que as cordas apodrecessem e as ossadas caíssem, brancas e limpas da carne, pelo bico dos corvos. Por trás do Cerro era a lagoa das Donas.

480 A derradeira vez que por lá andara, fora em dia do apóstolo  
S. Matias, quando o corregedor e as confrarias de caridade e  
paz, em procissão, iam dar sepultura sagrada às ossadas caídas  
no chão negro, esburgadas pelas aves. Daí o caminho, depois,  
corria liso e direito a Cabril.

485 Assim D. Ruy meditava a sua jornada venturosa, enquanto  
a tarde ia caindo. Depois, quando escureceu, e em torno às tor-  
res da igreja começaram a girar os morcegos, e nas esquinas do  
adro se acenderam os nichos das Almas, o valente moço sentiu  
um medo estranho, o medo daquela felicidade que se acercava e  
490 que lhe parecia sobrenatural. Era, pois, certo que essa mulher de  
divina formosura, famosa em Castela, e mais inacessível que um  
astro, seria sua, toda sua, no silêncio e segurança duma alcova,  
dentro em breves instantes, quando ainda se não tivessem apaga-  
do diante dos retábulos das Almas aqueles lumes devotos? E o  
495 que fizera ele para lograr tão grande bem? Pisara as lajes de um  
adro, esperara no portal de uma igreja, procurando com os olhos  
outros dois olhos, que não se erguiam, indiferentes ou desaten-  
tos. Então, sem dor, abandonara a sua esperança... E eis que de  
repente aqueles olhos distraídos o procuram, e aqueles braços  
500 fechados se lhe abrem, largos e nus, e com o corpo e com a alma  
aquela mulher lhe grita: — «Oh! mal-avisado, que não me enten-  
deste! Vem! Quem te desanimou já te pertence!» Houvera ja-  
mais igual ventura? Tão alta, tão rara, que decerto atrás dela, se  
não erra a lei humana, já devia caminhar a desventura! Já, na  
505 verdade caminhava; — pois quanta desventura em saber que de-  
pois de tal ventura, quando de madrugada, saindo dos divinos  
braços, ele recolhesse a Segóvia, a sua Leonor, o bem sublime da  
sua vida, tão inesperadamente adquirido por um instante, recairia  
logo sob o poder de outro amo!

510 Que importava! Viessem dores e zelos! Aquela noite era  
esplendidamente sua, o mundo todo uma aparência vã e a única  
realidade esse quarto de Cabril, mal alumiado, onde ela o espe-  
raria, com os cabelos soltos! Foi com sofreguidão que desceu a  
escada, se arremessou sobre o seu cavalo. Depois, por prudên-  
515 cia, atravessou o adro muito lentamente, com o sombreiro bem  
levantado da face, como num passeio natural, a procurar fora  
dos muros a frescura da noite. Nenhum encontro o inquietou



até à Porta de S. Mauros. Aí, um mendigo, agachado na escuri-  
 dão dum arco, e que tocava monotonamente a sua sanfona,  
 520 pediu, em lamúria, à Virgem e a todos os santos, que levassem  
 aquele gentil cavaleiro na sua doce e santa guarda. D. Ruy parara  
 para lhe atirar uma esmola, quando se lembrou que nessa tarde  
 não fora à igreja, à hora de Véspera, rezar e pedir a bênção à  
 sua divina Madrinha. Com um salto, desceu logo do cavalo;  
 525 porque, justamente, rente ao velho arco, tremeluzia uma lâmpada  
 alumando um retábulo. Era uma imagem da Virgem com  
 o peito traspassado por sete espadas. D. Ruy ajoelhou, pousou  
 o sombreiro nas lajes, e com as mãos erguidas, muito zelosa-  
 mente, rezou uma Salve-Rainha. O clarão amarelo da luz en-  
 530 envolvia o rosto da Senhora, que, sem sentir as dores dos sete  
 ferros, ou como se eles só dessem inefáveis gozos, sorria com  
 os lábios muito vermelhos. Enquanto ele rezava no Convento  
 de S. Domingos, ao lado a sineta começou a tocar a agonia.  
 Dentre a sombra negra do arco, cessando a sanfona, o mendi-  
 535 go murmurou: — “Lá está um frade a morrer!” D. Ruy disse  
 uma Ave-Maria pelo frade que morria. A Virgem das sete es-  
 padas sorria docemente — o toque de agonia não era pois de  
 mau presságio! D. Ruy cavalgou alegremente e partiu.

Para além da Porta de S. Mauros, depois dalguns casebres  
 540 de oleiros, o caminho seguia, esguio e negro, entre altas pitei-  
 ras. Por trás das colinas, ao fundo da planície escura, subia o  
 primeiro clarão, amarelo e lânguido, da lua cheia ainda escondida.  
 E D. Ruy marchava a passo, receando chegar a Cabril  
 muito cedo, antes que as aias e os moços findassem o serão e  
 545 o rosário. Porque não lhe marcara D. Leonor a hora, naquela  
 carta tão clara e tão pensada?... Então a sua imaginação corria  
 adiante, rompia pelo jardim de Cabril, galgava aladamente a  
 escada prometida — e ele largava também atrás, numa carreira  
 sôfrega, que arrancava as pedras do caminho mal junto. De-  
 550 pois sofreakava o cavalo ofegante. Era cedo, era cedo! E retomava  
 o passo penoso, sentindo o coração contra o peito, como  
 ave presa que bate às grades.

348: [GN: “arcada”.]



Assim chegou ao Cruzeiro, onde a estrada se fendia em  
 555 duas, mais juntas que as pontas de uma forquilha, ambas cor-  
 tando através de pinheiral. Descoberto diante da imagem  
 crucificada, D. Ruy teve um instante de angústia, pois não  
 recordava qual delas levava ao Cerro dos Enforcados. Já se  
 embrenhara na mais cerrada, quando, dentre os pinheiros cala-  
 560 dos, uma luz surgiu, dançando no escuro. Era uma velha em  
 farrapos, com as longas melenas soltas, vergada sobre um bor-  
 dão e levando uma candeia.

— Para onde vai este caminho? gritou Ruy.

A velha balançou mais ao alto a candeia, para mirar o  
 cavaleiro.

565 — Para Xarama.

E luz e velha imediatamente se sumiram, fundidas na som-  
 bra, como se ali tivessem surgido somente para avisar o cava-  
 leiro do seu caminho errado... Já ele virara arrebatadamente; e,  
 rodeando o Calvário, galopou pela outra estrada mais larga,  
 570 até avistar, sobre a claridade do céu os pilares negros, os ma-  
 deiros negros do Cerro dos Enforcados. Então estacou, direito  
 nos estribos. Num cômodo alto, seco, sem erva ou urze, liga-  
 dos por um muro baixo, todo esbrechado, lá se erguiam, ne-  
 gros, enormes, sobre a amarelidão do luar, os quatro pilares de  
 575 granito semelhantes aos quatro cunhais duma casa desfeita.  
 Sobre os pilares pousavam quatro grossas traves. Das traves  
 pendiam quatro enforcados negros e rígidos, no ar parado e  
 mudo. Tudo em torno era parado e morto como eles.

Gordas aves de rapina dormiam empoleiradas sobre os  
 580 madeiros. Para além, rebrilhava lividamente a água morta da  
 lagoa das Donas. E no céu a lua ia grande e cheia.

D. Ruy murmurou o Padre Nosso devido por todo o  
 cristão àquelas almas culpadas. Depois impeliu o cavalo, e pas-  
 sava — quando, no imenso silêncio e na imensa solidão, se  
 585 ergueu, ressoou uma voz, uma voz que o chamava, suplicante  
 e lenta:

— Cavaleiro, detende-vos, vinde cá!...

570: [GN: "pilastres".]

D. Ruy colheu bruscamente as rédeas e, erguido sobre os estribos, atirou os olhos espantados por todo o sinistro ermo. Só avistou o cerro áspero, a água rebrilhante e muda, os madeiros, os mortos. Pensou que fora ilusão da morte ou ousadia de algum demónio errante. E, serenamente, picou o cavalo, sem sobressalto ou pressa, como numa rua de Segóvia. Mas, por trás, a voz tornou, mais urgentemente o chamou, ansiosa, quase aflita:

— Cavaleiro, esperai, não vos vades, voltaí, chegai aqui!...

De novo D. Ruy estacou e, virado sobre a sela, encarou afoitamente os quatro corpos pendurados das traves. Do lado deles soava a voz, que, sendo humana, só podia sair de forma humana! Um desses enforcados, pois, o chamara, com tanta pressa e ânsia.

Restaria nalguns, por maravilhosa mercê de Deus, alento e vida? Ou seria que, por maior maravilha, uma dessas carcaças meio apodrecidas o detinha para lhe transmitir avisos de Além-da-Campa?... Mas que a voz rompesse dum peito vivo ou dum peito morto, grande covardia era abalar, espavoridamente, sem a atender e a servir.

Atirou logo para dentro do cerro o cavalo, que tremia; e, parando, direito e calmo, com a mão na ilharga, depois de fitar um por um os quatro corpos suspensos, gritou:

— Qual de vós, homens enforcados, ousou chamar por D. Ruy de Cardenas?

Então aquele que voltava as costas à lua cheia respondeu, do alto da corda, muito quieta e naturalmente, como um homem que conversa da sua janela para a rua:

— Senhor, fui eu.

D. Ruy empurrou para diante dele o cavalo. Não lhe distinguia a face, enterrada no peito, escondida pelas longas e negras melenas pendentes. Só percebeu que tinha as mãos soltas e desamarradas, também os pés nus, já ressequidos e da cor de betume.

602: [DQ, NA: “nalgum”. Sendo claríssima a leitura, acho que deve manter-se “nalguns”; com efeito, entre esses “nalguns”, pode contar-se um deles.]

— Que me queres?

O enforcado, suspirando, murmurou:

625 — Senhor, fazei-me a grande mercê de me cortar esta cor-  
da em que estou pendurado.

D. Ruy arrancou a espada, e de um golpe certo cortou a  
corda meio apodrecida. Com um sinistro som de ossos  
entrechocados o corpo caiu no chão, onde jazeu um momento,  
estirado. Mas, imediatamente, se endireitou sobre os pés mal  
630 seguros e ainda dormentes. E ergueu para D. Ruy uma face  
morta, que era uma caveira com a pele muito colada, e mais  
amarela que a lua que nela batia. Os olhos não tinham movi-  
mento nem brilho. Ambos os beijos se lhe arreganhavam num  
sorriso empedernido. Dentre os dentes, muito brancos, surdia  
635 uma ponta de língua muita negra.

D. Ruy não mostrou terror nem asco. E embainhando  
serenamente a espada:

— Tu estás morto ou vivo?

O homem encolheu os ombros, com lentidão.

640 — Senhor, não sei... Quem sabe o que é a vida? Quem  
sabe o que é a morte?

— Mas que queres de mim?

O enforcado, com os longos dedos descarnados, alargou o  
nó da corda que ainda lhe laçava o pescoço e declarou muito  
645 serena e firmemente:

— Senhor, eu tenho de ir convosco a Cabril, onde vós ides.

O cavaleiro estremeceu num tão forte assombro, repuxan-  
do as rédeas, que o seu bom cavalo se empinou como assom-  
brado também.

650 — Comigo a Cabril?

O homem curvou o espinhaço, a que se viam os ossos  
todos, mais agudos que os dentes de uma serra, através de um  
longo rasgão da camisa de estamemha.

655 — Senhor, suplicou, não mo negueis. Que eu tenho a re-  
ceber grande salário se vos fizer grande serviço!

Então D. Ruy pensou de repente que bem podia ser aquela  
uma traça formidável do Demónio. E — cravando os olhos muito  
brilhantes na face morta que para ele se erguia, ansiosa, à espera  
do seu consentimento — fez um lento e largo sinal da cruz.



660 O enforcado vergou os joelhos com assustada reverência:  
— Senhor, para que me experimentais com esse sinal? Só  
por ele alcançamos remissão, e eu só dele espero misericórdia.

Então D. Ruy pensou que se esse homem não era manda-  
do pelo Demónio, bem podia ser mandado por Deus! E logo  
665 devotamente, com um gesto submisso em que tudo entregava  
ao Céu, consentiu, aceitou o pavoroso companheiro:

— Vem comigo, pois, a Cabril, se Deus te manda. Mas eu  
nada te pergunto e tu nada me perguntas.

Desceu logo o cavalo à estrada, toda alumuada da lua.  
670 O enforcado seguia ao seu lado, com passos tão ligeiros, que  
mesmo quando D. Ruy galopava ele se conservava rente ao  
estribo, como levado por um vento mudo. Por vezes, para  
respirar mais livremente, repuxava o nó da corda que lhe en-  
roscava o pescoço. E quando passavam entre sebes onde erras-  
675 se o aroma de flores silvestres, o homem murmurava com  
infinito alívio e delícia:

— Como é bom correr!

D. Ruy ia num assombro, num tormentoso cuidado. Bem  
compreendia agora que era aquele um cadáver reanimado por  
680 Deus, para um estranho e encoberto serviço. Mas para que lhe  
dava Deus tão medonho companheiro? Para proteger? Para  
impedir que D. Leonor, amada do Céu pela sua piedade, caísse  
em culpa mortal? E para tão divina incumbência de tão alta  
mercê, já não tinha o Senhor anjos no Céu, que necessitasse  
685 empregar um supliciado?... Ah! como ele voltaria alegremente  
a rédea para Segóvia, se não fora a galante lealdade de cavalei-  
ro, o orgulho de nunca recuar, e a submissão às ordens de  
Deus, que sentia sobre si pesarem...

Dum alto da estrada, de repente avistaram Cabril, as tor-  
690 res do convento franciscano alvejando ao luar, os casais adormecidos  
entre as hortas. Muito silenciosamente, sem que um  
cão ladrasse de trás das cancelas ou de cima dos muros, desce-  
ram a velha ponte romana. Diante do Calvário, o enforcado  
caiu de joelhos nas lajes, ergueu os lívidos ossos das mãos, fi-  
695 cou longamente rezando, entre longos suspiros. Depois ao  
entrar na azinhaga, bebeu muito tempo, e consoladamente, de  
uma fonte que corria e cantava sob as frondes de um salgueiro.

Como a azinhaga era muito estreita, ele caminhava adiante do cavaleiro, todo curvado, os braços cruzados fortemente sobre o peito, sem um rumor.

700 A lua ia alta no céu. D. Ruy considerava com amargura aquele disco, cheio e lustroso, que espargia tanta claridade e tão indiscreta, sobre o seu segredo. Ah! como se estragava a noite que devia ser divina! Uma enorme lua surdía dentre os montes para tudo alumiar. Um enforcado descia da forca para 705 o seguir e tudo saber. Deus assim o ordenara. Mas que tristeza chegar à doce porta docemente prometida, com tal intruso ao seu lado, sob aquele céu todo claro!

Bruscamente, o enforcado estacou, erguendo o braço, donde 710 a manga pendia em farrapos. Era o fim da azinhaga que desembocava em caminho mais largo e mais batido: — e diante deles alvejava o comprido muro da quinta do senhor de Lara, tendo aí um mirante, com varandins de pedra, e todo revestido de hera.

— Senhor (murmurou o enforcado, segurando com respeito o estribo de D. Ruy), logo a poucos passos deste mirante é 715 a porta por onde deveis penetrar no jardim. Convém que aqui deixeis o cavalo, amarrado a uma árvore, se o tendes por seguro e fiel. Que na empresa em que vamos, já é demais o rumor dos nossos pés!...

720 Silenciosamente D. Ruy apeou, prendeu o cavalo, que sabia fiel e seguro, ao tronco dum álamo seco.

E tão submisso se tornara àquele companheiro imposto por Deus, que sem outro reparo o foi seguindo rente do muro que o luar batia.

725 Com vagarosa cautela, e na ponta dos pés nus, avançava agora o enforcado, vigiando o alto do muro, sondando a negrura da sebe, parando a escutar rumores que só para ele eram percebíveis, — porque nunca D. Ruy conhecera noite mais fundamentalmente adormecida e muda.

730 E tal susto em quem devia ser indiferente a perigos humanos foi lentamente enchendo também o valoroso cavaleiro de tão viva desconfiança, que tirava o punhal da bainha, enrodi-lhava a capa no braço, e marchava, em defesa, com o olhar faiscando, como num caminho de emboscada e briga. Assim 735 chegaram a uma porta baixa, que o enforcado empurrou, e que



se abriu sem gemer nos gonzos. Penetraram numa rua ladeada de espessos teixos, até a um tanque cheio de água, onde boiavam folhas de nenúfares, e que toscos bancos de pedra circundavam, cobertos pela rama de arbustos em flor.

740 — Por ali! murmurou o enforcado, estendendo o braço mirrado.

Era, além do tanque, uma avenida que densas e velhas árvores abobadavam e escureciam. Por ela se meteram, como sombras na sombra, o enforcado adiante, D. Ruy seguindo, 745 muito subtilmente, sem roçar um ramo, mal pisando a areia. Um leve fio de água sussurrava entre relvas. Pelos troncos subiam rosas trepadeiras, que cheiravam docemente. O coração de D. Ruy recomeçou a bater numa esperança de amor.

— Chut! fez o enforcado.

750 E D. Ruy quase tropeçou no sinistro homem que estacava, com os braços abertos como as traves de uma cancela. Diante deles quatro degraus de pedra subiam a um terraço, onde a claridade era larga e livre. Agachados, treparam os degraus — e ao fundo dum jardim sem árvores, todo em canteiros de flores 755 bem recortados, orlados de buxo curto, avistaram um lado da casa batido pela lua cheia. Ao meio, entre as janelas de peitoril fechadas, um balcão de pedra, com manjeriões aos cantos, conservava as vidraças abertas, largamente. O quarto, dentro, apagado, era como um buraco de treva na claridade da fachada 760 que o luar banhava. E, arrimada contra o balcão, estava uma escada com degraus de corda.

Então o enforcado empurrou D. Ruy vivamente dos degraus para a escuridão da avenida. E aí, com um modo urgente, dominando o cavaleiro, exclamou:

765 — Senhor! Convém agora que me deis o vosso sombreiro e a capa! Vós quedais aqui na escuridão destas árvores. Eu vou trepar àquela escada e espreitar para aquele quarto... E se for como desejais, aqui voltarei, e com Deus sede feliz...

770 D. Ruy recuou no horror de que tal criatura subisse a tal janela!

750-1: [GN: "estacava".]



E, batendo o pé, gritou surdamente:

— Não, por Deus!

775 Mas a mão do enforcado, lívida na escuridão, bruscamen-  
te lhe arrancou o sombreiro da cabeça, lhe puxou a capa do  
braço. E já se cobria, já se embuçava, murmurando agora, numa  
súplica ansiosa:

— Não mo negueis, senhor, que se vos fizer grande servi-  
ço, ganharei grande mercê!

E galgou os degraus, — estava no alumiado e largo terraço.

780 D. Ruy subiu, atontado, espreitou. E — oh! maravilha. Era  
ele, D. Ruy, todo ele, na figura e no modo, aquele homem  
que, por entre os canteiros e o buxo curto, avançava, airoso e  
leve, com a mão na cintura, a face erguida risonhamente para  
a janela, a longa pluma escarlate do chapéu balançando em  
785 triunfo. O homem avançava no luar esplêndido. O quarto  
amoroso lá estava esperando, aberto e negro. E D. Ruy olha-  
va, com olhos que faiscavam, tremendo de pasmo e cólera.  
O homem chegara à escada, destraçou a capa, assentou o pé no  
degrau de corda! — “Oh! lá sobe, o maldito!” rugiu D. Ruy.  
790 O enforcado subia. Já a alta figura, que era dele, D. Ruy, esta-  
va a meio da escada, toda negra contra a parede branca. Pa-  
rou!... Não! não parara, subia, chegava, — já sobre o rebordo  
da varanda pousara o joelho cauteloso. D. Ruy olhava, deses-  
peradamente, com os olhos, com a alma, com todo o seu ser...  
795 E eis que, de repente, do quarto negro surge um negro vulto,  
uma furiosa voz brada: — “vilão, vilão!” — e uma lâmina de  
adaga fáiça, e cai, e outra vez se ergue, e rebrilha, e se abate,  
e ainda refulge, e ainda se embebe!... Como um fardo, do alto  
da escada, pesadamente, o enforcado cai sobre a terra mole.  
800 Vidraças, portadas do balcão logo se fecham com fragor. E não  
houve mais senão o silêncio, a serenidade macia, a lua muito  
alta e redonda no céu de Verão.

Num relance D. Ruy compreendera a traição, arrancara a  
espada, recuando para a escuridão da avenida — quando, oh  
805 maravilha, correndo através do terraço, aparece o enforcado  
que lhe agarra a manga e lhe grita:

— A cavalo, senhor, e a abalar, que o encontro não era de  
amor, mas de morte!...

810 Ambos descem arrebatadamente a avenida, costeiam o tanque sob o refúgio dos arbustos em flor, metem pela rua estreita orlada de teixos, varam a porta — e um momento param, ofegantes, na estrada, onde a lua, mais refulgente, mais cheia, fazia como um puro dia.

815 E então, só então, D. Ruy descobriu que o enforcado conservava cravada no peito, até aos copos, a adaga, cuja ponta lhe saía pelas costas, luzidia e limpa!... Mas já o pavoroso homem o empurrava, o apressava:

— A cavalo, senhor, e a abalar, que ainda está sobre nós a traição!

820 Arrepiado, numa ânsia de findar aventura tão cheia de milagre e de horror, D. Ruy colheu as rédeas, cavalgou sofregamente. E logo em grande pressa, o enforcado saltou também para a garupa do cavalo fiel. Todo se arrepiou o bom cavaleiro, ao roçar nas suas costas aquele corpo morto, dependurado  
825 duma forca, atravessado por uma adaga. Com que desespero galopou então pela estrada infundável! Em carreira tão violenta o enforcado nem oscilava, rígido sobre a garupa, como um bronze num pedestal. E D. Ruy a cada momento sentia um frio mais regelado que lhe regelava os ombros, como se levasse  
830 sobre eles um saco cheio de gelo. Ao passar no Cruzeiro murmurou: — “Senhor, valei-me!” — Para além do Cruzeiro, de repente estremeceu com o quimérico medo de que tão fúnebre companheiro para sempre o ficasse acompanhando, e se tornasse seu destino galopar através do mundo, numa noite  
835 eterna, levando um morto à garupa... E não se conteve, gritou para trás, no vento da carreira que os vergastava:

— Para onde quereis que vos leve?

O enforcado, encostando tanto o corpo a D. Ruy que o magoou com os copos da adaga, segredou:

840 — Senhor, convém que me deixeis no Cerro!

Doce e infinito alívio para o bom cavaleiro — pois o Cerro estava perto, e já lhe avistava, na claridade desmaiada, os pilares e as traves negras... Em breve estacou o cavalo, que tremia, branqueado de espuma.

845 Logo o enforcado, sem rumor, escorregou da garupa, segurou, como bom serviçal, o estribo de D. Ruy. E com a ca-

veira erguida, a língua negra mais saída dentre os dentes brancos, murmurou em respeitosa súplica:

— Senhor, fazei-me agora a grande mercê de me depender outra vez da minha trave.

D. Ruy estremeceu de horror, de nojo:

— Por Deus! Que vos enforque, eu?...

O homem suspirou, abrindo os braços compridos:

— Senhor, por vontade de Deus é, e por vontade d'Aquela que é mais cara a Deus!

Então, resignado, submisso aos mandados do Alto, D. Ruy apeou — e começou a seguir o homem, que subia para o Cerro pensativamente, vergando o dorso, donde saía, espetada e luzidia, a ponta da adaga. Param ambos sob a trave vazia. Em torno das outras traves pendiam as outras carcaças. O silêncio era mais triste e fundo que os outros silêncios da Terra. A água da lagoa enegrecera. A lua descia e desfalecia.

D. Ruy considerou a trave onde restava, curto no ar, o pedaço de corda que ele cortara com a espada.

— Como quereis que vos pendure? exclamou. Àquele pedaço de corda não posso chegar com a mão: nem eu só basto para lá vos içar.

— Senhor, respondeu o homem, aí a um canto deve haver um longo rolo de corda. Uma ponta dela ma atareis a este nó que trago no pescoço: a outra ponta a arremessareis por cima da trave, e puxando depois, forte como sois, bem me podereis reenforçar.

Ambos curvados, com passos lentos, procuraram o rolo de corda. E foi o enforcado que o encontrou, o desenrolou... Então D. Ruy descalçou as luvas. E ensinado por ele, (que tão bem o aprendera do carrasco) atou uma ponta da corda ao laço que o homem conservava no pescoço, e arremessou fortemente a outra ponta, que ondeou no ar, passou sobre a trave, ficou pendurada rente ao chão. E o rijo cavaleiro, fincando os pés, retesando os braços, puxou, içou o homem: até ele se quedar, suspenso, negro no ar, como um enforcado natural entre os outros enforcados.

— Estais bem assim?

Lenta e sumida veio a voz do morto:

— Senhor, estou como devo.



885 Então, D. Ruy, para o fixar, enrolou a corda em voltas grossas ao pilar de pedra. E tirando o sombreiro, limpando com as costas da mão o suor que o alagava, contemplou o seu sinistro e miraculoso companheiro. Estava já rígido como antes, com a face pendida sob as melenas caídas, os pés inteiriçados, 890 todo puído e carcomido como uma velha carcaça. No peito conservava a adaga cravada. Por cima, dois corvos dormiam quietos.

— E agora que mais quereis? perguntou D. Ruy começando a calçar as luvas.

895 Sumidamente, do alto, o enforcado murmurou:

— Senhor, muito vos rogo agora que, ao chegar a Segóvia, tudo conteis fielmente a Nossa Senhora do Pilar, vossa Madrinha, que dela espero grande mercê para a minha alma, por este serviço que, a seu mandado, vos fez o meu corpo!

900 Então, D. Ruy de Cardenas tudo compreendeu — e ajoelhando devotamente, sobre o chão de dor e morte, rezou uma longa oração por aquele bom enforcado.

Depois galopou para Segóvia. A manhã clareava quando ele transpôs a Porta de S. Mauros. No ar fino os sinos claros tocavam a matinas. E entrando na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, ainda no desalinho da sua terrível jornada, D. Ruy, de rojo ante o altar, narrou à sua divina Madrinha a ruim tenção que o levara a Cabril, o socorro que do Céu recebera, e, com quentes lágrimas de arrependimento e gratidão, lhe jurou que 910 nunca mais poria desejo onde houvesse pecado, nem no seu coração daria entrada a pensamento que viesse do Mundo e do Mal.

#### IV

915 A essa hora, em Cabril, D. Alonso de Lara, com olhos esbugalhados de pasmo e terror, esquadrihava todas as ruas e recantos e sombras do seu jardim.

904: [GN: "S. Manços".]

Quando ao alvorecer, depois de escutar à porta da câmara onde nessa noite encerrara D. Leonor, ele descera subtilmente ao jardim, e não encontrara, debaixo do balcão, rente à escada, como deliciosamente esperava, o corpo de D. Ruy de Cardenas, teve por certo que o homem odioso, ao tombar, ainda com um resto débil de vida, se arrastara sangrando e arquejando na tentativa de alcançar o cavalo, e abalar de Cabril... Mas, com aquela rija adaga que ele três vezes lhe enterrara no peito, e que no peito lhe deixara, não se arrastaria o vilão por muitas jardas, e nalgum canto devia jazer frio e inteiriçado. Rebuscou então cada rua, cada sombra, cada maciço de arbustos. E — oh! maravilha — não descobria o corpo, nem pegadas, nem terra que houvesse sido remexida, nem sequer rasto de sangue sobre a terra! E todavia, com mão faminta e certa, três vezes ele lhe embebera a adaga no peito, e no peito lha deixara!

E era Ruy de Cardenas o homem que ele matara — que muito bem o conhecera logo, do fundo apagado do quarto donde espreitava, quando ele, à claridade da lua, veio através do terraço, confiado, ligeiro, com a mão na cintura, a face risonhamente erguida e a pluma do sombreiro meneando em triunfo! Como podia ser coisa tão rara — um corpo mortal sobrevivendo a um ferro que três vezes lhe vara o coração, e no coração lhe fica cravado? E a maior raridade era que nem no chão, debaixo da varanda, onde corria ao longo do muro uma tira de goivos e cecéns, deixara um vestígio aquele corpo forte, caindo de tão alto pesadamente, inertemente, como um fardo! Nem uma flor machucada — todas direitas, viçosas, como novas, com gotas leves de orvalho! Imóvel de espanto, quase de terror, D. Alonso de Lara ali parava, considerando o balcão, medindo a altura da escada, olhando esgazeadamente os goivos direitos, frescos, sem uma haste ou folha vergada. Depois recomeçava a correr loucamente o terraço, a avenida, a rua de teixos, na esperança ainda dum pegada, dum galho partido, dum nódoa de sangue na areia fina.

Nada! Todo o jardim oferecia um desusado arranjo e limpeza nova, como se sobre ele nunca houvesse passado nem o vento que desfolha, nem o sol que murcha.

955 Então, ao entardecer, devorado pela incerteza e mistério,  
tomou um cavalo e, sem escudeiro ou cavaliço, partiu para  
Segóvia. Curvada e escondidamente, como um foragido, pene-  
trou no seu palácio pela porta do pomar: e o seu primeiro  
960 cuidado foi correr a galeria de abóbada, desatrarancar as por-  
tadas da janela e espreitar avidamente a casa de D. Ruy de  
Cardenas. Todas as gelosias da velha morada do arcediago es-  
tavam escuras, abertas, respirando a fresquidão da noite: — e à  
porta, sentado num banco de pedra, um moço de cavaliço  
afinava preguiçosamente a bandurra.

965 D. Alonso de Lara desceu à sua câmara, lívido, pensando  
que não houvera certamente desgraça em casa onde todas as  
janelas se abrem para refrescar, e no portão da rua os moços  
folgam. Então bateu as palmas, pediu furiosamente a ceia.  
E, apenas sentado, ao topo da mesa, na sua alta sede de couro  
970 lavrado, mandou chamar o intendente, a quem ofereceu logo  
com estranha familiaridade um copo de vinho velho. Enquan-  
to o homem, de pé, bebia respeitosamente, D. Alonso, meten-  
do os dedos pelas barbas e forçando a sua sombria face a sor-  
rir, perguntava pelas novas e rumores de Segóvia. Nesses dias  
975 da sua estada em Cabril, nenhum caso criara pela cidade espanto  
e murmuração?... O intendente limpou os beiços, para afir-  
mar que nada ocorrera em Segóvia de que andasse murmura-  
ção, a não ser que a filha do senhor D. Gutierrez, tão moça e  
tão rica herdeira, tomara o véu no Convento das Carmelitas  
980 Descalças. D. Alonso insistia, fitando vorazmente o intendente.  
— E não se travara uma grande briga?... não se encontrara fe-  
rido, na estrada de Cabril, um cavaleiro moço, muito falado?...  
O intendente encolhia os ombros — e nada ouvira, pela cida-  
de, de brigas ou de cavaleiros feridos. Com um aceno desabri-  
do D. Alonso despediu o intendente.  
985

959: [DQ: “à galeria”. Justifica-se a leitura que aqui se propõe, tanto mais para que, 10 linhas acima, a construção transitiva é adoptada: “correr [...] o terraço, a avenida, a rua de teixos”.] / [Os editores anteriores alteram para [destrancar].]

978: [A ortografia castelhana seria Gutiérrez.]



Apenas ceara, parcamente, logo voltou à galeria a espreitar as janelas de D. Ruy. Estavam agora cerradas; na última, da esquina, tremeluzia uma claridade. Toda a noite D. Alonso velou, remoendo incansavelmente o mesmo espanto. Como  
990 pudera escapar aquele homem, com uma adaga atravessada no coração? Como pudera?... Ao luzir da manhã, tomou uma capa, um largo sombreiro, desceu ao adro, todo embuçado e encoberto, e ficou rondando por diante da casa de D. Ruy. Os sinos tocaram a matinas. Os mercadores, com os gibões mal abotoados, saíam a erguer as portadas das lojas, a pendurar as  
995 tabuletas. Já os hortelões, picando os burros carregados de seiras, atiravam os pregões de hortaliça fresca, e frades descalços, com o alforge aos ombros, pediam esmola, benziam as moças.

Beatas embiocadas, com grossos rosários negros, enfiavam gulosamente para a igreja. Depois o pregoeiro da cidade, parando a um canto do adro, tocou uma buzina, e numa voz  
1000 tremenda começou a ler um edital.

O senhor de Lara parara junto do chafariz, pasmado, como embebido no cantar das três bicas de água. De repente pensou que aquele edital, lido pelo pregoeiro da cidade, se referia talvez a D. Ruy, ao seu desaparecimento... Correu à esquina do adro — mas já o homem enrolara o papel, se afastava majestosamente, batendo nas lajes com a sua vara branca. E, quando se voltava para espiar de novo a casa, eis que os seus olhos  
1005 atónitos encontram D. Ruy, D. Ruy que ele matara — e que vinha caminhando para a igreja de Nossa Senhora, ligeiro, airoso, a face risonha e erguida no fresco ar da manhã, de gibão claro, de plumas claras, com uma das mãos pousando na cinta, a outra meneando distraidamente um bastão de borlas e torçal  
1010 de ouro!

D. Alonso recolheu então à casa com passos arrastados e envelhecidos. No alto da escadaria de pedras, achou o seu velho capelão, que o viera saudar, e, penetrando com ele na  
1020 antecâmara, depois de pedir, com reverência, novas da senhora D. Leonor, lhe contou logo dum prodigioso caso que causava pela cidade grave murmuração e espanto. Na véspera, de tarde, indo o corregedor visitar o cerro das forças, pois se acercava a festa dos Santos Apóstolos, descobrira, com muito pasmo e

1025 muito escândalo, que um dos enforcados tinha uma adaga crava-  
 vada no peito! Fora gracejo de um pícaro sinistro? Vingança  
 que nem a morte saciara?... E para maior prodígio ainda, o  
 corpo fora despendurado da forca, arrastado em horta ou jar-  
 dim (pois que presas aos velhos farrapos se encontraram folhas  
 tenras) e depois novamente enforcado e com corda nova!...  
 1030 E assim ia a turbulência dos tempos, que nem os mortos se  
 furtavam a ultrajes!

D. Alonso escutava com as mãos a tremer, os pêlos arre-  
 piados. E imediatamente, numa ansiosa agitação, bradando,  
 tropeçando contra as portas, quis partir, e por seus olhos veri-  
 1035 ficar a fúnebre profanação. Em duas mulas ajaezadas à pressa,  
 ambos abalaram para o Cerro dos Enforcados, ele e o capelão  
 arrastado e aturdido. Numeroso povo de Segóvia se juntara já  
 no Cerro, pasmando para o maravilhoso horror — o morto  
 que fora morto. Todos se arredaram ante o nobre senhor de  
 1040 Lara, que se arremessera pelo cabeça acima; estacou a olhar,  
 esgazeado e lívido, para o enforcado, para a adaga que lhe varava  
 o peito. Era a sua adaga — fora ele que matara o morto!

Galopou espavoridamente para Cabil. E aí se encerrou  
 com o seu segredo, começando logo a amarelecer, a definhar,  
 1045 sempre arredado da senhora D. Leonor, escondido pelas ruas  
 sombrias do jardim, murmurando palavras ao vento, até que  
 na madrugada de S. João uma serva, que voltava da fonte com  
 a sua bilha o encontrou morto, por baixo do balcão de pedra,  
 todo estirado no chão, com os dedos encravados no canteiro  
 1050 de goivos, onde parecia ter longamente esgaravatado a terra e  
 procurado...

## V

Para fugir a tão lamentáveis memórias, a senhora D. Leo-  
 nor, herdeira de todos os bens da Casa de Lara, recolheu ao  
 1055 seu palácio, a Segóvia. Mas como agora sabia que o senhor  
 D. Ruy de Cardenas escapara miraculosamente à emboscada  
 de Cabil, e como cada manhã, espreitando dentre as gelosias,  
 meio cerradas, o seguia com olhos que se não fartavam e se

1060 humedeciam quando ele cruzava o adro para entrar na igreja  
não quis ela, com receio das pressas e impaciências do seu  
coração, visitar a Senhora do Pilar enquanto durasse o seu luto.  
Depois, uma manhã de domingo, quando, em vez de crepes  
negros se pôde cobrir de sedas roxas, desceu a escadaria do seu  
1065 palácio, pálida, de uma emoção nova e divina, pisou as lajes do  
adro, transpôs as portas da igreja. D. Ruy de Cardenas estava  
ajoelhado diante do altar, onde depusera o seu ramo votivo de  
cravos amarelos e brancos. Ao rumor das sedas finas, ergueu  
os olhos com uma esperança muito pura e toda feita de graça  
celeste, como se um anjo o chamasse. D. Leonor ajoelhou, com  
1070 o peito a arfar, tão pálida e tão feliz que a cera das tochas não  
era mais pálida, nem mais felizes as andorinhas que batiam as  
asas livres pelas ogivas da velha igreja.

1075 Ante esse altar, e de joelhos nessas lajes, foram eles casa-  
dos pelo bispo de Segóvia, D. Martinho, no Outono do ano da  
Graça de 1475, sendo já reis de Castela Isabel e Fernando, muito  
fortes e muito católicos, por quem Deus operou grandes feitos  
sobre a terra e sobre o mar.

1077: [Por motivo inexplicável, o último parágrafo não aparece na edição da Nova Aguilar.]



---

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## Adão e Eva no Paraíso

[1]

Adão, Pai dos Homens, foi criado no dia 28 de Outubro,  
às duas horas da tarde... Assim o afirma, com majestade, nos  
5 seus *Annales Veteris et Novi Testamenti*, o muito douto e muito  
ilustre Usserius, bispo de Meath, arcebispo de Armagh, e  
chanceler-mor da Sé de S. Patrício.

A Terra existia desde que a Luz se fizera, a 23, na manhã  
de todas as manhãs. Mas já não era essa Terra primordial, parda  
10 e mole, ensopada em águas barrentas, abafada numa névoa  
densa, erguendo, aqui e além, rígidos troncos duma só folha e  
dum só rebento, muito solitária, muito silenciosa, com uma  
vida toda escondida, apenas surdamente revelada pelo remexer  
de bichos obscuros, gelatinosos, sem cor e quase sem forma,  
15 crescendo no fundo dos lodos. Não! agora, durante os dias  
genesíacos de 26 e 27, toda ela se completara, se abastecera e se  
enfeitara, para acolher condignamente o Predestinado que  
vinha. No dia 28 já apareceu perfeita, *perfecta*, com as provisões  
e alfaias que a Bíblia enumera, as ervas verdes de espiga madu-

1: [In *Almanach Encyclopédico para 1897, 2.º Ano*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1896, pp. XIX-LV. Intitulado “Prefácio de Eça de Queiroz. Adão e Eva no Paraíso”. In *Dicionário de Milagres. (Coordenação Inédita por concluir). Outros escritos dispersos*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900, onde aparece nos “outros escritos”. Recolhido por LI (Ct), com o título “Adão e Eva no Paraíso”, que é definitivamente adoptado por todos os editores, como aqui.]

20 ra, as árvores providas do fruto entre a flor, todos os peixes nadando nos mares resplandecentes, todas as aves voando pelos ares aclarados, todos os animais pastando sobre as colinas viçosas, e os regatos regando, e o fogo armazenado no seio da pedra, e o cristal, e o ónix, e o ouro muito bom do país de Hevilat...

25       Nesses tempos, meus amigos, o Sol ainda girava em torno da Terra. Ela era moça e formosa e preferida de Deus. Ele ainda se não submetera à imobilidade augusta que lhe impôs mais tarde, entre amuados suspiros da Igreja, mestre Galileu, estendendo um dedo do fundo do seu pomar, rente aos muros do Convento de S. Mateus de Florença. E o Sol amorosamente corria em volta da Terra, como o noivo dos *Cantares*, que, nos lascivos dias da ilusão, sobre o outeiro da mirra, sem descanso e pulando mais levemente que os gamos de Galaad, circundava a Bem-Amada, a cobria com o fulgor dos seus olhos, coroado de sal-gema, a faiscar de fecunda impaciência. Ora desde essa  
30 alvorada do dia 28, segundo o cálculo majestático de Usserius, o Sol, muito novo, sem sardas, sem rugas, sem falhas na sua cabeleira flamante, envolvera a Terra, durante oito horas, numa contínua e insaciada carícia de calor e de luz. Quando a oitava  
40 hora cintilou e fugiu, uma emoção confusa, feita de medo e feita de glória, perpassou por toda a Criação, agitando num frémito as relvas e as frondes, arrepiando o pêlo das feras, empolando o dorso dos montes, apressando o borbulhar das nascentes, arrancando dos pórfiros um brilho mais vivo...  
45 Então, numa floresta muito cerrada e muito tenebrosa, certo Ser, desprendendo lentamente a garra do galho de árvore onde se empoleirara toda essa manhã de longos séculos, escorregou pelo tronco comido de hera, pousou as duas patas no solo que o musgo afofava, sobre as duas patas se firmou com esforçada energia, e ficou erecto, e alargou os braços livres, e lançou um  
50 passo forte, e sentiu a sua dissemelhança da Animalidade, e concebeu o deslumbrado pensamento de que *era*, e verdadeiramente *foi!* Deus, que o amparara, nesse instante o criou. E vivo, da vida superior, descido da inconsciência da árvore,  
55 Adão caminhou para o Paraíso.

Era medonho. Um pêlo crespo e luzidio cobria todo o seu grosso, maciço corpo, rareando apenas em torno dos coto-



60 velos, dos joelhos rudes, onde o couro aparecia curtido e da  
65 rugas, rompia uma guedelha rala e ruiva, tufando sobre as  
orelhas agudas. Entre as rombas queixadas, na fenda enorme  
dos beijos trombudos, estirados em focinho, as presas relu-  
ziam, afiadas rijamente para rasgar a febra e esmigalhar o osso.  
E sob as arcadas sombriamente fundas, que um felpo hirsuto  
65 orlava como um silvado orla o arco duma caverna, os olhos  
redondos, dum amarelo de âmbar, sem cessar se moviam, tre-  
miam, esgazeados de inquietação e de espanto... Não, não era  
belo, nosso Pai venerável, nessa tarde de Outono, quando Jeová  
70 o ajudou com carinho a descer da sua árvore! E todavia, nesses  
olhos redondos, de fino âmbar, mesmo através do tremor e do  
espanto, rebrilhava uma superior beleza — a Energia Intelige-  
nte que o ia tropegamente levando, sobre as pernas arqueadas,  
para fora da mata onde passara a sua manhã de longos séculos  
a pular e a guinchar por cima dos ramos altos.

75 Mas (se os Compêndios de Antropologia nos não iludem)  
os primeiros passos humanos de Adão não foram logo atira-  
dos, com alacridade e confiança, para o destino que o esperava  
entre os quatro rios do Éden. Entorpecido, envolvido pelas  
80 influências da floresta, ainda despega com custo a pata dentre  
o folhoso chão de fetos e begónias, e gostosamente se roça  
pelos pesados cachos de flores que lhe orvalham o pêlo, e acar-  
ricia as longas barbas de líquen branco, pendentes dos troncos  
de roble e de teca, onde gozara as doçuras da irresponsabilidade.  
Nas ramagens que tão generosamente, através tão longas ida-  
85 des, o nutriram e o embalaram, ainda colhe as bagas sumaren-  
tas, os rebentões mais tenros. Para transpor os regatos, que  
por todo o bosque reluzem e sussurram depois da sação das  
chuvas, ainda se pendura duma rija liana, entrelaçada de orquí-  
deas, e se balança, e arqueia o pulo, com pesada indolência.  
90 E receio bem que quando a aragem restolhasse pela espessura,  
carregada com o cheiro morno e acre das fêmeas acocoradas

90: [*Almanach*: “rostulhasse”.]

nos cimos, o Pai dos Homens ainda dilatasse as ventas chatas e soltasse do peito felpudo um grunhido rouco e triste.

95 Mas caminha... As suas pupilas amarelas, onde faísca o  
Querer, sondam, esbugalhadas, através da ramaria, procuram para  
além o mundo que deseja e receia, e a que sente já a zoadada  
violenta, como toda feita de batalha e rancor. E, à maneira que  
a penumbra das folhagens clareia, vai surgindo dentro do seu  
100 crânio bisonho, como uma alvorada que penetra numa toca, o  
sentimento das Formas diferentes e da Vida diferente que as  
anima. Essa rudimentar compreensão só trouxe a nosso Pai  
venerável turbacão e terror. Todas as tradições, as mais orgulho-  
sas, concordam em que Adão, na sua entrada inicial pelas planí-  
105 cias do Éden, tremeu e gritou como criancinha perdida em ar-  
raial turbulento. E bem podemos pensar que, de todas as Formas,  
nenhuma o apavorava mais que a dessas mesmas árvores onde  
vivera, agora que as reconhecia como seres tão dissemelhantes  
do seu Ser e imobilizadas numa inércia tão contrária à sua Ener-  
gia. Liberto da Animalidade, em caminho para a sua Humaniza-  
110 ção, o arvoredado que lhe fora abrigo natural e doce só lhe pare-  
ceria agora um cativado de degradante tristeza. E esses ramos  
tortuosos, empecendo a sua marcha, não seriam braços fortes  
que se estendiam para o empolgar, o repuxar, o reter nos cimos  
frondosos? Esse ramalhado sussurro que o seguia, composto do  
115 desassossego irritado de cada folha, não era a selva toda, num  
alvorado, reclamando o seu secular morador? De tão estranho  
medo nasceu talvez a primeira luta do Homem com a Natureza.  
Quando um galho alongado o roçasse, decerto nosso Pai atiraria  
contra ele as garras desesperadas para o repelir e lhe escapar. Nesses  
120 bruscos ímpetos quantas vezes se desequilibrou, e as suas mãos se  
abateram desamparadamente sobre o solo de mato ou rocha, de  
novo precipitado na postura bestial, retrogradando à inconsciên-  
cia, entre o clamor triunfal da floresta! Que angustioso esforço  
então para se erguer, recuperar a atitude humana, e correr, com  
125 os felpudos braços despegados da terra bruta, livres para a obra  
imensa da sua Humanização! Esforço sublime, em que ruge, morde  
as raízes detestadas e, quem sabe? levanta já os olhos de âmbar  
lustroso para os céus, onde confusamente sente Alguém que o  
vem amparando — e que na realidade o levanta.



130 Mas, de cada um destes tombos modificantes, nosso Pai  
ressurge mais humano, mais nosso Pai. E há já consciência,  
pressa de Racionalidade, nos ressoantes passos com que se ar-  
ranca ao seu limbo arboreal, despedaçando as enredanças, fendendo  
135 o bravio denso, despertando os tapires adormecidos sob  
cogumelos monstruosos, ou espantando algum urso moço e  
tresmalhado que, de patas contra um olmo, chupa, meio bor-  
racho, as uvas desse farto Outono.

Enfim, Adão emerge da floresta obscura: — e os seus olhos  
de âmbar vivamente se cerram sob o deslumbramento em que  
140 o envolve o Éden.

Ao fundo dessa encosta, onde parara, resplandecem vastas  
campinas (se as tradições não exageram), com desordenada e  
sombria abundância. Lentamente, através, um rio corre, semea-  
do de ilhas, ensopando, em fecundos e espriados remansos,  
145 as verduras onde já talvez cresce a lentilha e se alastra o arro-  
zal. Rochas de mármore rosado rebrilham com um rubor  
quente. Dentre bosques de algodoeiros, brancos como crespas  
espuma, sobem outeiros cobertos de magnólias, dum esplendor  
ainda mais branco. Além a neve coroa uma serra com um  
150 radiante nimbo de santidade, e escorre, por entre os flancos  
despedaçados, em finas franjas que refulgem. Outros montes  
dardejam mudas labaredas. Da borda de rígidas escarpas, pen-  
dem perdidamente, sobre profundidades, palmeirais desgrenha-  
dos. Pelas lagoas a bruma arrasta a luminosa moleza das suas  
155 rendas. E o mar, nos confins do mundo, faiscando, tudo encer-  
ra como um aro de ouro. — Neste fecundo espaço toda a Cria-  
ção se espaneja, com a força, a graça, a braveza vivaz duma  
mocidade de cinco dias, ainda quente das mãos do seu Cria-  
dor. Profusos rebanhos de auroques, de pelagem ruiva, pastam  
160 majestosamente, enterrados nas ervas tão altas que nelas desa-  
parece a ovelha e o seu anho. Temerosos e barbudos urus,  
brigando contra gigantescos veados-elefas, entrechocam cornos  
e galhos com o seco fragor de robles que o vento racha. Um  
bando de girafas rodeia uma mimosa a que vai trincando, de-  
165 licadamente, nos trémulos cimos, as folhinhas mais tenras.  
À sombra dos tamarindos, repousam disformes rinocerontes,



sob o voo apressado de pássaros que lhes catam serviçalmente a vérmina. Cada arremesso de tigre causa uma debandada furiosa de ancas e chifres e clinas, onde, mais certo e mais leve, se arqueia o pulo grácil dos antílopes. Uma rija palmeira verga toda ao peso da jibóia que nela se enrosca. Entre duas penedias, por vezes, aparece, numa profusão de juba, a face magnífica dum leão que, serenamente, olha o Sol, a imensidade radiante. No remoto azul, enormes condores dormem imóveis, de asas abertas, entre o sulco níveo e róseo das garças e dos flamingos. E em frente à encosta, num alto, entre o matagal, passa, lenta e montanhosa, uma récua de mastodontes, com a rude clina do dorso erriçada ao vento, e a tromba a bambolear entre os dentes mais recurvos que foices.

Assim vetustíssimas Crónicas contam o vetustíssimo Éden, que era nas campinas do Eufrates, talvez na trigueira Ceilão, ou entre os quatro claros rios que hoje regam a Hungria, ou mesmo nestas terras benditas onde a nossa Lisboa aquece a sua velhice ao soalheiro, cansada de proezas e mares. Mas quem pode garantir estes bosques e estes bichos, pois que desde esse dia 25 de Outubro, que inundava o Paraíso de esplendor outonal, já passaram, muito breves e muito cheios, sobre o grão de pó que é o nosso mundo, mais de sete vezes setecentos mil anos? Só parece certo que, diante de Adão apavorado, um grande pássaro passou. Um pássaro cinzento, calvo e pensativo, com as penas esguedelhadas como as pétalas de um crisântemo, que saltitava pesadamente sobre uma das patas, erguendo na outra, bem agarrado, um molho de ervas e ramos. E nosso Pai venerável, com a fusca face franzida, no doloroso esforço de compreender, pasmava para aquele pássaro, que ao lado, sob o abrigo de azáleas em flor, terminava muito gravemente a construção duma cabana! Vistosa e sólida cabana, com o seu chão de greda bem alisado, galhos fortes de pinheiro e faia formando estacas e traves, um seguro tecto de relva seca, e na parede de enredanças bem liadas o desafio de uma janela!... Mas o Pai dos Homens, nessa tarde, ainda não compreendeu.

200: [GN: “enredias”.]

Depois, caminhou para o largo rio, desconfiadamente, sem se afastar da ourela do bosque abrigador. Lento, farejando o cheiro novo dos gordos herbívoros da planície, com os punhos rijamente cerrados contra o peito peludo, Adão vai arfando entre o apetite daquela resplandecente Natureza e o terror dos seres nunca avistados que a atulham e atroam com tão fera turbulência. Mas dentro dele borbulha, não cessa, a nascente sublime, a sublime nascente da Energia, que o impele a desen-  
205 tranhar da crassa bruteza, e a ensaiar, com esforços que são semipenosos porque são já semilúcidos, os dons que estabelecerão a sua supremacia sobre essa Natureza incompreendida e o libertarão do seu terror. Assim, na surpresa de todas aquelas inesperadas aparições do Éden, reses, pastagens, montes nevados, imensidades radiosas, Adão solta roucas exclamações, gritos com que desafoga, vozes gaguejadas, em que por instinto reproduz outras vozes, e brados, e toadas, e mesmo o rebuliço das criaturas, e mesmo o estrondo das águas despenhadas... E estes sons ficam já na escura memória de nosso Pai ligados às  
210 sensações que lhos arrancam: — de sorte que o guincho áspero que lhe escapara ao topar um canguru com a sua ninhada embolsada no ventre, de novo lhe ressoará nos lábios trombudos quando outros cangurus fugindo dele, adiante, se embrenhem na sombra negra das caneleiras. A Bíblia com a sua exageração oriental, cândida e simplista, conta que Adão, logo na sua entrada pelo Éden, distribuiu nomes a todos os animais, e a todas as plantas, muito definitivamente, muito eruditamente, como se compusesse o Léxicon da Criação entre Buffon já com os seus punhos e Lineu já com os seus óculos. Não! eram apenas grunhidos, roncoss mais verdadeiramente augustos, porque todos eles se plantavam na sua consciência nascente como as toscas raízes dessa Palavra pela qual verdadeiramente se humanou, e foi depois, sobre a Terra, tão sublime e tão burlesco.

E bem podemos pensar, com orgulho, que ao descer a  
235 borda do rio edénico, nosso Pai, compenetrado de que *era*, e quanto diverso dos outros seres! já se afirmava, se individualizava, e batia no peito sonoro, e rugia soberbamente: — *Eheu! Eheu!* Depois, alongando os olhos reluzentes por aquela longa



240 água que corria vagorosamente para além, já tenta exteriorizar o seu espantado sentimento dos espaços, e rosna com pensativa cobiça: — *Lhlâ! Lhlâ!*

## II

245 Calmo, magnificamente fecundo, corria ele, o nobre rio do Paraíso, por entre as ilhas, quase afundadas sob o peso do rijo arvoredado, todas fragrantes, e atroadas pelo clamor das cacatuas. E Adão, trotando pesadamente pela margem baixa, já sente a atracção das águas disciplinadas que andam e vivem — essa atracção que será tão forte nos seus filhos, quando no rio descobrirem o bom servidor que desaltera, estruma, rega, mói  
250 e acarreta. Mas quantos terrores especiais ainda o arrepiam, o atiram com espavoridos pulos para o abrigo dos salgueiros e dos choupos! Noutras ilhas, de areia fina e rosada, preguiçam pedregosos crocodilos, achatados sobre o ventre que arfa molemente, escancarando as fundas goelas na tépida preguiça da tarde, embebendo todo o ar com um cheirinho de almíscar.  
255 Por entre os canaviais, coleiam e refulgem gordas cobras-d'água, de colo alteado, que fitam Adão com furor, dardejando e silvando. E, para nosso Pai que nunca as avistara, certamente seriam pavorosas as tartarugas imensas desse começo do Mundo, pastando, com arrastada mansidão, através dos prados novos. Mas uma curiosidade o atrai, quase resvala na riba lodosa, onde a franja de água roça e marulha. Na largueza do rio espraçado, uma longa e negra fila de auroques, serenamente, com os cornos altos e a espessa barba a flutuar, nada para a outra  
260 margem, campina coberta de louras messes onde talvez já amaduram as espigas sociáveis do centeio e do milho. Nosso Pai venerável olha a fila lenta, olha o rio lustroso, concebe o enevoadado desejo de também atravessar para aqueles longes em que as ervas rebrilham, e arrisca a mão na corrente — na rija corrente que lha repuxa, como para o atrair e iniciar. Ele grunhe, arranca a mão — e segue, com ásperas patadas, esmagando, sem mesmo lhes sentir o perfume, os frescos morangos  
265



silvestres que ensanguentam a relva... Em breve pára, conside-  
 275 riscada de guanos, que espreitam, com o bico atento, para baixo,  
 onde as águas apertadas refervem. Que espreitam elas, as bran-  
 cas garças? Lindos peixes em cardume, que rompem contra a  
 levada, e pulam, lampejando nas espumas claras. E bruscamen-  
 280 te, num desabrido abanar de asas brancas, uma garça, depois  
 outra, fende o céu alto, levando atravessado no bico um peixe  
 que se estorce e reluz. Nosso Pai venerável coça a ilharga.  
 A sua crassa gula, entre aquela abundância do rio, também  
 285 apetece uma presa: e atira a garra, colhe, no seu voo soante,  
 cascudos insectos que farisca e trinca. Mas nada certamente  
 assombrou o Primeiro Homem como um grosso tronco de  
 árvore meio apodrecido, que boiava, descia na corrente, levan-  
 do sentados numa ponta, com segurança e graça, dois bichos  
 sedosos, louros, de focinho esperto, e fofas caudas vaidosas.  
 290 Para os seguir, os observar, ansiosamente correu, enorme e  
 desengonçado. E os seus olhos faiscavam, como se já compre-  
 endesse a malícia daqueles dois bichos, embarcados num toro  
 de árvore, e viajando, sob a macia frescura da tarde, no rio do  
 Paraíso.

295 No entanto, a água que ele costeava era mais baixa, turva  
 e tarda. Já na sua largueza não verdejam ilhas, nem nela se  
 molha a orla das fartas pastagens. Para além, sem limite, fun-  
 didas nas neblinas, fogem descampadas solidões, donde rola um  
 vento lento e húmido. Nosso Pai venerável enterrava as patas  
 em ribas moles, através de aluviões, de lixos silvestres, em que  
 300 chapinhavam, para seu intenso horror, enormes rãs coaxando  
 furiosamente. E o rio em breve se perdeu numa vasta lagoa,  
 escura e desolada, resto das grandes águas sobre que flutuara o  
 Espírito de Javé. Uma tristeza humana apertou o coração de  
 nosso Pai. Do meio de grossas bolhas, que se empolvavam na

303: [Os editores anteriores, menos DQ e NA, alteram para [Jeová], talvez por-  
 que julgam que o público leitor não vá entender a palavra Javé.]

305 estanhada lisura da água triste, constantemente surdiam hor-  
rendas trombas, a escorrer de limos verdes, que bufavam rui-  
dosamente, logo se afundavam, como repuxadas pelos lodos  
viscosos. E quando dentre os altos e negros canaviais, man-  
310 chando a vermelhidão da tarde, se elevou, se alargou sobre ele  
uma nuvem estridente de moscardos vorazes, Adão foge, es-  
tonteado, trilha saibros pegajosos, rasga o pêlo na aspereza dos  
cardos brancos que o vento estorce, resvala por uma encosta  
de cascalho e seixo, e pára em areia fina. Arqueja: as suas lon-  
315 gas orelhas remexem, escutando, para além das dunas, um vas-  
to rumor que rola e desaba e retumba... É o mar. Nosso Pai  
transpõe as pálidas dunas — e diante dele está o Mar!

Então foi o pavor supremo. Com um pulo, batendo con-  
vulsamente os punhos no peito, recua até onde três pinheiros,  
mortos e sem rama, lhe oferecem o refúgio hereditário. Por-  
320 que avançam assim para ele, sem cessar, numa inchada ameaça,  
aqueles rolos verdes, com a sua clina de espuma, e se atiram,  
se esmigalham, refervem, babujam rudemente a areia? Mas toda  
a outra vasta água permanece imóvel, como morta, com uma  
grande mancha de sangue que lateja. Todo esse sangue caiu  
325 decerto da ferida do Sol redonda e vermelha, sangrando em  
cima, num céu dilacerado por fundos golpes já roxos. Para  
além da névoa leitosa que cobre as lagoas, dos charcos salga-  
dos, onde a maresia ainda chega e se espraia, muito longe, um  
monte flameja e fumeja. E sempre diante de Adão, contra Adão,  
330 os verdes rolos da verde vaga avançam, e ribombam, e alas-  
tram a praia de algas, de conchas, de gelatinas que alvejam li-  
vidamente.

Mas eis que todo o mar se povoa! E encolhido contra o  
pinheiro, nosso Pai venerável dardeja os olhos inquietos e tré-  
335 mulos, para aqui, para além — para os rochedos cobertos de  
sargaço onde gordíssimas focas rebolam majestosamente; para  
os repuxos de água, que ao largo esguicham até às nuvens ro-  
xas, recaem numa chuva radiante; para uma linda armada de  
búzios, imensos búzios alvos e nacarados, vogando à bolina,  
340 circundando as penedias, com manobra elegante... Adão pasma  
sem saber que estas são as Amonites, e que nenhum outro



homem, depois dele, verá a luzida e rósea armada singrando nos mares deste mundo. Ainda ele a admira, talvez com a impressão inicial da beleza das coisas, quando bruscamente, num tremor de sulcos brancos, toda a maravilhosa frota soçobra!

345 Com o mesmo salto mole, as focas tombam, trambulham na vaga funda. E um terror passa, um terror levantado do mar, tão intenso que um bando de albatrozes, muito seguro sobre uma escarpa bate, com azoados gritos, o voo espavorido.

350 Nosso Pai venerável aferra a mão a um galho do pinheiro, sondando num arrepio a imensidão deserta. Então, ao longe, sob o clarão enfiado do sol que se esconde, um dorso imenso sai lentamente das águas, como uma comprida colina, toda espetada de negras, agudas lascas de rocha. E avança! Adiante

355 um tumulto de bolhas redemoinha e rebenta; e dentre elas emerge por fim, resfolegando cavamente, uma tromba disforme, de fauces entreabertas, onde lampejam e se somem cardumes de peixes que os seus sorvos vêm tragando...

É um monstro, um pavoroso monstro marinho! E bem

360 podemos supor que nosso Pai, esquecendo toda a sua dignidade humana (ainda recente), trepou desesperadamente ao pinheiro até onde os galhos findavam. Mas mesmo nesse abrigo, os seus poderosos queixos batiam, num medo convulso, ante o horrífico ser surgido das profundidades. Com um baque raspante, esmigalhando conchas, seixos e galhos de coral, o monstro esbarra

365 na areia, que fundamente escava, e sobre que retesa as duas patas, mais grossas que troncos de teca, com as unhas todas enrodilhadas de silvas marinhas. Da caverna das suas fauces através dos dentes terríficos, que os limos e musgos esverdeiam,

370 sopra um bafo espesso de fadiga ou de furor, tão forte que faz rodopiar as algas secas e os búzios ligeiros. Entre as crostas pedregosas que lhe couraçam a fronte negrejam dois cornos curtos e rombos. Os seus olhos lívidos e vítreos são como duas enormes luas mortas. A imensa cauda dentada arrasta pelo mar

375 distante, e a cada rabeio lento levanta uma tempestade.

Por estas feições, pouco amáveis, já reconhecesteis o Ictiosáurio, o mais horrendo dos cetáceos concebidos por Jeová. Era ele! talvez o derradeiro, que durara nas trevas oceânicas até este dia memorável de 28 de Outubro, para que nosso Pai



380 entrevisse as origens da Vida. E agora está em frente de Adão,  
ligando os tempos velhos aos tempos novos, — e, com as esca-  
mas do dorso assanhadas, muge devastadoramente. Nosso Pai  
venerável enroscado ao tronco alto guincha de vivo horror...  
E eis que, do lado dos charcos enevoados, um silvo fende os  
385 céus, uivado e arremetido, como o de um áspero vento numa  
garganta da serrania. O quê! Outro monstro?... Sim, o Plesios-  
sáurio. É também o derradeiro Plesiossáurio que corre do fun-  
do dos pântanos. E agora de novo se trava para assombro do  
Primeiro Homem (e gosto dos Paleontologistas), o combate  
390 que foi a desolação dos pré-humanos dias da Terra. Lá aparece  
a fabulosa cabeça do Plésio, terminada em bico de ave, bico de  
duas braças, mais agudo que o dardo mais agudo, erguida so-  
bre um longuíssimo e esguio pescoço que ondula, arqueia,  
esfuzia, dardeja com pavorosa elegância! Duas barbatanas de  
395 incomparável rijeza vêm movendo o seu disforme corpo, mole,  
glutinoso, todo em rugas, manchado por uma lepra de fungos  
esverdeados. E tão imenso é assim rojando, com o pescoço  
empinado, que, diante da duna onde se levantam os pinheiros  
que acoitam Adão, ele parece uma outra duna negra sustentan-  
400 do um pinheiro solitário. Furiosamente avança. — E de repen-  
te é um horroroso tumulto, de mugidos, e sibilos, e choques  
ribombantes, e areias torvelinhando e grossos mares espada-  
nando. Nosso Pai venerável salta dum pinheiro para outro  
pinheiro, tremendo tanto que, com ele, tremem os rijos tron-  
405 cos. E quando se arrisca a espreitar, ao recrescer dos bramidos,  
só percebe, na enrolada massa dos dois monstros, através de  
uma névoa de espuma que os esguichos de sangue avermelham,  
o bico do Plésio todo enterrado no ventre mole do Íctio, cuja  
cauda, erguida, se estorce furiosamente na palidez dos céus  
410 espantados. De novo esconde perdidamente a face, nosso Pai  
venerável! Um urro de monstruosa agonia rola na praia. As  
pálidas dunas estremecem, as cavernas soturnas ressoam. De-  
pois é uma paz muito larga, em que o ruído do mar oceano  
não é mais que um consolado murmúrio de alívio. Adão espia,

391: [*Almanach*: “de”.]

415 debruçado entre os galhos... O Plésio recuara ferido para a  
tépida lama dos seus pântanos. E sobre a praia jaz o Íctio morto,  
como uma colina onde a vaga da tarde mansamente se quebra.

Então nosso Pai venerável cautelosamente escorrega do seu  
pinheiro, e se abeira do monstro. A areia em redor está medo-  
420 nhamente revolta; — e por toda ela, em lentos regos, em poças  
escuras, o sangue mal chupado fumea. Tão montanhoso é o  
Íctio, que Adão, erguendo a face assombrada, nem avista as  
puas do monstro, erriçadas ao longo daquele alcantilado  
425 espinhaço, a que o bico do Plésio arrancou escamas mais pesa-  
das que lajes. Mas, diante das mãos trementes do Homem es-  
tão os rasgões do ventre mole, donde o sangue pinga, e gordu-  
ras babam, e imensas tripas esfiadas escorrem, e pendem febras  
atassalhadas de carne rosada... E as chatas ventas do nosso Pai  
venerável estranhamente se alargam e farejam.

430 Toda essa tarde ele caminhará, desde a floresta, através do  
Paraíso, chupando bagas, rilhando raízes, trincando os insectos  
de casca picante. Mas agora o sol penetrou no mar — e Adão  
tem fome, nesse areal maninho, onde só alvejam cardos que o  
vento estorce. Oh aquela carne rija, sangrenta, ainda viva, que  
435 exala um cheiro tão fresco e salino! As suas rombas mandíbula-  
s ruidosamente se escancaram num bocejo enfasiado e famé-  
lico... O oceano arfa, como adormecido... Então, irresistivel-  
mente, Adão mergulha numa das feridas do sáurio os dedos  
que lambe e rechupa, moles de sangue e gorduras. O espanto  
440 dum sabor novo imobiliza o homem frugal que vem das ervas  
e das frutas. Depois, com um salto, arremete contra a monta-  
nha de abundância, e arranca uma febra que trinca e traga, a  
grunhir, num furor, numa pressa, em que há o gozo e há o  
medo da primeira carne comida.

445 Tendo ceado assim postas cruas dum monstro marinho,  
nosso Pai venerável sente uma grande sede. São salgadas as poças  
que na areia rebrilham. Pesado e triste, com os beiços empas-  
tados de banha e de sangue, Adão, sob o calado crepúsculo,  
atravessa as dunas, repenetra nas terras, rebuscando sofrega-  
450 mente água doce. Por toda a selva, nesses tempos de universal  
humidade, fugia e chalrava um regato. Em breve, estendido



numa riba lodosa, Adão bebeu consoladamente, em fundos sorvos, sob o voo espantado de moscas fosforescentes que se lhe prendiam na guedelha.

455 Era junto dum bosque de carvalhos e faias. A noite, que já se adensara, enegrecia um chão, todo de plantas onde a malva se encostava à hortelã, e a salsa ao funcho ligeiro. Nessa clareira fresca, penetrou nosso Pai venerável, estafado com a marcha, os espantos daquela tarde de Paraíso. E apenas se estendera  
460 na alfombra cheirosa, com a hirsuta face pousada sobre as palmas unidas, os joelhos colhidos contra o ventre distendido como um tambor, mergulhou num sono como ele nunca dormira, — todo povoado de sombras moventes, que eram aves construindo uma casa, patas de insectos tecendo uma teia, dois  
465 bichos vogando nas águas rolantes.

Ora conta a Lenda que então, em torno do Primeiro Homem adormecido, começaram a surgir, por entre o mato baixo, focinhos fariscantes, finas orelhas espetadas, olhinhos reluzindo como botões de azeviche, e espinhaços inquietos que  
470 a emoção arqueava — enquanto que, dos cimos dos carvalhos e faias, num abafado frémito de asas, se debruçavam bicos recurvos, bicos retesos, bicos bravios, bicos pensativos, todos alvejando na claridade delgada da lua, que subia por trás dos montes, e banhava as frondes altas. Depois, à orla da clareira,  
475 uma hiena apareceu, coxeando, miando com lástima. Através da campina trotaram dois lobos, esgalgados, famélicos, com os verdes olhos acesos. Os leões não tardaram, com as reais faces erguidas, soberanamente enrugadas, numa profusão de jubas flamantes. Em confusa manada, que chegava bufando, os cornos dos auroques entrechocavam com impaciência os galhos palmares das renas. Todos os pêlos se arrepiaram quando o tigre e a pantera negra ondulando, calada e aveludadamente, resvalaram, com as línguas pendentes e vermelhas como coalhos de sangue. Dos vales, das serranias, das fragas, outros acudiam,  
480 numa pressa tão ansiosa, que os horrendos cavalos primitivos se empinavam por sobre os cangurus, e a tromba do hipopótamo, a escorrer de limos, empurrava as ancas lentas do dromedário. Entre as patas e os cascos apinhados coleavam em aliança o furão, a sardónica, a doninha, a cobra fulgente que



490 engole a doninha, e o alegre manguço que assassina a cobra.  
Um bando de gazelas tropeçava, magoando as pernas finas,  
contra a crosta dos crocodilos, que subiam em fila da borda  
das lagoas, de goelas preparadas e a gemer. Já toda a planície  
arfava, sob a lua nova, no mole remexer de dorsos apertados,  
495 donde se erguia ora o pescoço da girafa, ora o corpo da jibóia,  
como mastros naufragados, balançados entre vagas. E por fim,  
abalando o solo, enchendo o céu, com a tromba enrolada entre  
os dentes recurvos, assomou o rugoso mastodonte.

Era toda a Animalidade do Paraíso, que, sabendo o Pri-  
meiro Homem adormecido, sem defesa, num ermo bosque,  
500 corria, na imensa esperança de o destruir e eliminar da Terra  
a Força Inteligente destinada a submeter a Força Bruta. Mas,  
naquela pavorosa turba que fumegava, se atropelava à borda da  
clareira, onde Adão dormia sobre a hortelã e a malva, nenhu-  
ma fera avançava. Os longos dentes reluziam, feramente arre-  
gançados; todos os cornos repontavam; cada garra saída dilace-  
rava com ânsia a terra mole; e os bicos, de cima das ramas  
505 terçavam os fios da lua com bicadas famintas... Mas nem ave  
descia, nem fera avançava — porque ao lado de Adão velava  
uma Figura séria e branca, de asas brancas fechadas, os cabelos  
presos num aro de estrelas, o peito guardado numa couraça de  
diamante, e as duas refulgentes mãos apoiadas ao punho duma  
510 espada que era de lume e vivia.

A aurora despontou, com ardente pompa, comunicando à  
515 Terra alegre, à Terra braviamente alegre, à Terra ainda sem  
andrajos, à Terra ainda sem sepulturas, uma alegria superior,  
mais grave, religiosa e nupcial. Adão acordou: e, batendo as  
fuscas pálpebras, na surpresa do seu acordar humano, sentiu  
sobre a ilharga um peso que era macio e que era doce. Nesse  
520 terror que desde as árvores não desamparava o seu coração,  
pulou e com tão ruidoso pulo que, pela selva, os melros, os  
rouxinóis, as toutinegras, todos os passarinhos de festa e de  
amor, despertaram e romperam num canto de congratulações  
e de esperanças. — E, oh maravilha! diante de Adão, e como  
525 despedado dele, estava outro Ser a ele semelhante, mas mais  
esbelto, suavemente coberto dum pêlo mais sedoso, que o con-

templava com largos olhos lustrosos e líquidos. Uma coma  
 ruiva, dum ruivo tostado, rolava, em espessas ondas, até às  
 suas ancas arredondadas numa plenitude harmoniosa e fecunda.  
 530 Dentre os braços peludinhos que cruzara surdiam, abundantes e  
 gordos, os dois peitos da cor do medronho, com uma penugem  
 crespa orlando o bico, que se enristava, entumecido. E roçando,  
 num roçar lento, num roçar muito doce, os joelhos pelados,  
 todo aquele sedoso e tenro Ser se ofertava com uma submissão  
 535 pasmada e lasciva. Era Eva... Eras tu, Mãe venerável!

### III

Então começaram, para nossos Pais, os dias abomináveis  
 do Paraíso.

O seu constante e desesperado esforço foi sobreviver — no  
 540 meio duma Natureza que, sem cessar e furiosamente, tramava a  
 sua destruição. E Adão e Eva passaram esses tempos, que os  
 Poemas semíticos celebram como inefáveis — sempre a tremer,  
 sempre a ganir, sempre a fugir! A Terra ainda não era uma obra  
 perfeita: e a Divina Energia que a andava compondo incessante-  
 545 mente, a emendava, numa tão móbil inspiração, que em sítio  
 coberto ao alvorecer por uma floresta, à noite se espelhava uma  
 lagoa onde a Lua, já doente, vinha estudar a sua palidez. Quantas  
 vezes nossos Pais repousando no pendor de um outeiro inocente,  
 entre o serpol e o rosmaninho (Adão com a face deitada  
 550 sobre a coxa de Eva, Eva com dedos ágeis catando o pêlo de  
 Adão), foram sacudidos pela encosta amena como por um dorso  
 irritado, e rolaram, embrulhados, entre o ribombo e a labareda  
 e a fumarada e a cinza quente do vulcão que Jeová improvisara!  
 Quantas noites escaparam, uivando, de alguma abrigada caverna,  
 555 quando já sobre ela corria um grande mar inchado que  
 bramava, se desenrolava, ficava fervendo entre as rochas com  
 negras focas mortas a boiar. Ou então era o chão, o chão segu-  
 ro, já social e fertilizado para as searas sociáveis, que de repente  
 rugia como uma fera, como uma fera escancarava uma insondável  
 560 goela, e tragava rebanhos, prados, nascentes, benéficos cedros  
 com todas as rolas que na sua rama arrulhavam.



Depois eram as chuvas, as longas chuvas edênicas, desabando em jorros clamorosos, durante alagados dias, durante  
565 charco barrento, apenas apareciam as pontas do arvoredo afogado, e os cimos dos montes atulhados de bichos transidos que  
bramiam no terror das águas soltas. E nossos Pais, refugiados  
nalguma erguida fraga, gemiam lamentavelmente, com regatos  
a escorrer dos ombros, com ribeiras a escorrer dos pés, como se  
570 o barro novo de que Jeová os fizera se andasse já desfazendo.

E mais terríficas eram as estiagens. Oh! o incomparável  
tormento das secas no Paraíso! Lentos dias tristes, após lentos  
dias tristes, a imensa brasa do sol candente coriscava furiosamente  
575 num céu cor de cobre, em que o ar baço e grosso crepitava a arfava. Os montes estalavam, gretados: e as planícies  
desapareciam sob uma denegrida camada de fios retorcidos,  
enovelados, rijos como arames, que eram os restos das verdes  
pastagens. Toda a tisonada folhagem rolava nos ventos abrasados,  
com rugidora restolhada. O leito dos rios chupados tinha  
580 a rigidez de ferro fundido. O musgo escorregava das rochas,  
como uma pele seca que se despela descobrindo largos ossos.  
Cada noite um bosque ardia, fogueira estralejante, de lenha  
ressequida, escaldando mais a abóbada do forno inclemente.  
Todo o Éden andava coberto das revoadas de abutres e corvos,  
585 porque, com tanto animal morto de fome e de sede, abundava  
a carne podre. No rio a água que restava mal corria, empoçada  
pela massa fervilhante de cobras, rãs, lontras, tartarugas, refugiadas  
naquele derradeiro veio, lodoso e todo morno. E nossos  
Pais veneráveis, com as magras costelas a arquejar contra o  
590 pêlo crestado, a língua pendida e mais dura que cortiça, erravam  
de fonte em fonte, a sorver desesperadamente alguma gota  
que ainda brotasse, gota rara, que assobiava ao cair sobre as  
lajes esbraseadas...

E assim Adão e Eva, fugindo do Fogo, fugindo da Água,  
595 fugindo da Terra, fugindo do Ar, encetavam a vida no Jardim  
de Delícias.

579: [*Almanach*: “rosthada”.]



E no meio de tantos perigos, constantes e flagrantes, era necessário comer! Ah! Comer — que portentosa empresa para nossos Pais veneráveis! Sobretudo desde que Adão (e depois Eva, por Adão iniciada) tendo provado os deleites fatais da carne, já não encontravam sabor, nem fartura, nem decência, nos frutos, nas raízes, e nos bagos do tempo da sua Animalidade. Certamente, as boas carnes não faltavam no Paraíso. Delicioso seria o salmão primitivo — mas nadava alegremente nas águas rápidas. Saborosa seria a galinhola, ou o faisão rutilante, nutridos com os grãos que o Criador considerara bons, mas voavam nos céus, em triunfal segurança. O coelho, a lebre — que fugas ligeiras no mato cheirosos!... E nosso Pai, nesses dias cãndidos, não possuía o anzol nem a seta. Por isso, sem cessar rondava em torno das lagoas, nas ribas do mar, onde casualmente encalhava, boiando, algum cetáceo morto. Mas esses achados de abundância eram raros — e o triste casal humano nas suas marchas famintas pela borda das águas, só conquistava, aqui e além, na rocha ou na areia revolta, algum feio caranguejo pré-histórico em que os seus beiços se esgaçavam. Essas solidões marinhas andavam também infestadas por bandos de feras esperando, como Adão, que a vaga rolasse os peixes vencidos em borrasca ou batalha. E quantas vezes, nossos Pais, já com a garra cravada numa posta de foca ou golfinho, fugiam desconsoladamente, sentindo o passo fofo do horrendo espeleu, ou o bafo dos ursos brancos, bamboleando pelo branco areal, sob a branca indiferença da lua!

Decerto, a sua ciência hereditária de trepar às árvores socorria nossos Pais nesta conquista da presa. Que, sob as ramarias da caneleira donde eles assolapadamente espreitavam aparecesse algum cabrito desgarrado, ou uma tartaruga moça e bisonha se arrastasse para a erva miúda — e eis o repasto seguro! Num relance o cabrito ficava atassalhado, todo o seu sangue chupado em sorvos convulsos: e Eva, nossa Mãe forte, guinchando sombriamente, arrancava uma a uma, dentre a casca, as patas da tartaruga... Mas quantas noites, depois de jejuns angustiosos, se achavam os Eleitos da Terra forçados a afugentar a hiena, com rijos brados, através das clareiras, para lhe roubar um osso fetidamente babujado, que era já o sobejo de um leão farto!

635 E dias piores sucediam, em que a fome reduzia nossos Pais a retrogradar à desgostosa frugalidade do tempo da Árvore, às ervas, aos rebentos, às raízes amargas — conhecendo assim, entre a abundância do Paraíso, a primeira forma da Miséria!

640 E, através destes trabalhos, não os desamparava o terror das feras! Porque, se Adão e Eva comiam os bichos fracos e fáceis, eram também uma presa apetecida por todos os brutos superiores. Comer Eva, tão redonda e carnuda, foi decerto o sonho de muito tigre nos juncais do Paraíso. Quanto urso, mesmo ocupado a roubar favos de mel num escavado tronco  
645 de roble, não se deteve, e se balançou, e lambeu o focinho numa gula mais fina, ao avistar, através da ramaria, num rebrilho errante de sol, o sombrio corpanzão de nosso Pai venerável! E nem só o perigo vinha das hordas esfaimadas dos carnívoros, mas ainda dos lentos e fartos herbívoros, o auroque,  
650 o urus, o cervo-elefas, que alegremente escorneariam e espezi-nhariam nossos Pais por estupidez, dissemelhança de raça e cheiro, emprego da força ociosa. E cresciam ainda os que matavam para não serem mortos — porque Medo, Fome e Furor foram as leis da vida no Paraíso.

655 Certamente nossos Pais eram também ferozes, de tremenda força, e perfeitos na arte salvadora de trepar aos cimos frondosos. Mas o leopardo pulava de ramo em ramo, sem rumor, com uma destreza mais felina e segura! A jibóia furava com a cabeça até aos galhos extremos do mais levantado cedro  
660 para colher os macacos — e bem poderia abocar Adão, com aquela obtusa incapacidade que sempre as jibóias tiveram de distinguir, sob a similitude das formas, a diversidade dos méritos. E que valiam as garras de Adão, mesmo aliadas às garras de Eva, contra esses pavorosos leões do Jardim de Delícias que  
665 a zoologia, ainda hoje arrepiada, chama o *Leo Anticus*? Ou contra a hiena-espeleia tão ousada, que, nos primeiros dias do Génesis, os Anjos, quando desciam ao Paraíso, caminhavam sempre com as asas arregaçadas, para que ela, saltando dentre

650: [De facto “urus” é a palavra latina de origem céltica para dizer “auroque”. Encontra-se o urus na *Guerre du feu*, de Rosny aîné, por exemplo.]



670 os bambus, lhes não arrancasse as penas refulgentes? Ou contra os cães, os horrendos cães do Paraíso, que, atacando em cerradas e ululantes hostes, foram, nesses começos do Homem, os piores inimigos do Homem?

675 E entre toda esta bicharia adversa, Adão não contava um aliado. Os seus próprios parentes, os Antropóides, invejosos e farsantes, o ultrajavam com sórdidos remoques, o apedrejavam com enormes cocos. Só um animal, e formidável, conservava pelo Homem uma majestosa e pachorrenta simpatia. Era o Mastodonte. Mas a enevoada Inteligência de nosso Pai ainda, nesses dias edénicos, não compreendia a bondade, a justiça, o 680 serviçal coração do paquiderme admirável. Por isso, certo da sua fraqueza e do seu isolamento, ele viveu, durante esses trágicos anos, num ansiado terror. Tão ansiado e longo, que o seu arrepio, como uma longa ondulação, se perpetuou por toda a sua descendência — e é o velho medo de Adão que nos torna 685 inquietos, quando atravessamos a mata mais segura na solidão crepuscular.

E depois consideremos que ainda restavam pelo Paraíso, entre bichos de formas racionais, polidas, já preparadas para a prosa nobre de M. de Buffon, alguns dos grotescos monstros 690 que desonraram a Criação antes da madrugada purificadora de 25 de Outubro. Decerto Jeová poupou a Adão o degradante horror de viver no Paraíso em companhia dessa escandalosa avantesma a que os antropologistas, assombrados, deram o nome de *Iguanodão!* Na véspera do advento do Homem, Jeová, muito 695 caridosamente, afogou todos os Iguanodões nos lodos de um pântano, a um canto escondido do Paraíso, onde hoje se estende a Flandres. Mas Adão e Eva ainda conheceram os Pterodáctilos. Oh estes Pterodáctilos!... Corpos de jacaré, escamosos e penugentos; duas lúgubres, negras, carnudas asas de morcego; um bico 700 disparatado, mais grosso que o corpo, tristonhamente caído, erriçado de centenas de dentes, finos como os de uma serra. E não voava! Descia, de asas moles e mudas, e nelas abafava a presa como num pano viscoso e gelado, para a retalhar toda com os estalados golpes das mandíbulas fétidas. E este funambulisco avejão enturvava o céu do Paraíso com a abundância com 705 que os melros ou as andorinhas cruzam os santos ares de Portu-



gal. Os dias de nossos Pais veneráveis foram por eles torturados: — e nunca o seu pobre coração tremia, como quando, de além dos montes, se vinha despenhando, com sinistro estridor de asas e bicos, a revoada dos Pterodáctilos.

710 Como sobreviveram nossos Pais, neste Jardim de Delícias? Decerto muito fiscou e trabalhou a espada do Anjo que os guardava!

715 Pois bem, meus amigos! A todos estes furiosos seres deve o homem a sua carreira triunfal. Sem os Sáurios, e os Pterodáctilos, e a Hiena-Espeleia, e o arrepiado terror que espalhavam, e a necessidade de ter contra o seu ataque, sempre bestial, uma defesa sempre racional — a Terra permaneceria um temeroso Paraíso, onde erraríamos todos, desgrenhados e nus, chupando pela borda dos mares as banhas cruas de monstros naufragados. Ao encolhido medo de Adão se deve a supremacia da sua descendência. Foi o bicho perseguidor que o forçou a subir aos cimos da Humanidade. E bem sabedores das Origens se mostraram os poetas mesopotâmicos do Génesis, nesses versículos subtis em que um animal, e o mais perigoso, a Serpente, 720 leva Adão, por amor de Eva, a colher o fruto do Saber! Se não rugisse outrora o Leão das cavernas, não trabalhava hoje o Homem das cidades, — pois que a Civilização nasceu do desesperado esforço defensivo contra o Inanimado e o Inconsciente. 725 A Sociedade é realmente a obra da fera. Que a Espeleia e o Tigre, no Paraíso, comesassem por acariciar languidamente o ombro peludo de Adão com pata amiga, — Adão ficaria irmão do Tigre e da Espeleia, partilhando as suas tocas, as suas presas, os seus ócios, os seus gostos bravios. E a Energia Inteligente, que o descera da Árvore, em breve se apagaria dentro da sua bruteza inerte, como se apaga a faísca, mesmo entre galhos secos, se um frio sopro, vindo de um buraco escuro, não a estimula a viver, para vencer a friagem e vencer a escuridão. 730 735

740 Mas uma tarde (como ensinaria o exacto Usseries), saindo Adão e Eva da espessura dum bosque, um urso enorme, o Pai dos Ursos, apareceu diante deles, ergueu as negras patas, escancarou a goela sangrenta... Então, assim colhido, sem refúgio, na apertada ânsia de defender a sua fêmea, o Pai dos Homens

745 arremessou contra o Pai dos Ursos o cajado a que se arrimava, um forte galho de teca, arrancado na mata, que findava em lasca aguda... E o pau atravessou o coração da fera.

Ah! Desde essa tarde bendita houve verdadeiramente, sobre a Terra, um Homem.

750 Era já um Homem, e superior, quando lançou um passo espantado, e arrancou o pau do seio do monstro estendido, e lhe mirou a ponta gotejante de sangue — com a testa toda franzida, no afã de compreender. Os seus olhos resplandeceram, num deslumbrado triunfo. Adão compreendera...

755 Nem cuidou mais da boa carne do urso! Remergulhou na floresta, e toda a tarde, enquanto a luz se arrastou pelas frondes, arrancou ramos aos troncos, cautelosamente, destramente, para que as pontas quebrassem bem lascadas e agudas. Ah, que soberbo estalar de hastes, pelo fundo bosque, através da frescura e da sombra, para a obra da primeira Redenção! Selva amável, 760 que foste a primeira oficina, quem soubera onde jazes, na tua secular sepultura, tornada negro carvão!... Quando da mata largaram, fumegando de suor, para recolher à toca distante, nossos Pais veneráveis vergavam sob o peso glorioso de dois grossos molhos de armas.

765 E então não cessam mais os feitos do Homem. Ainda os corvos e os chacais não tinham esburgado a carcaça do Pai dos Ursos — já nosso Pai racha uma ponta do seu cajado vitorioso; entala na fenda um desses seixos afiados e bicudos, em que por vezes se feriam as suas patas, descendo à beira dos rios; e segura o fino estilhaço na racha com os lios, muito arrochados, de 770 uma fibra de enredicha seca. E eis a lança! Como essas pedras não abundam, Adão e Eva ensangüentam as garras, tentando fender os pedregões redondos de sílex em lascas curtas, que venham perfeitas, com ponta e com gume, para rasgar, cravar. 775 A pedra resiste, pouco desejosa de ajudar o homem que, nos dias genesíacos do grande Outubro, ela tentara suplantar (como contam as prodigiosas *Crônicas* de Backun). — Mas de novo lampeja a face de Adão, numa ideia que o sulca, como faísca emanada da Eterna Sabedoria. Apanha um pedregulho, bate a 780 rocha, arranca a lasca... E eis o martelo!



Depois, noutra tarde bendita, costeando uma escura e  
bravia colina, descobre, com aqueles seus olhos que já rebus-  
cam e comparam, um calhau negro, áspero, facetado, sombria-  
mente luzidio. Pasma do seu peso — e logo pressente nele um  
785 maço superior, de decisiva rijeza. Com que alvoroço o leva,  
agarrado contra o peito, para martelar o sílex rebelde! Ao lado  
de Eva, que o espera à beira do rio, logo malha rijamente so-  
bre a pederneira... E oh espanto! uma fagulha salta, refulge,  
morre! Ambos recuam, se entreolham, num terror quase sa-  
790 grado! É um lume, um vivo lume, que ele assim arrancou com  
as suas mãos da rocha bruta — semelhante ao lume vivo que  
dardeja dentre as nuvens. De novo bate, a tremer. A centelha  
brilha, a centelha passa e Adão remira e fareja o escuro calhau.  
Mas não compreende. E pensativos, nossos Pais veneráveis  
795 sobem, com os cabelos ao vento, para a sua caverna costuma-  
da, que é no pendor dum cerro, junto duma fonte borbulhan-  
do entre fetos.

E aí, no seu retiro, Adão, com uma curiosidade onde la-  
teja uma esperança, novamente entala o sílex, grosso como uma  
800 abóbora, entre os calosos pés, e recomeça a martelar sob o  
bafo de Eva que se debruça e arfa. Sempre a faúlha salta, rebrilha  
na sombra, tão refulgente como aqueles lumes que agora pal-  
pitam, olham, de além, das alturas. Mas esses lumes permane-  
cem, através da negrura do céu e da noite, vivos, a espreitar,  
805 na sua radiância. E aquelas estrelinhas da pedra ainda não têm  
vivido e já têm morrido... Será o vento que as leva, ele que  
tudo leva, vozes, nuvens e folhas? Nosso Pai venerável, fugin-  
do do vento malévolo que ronda no monte, recua até ao fundo  
mais abrigado da caverna, onde se afofam as camadas de feno  
810 muito seco que são o seu leito. E de novo fere a pedra, despe-  
dindo centelha após centelha, enquanto Eva, agachada, abriga  
com as mãos aqueles refulgentes e fugitivos seres. E eis que dos  
fenos um fumozinho se eleva e se engrossa, e se enrola, e atra-  
vés dele, vermelha, uma chama ressalta... É o Fogo! Nossos  
815 Pais fogem espavoridamente da caverna, obscurecida por uma  
fumaraça cheirosa, onde flamejam alegres, rutilantes línguas que  
lambem a rocha. Acocorados à porta da toca, ambos arquejam,  
no pasmo e terror da sua obra, com os olhos a chorar do fumo



820 acre. E, mesmo através do susto e do espanto, sentem uma  
doçura muito nova que os penetra e que vem daquela luz e  
vem daquele calor... Mas já o fumo se escapou da caverna, o  
vento roubador o levou. As chamas rastejam, incertas e  
azuladas; em breve só resta um borralho que descora, se  
825 acinzenta, se abate em cisco: e a derradeira faúlha corre, tre-  
meluz, passa. O fogo morreu! Então na alma nascente de  
Adão, entra a dor duma ruína. Desesperadamente puxa os  
grossos beiços e geme. Saberá ele jamais recomeçar o feito  
maravilhoso?... E é nossa Mãe, já consoladora, que o consola.  
830 Com as suas rudes mãos comovidas, porque realiza sobre a  
Terra a sua primeira obra, junta outro montão de fenos se-  
cos, pousa entre eles o sílex redondo, toma o escuro calhau,  
bate rijamente, num faulhar de estrelinhas. E de novo o fumo  
rola, e de novo a chama refulge. Oh triunfo! Eis a fogueira,  
835 a fogueira inicial do Paraíso, e não casualmente rebentada,  
mas acendida por uma clara Vontade, que agora para todo o  
sempre, cada noite e cada manhã, poderá repetir com segu-  
rança a façanha suprema!

À nossa Mãe Venerável pertence então na caverna a doce  
e augusta tarefa do Lume. Ela o cria, ela o nutre, ela o defende,  
840 ela o perpetua. E, como mãe deslumbrada, descobre cada dia,  
nesse resplandecente filho dos seus cuidados, uma virtude ou  
graça nova. Agora já Adão sabe que o *seu* fogo espanta todas  
as feras (mesmo o medonho Espeleu que nada espanta) e que  
no Paraíso existe enfim um buraco seguro que é o *seu* buraco!  
845 Não só seguro, mas amável, — porque o lume o alumia, o aque-  
ce, o alegra, o purifica. E quando Adão, com um molho de  
lanças, desce à planície ou se embrenha na selva a caçar a pre-  
sa, já mata com redobrada ânsia, para recolher depressa àquela  
boa segurança e consolação do lume. Ah, que docemente ele o  
850 penetra, e lhe seca no pêlo a friagem dos matos, e doura como  
um sol a penedia da sua toca! E depois ainda lhe prende os  
olhos e o enleva e o guia num cismar fecundo, em que  
inspiradamente lhe aparecem formas de flechas, malhos com

835-6: [*Almanach*: “todo sempre,”]

855 cabos, ossos recurvos que físgam os peixes, lascas dentadas  
que serram o pau!... À sua fêmea forte deve Adão esta hora  
criadora!

E quanto lhe não deve a Humanidade! Recordemos, meus  
irmãos, que nossa Mãe, com aquela adivinhação superior que  
860 mais tarde a tornou Profetisa e Sibila, não hesitou, quando a  
Serpente lhe disse, coleando entre as rosas: «Come do fruto do  
Saber, que os teus olhos se abrirão, e serás como os Deuses  
sabedores!» Adão teria comido a serpente, bocado mais sucu-  
lento. Nem acreditaria em frutos que comunicam a Divindade  
865 e Sapiência, ele que tanta fruta comera nas árvores, e se conser-  
vava insciente e bestial como o urso e o auroque. Eva porém,  
com a credulidade sublime que sempre no mundo opera as  
transformações sublimes, comeu logo a maçã e a casca e a  
pevide. E persuadindo Adão a que partilhasse do transcenden-  
te pomo, muito doce e enredosamente o convenceu do provei-  
870 to, da felicidade, da glória e da força que dá o Saber! Esta  
alegoria dos poetas do Génesis com esplêndida subtileza nos  
revela a imensa obra de Eva nos anos dolorosos do Paraíso.  
Por ela Deus continua a Criação superior, a do Reino espiri-  
tual, a que desenrola sobre a Terra o lar, a família, a tribo, a  
875 cidade. É Eva que cimenta e bate as grandes pedras angulares  
na construção da Humanidade.

Senão, vede! Quando o bravio caçador recolhe à caverna,  
derreado, sob o peso da caça morta, cheirando todo a selva e  
a sangue e a fera, é ele, decerto, que esfola a rês com a faca de  
880 pedra, e retalha as postas, e esburga os ossos (que sofregamente  
guarda sob a coxa e reserva para sua ração, porque contêm a  
moela preciosa). Mas Eva junta essa pele, cuidadosamente, às  
outras peles armazenadas; esconde os ossos partidos, porque as  
suas lascas agudas pregam e furam; e numa cavidade da rocha  
885 fresca guarda a carne que sobejou. Ora em breve uma dessas  
fartas postas esquece, caída junto à fogueira perpétua. O lume  
alastra, lentamente lambe a carne pelo lado mais gordo, até  
que um cheiro, desconhecido e saboroso, afaga e alarga as ru-  
des narinas de nossa Mãe venerável. Donde vem ele, o gostoso  
890 aroma? Do fogo, onde a posta de veado ou de lebre grelha e



rechina. Então Eva, inspirada e grave, empurra a carne para a brasa viva; e espera, ajoelhada, até que a espeta com uma ponta de osso, e a retira da chama ruidosa, e a trinca, em sombrio silêncio. Os seus olhos rebrilhantes anunciam outra conquista.

895 E, com a pressa amorosa com que ofereceu a maçã a Adão, lhe apresenta agora aquela carne tão nova, que ele cheira desconfiado, e depois devora a rijas dentadas, roncando de gozo! E eis que, por este pedaço de gamo assado, nossos Pais sobem vitoriosamente outro escalão da Humanidade!

900 A água ainda a bebem na nascente vizinha, entre os fetos, com a face mergulhada no veio claro. Depois de beber, Adão, arrimado à sua grossa lança, olha ao longe o rolar do rio lento, os montes coroados de neve ou de lume, o sol sobre o mar — pensando, com arrastado pensar, se nessas terras que se estendem, se escondem para além, a presa será mais certa e as selvas  
905 menos cerradas. Mas Eva recolhe logo à caverna, para se entregar sem descanso a uma tarefa que a encanta. Encruzada no chão, toda atenta sob a coma crespa, nossa Mãe fura, com um ossinho agudo, buracos finos na orla duma pele, e depois na  
910 orla de outra pele. E, tão embebida que nem sente Adão entrar e remexer nas suas armas, une as duas peles sobrepostas, passando através dos buracos uma delgada fibra das algas que secam diante do lume. Adão considera com desdém esse trabalho miúdo que não acrescenta força à sua força. Não presente  
915 ainda, o bruto Pai, que aquelas peles cosidas serão o resguardo do seu corpo, a armação da sua tenda, o saco do seu farnel, o odre da sua água, e o tambor em que bata quando for um Guerreiro, e a página em que escreve quando for um Profeta!

920 Outros gostos e modos de Eva o irritam também: e por vezes, com uma desumanidade que é já toda humana, nosso Pai arrebatava pelos cabelos a sua fêmea, e a derruba e a pisa sob a pata calosa. Assim um furor o tomou, uma tarde, avistando, no regaço de Eva, sentada diante da fogueira, um cachorrinho mole e trôpego, que ela, com carinho e paciência, ensinava a  
925 sugar numa febra de carne fresca. À beira da fonte descobrira o cachorrinho perdido e ganindo; e muito mansamente o recolhera, o aquecera, o alimentara, com uma sensação que lhe era doce, e lhe abria na espessa boca, ainda mal sabedora de sorrir,



um sorriso de maternidade. Nosso Pai venerável, com as pupilas a reluzir, atira a garra, quer devorar o cachorro que entra na sua toca. Mas Eva defende o animal pequenino que treme e que a lambe. O primeiro sentimento de Caridade, informe como a primeira flor que brotou dos limos, aparece na Terra! E, com as curtas e roucas vozes que eram o falar de nossos Pais, Eva tenta talvez afiançar que será útil, na caverna do homem, a amizade dum bicho... Adão puxa o beijo trombudo. Depois, em silêncio, mansamente, corre os dedos pelo lombo macio do cachorrinho encolhido. E este é, na História, um momento espantoso! Eis que o Homem domestica o Animal! Desse cachorro agasalhado no Paraíso nascerá o cão amigo, por ele a aliança com o cavalo, depois o domínio sobre a ovelha. O rebanho crescerá; o pastor o levará; o cão fiel o guardará. Eva, da beira do seu lume, prepara os povos errantes que pastoreiam os gados.

Depois, naquelas longas manhãs em que Adão bravio caçava, Eva, errando de vale a monte, apanhava conchas, ovos de aves, curiosas raízes, sementes, com o gosto de acumular, de abastecer a sua toca de riquezas novas que escondia nas fendas da rocha. Ora um punhado dessas sementes caíra através dos seus dedos, sobre terra húmida e negra, quando recolhia pela beira da fonte. Uma ponta verde brotou; depois uma haste cresceu; depois uma espiga amadurou. Os seus grãos são gostosos. Eva, pensativa, enterra outras sementes, na esperança de criar em torno do seu lar, num bocado do seu torrão, altas ervas que espiguem, e lhe tragam o grão adocicado e tenro... E eis a seara! E assim nossa Mãe torna possíveis, do fundo do Paraíso, os povos estáveis que lavram a terra.

No entanto, bem podemos supor que Abel nasceu — e, uns após outros, os dias deslizam no Paraíso, mais seguros e fáceis. Já os vulcões lentamente se vão apagando. As rochas não se despenham já com fragor sobre a abundância inocente dos vales. Tão amansadas andam as águas que na sua transparência se miram, com demora e cuidado, as nuvens e os ramos dos olmos. Raramente um Pterodáctilo macula, com o escândalo do seu bico e das suas asas, os céus, onde o sol alterna

com a bruma, e os Estios se franjam de chuvas ligeiras. E nesta tranquilidade que se estabelece há como uma submissão consciente. O Mundo pressente e aceita a supremacia do Homem. A floresta já não arde com a leviandade do restolho, sabendo  
970 que em breve o Homem lhe pedirá a estaca, a trave, o remo, o mastro. O vento, nas gargantas da serra, brandamente se disciplina, e ensaia os sopros regulares com que trabalhará a mó do moinho. O mar afogou os seus monstros, e estira o dorso preparado para o cortar da quilha. A terra torna estável a sua  
975 gleba, e molemente se humedece, para quando chegar o arado e a semente. E todos os metais se alinham em filão, alegremente se dispõem para o fogo que lhes dará forma e beleza.

E pela tarde Adão recolhe contente, com caça abundante. A lareira flameja: e alumia a face do nosso Pai que o esforço da  
980 Vida embelezou, onde já os beiços se adelgaçaram, e a testa se encheu com o lento pensar, e os olhos sossegaram num brilho mais certo. O anho, espetado num pau, assa e pinga nas brasas. No chão pousam cascas de coco, cheias da clara água da fonte. Uma pele de urso tornou macio o leito de fetos. Outra pele,  
985 pendurada, abriga a boca da caverna. A um canto, que é a oficina, estão os montões de sílex e o malho; a outro canto, que é o arsenal, estão as lanças e as clavas. Eva torce os fios duma lã de cabra. Ao bom calor, sobre folhelho, dorme Abel, muito gordo, todo nu, com um pêlo mais ralo na carninha  
990 mais branca. Partilhando do folhelho e do mesmo calor vela o cão, já crescido, com o olho amorável, o focinho entre as patas. E Adão, (oh, a estranha tarefa!) muito absorto, tenta gravar com uma ponta de pedra sobre um osso largo, os esgalhos, o dorso, as pernas estiradas de um veado a correr!... A lenha  
995 estala. Todas as estrelas do céu estão presentes. Deus, pensativo, contempla o crescer da Humanidade.

E agora que acendi, na noite estrelada do Paraíso, com galhos bem secos da Árvore da Ciência, este verídico lar, consenti que vos deixe, oh Pais veneráveis!

1000 Já não receio que a Terra instável vos esmague; ou que as feras superiores vos devorem; ou que, apagada, à maneira duma lâmpada imperfeita, a Energia que vos trouxe da floresta, vós



1005 retrogradeis à vossa Árvore. Sois já irremediavelmente huma-  
nos — e cada manhã progredireis, com tão poderoso arremes-  
so, para a perfeição do Corpo e esplendor da Razão, que em  
breve, dentro dumas centenas de milhares de curtos anos, Eva  
será a formosa Helena e Adão será o imenso Aristóteles!

1010 Mas não sei se vos felicite, oh Pais veneráveis! Outros  
irmãos vossos ficaram na espessura das árvores — e a sua vida  
é doce. Todas as manhãs o Orangotango acorda entre os seus  
lençóis de folhas de pendénia, sobre o fofo colchão de musgos  
que ele com cuidado acamou por cima dum catre de ramos  
1015 cheirosos. Languidamente, sem cuidados, preguiça na moleza  
dos musgos, escutando as límpidas árias dos pássaros, gozando  
os fios do sol que se emaranham por entre a renda das folhas,  
e lambendo no pêlo dos seus braços o orvalho açucarado.  
Depois de bem se coçar e bem se esfregar, sobe com pachorra  
à árvore dilecta, que elegeu em todo o bosque pela sua fres-  
cura, pela elasticidade embaladora das suas ramagens. Daí, ten-  
1020 do respirado as brisas carregadas de aromas, salta, com lesto  
pulos, através das sempre fáceis, sempre fartas ucharias do bos-  
que, onde almoça a banana, a manga, a goiaba, todos os finos  
frutos que o tornam tão são e alheio a males como as árvores  
onde os colheu. Percorre então, sociavelmente, as ruas e as  
1025 vielas palmeiras da espessura; cabriola com destros amigos, em  
jogos amáveis de ligeireza e força; galanteia as laranjas gentis  
que o catam, e penduradas com ele, pelo rabo, duma liana flori-  
da, se balançam chalrando; trota, entre alegres ranchos, pela  
borda das águas claras; ou, sentado na ponta dum ramo, escuta  
1030 algum velho e facundo chimpanzé contando divertidas histó-  
rias de caça, de viagens, de amores e de troças às feras pesadas,  
que circulam nas relvas e não podem trepar. Cedo recolhe à  
sua árvore, e, estendido na folhosa rede, brandamente se aban-  
dona à delícia de sonhar, num sonho acordado, semelhante às  
1035 nossas Metafísicas e às nossas Epopeias, mas que, rolando todo  
sobre sensações reais, é, ao contrário dos nossos incertos so-  
nhos, um sonho todo feito de certeza. Por fim a floresta len-  
tamente se cala, a sombra escorrega entre os troncos: — e o  
Orango ditoso desce ao seu catre de pendénias e musgos, e  
1040 adormece na imensa paz de Deus, de Deus que ele nunca se



cansou em comentar, nem sequer em negar, e que todavia sobre ele derrama, com imparcial carinho, os bens inteiros da Sua Misericórdia.

1045 Assim ocupou o seu dia o Orango, nas árvores. E no  
entanto como gastou, nas Cidades, o seu dia o Homem, primo  
do Orango? Sofrendo — por ter os dons superiores que faltam  
ao Orango! Sofrendo — por arrastar consigo, irresgatavelmente,  
esse mal incurável que é a sua Alma! Sofrendo — porque nosso  
1050 Pai Adão, no terrível dia 28 de Outubro, depois de espreitar e  
farejar o Paraíso, não ousou declarar reverentemente ao Sen-  
hor: — «Obrigado, oh meu doce Criador, dá o governo da  
Terra a quem melhor escolheres, ao Elefante ou ao Canguru,  
que eu por mim, bem mais avisado, volto já para a minha  
árvore!...»

1055 Mas enfim, desde que nosso Pai venerável não teve a pre-  
vidência ou a abnegação de declinar a grande Supremacia —  
continuemos a reinar sobre a Criação e a ser sublimes... Sobre-  
tudo continuemos a usar insaciavelmente do dom melhor que  
Deus nos concedeu entre todos os dons, o mais puro, o único  
1060 genuinamente grande, o dom de O amar — pois que não nos  
concedeu também o dom de O compreender. E não esqueça-  
mos que Ele já nos ensinou, através de vozes levantadas em  
Galileia, e sob as mangueiras de Veluvana, e nos vales severos  
de Yen-Chu, que a melhor maneira de O amar é que uns aos  
1065 outros nos amemos, e que amemos toda a Sua obra, mesmo o  
verme e a rocha dura e a raiz venenosa, e até esses vastos seres  
que não parecem necessitar o nosso amor, esses Sóis, esses  
Mundos, essas esparsas Nebulosas, que inicialmente fechadas  
como nós na mão de Deus, e feitas da nossa substância, nem  
1070 decerto nos amam — nem talvez nos conhecem.

## A Perfeição

### I

5 Sentado numa rocha, na ilha de Ogígia, com a barba enterrada entre as mãos, donde desaparecera a aspereza calosa e tisonada das armas e dos remos, Ulisses, o mais subtil dos homens, considerava, numa escura e pesada tristeza, o mar muito azul que mansa e harmoniosamente rolava sobre a areia muito branca. Uma túnica bordada de flores escarlates cobria, em pregas moles, o seu corpo poderoso, que engordara. Nas correias das sandálias, que lhe calçavam os pés amaciados e perfumados de essências, reluziam esmeraldas do Egipto. E o seu bastão era um maravilhoso galho de coral, rematado em pinha de pérolas, como os que usam os Deuses marinhos.

15 A divina Ilha, com os seus rochedos de alabastro, os bosques de cedros e tuias odoríferas, as messes eternas dourando os vales, a frescura das roseiras revestindo os outeiros suaves, resplandecia, adormecida na moleza da sesta, toda envolta em mar resplandecente. Nem um sopro dos Zéfiro curiosos, que brincam e correm por sobre o Arquipélago, desmanchava a

1: [In “Revista Moderna”(RM), Magazine Quinzenal Ilustrado, Paris, ano 1, vol. 1, n.º 1, 15 de Maio de 1897, pp. 11-19. Guerra da Cal (*op.cit.*, item 1.045) indica que a composição deste conto data de 1896. Eça começou-o em Janeiro e acabou-o nesse mesmo ano. O erudito lembra que num número de homenagem a Eça publicado pela “Revista Moderna”, em Outono do mesmo ano, aparecia uma folha do manuscrito autógrafo desta narrativa, com correcções do autor. Recolhido por LI (Ct).]

20 serenidade do luminoso ar, mais doce que o vinho mais doce,  
todo repassado pelo fino aroma dos prados de violetas. No  
silêncio, embebido de calor afável, eram duma harmonia mais  
embaladora os murmúrios de arroyos e fontes, o arrulhar das  
25 pombas voando dos ciprestes aos plátanos, e o lento rolar e  
quebrar da onda mansa sobre a areia macia. E nesta inefável  
paz e beleza imortal o subtil Ulisses, com os olhos perdidos  
nas águas lustrosas, amargamente gemia revolvendo o queixu-  
me do seu coração...

30 Sete anos, sete imensos anos, iam passados desde que o  
raio fulgente de Júpiter fendera a sua nave de alta proa verme-  
lha, e ele, agarrado aos mastro e à carena, trambolhara na bra-  
veza mugidora das espumas sombrias, durante nove dias, du-  
rante nove noites, até que boiara em águas mais calmas, e tocara  
35 as areias daquela ilha onde Calipso, a Deusa radiosa, o recolhe-  
ra e o amara! E durante esses imensos anos, como se arrastara  
a sua vida, a sua grande e forte vida, que, depois da partida  
para os muros fatais de Tróia, abandonando entre lágrimas  
inumeráveis a sua Penélope de olhos claros, o seu pequenino  
40 Telémaco enfaixado no colo da ama, andara sempre tão agita-  
da por perigos, e guerras, e astúcias, e tormentas, e rumos  
perdidos?... Ah! ditosos os reis mortos, com formosas feridas  
no branco peito, diante das portas de Tróia! Felizes os seus  
companheiros tragados pela onda amarga! Feliz ele se as lanças  
troianas o trespassassem nessa tarde de grande vento e poeira,  
45 quando, junto à *Faia*, defendia dos ultrajes, com a espada sonora,  
o corpo morto de Aquiles! Mas não! vivera! — E agora,  
cada manhã, ao sair sem alegria do trabalhoso leito de Calipso,  
as Ninfas, servas da Deusa, o banhavam numa água muito pura,  
o perfumavam de lânguidas essências, o cobriam com uma  
50 túnica sempre nova, ora bordada a sedas finas, ora bordada de  
ouro pálido! No entanto, sobre a mesa lustrosa, erguida à porta  
da gruta, na sombra das ramadas, junto ao sussurro dormente  
dum arroio diamantino, os açafates e as travessas lavradas trans-  
bordavam de bolos, de frutas, de tenras carnes fumegando, de  
55 peixes cintilando como tramas de prata. A Intendente venerá-  
vel gelava os vinhos doces nas crateras de bronze, coroadas de  
rosas. E ele, sentado num escabelo, estendia as mãos para as



iguarias perfeitas, enquanto ao lado, sobre um trono de marfim, Calipso, espargindo através da túnica nevada a claridade e o aroma do seu corpo imortal, sublimemente serena, com um sorriso taciturno, sem tocar nas comidas humanas, debicava a ambrósia, bebia em goles delgados o néctar transparente e rubro. Depois, tomando aquele bastão de Príncipe-de-Povos com que Calipso o presenteara, repercorria sem curiosidade os sabidos caminhos da ilha, tão lisos e tratados que nunca as suas sandálias reluzentes se maculavam de pó, tão penetrados pela imortalidade da Deusa que jamais neles encontrara folha seca, nem flor menos fresca pendendo na haste. Sobre uma rocha se sentava então, contemplando aquele mar que também banhava Ítaca, lá tão bravio, aqui tão sereno, e pensava, e gemia, até que as águas e os caminhos se cobriam de sombra, e ele recolhia à gruta para dormir, sem desejo, com a Deusa que o desejava!... E durante estes imensos anos, que destino envolvera a sua Ítaca, a áspera ilha de sombrias matas? Viviam eles ainda, os seres amados? Sobre a forte colina, dominando a enseada de Reitros e os pinheirais de Neus, ainda se erguia o seu palácio, com os belos pórticos pintados de vermelho e roxo? Ao cabo de tão lentos e vazios anos, sem novas, apagada toda a esperança como uma lâmpada, despira a sua Penélope a túnica passageira da viuvez, e passara para os braços fortes de outro esposo forte, que agora manejava as suas lanças e vindimava as suas vinhas? E o doce filho Telémaco? Reinaria ele em Ítaca, sentado, com o branco ceptro, sobre o mármore alto da Ágora? Ocioso e rondando pelos pátios, baixaria os olhos sob o império duro dum padraço? Erraria por cidades alheias, mendigando um salário?... Ah! se a sua existência, assim para sempre arrancada da mulher, do filho tão doces ao seu coração, andasse ao menos empregada em façanhas ilustres! Dez anos antes, também desconhecia a sorte de Ítaca, e dos seres preciosos que lá deixara em solidão e fragilidade; mas uma empresa heróica o agitava; e cada manhã a sua fama crescia, como uma árvore num promontório, que enche o céu e todos os homens contemplam. Então era a planície de Tróia — e as brancas tendas dos Gregos ao longo do mar sonoro! Sem cessar, meditava astúcias de guerra; com soberba facúndia discursava na Assem-

bleia dos Reis; rijamente jungia os cavalos empinados ao timão dos carros; de lança alta corria, entre a grita e a pressa, contra os Troianos de altos elmos, que surdiam, em roldão ressoante, das Portas Skaiais!... Oh! e quando ele, Príncipe-de-Povos, encolhido sob farrapos de mendigo, com os braços maculados de chagas postiças, coxeando e gemendo, penetrara nos muros da orgulhosa Tróia, pelo lado da *Faia*, para de noite, com incomparável arдил e bravura, roubar o Paládio tutelar da cidade! E quando, dentro do ventre do Cavalo-de-Pau, na escuridão, no aperto de todos aqueles guerreiros hirtos e cobertos de ferro, calmava a impaciência dos que sufocavam, e tapava com a mão a boca de Anticlos bravejando furioso, ao escutar fora na planície os ultrajes e os escárnios troianos, e a todos murmurava: “Cala, cala! que a noite desce e Tróia é nossa”... E depois as prodigiosas viagens! O pavoroso Polifemo, ludibriado com uma astúcia que para sempre maravilhará as gerações! As manobras sublimes entre Cila e Caríbdis! As Sereias, vogando e cantando em torno do mastro, donde ele amarrado as rechaçava com o mudo dardejar dos olhos mais agudos que dardos! A descida aos Infernos, jamais concedida a um mortal!... E agora homem de tão rutilantes feitos jazia numa ilha mole, eternamente preso, sem amor, pelo amor duma Deusa! Como poderia ele fugir, rodeado de mar indomável, sem nave, nem companheiros para mover os remos longos? Os Deuses ditosos certamente esqueciam quem tanto por eles combatera, e sempre piedosamente lhes votara as reses devidas, mesmo através do fragor e fumaraça das cidadelas derrubadas, mesmo quando a sua proa encalhava em terra agreste!... E ao herói, que recebera dos reis da Grécia as armas de Aquiles, cabia por destino amargo engordar na ociosidade duma ilha mais lânguida que uma cesta de rosas, e estender as mãos amolecidas para as iguarias abundantes, e, quando águas e caminhos se cobriam de sombra, dormir sem desejo com uma Deusa que, sem cessar, o desejava.

Assim gemia o magnânimo Ulisses, à beira do mar lustroso... E eis que de repente um sulco de desusado brilho, mais rutilantemente branco que o duma estrela caindo, riscou a rutilância do céu, desde as alturas até à cheirosa mata de tuias



135 e cedros, que assombreava um golfo sereno, a oriente da ilha.  
Com alvoroço bateu o coração do herói. Rasto tão refulgente,  
na refulgência do dia, só um Deus o podia traçar através do  
largo Úrano. Um Deus pois descera à ilha?

## II

140 Um Deus descera, um grande Deus... Era o Mensageiro  
dos Deuses, o leve, eloquente Mercúrio. Calçado com aquelas  
sandálias que têm duas asas brancas, os cabelos cor de vinho  
cobertos pelo casco onde batem também duas claras asas, er-  
guendo na mão o caduceu, ele fendera o éter, roçara a lisura  
145 do mar sossegado, pisara a areia da ilha, onde as suas pegadas  
ficavam rebrilhando como palmilhas de ouro novo. Apesar de  
percorrer toda a Terra, com os recados inumeráveis dos Deu-  
ses, o luminoso Mensageiro não conhecia aquela Ilha de Ogí-  
gia, — e admirou, sorrindo, a beleza dos prados de violetas tão  
doces para o correr e brincar de Ninfas, e o harmonioso fais-  
150 car dos regatos por entre os altos e lânguidos lírios. Uma vi-  
nha, sobre esteios de jaspe, carregada de cachos maduros, con-  
duzia, como fresco pórtico salpicado de sol, até a entrada da  
gruta, toda de rochas polidas, donde pendiam jasmineiros e  
madressilvas, envoltas no sussurrar das abelhas. E logo avistou  
155 Calipso, a Deusa ditosa, sentada num trono, fiando em roca de  
ouro, com fuso de ouro, a lã formosa de púrpura marinha.  
Um aro de esmeraldas prendia os seus cabelos muito anelados  
e ardentemente louros. Sob a túnica diáfana a mocidade imor-  
tal do seu corpo rebrilhava, como a neve quando a aurora a  
160 tinge de rosas nas colinas eternas povoadas de Deuses. E en-  
quanto torcia o fuso cantava, um trinado e fino canto, como  
trémulo fio de cristal vibrando da Terra ao Céu. Mercúrio  
pensou: «Linda ilha, e linda ninfa!»

165 Dum lume claro de cedro e tuia subia, muito direito, um  
fumo delgado que perfumava toda a ilha. Em roda, sentadas  
em esteiras, sobre o chão de ágata, as Ninfas, servas da Deusa,  
dobavam as lãs, bordavam na seda as flores ligeiras, teciam as  
puras teias em teares de prata. Todas coraram, com o seio a



170 arfar, sentindo a presença do Deus. E sem deter o fuso faiscante, Calipso reconheceu logo o Mensageiro, — pois que todos os imortais sabem, uns dos outros, os nomes, os feitos, e os rostos soberanos, mesmo quando habitam retiros remotos que o éter e o mar separam.

175 Mercúrio parara, risonho, na sua nudez divina, exalando o perfume do Olimpo. Então a Deusa ergueu para ele, com composta serenidade, o esplendor largo dos seus olhos verdes:

— Oh Mercúrio! porque desceste à minha ilha humilde, tu, venerável e querido, que eu nunca vi pisar a terra? Diz o que de mim esperas. Já o meu aberto coração me ordena que 180 te contente, se o teu desejo couber dentro do meu poder e do Fado... Mas entra, repousa, e que eu te sirva, como doce irmã, à mesa da hospitalidade.

Tirou da cintura a roca, arredou os anéis soltos do cabelo radiante, — e com as nacaradas mãos colocou sobre a mesa, 185 que as Ninfas acercaram do lume aromático, o prato transbordando de ambrósia, e as infusas de cristal onde cintilava o néctar.

Mercúrio murmurou: — “Doce é a tua hospitalidade, ó Deusa!” — Pendurou o caduceu do fresco ramo dum plátano, estendeu os dedos reluzentes para a travessa de ouro, risonha- 190 mente louvou a excelência daquele néctar da ilha. E contentada a alma, encostando a cabeça ao tronco liso do plátano que se cobriu de claridade, começou, com palavras perfeitas e aladas:

— Perguntaste porque descia um Deus à tua morada, oh 195 Deusa! E certamente nenhum Imortal percorreria sem motivo, desde o Olimpo até Ogígia, esta deserta imensidade do mar salgado em que se não encontram cidades de homens, nem templos cercados de bosques, nem sequer um pequenino santuário donde suba o aroma do incenso, ou o cheiro das carnes 200 votivas, ou o murmúrio gostoso das preces... Mas foi nosso Pai Júpiter, o tempestuoso, que me mandou neste recado. Tu recolheste, e reténs pela força incomensurável da tua doçura, o mais subtil e desgraçado de todos os príncipes que combate- ram durante dez anos a alta Tróia, e depois embarcaram nas 205 naves fundas para voltar à terra da Pátria. Muitos desses conseguiram reentrar nos seus ricos lares, carregados de fama, de

despojos, e de histórias excelentes para contar. Ventos inimigos porém, e um fado mais inexorável, arremessaram a esta tua ilha, enrolado nas sujas espumas, o facundo e astuto Ulisses...  
210 Ora o destino deste herói não é ficar na ociosidade imortal do teu leito, longe daqueles que o choram, e que carecem da sua força e manhas divinas. Por isso Júpiter, regulador da Ordem, te ordena, oh Deusa, que soltes o magnânimo Ulisses dos teus braços claros, e o restituas, com os presentes docemente devidos,  
215 à sua Ítaca amada, e à sua Penélope, que tece e desfaz a teia ardilosa, cercada dos pretendentes arrogantes, devoradores dos seus gordos bois, sorvedores dos seus frescos vinhos!

A divina Calipso mordeu levemente o beijo; e sobre a sua face luminosa desceu a sombra das densas pestanas cor de jacinto. Depois com um harmonioso suspiro, em que ondulou todo o seu peito rebrilhante:

— Ah Deuses grandes, Deuses ditosos, como sois asperamente ciumentos das Deusas, que, sem se esconderem pela espessura dos bosques ou nas pregas escuras dos montes, amam  
225 os homens eloquentes e fortes!... Este, que me invejais, rolou às areias da minha ilha, nu, pisado, faminto, preso a uma quilha partida, perseguido por todas as iras, e todas as rajadas, e todos os raios dardejantes de que dispõe o Olimpo. Eu o recolhi, o lavei, o nutri, o amei, o guardei, para que ficasse eternamente ao abrigo das tormentas, da dor e da velhice. E agora  
230 Júpiter trovejador, ao cabo de oito anos em que a minha doce vida se enroscou em torno desta afeição como a vide ao olmo, determina que eu me separe do companheiro que escolhera para a minha imortalidade! Realmente sois cruéis, oh Deuses,  
235 que constantemente aumentais a raça turbulenta dos Semideuses dormindo com as mulheres mortais! E como queres que eu mande Ulisses à sua pátria, se não possuo naves, nem remadores, nem piloto sabedor que o guie através das ilhas? Mas quem pode resistir a Júpiter, que ajunta as nuvens? Seja! e que o Olimpo ria, obedecido. Eu ensinarei o intrépido Ulisses a construir uma jangada segura, com que de novo fenda o dorso verde  
240 do mar...

Imediatamente, o Mensageiro Mercúrio se levantou do escabelo pregado com pregos de ouro, retomou o seu caduceu,



245 e bebendo uma derradeira taça do néctar excelente da ilha,  
louvou a obediência da Deusa:

— Bem farás, oh Calipso! Assim evitas a cólera do Pai  
trovejante. Quem lhe resistirá? A sua Omnisciência dirige a  
sua Omnipotência. E ele sustenta, como ceptro, uma árvore  
250 que tem por flor a Ordem... As suas decisões, clementes ou  
cruéis, resultam sempre em harmonia. Por isso o seu braço se  
torna terrífico aos peitos rebeldes. Pela tua pronta submissão  
serás filha estimada, e gozarás uma imortalidade repassada de  
sossego, sem intrigas e sem surpresas.

255 Já as asas impacientes das suas sandálias palpitavam, e o  
seu corpo, com sublime graça, se balançava por sobre as relvas  
e flores que alcatifavam a entrada da gruta:

— De resto, acrescentou, a tua ilha, oh Deusa, fica no cam-  
minho das naves ousadas que cortam as ondas. Em breve tal-  
vez outro herói robusto, tendo ofendido os Imortais, aportará  
260 à tua doce praia, abraçado a uma quilha... Acende um facho  
claro, de noite, nas rochas altas!

E, rindo, o Mensageiro divino serenamente se elevou, ris-  
cando no éter um sulco de elegante fulgor que as Ninfas, es-  
quecida a tarefa, seguiam, com os frescos lábios entreabertos e  
o seio levantado, no desejo daquele Imortal formoso.  
265

Então Calipso, pensativa, lançando sobre os seus cabelos  
anelados um véu da cor do açafão, caminhou para a orla do  
mar, através dos prados, numa pressa que lhe enrodilhava a  
túnica, à maneira duma espuma leve, em torno das pernas  
redondas e róseas. Tão levemente pisou a areia que o magnâ-  
nimo Ulisses não a sentiu deslizar, perdido na contemplação  
das águas lustrosas, com a negra barba entre as mãos, aliviand-  
do em gemidos o peso do seu coração. A Deusa sorriu, com  
275 fugitiva e soberana amargura. Depois pousando no vasto  
ombro do herói os seus dedos tão claros como os de Eos,  
mãe do dia:

— Não te lamentos mais, desgraçado, nem te consumas,  
olhando o mar! Os Deuses, que me são superiores pela in-  
teligência e pela vontade, determinam que tu partas, afrontes  
280 a inconstância dos ventos, e calques de novo a terra da Pá-  
tria...



Bruscamente, como o condor fendendo sobre a presa, o divino Ulisses, com a face assombrada, saltou da rocha musgosa:

285 — Oh Deusa, tu dizes!...

Ela continuou sossegadamente, com os formosos braços pendidos, enrodilhados no véu cor de açafião, enquanto a vaga rolava, mais doce e cantante, no amoroso respeito da sua presença divina:

290 — Bem sabes que não tenho naves de alta proa, nem remadores de rijo peito, nem piloto amigo das estrelas, que te conduzam... Mas certamente te confiarei o machado de bronze que foi de meu pai, para tu abateres as árvores que eu te marcar, e construíres uma jangada em que embarques... Depois eu a proverei de odres de vinho, de comidas perfeitas, e a impelirei com um sopro amigo para o mar indomado...

O cauteloso Ulisses recuara lentamente, cravando na Deusa um duro olhar que a desconfiança enegrecia. E erguendo a mão, que tremia toda, com a ansiedade do seu coração:

300 — Oh Deusa, tu abrigas um pensamento terrível, pois que assim me convidas a afrontar numa jangada as ondas difíceis, onde mal se mantêm fundas naves! Não, Deusa perigosa, não! Eu combati na grande guerra onde os Deuses também combateram, e conheço a malícia infinita que contém o coração dos Imortais! Se resisti às Sereias irresistíveis, e me safei com sublimes manobras dentre Cila e Caríbdis, e venci Polifemo com um ardil que eternamente me tornará ilustre entre os homens, não foi decerto, oh Deusa, para que agora, na Ilha de Ogígia, como passarinho de pouca penugem, no seu primeiro voo do ninho, caia em armadilha ligeira arranjada com dizeres de mel! Não, Deusa, não! Só embarcarei na tua extraordinária jangada se tu jurares, pelo juramento terrífico dos Deuses, que não preparas, com esses quietos olhos, a minha perda irreparável!

315 Assim bradava, à beira das ondas, com o peito a arfar, Ulisses, o herói prudente... Então a Deusa clemente riu, com

283: [Parece tratar-se de um galicismo: “fondre sur” significa, com efeito, em francês “arremessar”.]

um cantado e refulgente riso. E caminhando para o herói, correndo os dedos celestes pelos seus espessos cabelos mais negros que o pez:

320 — Oh maravilhoso Ulisses, tu és bem na verdade o mais refalsado e manhoso dos homens, pois que nem concebes que exista espírito sem manha e sem falsidade! Meu pai ilustre não me gerou com um coração de ferro! Apesar de imortal, compreendo as desventuras mortais. Só te aconselhei o que eu,  
325 Deusa, empreenderia, se o Fado me obrigasse a sair de Ogígia através do mar incerto!...

O divino Ulisses retirou lenta e sombriamente a cabeça da rosada carícia dos dedos divinos:

— Mas jura... Oh Deusa, jura, para que ao meu peito desça, como onda de leite, a saborosa confiança!  
330

Ela ergueu o claro braço ao azul onde os Deuses moram:

— Por Gaia, e pelo Céu superior, e pelas águas subterrâneas do Estígio, que é a maior invocação que podem lançar os Imortais, juro, oh homem, Príncipe dos homens, que não pre-  
335 paro a tua perda, nem misérias maiores...

O valente Ulisses respirou largamente. E arregaçando logo as mangas da túnica, esfregando as palmas das mãos robustas:

— Onde está o machado de teu pai magnífico? Mostra as árvores, oh Deusa!... O dia baixa e o trabalho é longo!

— Sossega, oh homem sôfrego de males humanos! Os Deuses superiores em sapiência já determinaram o teu destino...  
340 Recolhe comigo à doce gruta, a reforçar a tua força... Quando Eos vermelha aparecer, amanhã, eu te conduzirei à floresta.

### III

345 Era com efeito a hora em que homens mortais e Deuses imortais se acercam das mesas cobertas de baixelas, onde os espera a abundância, o repouso, o esquecimento dos cuidados, e as amoráveis conversas que contentam a alma. Em breve Ulisses se sentou no escabelo de marfim, que ainda conservava  
350 o aroma do corpo de Mercúrio, e diante dele as Ninfas, servas da Deusa, colocaram os bolos, as frutas, as tenras carnes fume-



gando, os peixes rebrilhantes como tramas de prata. Pousada num trono de ouro puro, a Deusa recebeu da Intendente venerável o prato de ambrósia e a taça de néctar. Ambos estenderam as mãos para as comidas perfeitas da Terra e do Céu. E logo que deram a oferenda abundante à fome e à sede, a ilustre Calipso, encostando a face aos dedos róseos, e considerando pensativamente o herói, soltou estas palavras aladas:

— Oh Ulisses, muito subtil, tu queres voltar à tua morada mortal e à terra da Pátria... Ah, se conhecesses, como eu, quantos duros males tens de sofrer antes de avistar as rochas de Ítaca, ficarias entre os meus braços, amimado, banhado, bem nutrido, revestido de linhos finos, sem nunca perder a querida força, nem a agudeza do entendimento, nem o calor da facúndia, pois que eu te comunicaria a minha imortalidade!... Mas desejas voltar à esposa mortal, que habita na ilha áspera onde as matas são tenebrosas. E todavia eu não lhe sou inferior, nem pela beleza, nem pela inteligência, por que as mortais brilham ante as Imortais como lâmpadas fumarentas diante de estrelas puras...

O facundo Ulisses acariciou a barba rude. Depois erguendo o braço, como costumava na Assembleia dos Reis, à sombra das altas popas, diante dos muros de Tróia:

— Oh Deusa venerável, não te escandalizes! Perfeitamente sei que Penélope te está muito inferior em formosura, sapiência e majestade. Tu serás eternamente bela e moça, enquanto os Deuses durarem: e ela, em poucos anos, conhecerá a melancolia das rugas, dos cabelos brancos, das dores da decrepitude, e dos passos que tremem apoiados a um pau que treme. O seu espírito mortal erra através da escuridão e da dúvida: tu, sob essa fronte luminosa, possuis as luminosas certezas. Mas, oh Deusa, justamente pelo que ela tem de incompleto, de frágil, de grosseiro e de mortal eu a amo e apeteço a sua companhia congénere! Considera como é penoso que, nesta mesa, cada dia, eu coma vorazmente o anho das pastagens e a fruta dos vergéis, enquanto tu ao meu lado, pela inefável superioridade da tua natureza, levas aos lábios, com lentidão soberana, a ambrósia divina! Em oito anos, oh Deusa, nunca a tua face rebrilhou com uma alegria; nem dos teus verdes olhos rolou



390 uma lágrima; nem bateste o pé, com irada impaciência; nem,  
gemendo com uma dor, te estendeste no leito macio... E assim  
trazes inutilizadas todas as virtudes do meu coração, pois que  
a tua divindade não permite que eu te congratule, te console,  
te sossegue, ou mesmo te esfregue o corpo dorido com o suco  
395 das ervas benéficas. Considera ainda que a tua inteligência de  
Deusa possui todo o saber, atinge sempre a verdade: e, durante  
o longo tempo que contigo dormi, nunca gozei a felicidade de  
te emendar, de te contradizer, e de sentir, ante a fraqueza do  
teu, a força do meu entendimento! Oh Deusa, tu és aquele ser  
400 terrífico que tem sempre razão! Considera ainda que, como  
Deusa, conheces todo o passado e todo o futuro dos homens:  
e eu não pude saborear a incomparável delícia de te contar à  
noite, bebendo o vinho fresco, as minhas ilustres façanhas e as  
minhas viagens sublimes! Oh Deusa, tu és impecável: e quando  
405 eu escorregue num tapete estendido, ou me estale uma correia  
da sandália, não te posso gritar, como os homens mortais gritam  
às esposas mortais — “Foi culpa tua, mulher!” — erguen-  
do, em frente à lareira, um alarido cruel! Por isso sofrerei,  
num espírito paciente, todos os males com que os Deuses me  
410 assaltem no sombrio mar, para voltar a uma humana Penélope  
que eu mande, e console, e repreenda, e acuse, e contrarie, e  
ensine, e humilhe, e deslumbre, e por isso ame dum amor que  
constantemente se alimenta destes modos ondeantes, como o  
lume se nutre dos ventos contrários!

415 Assim o facundo Ulisses desabafava, ante a taça de ouro  
vazia: e serenamente a Deusa escutava, com um sorriso taciturno,  
e as mãos imóveis sobre o regaço, enrodilhadas na ponta  
do véu.

No entanto, Febo Apolo descia para Ocidente; e já das  
420 ancas dos seus quatro cavalos suados subia e se espalhava por  
sobre o mar um vapor rúbido e dourado. Em breve os cami-  
nhos da ilha se cobriram de sombra. E sobre os velos preciosos  
do leito, ao fundo da gruta, Ulisses sem desejo e a Deusa  
que o desejava gozaram o doce amor e depois o doce sono.

425 Cedo, apenas Eos entreabria as portas do largo Úrano, a  
divina Calipso, que revestira uma túnica mais branca que a  
neve do Pindo e pregara nos cabelos um véu transparente e

430 azul como o éter ligeiro, saiu da gruta, trazendo ao magnânimo Ulisses, já sentado à porta, sob a ramada, diante duma taça de vinho claro, o machado poderoso de seu pai ilustre, todo de bronze, com dois fios, e um rijo cabo de oliveira cortado nas faldas do Olimpo.

Limpendo rapidamente a dura barba com as costas da mão, o herói arrebatou o machado venerável:

435 — Oh Deusa, há quantos anos não palpo uma arma ou uma ferramenta, eu, devastador de cidadelas e construtor de naves!

A Deusa sorriu. E, iluminada a lisa face, em palavras aladas:

440 — Oh, Ulisses, vencedor de homens, se tu ficasses nesta ilha, eu encomendaria para ti, a Vulcano e às suas forjas do Etna, armas maravilhosas...

445 — Que valem armas sem combates, ou homens que as admirem? De resto, oh Deusa, já muito batalhei, e a minha glória entre as gerações está soberbamente segura. Só aspiro ao macio repouso, vigiando os meus gados, concebendo sábias leis para os meus povos... Sê benévola, oh Deusa, e mostra as árvores fortes que me convém cortar!

450 Em silêncio ela caminhou por um atalho, florido de altas e radiosas açucenas, que conduzia à ponta da ilha mais cerrada de matas, do lado de Oriente; e atrás seguia o intrépido Ulisses, com o luzidio machado ao ombro. As pombas deixavam os ramos dos cedros, ou as concavidades das rochas onde bebiam, para esvoaçarem em torno da Deusa num tumulto amoroso. Um aroma mais delicado, quando ela passava, subia das flores abertas, como de incensadores. As relvas que a orla da sua túnica roçava reverdejavam num viço mais fresco. E Ulisses, indiferente aos prestígios da Deusa, impaciente com a serenidade divina do seu andar harmonioso, meditava a jangada, almejava pelo bosque.

460 Denso e escuro o avistou enfim, povoado de carvalhos, de velhíssimas tecas, de pinheiros que ramalhavam no alto éter. Da sua orla descia um areal a que nem concha, nem galho quebrado de coral, nem pálida flor de cardo marinho, desmanchava a doçura perfeita. E o mar refulgia com um brilho safrico, na quietação da manhã branca e corada. Caminhando 465 dos carvalhos às tecas, a Deusa marcou ao atento Ulisses os



troncos secos, robustecidos por sóis inumeráveis, que flutuavam, com ligeireza mais segura, sobre as águas traidoras. Depois, acariciando o ombro do herói, como outra árvore robusta também votada às águas cruéis, recolheu à sua gruta, onde tomou a roca de ouro, e todo o dia fiou, e todo o dia cantou...

Com alvoroçada e soberba alegria Ulisses atirou o machado contra um vasto carvalho que gemeu. E em breve toda a ilha retumbava, no fragor da obra sobre-humana. As gaivotas, adormecidas no silêncio eterno daquelas ribas, bateram o voo em largos bandos, espantadas e gritando. As fluidas divindades dos ribeiros indolentes, estremecendo num fulgente arrepio, fugiam para entre os canaviais e as raízes dos amieiros. Nesse curto dia o valente Ulisses abateu vinte árvores, robles, pinheiros, tecas e choupos — e todas decotou, esquadrou, e alinhou sobre a areia. O seu pescoço e arcado peito fumegavam de suor, quando recolheu pesadamente à gruta, para saciar a rude fome, e beber a cerveja gelada. E nunca ele parecera tão belo à Deusa imortal, que, sobre o leito de peles preciosas, apenas os caminhos se cobriram de sombra, encontrou incansada e pronta a Força daqueles braços que tinham abatido vinte troncos!

Assim durante três dias trabalhou o herói. E, como arrebatada nessa actividade magnífica que abalava a ilha, a Deusa ajudava Ulisses, conduzindo da gruta para a praia, nas suas mãos delicadas, as cordas e os pregos de bronze. As Ninfas, por seu mandado, abandonando as tarefas suaves, teciam uma tela forte, para a vela que empurrariam com amor os ventos amáveis. E a Intendente venerável já enchia os odres de vinhos robustos, e preparava com generosidade os víveres numerosos para a travessia incerta. No entanto a jangada crescia, com os troncos bem ligados, e um banco erguido ao meio, donde se empinava o mastro, desbastado num pinheiro, mais redondo e liso que uma vara de marfim. Cada tarde a Deusa, sentada numa rocha à sombra do bosque, contemplava o calafate admirável martelando furiosamente e cantando, com rija alegria, um canto de remador. E ligeiras na ponta dos pés luzidios, por entre o arvoredado, as Ninfas, escapando à tarefa, acudiam a espreitar, com desejosos olhos fulgurantes, aquela força solitária, que soberbamente, no areal solitário, ia enguendo uma nave.



## IV

505        Enfim no quarto dia, de manhã, Ulisses findou de  
esquadrar o leme, que reforçou com grades de amieiro para  
melhor emparar o embate das ondas. Depois ajuntou um las-  
tro copioso, com a terra da ilha imortal e as suas pedras poli-  
510        das. Sem descanso, numa ânsia risonha, amarrou à verga alta a  
vela cortada pelas Ninfas. Sobre pesados rolos, manobrando a  
alavanca, rolou a jangada imensa até à espuma da vaga, num  
esforço sublime, com músculos tão retesos e veias tão incha-  
das, que ele mesmo parecia feito de troncos e cordas. Uma  
ponta da jangada arfou, levantada em cadência pela onda har-  
515        moniosa. E o herói, erguendo os braços lustrosos de suor,  
louvou os Deuses imortais.

Então, como a obra findara e a tarde rebrilhava, propícia  
à partida, a generosa Calipso trouxe Ulisses, através das viole-  
tas e das anêmonas, à fresca gruta. Pelas suas divinas mãos o  
520        banhou numa concha de nácar, e o perfumou com essências  
sobrenaturais, e o vestiu com uma túnica formosa de lã borda-  
da, e lançou sobre os seus ombros um manto impenetrável às  
neblinas do mar, e lhe estendeu sobre a mesa, para ele saciar a  
fome rude, as comidas mais sãs e mais finas da Terra. O herói  
525        aceitava os amorosos cuidados, com paciente magnanimidade.  
A Deusa, de gestos serenos, sorria, taciturnamente.

Depois ela tomou a mão cabeluda de Ulisses palpando com  
gosto os calos que lhe deixara o machado; e pela borda do mar  
o conduziu à praia, onde a vaga mansamente lambia os tron-  
530        cos da jangada forte. Ambos descansaram sobre uma rocha  
musgosa. Nunca a ilha resplandecera com uma beleza tão sere-  
na, entre um mar tão azul, sob um céu tão macio. Nem a água  
fresca do Pindo bebida em marcha abrasada, nem o vinho  
dourado que produzem as colinas de Quios, eram mais doces  
535        de sorver do que aquele ar repassado de aromas, composto  
pelos Deuses para o respirar duma Deusa. A frescura imorre-  
doura das árvores entrava no coração, quase pedia a carícia dos  
dedos. Todos os rumores, o dos regatos na relva, o das ondas  
no areal, o das aves nas sombras frondosas, subiam, suave e  
540        finamente fundidos, como as harmonias sagradas de um tem-

plo distante. O esplendor e a graça das flores retinham os raios pasmados do sol. Tantos eram os frutos nos vergéis, e as espigas nas messes, que a ilha parecia ceder, afundada no mar, sob o peso da sua abundância.

545 Então a Deusa, ao lado do herói, levemente suspirou, e murmurou num sorriso alado:

— Oh magnânimo Ulisses, tu certamente partes! O desejo te leva de rever a mortal Penélope, e o teu doce Telémaco, que deixaste no colo da ama quando a Europa correu contra  
550 a Ásia, e agora já sustenta na mão uma lança temida. Sempre dum amor antigo, com raízes fundas, brotará mais tarde uma flor, mesmo triste. Mas diz! Se em Ítaca não te esperasse a esposa tecendo e destecendo a teia, e o filho ansioso que alonga os olhos incansados para o mar, deixarias tu, oh homem  
555 prudente, esta doçura, esta paz, esta abundância e beleza imortal?

O herói, ao lado da Deusa, estendeu o braço poderoso, como na Assembleia dos Reis, diante dos muros de Tróia, quando plantava nas almas a verdade persuasiva:

560 — Oh Deusa, não te scandalizes! Mas ainda que não existisse, para me levar, nem filho, nem esposa, nem reino, eu afrontaria alegremente os mares e a ira dos Deuses! Porque, na verdade, oh Deusa muito ilustre, o meu coração saciado já não suporta esta paz, esta doçura e esta beleza imortal. Considera,  
565 oh Deusa, que em oito anos nunca vi a folhagem destas árvores amarelecer e cair. Nunca este céu rutilante se carregou nem de nuvens escuras; nem tive o contentamento de estender, bem abrigado, as mãos ao doce lume, enquanto a borrasca grossa batesse nos montes. Todas essas flores que brilham nas hastes  
570 airosas são as mesmas, oh Deusa, que admirei e respirei, na primeira manhã que me mostraste estes prados perpétuos: — e há lírios que odeio, com um ódio amargo, pela impassibilidade da sua alvura eterna! Estas gaivotas repetem tão incessantemente, tão implacavelmente, o seu voo harmonioso e branco, que eu escondo delas a face, como outros a escondem das negras  
575 Harpias! E quantas vezes me refugio no fundo da gruta para não escutar o murmúrio sempre lânguido destes arroios sempre transparentes! Considera, oh Deusa, que na tua ilha nunca



580 encontrei um charco; um tronco apodrecido; a carcaça dum  
bicho morto e coberto de moscas zumbidoras. Oh Deusa, há  
oito anos, oito anos terríveis, estou privado de ver o trabalho,  
o esforço, a luta e o sofrimento... Oh Deusa, não te escanda-  
lizes! Ando esfaimado por encontrar um corpo arquejando sob  
um fardo; dois bois fumegantes puxando um arado; homens  
585 que se injuriem na passagem dum ponte; os braços suplicantes  
duma mãe que chora; um coxo, sobre a sua muleta, mendigan-  
do à porta das vilas... Deusa, há oito anos que não olho para  
uma sepultura... Não posso mais com esta serenidade sublime!  
Toda a minha alma arde no desejo do que se deforma, e se  
590 suja, e se espedaça, e se corrompe... Oh Deusa imortal, eu morro  
com saudades da morte!

Imóvel, com as mãos imóveis no regaço, enrodilhadas nas  
pontas do véu amarelo, a Deusa escutara, com um sorriso se-  
renamente divino, o furioso queixume do herói cativo... No  
595 entanto já pela colina as Ninfas, servas da Deusa, desciam tra-  
zendo à cabeça, amparando com o braço redondo, os jarros de  
vinho, os sacos de couro, que a Intendente venerável mandava  
para abastecer a jangada. Silenciosamente o herói lançou uma  
tábua desde a areia até ao bordo de altos toros. E enquanto  
600 sobre ela as Ninfas passavam, ligeiras, com as manilhas de ouro  
tilitando nos pés luzidios, Ulisses atento, contando os sacos e  
os odres, gozava no seu nobre coração a abundância generosa.  
Mas, amarrados com cordas às cavilhas aqueles fardos excelen-  
tes, todas as Ninfas, lentamente, se sentaram sobre o areal em  
605 torno da Deusa, para contemplarem a despedida, o embarque,  
as manobras do herói sobre o dorso das águas... Então uma  
cólera lampejou nos largos olhos de Ulisses. E, diante de Ca-  
lipso, cruzando furiosamente os valentes braços:

— Oh Deusa, pensas tu na verdade que nada falta para que  
610 eu largue a vela e navegue? Onde estão os ricos presentes que  
me deves? Oito anos, oito duros anos, fui o hóspede magnífico  
da tua ilha, da tua gruta, do teu leito... Sempre os Deuses  
imortais determinaram que aos hóspedes, no momento amigo  
da partida, se ofertem consideráveis presentes! Onde estão elas,  
615 oh Deusa, essas riquezas abundantes que me deves por costum-  
me da Terra e lei do Céu?



A Deusa sorriu, com sublime paciência. E em palavras aladas, que fugiam na aragem:

— Oh Ulisses, tu és claramente o mais interesseiro dos  
620 homens! E também o mais desconfiado pois que supões que  
uma Deusa negaria os presentes devidos àquele que amou...  
Sossega, oh subtil herói... Os ricos presentes não tardam, lar-  
gos e rebrilhantes.

E, certamente, pela colina suave, outras Ninfas desciam,  
625 ligeiras, com os véus a ondular, trazendo nos braços alfaias  
lustrosas, que ao sol rutilavam! O magnânimo Ulisses esten-  
deu as mãos, os olhos devoradores... e enquanto elas passa-  
vam sobre a tábua rangente, o herói astuto contava, avaliava  
630 telas bordadas, os cântaros de bronze lavrado, os escudos  
cravejados de pedras...

Tão rico e belo era o vaso de ouro que a derradeira Nin-  
fa sustentava no ombro, que Ulisses deteve a Ninfa, arre-  
batou o vaso, o sopesou, o mirou, e gritou, com soberbo riso  
635 estridente:

— Na verdade, este ouro é bom!

Depois de arrumadas e ligadas sob o largo banco as alfaias  
preciosas, o impaciente herói, arrebatando o machado, cortou  
a corda que prendia a jangada ao tronco dum roble, e saltou  
640 para o alto bordo que a espuma envolvia. Mas então recordou  
que nem beijara a generosa e ilustre Calipso! Rápido, arremes-  
sando o manto, pulou através da espuma, correu pela areia, e  
pousou um beijo sereno na fronte aureolada da Deusa. Ela  
segurou de leve o seu ombro robusto:

— Quantos males te esperam, oh desgraçado! Antes ficas-  
645 ses para toda a imortalidade, na minha ilha perfeita, entre os  
meus braços perfeitos...

Ulisses recuou, com um brado magnífico:

— Oh Deusa, o irreparável e supremo mal está na tua  
650 perfeição!

E, através da vaga, fugiu, trepou sofregamente à jangada,  
soltou a vela, fendeu o mar, partiu para os trabalhos, para as  
tormentas, para as misérias — para a delícia das coisas imper-  
feitas!

## José Matias

Linda tarde meu amigo!... Estou esperando o enterro do José Matias — do José Matias de Albuquerque, sobrinho do visconde de Garmilde... O meu amigo certamente o conheceu — um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre uma boca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, duma elegância sóbria e fina. E espírito curioso, muito afeiçoado às ideias gerais, tão penetrante que compreendeu a minha *Defesa da Filosofia Hegeliana!* Esta imagem do José Matias data de 1865: porque a derradeira vez que o encontrei, numa tarde agreste de Janeiro, metido num portal da rua de S. Bento, tiritava dentro duma quinzena cor de mel, roída nos cotovelos, e cheirava abominavelmente a aguardente.

Mas o meu amigo, numa ocasião que o José Matias parou em Coimbra, recolhendo do Porto, ceou com ele, no Paço do Conde! Até o Craveiro, que preparava as *Ironias e Dores de Satã*, para acirrar mais a briga entre a Escola Purista e a Escola Satânica, recitou aquele seu soneto, de tão fúnebre idealismo: *Na jaula do meu peito o coração...* E ainda lembro o José Matias, com uma grande gravata de cetim preto tufada entre o colete de linho branco, sem despegar os olhos das velas das serpentina, sorrindo palidamente àquele coração que rugia na sua jau-

1: [In RM, Paris, ano 1, vol. 1, n.º 2, 25 de Junho de 1897, pp. 47-56. Reproduzido em “O Jornal do Comércio”. Lisboa, 1897, ano 2.º (44.º da Fundação), n.º 13 108, Quarta-feira 25 de Agosto, p. 2; n.º 13 109, Quinta-feira 26 de Agosto, p. 2; n.º 13 110, Sexta-feira 27 de Agosto, p. 2; n.º 13 111, Sábado 28 de Agosto, p. 2. Recolhido por LI (Ct).]

la... Era uma noite de Abril, de lua cheia. Passeámos depois em bando, com guitarras, pela Ponte e pelo Choupal. O Januário cantou ardentemente as endechas românticas do nosso tempo:

Ontem de tarde ao sol-posto  
Contemplavas, silenciosa,  
A torrente caudalosa  
Que refervia a teus pés...

E o José Matias, encostado ao parapeito da Ponte, com a alma e os olhos perdidos na lua! — Porque não acompanha o meu amigo este moço interessante ao Cemitério dos Prazeres? Eu tenho uma tipóia, de praça e com número, como convém a um professor de Filosofia... O quê! Por causa das calças claras! Oh meu caro amigo! De todas as materializações da simpatia nenhuma mais grosseiramente material do que a casimira preta. E o homem que nós vamos enterrar era um grande espiritualista!

Vem o caixão saindo da igreja... Apenas três carruagens para o acompanhar. Mas realmente, meu caro amigo, o José Matias morreu há seis anos, no seu puro brilho. Esse, que aí levamos, meio decomposto, dentro de tábuas agaloadas de amarelo, é um resto de bêbado, sem história e sem nome, que o frio de Fevereiro matou no vão dum portal.

O sujeito de óculos de ouro, dentro do *coupé*?... Não conheço, meu amigo. Talvez um parente rico, desses que aparecem nos enterros, com o parentesco correctamente coberto de fumo, quando o defunto já não importuna, nem compromete. O homem obeso de carão amarelo, dentro da vitória, é o Alves *Capão*, que tem um jornal onde desgraçadamente a Filosofia não abunda e que se chama a *Piada*. Que relação o prendia ao Matias?... Não sei. Talvez se embebedassem nas mesmas tascas; talvez o José Matias ultimamente colaborasse na *Piada*; talvez debaixo daquela gordura e daquela literatura, ambas tão sórdidas, se abrigue uma alma compassiva. Agora é a nossa tipóia... Quer que desça a vidraça? Um cigarro?... Eu trago fósforos. Pois este José Matias foi um homem desconsolador para quem,



60 como eu, na vida ama a evolução lógica e pretende que a espi-  
ga nasça coerentemente do grão. Em Coimbra sempre o con-  
siderámos como uma alma escandalosamente banal. Para este  
juízo concorria talvez a sua horrenda correcção. Nunca um  
rasgão brilhante na batina! nunca uma poeira estouvada nos  
65 sapatos! nunca um pêlo rebelde do cabelo ou do bigode fugin-  
do daquele rígido alinhado que nos desolava! Além disso, na nossa  
ardente geração, ele foi o único intelectual que não rugiu com  
as misérias da Polónia; que leu sem palidez ou pranto as *Con-  
templações*; que permaneceu insensível ante a ferida de Garibaldi!  
E todavia nesse José Matias nenhuma secura ou dureza ou  
70 egoísmo ou desafabilidade! Pelo contrário! Um suave camarada,  
sempre cordial, e mansamente risonho. Toda a sua inabalável  
quietação parecia provir duma imensa superficialidade  
sentimental. E, nesse tempo, não foi sem razão e propriedade  
que nós alcunhámos aquele moço tão macio, tão louro e tão  
75 ligeiro, de *Matias-Coração-de-Esqüilo*. Quando se formou, como  
lhe morrera o pai, depois a mãe, delicada e linda senhora de  
quem herdara cinquenta contos, partiu para Lisboa, alegrar a  
solidão dum tio que o adorava, o general Visconde de Garmilde.  
O meu amigo sem dúvida se lembra dessa perfeita estampa de  
80 general clássico, sempre de bigodes terrificamente encerados,  
as calças cor de flor de alecrim desesperadamente esticadas pelas  
presilhas sobre as botas coruscantes, e o chicote debaixo do  
braço com a ponta a tremer, ávida de vergastar o mundo!  
Guerreiro grotesco e deliciosamente bom... O Garmilde mora-  
85 va então em Arroios, numa casa antiga de azulejos, com um  
jardim, onde ele cultivava apaixonadamente canteiros soberbos  
de dalias. Esse jardim subia muito suavemente até ao muro  
coberto de hera que o separava de outro jardim, o largo e belo  
jardim de rosas do conselheiro Matos Miranda, cuja casa, com  
90 um arejado terraço entre dois torreõezinhos amarelos, se er-  
guia no cimo do outeiro e se chamava a casa da "Parreira".  
O meu amigo conhece (pelo menos de tradição, como se co-  
nhece Helena de Tróia ou Inês de Castro) a formosa Elisa

92: [RM: "Elvira".]

95 Miranda, a Elisa da Parreira... Foi a sublime beleza romântica  
de Lisboa, nos fins da Regeneração. Mas realmente Lisboa  
apenas a entrevia pelos vidros da sua grande caleche, ou nalgu-  
ma noite de iluminação do Passeio Público entre a poeira e a  
100 turba, ou nos dois bailes da Assembleia do Carmo de que o  
Matos Miranda era um director venerado. Por gosto borrarheiro  
de provinciana; ou por pertencer àquela burguesia séria que  
nesses tempos, em Lisboa, ainda conservava os antigos hábitos  
severamente encerrados; ou por imposição paternal do mari-  
do, já diabético e com sessenta anos, a Deusa raramente emer-  
105 gia de Arroios e se mostrava aos mortais. Mas quem a viu, e  
com facilidade constante, quase irremediavelmente, logo que  
se instalou em Lisboa, foi o José Matias — porque jazendo o  
palacete do general na falda da colina, aos pés do jardim e da  
casa da Parreira, não podia a divina Elisa assomar a uma jane-  
110 la, atravessar o terraço, colher uma rosa entre as ruas de buxo,  
sem ser deliciosamente visível, tanto mais que nos dois jardins  
assoalhados nenhuma árvore espalhava a cortina da sua rama  
densa. O meu amigo decerto trauteou, como todos trauteá-  
mos, aqueles versos gastos mas imortais:

115 Era no Outono quando a imagem tua  
À luz da lua...

Pois, como nessa estrofe, o pobre José Matias, ao regressar  
da praia da Ericeira em Outubro, no Outono, avistou Elisa  
Miranda, uma noite, no terraço, à luz da lua! O meu amigo  
nunca contemplou aquele precioso tipo de encanto lamarti-  
120 niano. Alta, esbelta, ondulosa, digna da comparação bíblica da  
palmeira ao vento. Cabelos negros, lustrosos e ricos, em bandós  
ondeados. Uma carnação de camélia muito fresca. Olhos ne-  
gros, líquidos, quebrados, tristes, de longas pestanas... Ah! meu  
amigo, até eu, que já então laboriosamente anotava Hegel,  
125 depois de a encontrar numa tarde de chuva esperando a car-  
ruagem à porta do Seixas, a adorei durante três exaltados dias,

94: [RM: "Elvira".]



e lhe rimei um soneto! Não sei se o José Matias lhe dedicou sonetos. Mas todos nós, seus amigos, percebemos logo o forte, profundo, absoluto amor que concebera, desde a noite de Outono, à luz da lua, aquele coração, que em Coimbra considerávamos de *esquilo!*

Bem compreende que homem tão comedido e quieto não se exalou em suspiros públicos. Já no tempo, porém, de Aristóteles se afirmava que amor e fumo não se escondem; e do nosso cerrado José Matias o amor começou logo a escapar, como o fumo leve através das fendas invisíveis duma casa fechada que arde terrivelmente. Bem me recordo duma tarde que o visitei em Arroios, depois de voltar do Alentejo. Era um domingo de Julho. Ele ia jantar com uma tia-avó, uma D. Mafalda Noronha, que vivia em Benfica, na Quinta dos Cedros, onde habitualmente jantavam também aos domingos o Matos Miranda e a divina Elisa. Creio mesmo que só nessa casa ela e o José Matias se encontravam, sobretudo com as facilidades que oferecem pensativas alamedas e retiros de sombra. As janelas do quarto do José Matias abriam sobre o seu jardim e sobre o jardim dos Mirandas: e, quando entrei, ele ainda se vestia, lentamente. Nunca admirei, meu amigo, face humana aureolada por felicidade mais segura e serena! Sorria iluminadamente, quando me abraçou, com um sorriso que vinha das profundidades da alma iluminada; sorria ainda deliciosamente enquanto eu lhe contei todos os meus desgostos no Alentejo; sorriu depois extaticamente, aludindo ao calor e enrolando um cigarro distraído; e sorriu sempre, enlevado, a escolher na gaveta da cómoda, com escrúpulo religioso, uma gravata de seda branca. E a cada momento irresistivelmente, por um hábito já tão inconsciente como o pestanejar, os seus olhos risonhos, calmamente enternecidos, se voltavam para as vidraças fechadas... De sorte que, acompanhando aquele raio ditoso, logo descobri, no terraço da casa da Parreira, a divina Elisa, vestida de claro, com um chapéu branco, passeando preguiçosamente, calçando pensativamente as luvas, e espreitando também as janelas do meu amigo, que um lampejo oblíquo do sol ofuscava de manchas de ouro. O José Matias no entanto conversava, antes murmurava, através do sorriso perene, coisas afáveis e



165 dispersas. Toda a sua atenção se concentrara diante do espelho,  
no alfinete de coral e pérola para prender a gravata, no colete  
branco que abotoava e ajustava com a devoção com que um  
padre novo, na exaltação cândida da primeira missa, se reveste  
da estola e do amito para se acercar do altar. Nunca eu vira  
170 um homem deitar, com tão profundo êxtase, água de Colónia  
no lenço! E depois de enfiar a sobrecasaca, de lhe espetar uma  
soberba rosa, foi com inefável emoção, sem reter um delicioso  
suspiro, que abriu largamente, solenemente, as vidraças! *Introibo  
ad altarem Deae!* Eu permaneci discretamente enterrado no sofá.  
175 E, meu caro amigo acredite! invejei aquele homem à janela,  
imóvel, hirto na sua adoração sublime, com os olhos e a alma  
e todo o ser cravados no terraço, na branca mulher calçando as  
luvas claras, e tão indiferente ao Mundo como se o Mundo  
fosse apenas o ladrilho que ela pisava e cobria com os pés!

180 E este enlevo, meu amigo, durou dez anos, assim esplên-  
dido, puro, distante e imaterial! Não ria... Decerto se encon-  
travam na quinta de D. Mafalda; decerto se escreviam, e trans-  
bordantemente, atirando as cartas por cima do muro que  
separava os dois quintais: mas nunca, por cima das heras desse  
185 muro, procuraram a rara delícia dum conversa roubada ou a  
delícia ainda mais perfeita dum silêncio escondido na sombra.  
E nunca trocaram um beijo... Não duvide! Algum aperto de  
mão fugidio e sôfrego, sob os arvoredos da D. Mafalda, foi o  
limite exaltadamente extremo que a vontade lhes marcou ao  
190 desejo. O meu amigo não compreende como se mantiveram  
assim dois frágeis corpos, durante dez anos, em tão terrível e  
mórbido renunciamento... Sim, decerto lhes faltou, para se  
perderem, uma hora de segurança ou uma portinha no muro.  
Depois a divina Elisa vivia realmente num mosteiro, em que  
195 ferrolhos e grades eram formados pelos hábitos rigidamente  
reclusos do Matos Miranda, diabético e tristonho. Mas na cas-  
tidade deste amor entrou muita nobreza moral e finura supe-  
rior de sentimento. O amor espiritualiza o homem — e mate-  
rializa a mulher. Essa espiritualização era fácil ao José Matias,  
200 que (sem nós desconfiarmos) nascera desvairadamente espiri-  
tualista; mas a humana Elisa encontrou também um gozo deli-  
cado nessa ideal adoração de monge, que nem ousa roçar,

com os dedos trémulos e embrulhados no rosário, a túnica da Virgem sublimada. Ele, sim! ele gozou nesse amor transcendentemente desmaterializado um encanto sobre-humano. E durante dez anos, como o Ruy Blas do velho Hugo, caminhou, vivo e deslumbrado, dentro do seu sonho radiante! Sonho em que Elisa habitou realmente dentro da sua alma, numa fusão tão absoluta que se tornou consubstancial com o seu ser. Acreditará o meu amigo que ele abandonou o charuto, mesmo passeando solitariamente a cavalo pelos arredores de Lisboa, logo que descobrira na quinta de D. Mafalda, uma tarde, que o fumo perturbava Elisa?

E esta presença real da divina criatura no seu ser criou modos novos no José Matias, estranhos, derivando da alucinação. Como o Visconde de Garmilde jantava cedo, à hora vernácula do Portugal antigo, José Matias ceava depois da Ópera, naquele delicioso e saudoso Café Central, onde o linguado parecia frito no céu e o Colares no céu engarrafado. Pois nunca ceava sem serpentinhas profusamente acesas e a mesa juncada de flores. Porquê? Porque Elisa também ceava, invisível. Daí esses silêncios banhados num sorriso religiosamente atento... Porquê? Porque a estava sempre escutando! Ainda me lembro de ele arrancar do quarto três gravuras clássicas de faunos ousados e ninfas rendidas... Elisa pairava idealmente naquele ambiente; e ele purificava as paredes, que mandou forrar de sedas claras. O amor arrasta ao luxo, sobretudo amor de tão elegante idealismo: e o José Matias prodigalizou com esplendor o luxo que ela partilhava. Decentemente não podia andar com a imagem de Elisa numa tipóia de praça, nem consentir que a augusta imagem roçasse pelas cadeiras de palhinha da plateia de S. Carlos. Montou portanto carruagens dum gosto sóbrio e puro; e assinou um camarote na Ópera, onde instalou, para ela, uma poltrona pontifical, de cetim branco, bordado a estrelas de ouro.

Além disso como descobrira a generosidade de Elisa, logo se tornou congénere e sumptuosamente generoso: e ninguém existiu então em Lisboa que espalhasse, com facilidade mais risonha, notas de cem mil réis. Assim desbaratou, rapidamente, sessenta contos com o amor daquela mulher a quem nunca dera uma flor!



E, durante esse tempo, o Matos Miranda? Meu amigo, o bom Matos Miranda não desmanchava nem a perfeição, nem a quietação desta felicidade! Tão absoluto seria o espiritualismo do José Matias que apenas se interessasse pela alma de Elisa, indiferente às submissões do seu corpo, invólucro inferior e mortal?... Não sei. Verdade seja! aquele digno diabético, tão grave, sempre de *cache-nez* de lã escura, com as suas suíças grisalhas, os seus ponderosos óculos de ouro, não sugeria ideias inquietadoras de marido ardente, cujo ardor, fatalmente e involuntariamente, se partilha e abrasa. Todavia nunca compreendi, eu, filósofo, aquela consideração, quase carinhosa, do José Matias pelo homem que, mesmo desinteressadamente, podia por direito, por costume, contemplar Elisa desapertando as fitas da saia branca!... Haveria ali reconhecimento por o Miranda ter descoberto numa remota rua de Setúbal, (onde José Matias nunca a descortinaria) aquela divina mulher, e por a manter em conforto, solidamente nutrida, finamente vestida, transportada em caleches de macias molas? Ou recebera o José Matias aquela costumada confiança — «não sou tua, nem dele» — que tanto consola do sacrifício porque tanto lisonjeia o egoísmo?... Não sei. Mas com certeza este seu magnânimo desdém pela presença corporal do Miranda no templo onde habitava a sua Deusa dava à felicidade de José Matias uma unidade perfeita, a unidade dum cristal que por todos os lados rebrilha, igualmente puro, sem arranhadura ou mancha. E esta felicidade, meu amigo, durou dez anos... Que escandaloso luxo para um mortal!

Mas um dia, a terra, para o José Matias, tremeu toda, num terramoto de incomparável espanto. Em Janeiro ou Fevereiro de 1871, o Miranda, já debilitado pela diabetes, morreu com uma pneumonia. Por estas mesmas ruas, numa pachorrenta tipóia de praça, acompanhei o seu enterro numeroso, rico, com ministros, porque o Miranda pertencia às Instituições. E depois, aproveitando a tipóia, visitei o José Matias em Arroios, não por curiosidade perversa, nem para lhe levar felicitações indecentes, mas para que, naquele lance deslumbrador, ele sentisse ao lado a força moderadora da Filosofia... Encontrei porém com ele um amigo mais antigo e confidencial, aquele bri-



lhante Nicolau da Barca, que já conduzi também a este cemitério, onde agora jazem, debaixo de lápides, todos aqueles camaradas com quem levantei castelos nas nuvens... O Nicolau chegara da Velosa, da sua quinta de Santarém, de madrugada, reclamado por um telegrama do Matias. Quando entrei, um criado atarefado arranjava duas malas enormes. O José Matias abalava nessa noite para o Porto. Já envergara mesmo um fato de viagem, todo negro, com sapatos de couro amarelo; e depois de me sacudir a mão, enquanto o Nicolau remexia um *grog*, continuou vagando pelo quarto, calado, como embaçado, com um modo que não era emoção, nem alegria pudicamente disfarçada, nem surpresa do seu destino bruscamente sublimado. Não! se o bom Darwin nos não ilude no seu livro da *Expressão das Emoções*, o José Matias, nessa tarde, só sentia e só exprimia embaraço! Em frente, na casa da Parreira, todas as janelas permaneciam fechadas sob a tristeza da tarde cinzenta. E todavia surpreendi o José Matias atirando para o terraço, rapidamente, um olhar em que transparecia inquietação, ansiedade, quase terror! Como direi? Aquele é o olhar que se resvala para a jaula mal segura onde se agita uma leoa! Num momento em que ele entrara na alcova, murmurei ao Nicolau, por cima do *grog*: — “O Matias faz perfeitamente em ir para o Porto...” — Nicolau encolheu os ombros: — “Sim, pensou que era mais delicado... Eu aprovei. Mas só durante os meses de luto pesado...” Às sete horas acompanhámos o nosso amigo à estação de Santa Apolónia. Na volta, dentro do *coupé* que uma grande chuva batia, filosofámos. Eu sorria, contente: — “Um ano de luto, e depois muita felicidade e muitos filhos... É um poema acabado!” — O Nicolau acudiu, sério —: “E acabado numa deliciosa e succulenta prosa. A divina Elisa fica com toda a sua divindade e a fortuna do Miranda, uns dez ou doze contos de renda... Pela primeira vez na nossa vida contemplamos, tu e eu, a virtude recompensada!”

Meu caro amigo! os meses cerimoniais de luto passaram, depois outros, e José Matias não se arredou do Porto. Nesse Agosto o encontrei eu instalado fundamentalmente no Hotel Francfort, onde entretinha a melancolia dos dias abrasados,

fumando (porque voltara ao tabaco), lendo romances de Júlio Verne, e bebendo cerveja gelada até que a tarde refrescava e ele se vestia, se perfumava, se floria para jantar na Foz.

320 E apesar de se acercar o bendito remate do luto e da desesperada espera, não notei no José Matias nem alvoroço elegantemente reprimido, nem revolta contra a lentidão do tempo, velho por vezes tão moroso e trôpego... Pelo contrário! Ao sorriso de radiosa certeza, que nesses anos o iluminara com um nimbo de beatitude, sucedera a seriedade carregada, toda  
325 em sombra e rugas, de quem se debate numa dúvida irresolúvel, sempre presente, roedora e dolorosa. Quer que lhe diga? Nesse Verão, no Hotel Francfort, sempre me pareceu que o José Matias, a cada instante da sua vida acordada, mesmo emborcando a fresca cerveja, mesmo calçando as luvas ao entrar para a  
330 caleche que o levava à Foz, angustiadamente perguntava à sua consciência: — “Que hei-de fazer? Que hei-de fazer?” — E depois uma manhã ao almoço realmente me assombrou, exclamando ao abrir o jornal, com um assomo de sangue na face: “O quê! Já são 29 de Agosto? Santo Deus... Já o fim de Agosto!...”

335 Voltei a Lisboa, meu amigo. O Inverno passou, muito seco e muito azul. Eu trabalhei nas minhas *Origens do Utilitarismo*. Um domingo, no Rossio, quando já se vendiam cravos nas tabacarias, avistei dentro dum *coupé* a divina Elisa, com plumas roxas no chapéu. E nessa semana encontrei no meu *Diário Ilustrado*  
340 a notícia curta, quase tímida, do casamento da Sr.<sup>a</sup> D. Elisa Miranda... Com quem, meu amigo? — Com o conhecido proprietário, o Sr. Francisco Torres Nogueira!...

O meu amigo cerrou aí o punho, e bateu na coxa, espantado. Eu também cerrei os punhos ambos, mas para os levantar ao Céu onde se julgam os feitos da Terra, e clamar furiosamente, aos urros, contra a falsidade, a inconstância ondeante e pérfida, toda a enganadora torpeza das mulheres, e daquela especial Elisa cheia de infâmia entre as mulheres! Atraíçoar à  
345 pressa, atabalhoadamente, apenas findara o luto negro, aquele nobre, puro, intelectual Matias! e o seu amor de dez anos,  
350 submisso e sublime!...

E depois de apontar os punhos para o Céu, ainda os apertava na cabeça, gritando: — «Mas porquê? porquê?» — Por amor?



355 Durante anos ela amara enlevadamente este moço, e dum amor  
 que se não desiludira nem se fartara, porque permanecia  
 suspenso, imaterial, insatisfeito. Por ambição? Torres Nogueira  
 era um ocioso amável como José Matias, e possuía em vi-  
 360 nhas hipotecadas os mesmos cinquenta ou sessenta contos que  
 o José Matias herdara agora do tio Garmilde em terras exce-  
 lentas e livres. Então porquê? Certamente porque os grossos  
 bigodes negros do Torres Nogueira apeteçiam mais à sua car-  
 ne, do que o buço loiro e pensativo do José Matias! Ah! bem  
 ensinara S. João Crisólogo que a mulher é um monturo de  
 impureza, erguido à porta do Inferno!

365 Pois, meu amigo, quando eu assim rugia, encontro uma  
 tarde na rua do Alecrim o nosso Nicolau da Barca, que salta  
 da tipóia, me empurra para um portal, agarra excitadamente  
 no meu pobre braço, e exclama, engasgado: — “Já sabes? Foi o  
 José Matias que recusou! Ela escreveu, esteve no Porto, cho-  
 370 rou... Ele nem consentiu em a ver! Não quis casar, não quer  
 casar!” Fiquei trespassado. — “E então ela...” — “Despeitada, for-  
 temente cercada pelo Torres, cansada da viuvices, com aqueles  
 belos trinta anos em botão, que diabo, coitada, casou!” Eu ergui  
 os braços até à abóbada do pátio: — “Mas então esse sublime  
 375 amor do José Matias?” O Nicolau, seu íntimo e confidente,  
 jurou com irrecusável segurança: — “É o mesmo sempre! Infi-  
 nito, absoluto... Mas não quer casar!” — Ambos nos olhámos,  
 e depois ambos nos separámos, encolhendo os ombros, com  
 aquele assombro resignado que convém a espíritos prudentes  
 380 perante o Incognoscível. Mas eu, filósofo, e portanto espírito  
 imprudente, toda essa noite esfuraquei o acto do José Matias  
 com a ponta duma Psicologia que expressamente aguçara: — e  
 já de madrugada, estafado, concluí, como se conclui sempre  
 em Filosofia, que me encontrava diante duma Causa Primária,  
 385 portanto impenetrável, onde se quebraria, sem vantagem para  
 ele, para mim, ou para o mundo, a ponta do meu Instrumento!

363: [Os editores anteriores alteram para “Crisóstomo”. De facto, as duas palavras são quase sinónimas, (crisólogo: fala de oiro, crisóstomo: boca de oiro), e os eruditos recorriam ora a uma, ora a outra forma. “Crisólogo” podia referir-se a outro santo, mas nesse caso, não teríamos S. João.]



Depois a divina Elisa casou, e continuou habitando a Parreira com o seu Torres Nogueira, no conforto e sossego que já gozara com o seu Matos Miranda. No meado do Verão José  
390 Matias recolheu do Porto a Arroios, ao casarão do tio Garmilde, onde reocupou os seus antigos quartos, com as varandas para o jardim, já florido de dalias que ninguém tratava. Veio Agosto, como sempre em Lisboa silencioso e quente. Aos domingos José Matias jantava com D. Mafalda de Noronha, em  
395 Benfica, solitariamente, — porque o Torres Nogueira não conhecia aquela venerada senhora da Quinta dos Cedros. A divina Elisa, com vestidos claros, passeava à tarde no jardim entre as roseiras. De sorte que a única mudança, naquele doce canto de Arroios, parecia ser o Matos Miranda no seu belo jazigo  
400 dos Prazeres, todo de mármore — e o Torres Nogueira no leito excelente de Elisa.

Havia porém uma tremenda e dolorosa mudança — a do José Matias! Adivinha o meu amigo como esse desgraçado consumia os seus estéreis dias? Com os olhos e a memória e a  
405 alma e todo o ser cravados no terraço, nas janelas, nos jardins da Parreira! Mas agora não era de vidraças largamente abertas, em aberto êxtase, com o sorriso de segura beatitude: era por trás das cortinas fechadas, através duma escassa fenda, escondido, surripiando furtivamente os brancos sulcos do vestido branco, com a face toda devastada pela angústia e pela derrota.  
410 E compreende porque sofria assim, este pobre coração? Certamente porque Elisa, desdenhada pelos seus braços fechados, correria logo, sem luta, sem escrúpulos, para outros braços, mais acessíveis e prontos... Não, meu amigo! E note agora a complicada subtileza desta paixão. O José Matias permanecia devotadamente crente de que Elisa, na profundidade da sua alma, nesse sagrado fundo espiritual onde não entram as imposições das conveniências, nem as decisões da razão pura, nem os ímpetos do orgulho, nem as emoções da carne — o amava, a  
415 ele, unicamente a ele, e com um amor que não deperecera, não se alterara, floria em todo o seu viço, mesmo sem ser regado ou tratado, como a antiga Rosa Mística! O que o torturava, meu amigo, o que lhe cavara longas rugas em curtos meses, era que um homem, um macho, um bruto, se tivesse apoderado

425 daquela mulher que era sua! e que do modo mais santo e mais  
socialmente puro, sob o patrocínio enternecido da Igreja e do  
Estado, lambuzasse com os rijos bigodes negros, à farta, os  
divinos lábios que ele nunca ousara roçar, na supersticiosa re-  
verência e quase no terror da sua divindade! Como lhe direi?...  
430 O sentimento deste extraordinário Matias era o de um monge,  
prostrado ante uma Imagem da Virgem, em transcendente  
enlevo — quando de repente um bestial sacrílego trepa ao al-  
tar, e ergue obscenamente a túnica da Imagem! O meu amigo  
sorri... E então o Matos Miranda? Ah! meu amigo! esse era  
435 diabético, e grave, e obeso! e já existia instalado na Parreira,  
com a sua obesidade e a sua diabetes, quando ele conhecera  
Elisa e lhe dera para sempre vida e coração. E o Torres No-  
gueira, esse, rompera brutalmente através do seu puríssimo  
amor, com os negros bigodes, e os carnudos braços, e o rijo  
440 arranque dum antigo pegador de touros, e empolgara aquela  
mulher — a quem revelara talvez o que é um homem!

Mas com os demónios! essa mulher ele a recusara, quando  
ela se lhe oferecia, na frescura e na grandeza dum sentimento  
que nenhum desdém ainda ressequira ou abatera. Que quer?...  
445 É a espantosa tortuosidade espiritual deste Matias! Ao cabo  
duns meses ele *esquecera*, positivamente *esquecera* essa recusa  
afrontosa, como se fora um leve desencontro de interesses  
materiais ou sociais, passado há meses, no Norte, e a que a  
distância e o tempo dissipavam a realidade e a amargura leve!  
450 E agora, aqui em Lisboa, com as janelas de Elisa diante das  
suas janelas e as rosas dos dois jardins unidos rescendendo na  
sombra, a dor presente, a dor real, era que ele amara sublime-  
mente uma mulher, e que a colocara entre as estrelas para mais  
pura adoração, e que um bruto moreno de bigodes negros  
455 arrancara essa mulher dentre as estrelas e a arremessara para a  
cama!

Enredado caso, hein, meu amigo? Ah! muito filosofei so-  
bre ele, por dever de filósofo! E concluí que o Matias era um  
doente, atacado de hiperespiritualismo, duma inflamação vio-  
lenta e pútrida do espiritualismo, que receara apavoradamente  
460 as materialidades do casamento, as chinelas, a pele pouco fres-  
ca ao acordar, um ventre enorme durante seis meses, os meni-



nos berrando no berço molhado... E agora rugia de furor e tormento porque certo materialão, ao lado, se prontificara a  
465 aceitar Elisa em camisola de lã. Um imbecil?... Não, meu amigo! um ultra-romântico, loucamente alheio às realidades fortes da vida, que nunca suspeitou que chinelas e cueiros sujos de meninos são coisas de superior beleza em casa em que entre o sol e haja amor.

470 E sabe o meu amigo o que exacerbou, mais furiosamente, este tormento? É que a pobre Elisa mostrava por ele o antigo amor! Que lhe parece? Infernal, hein?... Pelo menos se não sentia o antigo amor, intacto na sua essência, forte como outrora e único, conservava pelo pobre Matias uma irresistível  
475 curiosidade e repetia os gestos desse amor... Talvez fosse apenas a fatalidade dos jardins vizinhos! Não sei. Mas logo desde Setembro, quando o Torres Nogueira partiu para as suas vinhas de Carcavelos assistir à vindima, ela recomeçou, da borda do terraço, por sobre as rosas e as dalias abertas, aquela doce  
480 remessa de doces olhares com que durante dez anos extasiara o coração do José Matias.

Não creio que se escrevessem por cima do muro do jardim, como sob o regimen paternal do Matos Miranda... O novo  
485 senhor, o homem robusto da bigodeira negra, impunha à divina Elisa, mesmo de longe, dentre as vinhas de Carcavelos, retraimento e prudência. E acalmada por aquele marido, moço e forte, menos sentiria agora a necessidade de algum encontro discreto na sombra tépida da noite, mesmo quando a sua elegância moral e o rígido idealismo do José Matias consentissem  
490 em aproveitar uma escada contra o muro... De resto Elisa era fundamentalmente honesta; e conservava o respeito sagrado do seu corpo, por o sentir tão belo e cuidadosamente feito por Deus — mais do que da sua alma. E quem sabe?... Talvez a adorável mulher pertencesse à bela raça daquela marquesa italiana, a marquesa Júlia de Malfieri, que conservava dois amoro-  
495 sos ao seu doce serviço, um poeta para as delicadezas românticas e um cocheiro para as necessidades grosseiras.

500 Enfim, meu amigo, não psicologuemos mais sobre esta viva, atrás do morto que morreu por ela! O facto foi que Elisa e o seu amigo insensivelmente recaíram na velha união ideal atra-



vés dos jardins em flor. E em Outubro, como o Torres Nogueira continuava a vindimar em Carcavelos, o José Matias, para contemplar o terraço da Parreira, já abria de novo as vidraças, larga e extaticamente!

505 Parece que um tão extremo espiritualista, reconquistando a idealidade do antigo amor, devia reentrar também na antiga felicidade perfeita. Ele reinava na alma imortal de Elisa — que importava que outro se ocupasse do seu corpo mortal? Mas não! o pobre moço sofria, angustiadamente. E, para sacudir a  
510 pungência destes tormentos, findou, ele tão sereno, duma tão doce harmonia de modos, por se tornar um agitado. Ah! meu amigo, que redemoinho e estrépito de vida! Desesperadamente, durante um ano, remexeu, aturdiu, escandalizou Lisboa! São desse tempo algumas das suas extravagâncias lendárias...  
515 Conhece a da ceia? Uma ceia oferecida a trinta ou quarenta mulheres das mais torpes e das mais sujas, apanhadas pelas negras vielas do Bairro Alto e da Mouraria, que depois mandou montar em burros, e gravemente, melancolicamente, posto na frente, sobre um grande cavalo branco, com um imenso chicote, conduziu aos altos da Graça, para saudar a aparição do sol!

520 Mas todo este alarido não lhe dissipou a dor — e foi então que, nesse Inverno, começou a jogar e a beber! Todo o dia se encerrava em casa (certamente por trás das vidraças, agora que Torres Nogueira regressara das vinhas) com olhos e alma cravados no terraço fatal; depois à noite, quando as janelas de Elisa se  
525 apagavam, saía numa tipóia, sempre a mesma, a tipóia do *Gago*, corria à roleta do Bravo, depois ao *club* do «Cavalheiro», onde jogava freneticamente até a tardia hora de cear, num gabinete de restaurante, com molhos de velas acesas, e o Colares e o  
530 *Champagne* e o *Cognac* correndo em jorros desesperados.

E esta vida, espicaçada pelas Fúrias, durou anos, sete anos! Todas as terras que lhe deixara o tio Garmilde se foram, largamente jogadas e bebidas: e só lhe restava o casarão de Arroios e o dinheiro apressado por que o hipotecara. Mas subitamente  
535 desapareceu de todos os antros de vinho e de jogo. E soubemos que o Torres Nogueira estava morrendo com uma anasarca!

Por esse tempo, e por causa dum negócio do Nicolau da Barca que me telegrafara ansiosamente da sua quinta de Santa-

540 rém (negócio embrulhado, duma letra), procurei o José Matias  
em Arroios, às dez horas, numa noite quente de Abril. O cria-  
do, enquanto me conduzia pelo corredor mal alumiado, já  
desadornado das ricas arcas e talhas da Índia do velho Garmilde,  
confessou que Sua Excelência não acabara de jantar... E ainda  
545 me lembro, com um arrepio, da impressão desolada que me  
deu o desgraçado! Era no quarto que abria sobre os dois jar-  
dins. Diante duma janela, que as cortinas de damasco cerra-  
vam, a mesa resplandecia, com duas serpentinas, um cesto de  
rosas brancas, e algumas das nobres pratas do Garmilde: e ao  
550 lado, todo estendido numa poltrona, com o colete branco de-  
sabotoado, a face lívida descaída sobre o peito, um copo vazio  
na mão inerte, o José Matias parecia adormecido ou morto.

Quando lhe toquei no ombro, ergueu num sobressalto a  
cabeça, toda despenteada: — “Que horas são?” — Apenas lhe gri-  
teei, num gesto alegre, para o despertar, que era tarde, que eram  
555 dez, encheu precipitadamente o copo, da garrafa mais chegada,  
de vinho branco, e bebeu lentamente, com a mão a tremer, a  
tremer... Depois, arredando os cabelos da testa húmida: — “En-  
tão que há de novo?” — Esgazeado, sem compreender, escutou,  
como num sonho, o recado que lhe mandava o Nicolau. Por  
560 fim com um suspiro, remexeu uma garrafa de *Champagne* den-  
tro do balde em que ela gelava, encheu outro copo, murmu-  
rando: — “Um calor... Uma sede!...” Mas não bebeu: arrancou  
o corpo pesado à poltrona de verga, e forçou os passos mal  
firmes para a janela, a que abriu violentamente as cortinas,  
565 depois a vidraça... E ficou hirto, como colhido pelo silêncio e  
escuro sossego da noite estrelada. Eu espreeitei, meu amigo! Na  
casa da Parreira duas janelas brilhavam, fortemente alumiadas,  
abertas à macia aragem. E essa claridade viva envolvia uma  
figura branca, nas longas pregas de um roupão branco, parada  
570 à beira do terraço, como esquecida numa contemplação. Era  
Elisa, meu amigo! Por trás, no fundo do quarto claro, o mari-  
do certamente arquejava, na opressão da anasarca. Ela, imóvel,  
repousava, mandando um doce olhar, talvez um sorriso, ao  
seu doce amigo. O miserável, fascinado, sem respirar, sorvia o  
575 encanto daquela visão benfazeja. E entre eles rescendiam, na  
moleza da noite, todas as flores dos dois jardins... Subitamente



Elisa recolheu, à pressa, chamada por algum gemido ou impaciência do pobre Torres. E as janelas logo se fecharam, toda a luz e vida se sumiram na casa da Parreira.

580 Então José Matias, com um soluço despedaçado, de transbordante tormento, cambaleou, tão ansiadamente se agarrou à cortina que a rasgou, e tombou desamparado nos braços que lhe estendi, e em que o arrastei para a cadeira, pesadamente, como a um morto ou a um bêbedo. Mas, volvido um momento, com espanto meu, o extraordinário homem descerra os  
585 olhos, sorri num lento e inerte sorriso, murmura quase serenamente: — “É o calor... Está um calor! Você não quer tomar chá?”

Recusei e abalei — enquanto ele, indiferente à minha fuga,  
590 estendido na poltrona, acendia tremulamente um imenso charuto.

Santo Deus! já estamos em Santa Isabel! Como estes lagóias vão arrastando depressa o pobre José Matias para o pó e para o verme final! Pois, meu amigo, depois dessa curiosa noite, o  
595 Torres Nogueira morreu. A divina Elisa, durante o novo luto, recolheu à quinta dum cunhada também viúva, à “Corte Moreira”, ao pé de Beja. E o José Matias inteiramente se sumiu, se evaporou, sem que me revoassem novas dele mesmo incertas — tanto mais que o íntimo por quem as conheceria, o  
600 nosso brilhante Nicolau da Barca, partira para a ilha da Madeira, com o seu derradeiro pedaço de pulmão, sem esperança, por dever clássico, quase dever social, de tísico.

Todo esse ano, também, andei enfronhado no meu *Ensaio dos Fenómenos Afectivos*. Depois, um dia, no começo do Verão, descendo pela rua de S. Bento, com os olhos levantados, a procurar o n.º 214, onde se catalogava a livraria do Morgado de Azemel, quem avisto eu à varanda dum casa nova e de esquina? A divina Elisa, metendo folhas de alface na gaiola de um canário! E bela, meu amigo! mais cheia e mais harmoniosa,  
605 toda madura e succulenta e desejável, apesar de ter festejado em Beja os seus quarenta e dois anos! Mas aquela mulher era da grande raça de Helena que, quarenta anos também depois do cerco de Tróia, ainda deslumbrava os homens mortais e os



615 Deuses imortais. E curioso acaso! logo nessa tarde, pelo Seco,  
o João Seco da Biblioteca, que catalogava a livraria do Morga-  
do, conheci a nova história desta Helena admirável.

A divina Elisa tinha agora um amante... E unicamente por  
não poder, com a sua costumada honestidade, possuir um legí-  
timo e terceiro marido. O ditoso moço que ela adorava era  
620 com efeito casado... Casado em Beja com uma espanhola, que  
ao cabo dum ano desse casamento e de outros requebros, par-  
tira para Sevilha, passar devotamente a Semana Santa, e lá  
adormecera nos braços dum riquíssimo criador de gado.  
O marido, pacato apontador das Obras Públicas, continuara  
625 em Beja, onde também vagamente ensinava um vago desenho...  
Ora uma das suas discípulas era a filha da senhora da Corte  
Moreira: e aí na quinta, enquanto ele guiava o esfuminho da  
menina, Elisa o conheceu e o amou, com uma paixão tão ur-  
gente, que o arrancou precipitadamente às Obras Públicas, e o  
630 arrastou a Lisboa, cidade mais propícia do que Beja a uma  
felicidade escandalosa e que se esconde. O João Seco é de Beja,  
onde passara o Natal; conhecia perfeitamente o apontador, as  
senhoras da Corte Moreira; e compreendeu o romance, quan-  
do das janelas desse n.º 214, onde catalogava a Livraria do  
635 Azemel, reconheceu Elisa na varanda da esquina, e o aponta-  
dor enfiando regaladamente o portão, bem vestido, bem calça-  
do, de luvas claras, com a aparência de ser infinitamente mais  
ditoso naquelas obras particulares do que nas Públicas.

E dessa mesma janela do 214 o conheci eu também, o  
640 apontador! Belo moço, sólido, branco, de barba escura, em  
excelentes condições de quantidade (e talvez mesmo de quali-  
dade) para encher um coração viúvo, e portanto «vazio», como  
diz a Bíblia. Eu frequentava esse n.º 214, interessado no catá-  
logo da Livraria, porque o Morgado de Azemel possuía, pelo  
645 irónico acaso das heranças, uma colecção incomparável dos  
fiósofos do século XVIII. E passadas semanas, saindo desses li-  
vros uma noite (o João Seco trabalhava de noite) e parando  
adiante, à beira dum portal aberto, para acender o charuto,  
enxergo à luz trememente do fósforo, metido na sombra, o José  
650 Matias! Mas que José Matias, meu caro amigo! Para o conside-  
rar mais detidamente raspei outro fósforo. Pobre José Matias!

Deixara crescer a barba, uma barba rara, indecisa, suja, mole como algodão amarelado; deixara crescer o cabelo, que lhe surdia em farripas secas de sob um velho chapéu-coco: mas todo ele, no resto, parecia diminuído, minguado, dentro duma quinzena de mescla enxovalhada, e dumas calças pretas, de grandes bolsos, onde escondia as mãos com o gesto tradicional, tão infinitamente triste, da miséria ociosa. Na espantada lástima que me tomou, apenas balbuciei: — “Ora esta, Você! Então que é feito?” — E ele, com a sua mansidão polida, mas secamente, para se desembaraçar, e numa voz que a aguardente enrouquecera: “Por aqui, à espera de um sujeito.” — Não insisti, segui. Depois, adiante, parando, verifiquei o que num relance adivinhara — que o portal negro ficava em frente ao prédio novo e às varandas de Elisa!

Pois, meu amigo, três anos viveu o José Matias encafuado naquele portal!

Era um desses pátios da Lisboa antiga, sem porteiro, sempre escancarados, sempre sujos, cavernas laterais da rua, donde ninguém escorraça os escondidos da miséria ou da dor. Ao lado havia uma taberna. Infalivelmente, ao anoitecer, o José Matias descia a rua de S. Bento, colado aos muros, e, como uma sombra, mergulhava na sombra do portal. A essa hora já as janelas de Elisa luziam, de Inverno embaciadas pela névoa fina, de Verão ainda abertas e arejando no repouso e na calma. E para elas, imóvel, com as mãos nas algibeiras, o José Matias se quedava em contemplação. Cada meia hora, subtilmente, enfiava para a taverna. Copo de vinho, copo de aguardente; — e, de mansinho, recolhia à negrura do portal, ao seu êxtase. Quando as janelas de Elisa se apagavam, ainda arrastava através da longa noite, mesmo das negras noites de Inverno, encolhido, transido, a bater as solas rotas no lajedo, — ou sentado ao fundo, nos degraus da escada, esmagando os olhos turvos na fachada negra daquela casa onde a sabia dormindo com o outro!

Ao princípio, para fumar um cigarro apressado, trepava até ao patamar deserto, a esconder o lume que o denunciaria no seu esconderijo. Mas depois, meu amigo, fumava incessantemente, colado à ombreira, puxando o cigarro com ânsia, para



690 que a ponta rebrilhasse, o alumiasse! E percebe porquê, meu amigo?... Porque Elisa já descobrira que, dentro daquele portal, a adorar submissamente as suas janelas, com a alma de outrora, estava o seu pobre José Matias!...

695 E acreditará o meu amigo que então, todas as noites, ou por trás da vidraça ou encostada à varanda (com o apontador dentro, estirado no sofá, já de chinelas, lendo o *Jornal da Noite*), ela se demorava a fitar o portal, muito quieta, sem outro gesto, naquele antigo e mudo olhar do terraço por sobre as rosas e as dália? O José Matias percebera, deslumbrado. E agora  
700 avivava desesperadamente o lume, como um farol, para guiar na escuridão os amados olhos dela, e lhe mostrar que ali estava, transido, todo seu, e fiel!

De dia nunca ele passava na rua de S. Bento! Como ousaria, com o jaquetão roto nos cotovelos e as botas cambadas?  
705 Porque aquele moço de elegância sóbria e fina tombara na miséria do andrajo. Onde arranjava mesmo cada dia os três patacos para o vinho e para a posta de bacalhau nas tabernas? Não sei... Mas louvemos a divina Elisa, meu amigo! Muito delicadamente, por caminhos arredados e astutos, ela, rica,  
710 procurara estabelecer uma pensão ao José Matias, mendigo. Situação picante, hein? A grata senhora dando duas mesadas aos seus dois homens — o amante do corpo e o amante da alma. Ele, porém, adivinhou donde procedia a pavorosa esmola — e recusou, sem revolta, nem alarido de orgulho, até com enternecimento, até com uma lágrima nas pálpebras que a aguardante inflamara!

Mas, só com noite muito cerrada ousava descer à rua de S. Bento e enfiar para o seu portal. E adivinha o meu amigo como ele gastava o dia? A espreitar, a seguir, a farejar o apontador de Obras Públicas! Sim, meu amigo! uma curiosidade  
720 insaciada, frenética, atroz, por aquele homem, que Elisa escolhera!... Os dois anteriores, o Miranda e o Nogueira, tinham entrado na alcova de Elisa, publicamente, pela porta da Igreja, e para outros fins humanos além do amor — para possuir um  
725 lar, talvez filhos, estabilidade e quietação na vida. Mas este era meramente o amante, que ela nomeara e mantinha só para ser amada: e nessa união não aparecia outro motivo racional senão



que os dois corpos se unissem. Não se fartava portanto de o  
estudar, na figura, na roupa, nos modos, ansioso por saber  
730 bem como era esse homem, que, para se completar, a sua  
Elisa preferira entre a turba dos homens. Por decência o  
apontador morava na outra extremidade da rua de S. Bento,  
diante do Mercado. E essa parte da rua, onde o não surpre-  
nderiam, na sua pelintrice, os olhos de Elisa, era o paradeiro  
735 do José Matias, logo de manhã, para mirar, farejar o homem,  
quando ele recolhia da casa de Elisa, ainda quente do calor da  
sua alcova. Depois não o largava, cautelosamente, como um  
larápio, rastejando de longe no seu rasto. E eu suspeito que o  
seguia assim, menos por curiosidade perversa, do que para  
740 verificar se, através das tentações de Lisboa, terríveis para um  
apontador de Beja, o homem conservava o corpo fiel a Elisa.  
Em serviço da felicidade dela — fiscalizava o amante da mu-  
lher que amava!

Requinte furioso de espiritualismo e devoção, meu amigo!  
745 A alma de Elisa era sua e recebia perenemente a adoração  
perene: e agora queria que o corpo de Elisa não fosse menos  
adorado, nem menos lealmente, por aquele a quem ela entre-  
gara o corpo! Mas o apontador era facilmente fiel a uma mu-  
lher tão formosa, tão rica, de meias de seda, de brilhantes nas  
750 orelhas, que o deslumbrava. E quem sabe, meu amigo? talvez  
esta fidelidade, preito carnal à divindade de Elisa, fosse para o  
José Matias a derradeira felicidade que lhe concedeu a vida.  
Assim me persuado porque, no Inverno passado, encontrei o  
apontador, numa manhã de chuva, comprando camélias a um  
755 florista da rua do Ouro; e defronte, a uma esquina, o José  
Matias, escaveirado, esfrangalhado, cocava o homem, com ca-  
rinho, quase com gratidão! E talvez nessa noite, no portal, ti-  
ritando, batendo as solas encharcadas, com os olhos enterneci-  
dos nas escuras vidraças, pensasse: — «Coitadinha, pobre Elisa,  
760 ficou bem contente por ele lhe trazer as flores!»

Isto durou três anos.

Enfim, meu amigo, antes de ontem, o João Seco apareceu  
em minha casa, de tarde, esbaforido: — “Lá levaram o José  
Matias, numa maca, para o hospital, com uma congestão nos  
765 pulmões!”

Parece que o encontraram, de madrugada, estirado no ladrilho, todo encolhido no jaquetão delgado, arquejando, com a face coberta de morte, voltada para as varandas de Elisa. Corri ao hospital. Morrera... Subi, com o médico de serviço, à enfermaria. Levantei o lençol que o cobria. Na abertura da camisa suja e rota, preso ao pescoço por um cordão, conservava um saquinho de seda, puído e sujo também. Decerto continha flor, ou cabelos, ou pedaço de renda de Elisa, do tempo do primeiro encanto e das tardes de Benfica... Perguntei ao médico, que o conhecia e o lastimava, se ele sofrera. — “Não! Teve um momento comatoso, depois arregalou os olhos, exclamou *Oh!* com grande espanto, e ficou.”

Era o grito da alma, no assombro e horror de morrer também? Ou era a alma triunfando por se reconhecer enfim imortal e livre? O meu amigo não sabe; nem o soube o divino Platão; nem o saberá o derradeiro filósofo na derradeira tarde do mundo.

Chegámos ao cemitério. Creio que devemos pegar às borlas do caixão... Na verdade, é bem singular este Alves *Capão*, seguindo tão sentidamente o nosso pobre espiritualista... Mas, Santo Deus, olhe! Além, à espera, à porta da igreja, aquele sujeito compenetrado, de casaca, com *paletot* alvadio... É o apontador das Obras Públicas! E traz um grosso ramo de violetas... Elisa mandou o seu amante carnal acompanhar à cova e cobrir de flores o seu amante espiritual. Mas, oh meu amigo, pensemos que certamente nunca ela pediria ao José Matias para espalhar violetas sobre o cadáver do apontador! É que sempre a Matéria, mesmo sem o compreender, sem dele tirar a sua felicidade, adorará o Espírito, e sempre a si própria, através dos gozos que de si recebe, se tratará com brutalidade e desdém! Grande consolo, meu amigo, este apontador com o seu ramo, para um metafísico que, como eu, comentou Espinosa e Malebranche, reabilitou Fichte, e provou suficientemente a ilusão da sensação! Só por isto valeu a pena trazer à sua cova este inexplicado José Matias, que era talvez muito mais que um homem — ou talvez ainda menos que um homem... Com efeito, está frio; — mas que linda tarde!

## O Suave Milagre!

Nesse tempo Jesus ainda se não afastara da Galileia e das doces, luminosas margens do Lago de Tiberíade: — mas a nova dos seus milagres penetrara já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre olivais e vinhedos, no país de Issacar.

Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados passou no fresco vale, e anunciou que um novo Profeta, um Rabi formoso, percorria os campos e as aldeias da Galileia predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. E enquanto descansava, sentado à beira da *Fonte dos Vergéis*, contou ainda que esse Rabi, na estrada de Magdala, sarara da lepra o servo dum decurião romano, só com estender sobre ele a sombra das suas mãos; e que noutra manhã, atravessando numa barca para a terra dos Gerasénios, onde come-

1: [*In* RM, Paris, ano 11, n.º 25, Dezembro de 1898, pp. 49-51. Fialho de Almeida indica em *Literatura gá-gá*, Barbear, Pentear, Lisboa, Liv. Clássica, Ed. de A.M. Teixeira e Cia, 1910, p. 199, Nota 1, que “*O Suave Milagre* teve uma primeira factura detalhando apenas a cena do casebre onde uma criança enferma pede para ver Jesus e este aparece, sendo um mendigo que relata, num *raccourci* de vinte linhas, os prodígios e milagres do rabi. Esta versão vem num livro de *Leituras Populares*, e ocupa página e meia ou duas páginas. Eça de Queirós refundiu a peça para o n.º 26 da *Revista Moderna*, desenvolvendo aí, em cenas rápidas ou quadros aqueles prodígios, e pondo-lhe em remate a factura primeira, e mais ou menos integral, da historieta. Deste *Suave Milagre* da *R. Moderna* é que o Sr. Arnoso tirou os quadros do *mistério* pela mesma ordem e divisórias, mesmos detalhes, e até, frequentes vezes, mesmas frases, imagens e artifícios”. Guerra da Cal cita com efeito uma “adaptación escénica” (*op. cit., ibid.*, item n.º108). O conto publicou-se em versão abreviada em “O Comércio da Póvoa de Varzim”. Recolhido por LI, (Ct).]



15 cava a colheita do bálsamo, ressuscitara a filha de Jaira, homem  
considerável e douto que comentava os Livros na Sinagoga.  
E como em redor, assombrados, seareiros, pastores, e as mu-  
lheres trigueiras com a bilha no ombro, lhe perguntassem se  
20 esse era em verdade o Messias de Judeia, e se diante dele refulgia  
a espada de fogo, e se o ladeavam, caminhando como as sombras  
de duas torres, as sombras de Gog e de Magog — o homem, sem  
mesmo beber daquela água tão fria de que bebera Josué, apa-  
nhou o cajado, sacudiu os cabelos, e meteu pensativamente por  
sob o Aqueduto, logo sumido na espessura das amendoeiras em  
25 flor. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho nos meses  
em que canta a cigarra, refrescou as almas simples: logo, por  
toda a campina que verdeja até Ascalon, o arado pareceu mais  
brando de enterrar, mais leve de mover a pedra do lagar; as  
crianças, colhendo ramos de anémons, espreitavam pelos cami-  
30 nhos se além da esquina do muro, ou de sob o sicômoro, não  
surgiria uma claridade; e nos bancos de pedra, às portas da cida-  
de, os velhos, correndo os dedos pelos fios das barbas, já não  
desenrolavam, com tão sapiente certeza, os ditames antigos.

Ora então vivia em Enganim um velho, por nome Obed,  
35 duma família pontifical de Samaria que sacrificara nas aras do  
monte Ebal, senhor de fartos rebanhos e de fartas vinhas — e  
com o coração tão cheio de orgulho como o seu celeiro de  
trigo. Mas um vento árido e abrasado, esse vento de desolação  
que ao mando do Senhor sopra das torvas terras de Assur,  
40 matara as reses mais gordas das suas manadas, e pelas encostas  
onde as suas vinhas se enroscavam ao olmo, e se estiravam na  
latada airosa, só deixara, em torno dos olmos e pilares despi-  
dos, sarmentos, cepas mirradas, e a parra roída de crespas ferru-  
gem. E Obed, agachado à soleira da sua porta, com a ponta do  
45 manto sobre a face, palpava a poeira, lamentava a velhice,  
ruminava queixumes contra Deus cruel.

Apenas ouvira porém desse novo Rabi de Galileia que ali-  
mentava as multidões, amedrontava os demónios, emendava todas  
as desventuras — Obed, homem lido, que viajara na Fenícia, logo

47: [RM: “nosso”.]

50 pensou que Jesus seria um desses feiticeiros, tão costumados na  
Palestina, como Apolônio ou Rabi Ben-Dossa, ou Simão o Sub-  
til. Esses, mesmo nas noites tenebrosas, conversam com as es-  
trelas, para eles sempre claras e fáceis nos seus segredos; com  
uma vara afugentam de sobre as searas os moscardos gerados  
55 nos lodos do Egipto; e agarram entre os dedos as sombras das  
árvores, que conduzem, como toldos benéficos, para cima das  
eiras, à hora da sesta. Jesus de Galileia, mais novo, com magias  
mais viçosas, decerto, se ele largamente o pagasse, sustaria a  
mortandade dos seus gados, reverdeceria os seus vinhedos. Então  
60 Obed ordenou aos seus servos que partissem, procurassem por  
toda a Galileia o Rabi novo, e com promessa de dinheiros ou  
alfaias, o trouxessem a Enganim, no país de Issacar.

Os servos apertaram os cinturões de couro, — e largaram  
pela estrada das caravanas, que costeando o Lago, se estende  
65 até Damasco. Uma tarde, avistaram sobre o poente, vermelho  
como uma romã muito madura, as neves finas do monte  
Hérmon. Depois, na frescura duma manhã macia, o Lago de  
Tiberíade resplandeceu diante deles, transparente, coberto de  
silêncio, mais azul que o céu, todo orlado de prados floridos,  
70 de densos vergéis, de rochas de pórfiro, e de alvos terraços por  
entre os palmares, sob o voo das rolas. Um pescador que de-  
samarrava preguiçosamente a sua barca duma ponta de relva,  
assombreada de aloendros, escutou, sorrindo, os servos. O Rabi  
de Nazaré? Oh! desde o mês de Ijar, o Rabi descera, com os  
75 seus discípulos, para os lados para onde o Jordão leva as águas.

Os servos, correndo, seguiram pelas margens do rio, até  
adiante do vau, onde ele se estira num largo remanso, e des-  
cansa, e um instante dorme, imóvel e verde, à sombra dos  
tamarindos. Um homem da tribo dos Essénios, todo vestido  
80 de linho branco, apanhava lentamente ervas salutares, pela beira  
da água, com um cordeirinho branco ao colo. Os servos hu-  
mildemente saudaram-no porque o povo ama aqueles homens  
de coração tão limpo, e claro, e cândido como as suas vestes  
cada manhã lavadas em tanques purificados. E sabia ele da

62: [RM: "Assacar".]



85      passagem do novo Rabi de Galileia, que como os Essênios ensinava a doçura, e curava as gentes e os gados? O Essênio murmurou que o Rabi atravessara o oásis de Engaddi, depois se adiantara para além... — Mas onde, “além?” — Movendo um

90      ramo de flores roxas que colhera, o Essênio mostrou as terras de Além Jordão, a planície de Moab. Os servos vadearam o rio — e debalde procuraram Jesus, arquejando pelos rudes trilhos, até às fragas onde se ergue a cidadela sinistra de Makaur... No Poço de Jacob repousava uma larga caravana, que conduzia para o Egipto mirra, especiarias e bálsamos de Gilead: e os

95      camelleiros tirando a água com os baldes de couro, contaram aos servos de Obed que em Gadara, pela lua nova, um Rabi maravilhoso, maior que David ou Isaías, arrancara sete demónios do peito duma tecedeira, e que à sua voz, um homem degolado pelo salteador Barrabás se erguera da sua sepultura e

100      recolhera ao seu horto. Os servos, esperançados, subiram logo açodadamente pelo caminho dos peregrinos até Gadara, cidade de altas torres, e ainda mais longe até às nascentes de Amalha... Mas Jesus, nessa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no Lago, num batel de

105      pesca, e à vela vogara para Magdala. E os servos de Obed descorçoados, de novo passaram o Jordão na Ponte das Filhas de Jacob. Um dia, já com as sandálias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras da Judeia Romana, cruzaram um fariseu sombrio, que recolhia a Efraim, montado na sua mula.

110      Com devota reverência detiveram o homem da Lei. Encontrara ele por acaso esse Profeta novo de Galileia que como um Deus passeando na Terra, semeava milagres? A adunca face do fariseu escureceu enrugada — e a sua cólera retumbou como um tambor orgulhoso:

115      — Oh escravos pagãos! Oh blasfemos! Onde ouvistes que existissem profetas ou milagres fora de Jerusalém? Só Jeová tem força no seu Templo. De Galileia surdem os néscios e os impostores...

106: [RM: “passavam”.]

113: [RM: “tumbou”.]



120 E como os servos recuavam ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de dísticos sagrados — o furioso Doutor saltou da mula, e, com as pedras da estrada, apedrejou os servos de Obed, uivando: *Racca! Racca!* e todos os anátemas rituais. Os servos fugiram para Enganim. E grande foi a desconolação de Obed porque os seus gados morriam, as suas vinhas secavam, — e todavia, radiantemente, como uma alvorada por detrás de serras, crescia, consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus de Galileia.

130 Por esse tempo, um centurião romano, Públio Séptimo, comandava o forte que domina o vale de Cesareia, até à cidade e ao mar. Públio, homem áspero, veterano da campanha de Tibério contra os Partas, enriquecera durante a revolta de Samaria com presas e saques, possuía minas na Ática, e gozava, como favor supremo dos Deuses, a amizade de Flaco, Legado Imperial da Síria. Mas uma dor roía a sua prosperidade muito poderosa como um verme rói um fruto muito suculento. Sua filha única, para ele mais amada que vida ou bens, definhava com um mal subtil e lento, estranho, mesmo ao saber dos esculápios e mágicos que ele mandara consultar a Sídon e a Tiro. Branca e triste como a lua num cemitério, sem um queixume, sorrindo palidamente a seu pai, definhava, sentada na alta esplanada do forte, sob um velário, alongando saudosamente os negros olhos tristes pelo azul do mar de Tiro, por onde ela navegara de Itália, numa galera enfestada. Ao seu lado, por vezes, um legionário, entre as ameias, apontava vagarosamente ao alto a flecha, e varava uma grande águia, voando de 140 asa serena, no céu rutilante. A filha de Séptimo seguia um momento a ave, torneando, até bater morta sobre as rochas: — depois, mais triste, com um suspiro, e mais pálida, recomeçava a olhar para o mar.

150 Então Séptimo, ouvindo contar a mercadores de Chorazim, deste Rabi admirável, tão potente sobre os espíritos, que sara-va os males tenebrosos da alma, destacou três decúrias de soldados para que o procurassem por Galileia, e por todas as cidades da Decápola, até à costa e até Ascalon. Os soldados enfiaram os escudos no saco de lona, espetaram nos elmos ramos 155 de oliveira — e as suas sandálias ferradas apressadamente se afas-

taram, ressoando, sobre as lajes de basalto da estrada romana, que desde Cesareia, até ao Lago, corta toda a Tetrarquia de Herodes. As suas armas, de noite, brilhavam no topo das colinas, por entre a chama ondeante dos archotes erguidos. De dia invadiam os casais, rebuscavam a espessura dos pomares, 160  
esfuracavam com a ponta das lanças a palha das medas: e as mulheres, assustadas, para os amansar, logo acudiam com bolos de mel, figos novos, e malgas cheias de vinho que eles 165  
bebiam dum trago, sentados à sombra dos sicômoros. Assim correram a Baixa Galileia — e, do Rabi, só encontraram o sulco luminoso nos corações. Enfastiados com as inúteis marchas, desconfiando que os Judeus sonegassem o seu feiticeiro para que Romanos não aproveitassem do superior feitiço, derramavam com tumulto a sua cólera, através da piedosa terra 170  
submissa. À entrada das pontes detinham os peregrinos, gritando o nome do Rabi, rasgando os véus às virgens: e à hora em que os cântaros se enchem nas cisternas, invadiam as ruas estreitas dos burgos, penetravam nas sinagogas, e batiam sacrilegamente com os punhos das espadas nas *Thebahs*, os santos armários de cedro, que continham os Livros Sagrados. Nas cercanias de Hébron arrastaram os Solitários pelas barbas, para fora das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se ocultava o Rabi: — e dois 175  
mercadores fenícios que vinham de Jopé com uma carga de malóbatro, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, pagaram por esse delito cem dracmas a cada decurião. Já a gente dos campos, mesmo os bravios pastores de Idumeia, que levavam as reses brancas para o Templo, fugiam espavoridos para 180  
as serranias, apenas luziam, nalguma volta do caminho, as armas de bando violento. E da beira dos eirados, as velhas sacudiam como taleigos a ponta dos cabelos desgrenhados, e arrojavam sobre eles as Más Sortes, invocando a vingança de Elias. Assim tumultuosamente erraram até Ascalon: não encontraram Jesus; e retrocederam ao longo da costa, enterrando 185  
as sandálias nas areias ardentes. 190

Uma madrugada, perto de Cesareia, marchando num vale, avistaram sobre um outeiro um verde-negro bosque de loureiros, onde alvejava, recolhidamente, o fino e claro pórtico dum



195 templo. Um velho, de compridas barbas brancas, coroado de  
folhas de louro, vestido com uma túnica cor de açafão, segu-  
rando uma curta lira de três cordas, esperava gravemente, so-  
bre os degraus de mármore, a aparição do sol. Debaixo, agitan-  
do um ramo de oliveira, os soldados bradaram pelo sacerdote.  
200 Conhecia ele um novo Profeta que surgira em Galileia, e tão  
destro em milagres que ressuscitava os mortos e mudava a água  
em vinho? Serenamente, alargando os braços, o sereno velho  
exclamou por sobre a rociada verdura do vale:

— Oh romanos! pois acreditais que em Galileia ou Judeia  
205 apareçam profetas consumando milagres? Como pode um bár-  
baro alterar a Ordem instituída por Zeus?... Mágicos e feiticei-  
ros são vendilhões, que murmuram palavras ocas, para arreba-  
tar a espórtula dos simples... Sem a permissão dos Imortais  
nem um galho seco pode tombar da árvore, nem seca folha  
210 pode ser sacudida na árvore. Não há profetas, não há mila-  
gres... Só Apolo Dêlfico conhece o segredo das coisas.

Então devagar, com a cabeça derrubada, como numa tarde  
de derrota, os soldados recolheram à fortaleza de Cesareia.  
E grande foi o desespero de Séptimo, porque sua filha morria,  
215 sem um queixume, olhando o mar de Tiro — e todavia a fama  
de Jesus, curador dos lânguidos males, crescia, sempre mais  
consoladora e fresca como a aragem da tarde que sopra do  
Hérmon e através dos hortos reanima e levanta as açucenas  
pendidas.

220 Ora entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado,  
sumido na prega dum cerro, vivia a esse tempo uma viúva,  
mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu  
filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela  
o criara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera,  
225 sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a  
doença a engelhara, dentro dos trapos nunca mudados, mais  
escura e torcida que uma cepa arrancada. E sobre ambos, es-  
pessamente a miséria cresceu como o bolor sobre cacos perdi-  
dos num ermo. Até na lâmpada de barro vermelho secara há  
230 muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou  
côdea. No Estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quin-  
teiro secara a figueira. Tão longe de povoado, nunca esmola de



235 pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves maléficas sobrava o sustento!

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira coçando as feridas das pernas, contou dessa grande  
240 esperança dos tristes, esse Rabi que aparecera em Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso Reino, de abundância maior que a corte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E esse doce Rabi, es-  
245 perança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce Rabi! quantos o desejavam, que se desesperançavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que  
250 o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por toda a Galileia para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Séptimo tão soberano destacara os seus soldados, até à costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesareia. Errando, esmolando  
255 por tantas estradas, ele topara os servos de Obed, depois os legionários de Séptimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rotas, sem ter descoberto em que malta ou cidade, em que loca ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu  
260 pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então, o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar duma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse Rabi, que amava as criancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda [os] mais antigos.  
265 A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh filho! e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos, à procura do Rabi da Galileia. Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areias e colinas, desde Chorazim até ao país de Moab. Séptimo é forte, e tem solda-  
270 dos, e debalde correram por Jesus, desde o Hébron até ao mar!

275 Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a  
nossa dor mora connosco, dentro destas paredes, e dentro delas  
nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu  
o Rabi tão desejado por quem ricos e fortes suspiram, a que  
descesse, através das cidades até este ermo, para sarar um  
entrevadinho, tão pobre, sobre enxerga tão rota.

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha  
murmurou:

280 — Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão  
pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!  
E a mãe, em soluços:

285 — Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as  
estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota,  
tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos  
casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a mo-  
rada do doce Rabi. Oh filho! Talvez Jesus morresse... Nem  
mesmo os ricos e os fortes o encontram. O Céu o trouxe, o  
Céu o levou. E com Ele para sempre morreu a esperança dos  
tristes.

290 Dentre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozi-  
nhas que tremiam, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à  
criança:

295 — Aqui estou.





## Apêndice: Um milagre

5 Junto a Siquém, num casebre, vivia uma viúva, desgraçada  
entre todas, que tinha um filho doente com as febres. O chão  
miserável não estava caiado, nem nele havia enxerga. Na lâmpa-  
10 pada de barro vermelho secara o azeite. O grão faltava na arca:  
o ruído dormente do moinho doméstico cessara e esta era, em  
Israel, a evidência cruel da infinita miséria. A pobre mãe, sen-  
tada a um canto, chorava: — e estendida sobre os joelhos, em-  
15 brulhada em farrapos, pálida e tremendo toda, a criança pedia-  
lhe, numa voz débil como um suspiro, que lhe fosse chamar  
esse Rabi de Galileia, de quem ouvira falar junto ao poço de  
Jacob, que amava as crianças, nutria as multidões e curava todos  
os males humanos, com a carícia das suas mãos. E a mãe dizia,  
20 chorando: — Como queres tu, filho, que eu te deixe e vá pro-  
curar o Rabi de Galileia? Obed é rico e tem servos, eu vi-os  
passar, e debalde procuraram Jesus por areais e cidades desde  
Chorazim até ao país de Moab. Séptimo é forte e tem solda-  
dos; eu vi-os passar e perguntaram por Jesus sem o achar, des-  
de o Hébron até ao mar... Como queres tu que eu te deixe?  
Jesus está longe e a nossa dor está connosco. E sem dúvida o

1: [Recolhido por DQ.]

19: [*Escola*: “Hebreton”, que não consta onde seja. Confirma esta emenda o seguinte trecho de “Outro Amável Milagre”: “perguntaram [os soldados] por Jesus sem o achar desde o Hébron até ao mar”.]

20: [*Escola*: “e nossa”.]

Rabi que lê nas sinagogas novas, não escuta queixas de uma mãe de Samaria, que só sabe ir orar, como outrora, no alto do monte de Gerazim.

25 A criança, com os olhos cerrados, pálida e como morta, murmurou o nome de Jesus. E a mãe dizia chorando: — De que me servirá, filho, partir e ir procurá-lo?... Longas são as estradas da Síria, curta é a piedade dos homens. Vendo-me tão pobre e tão só, os cães viriam ladrar-me à porta dos casais. Decerto Jesus morreu: e com ele morreu uma vez mais toda a  
30 esperança dos tristes. Pálida e desfalecendo, a criança murmurou:  
— Mãe, eu queria ver Jesus de Galileia...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

— Aqui estou.

[Com este conto estamos em presença de um problema ainda por resolver. Consta em Guerra da Cal, *op. cit.*, tomo 1, item nº 1037, de uma versão inicial cujo título teria sido “Um Milagre” e que se publicou no dia 5 de Fevereiro de 1897 num pequeno jornal, a *Revista Cor de Rosa*, com uma tiragem reduzida de 40 exemplares, dos quais não ficou nenhum que se conheça. Pouco tempo depois, a 21 de Abril do mesmo ano, o conto publicar-se-ia na GN, é de supor que com o mesmo título, e com um texto que se há-de pensar pouco modificado, em vida do autor, portanto. Infelizmente, essas referências dadas por Guerra da Cal não permitem descobrir o texto da GN pois não se acha no número referido, onde teria sido precedido de uma “nota de presentación de V.M. (Valentim Magalhães)” (Guerra da Cal, *ib.*). Em Dezembro de 1960, publicou-se em *Escola Portuguesa. Boletim de Acção Educativa e de Difusão da Cultura Popular* (ano XXVII) o texto que aqui se utiliza, com

31: [*Escola*: “Mamãe”. Tanto a supressão do artigo definido antes do pronome (“nossa dor”, e não “a nossa dor”), como a forma “mamãe” têm um sabor a português do Brasil. Será que o próprio Eça admitiu, ou mesmo propôs tal alteração? Será que o tipógrafo da GN optou por uma formulação brasileira? Restabeleceu-se a norma portuguesa.]

o simples título “Milagre”, que se alterou aqui para “Um Milagre”, conforme as indicações dadas por Guerra da Cal quanto à versão inicial. Helena Cidade Moura, em post-scriptum da publicação em *Escola Portuguesa*, afirma que o texto é idêntico ao da GN (retomando a data errônea de 21 de Abril de 1897). Se se tiverem em conta umas formas possivelmente brasileiras, que assinalamos, a afirmação é admissível. Não se tendo encontrado a edição da GN, e mantendo o princípio de só partir de edição em vida do autor, decidiu-se deixar o conto em apêndice, tanto mais que, como se frisou na Introdução, a história do milagre se prestava a versões reduzidas para diversos usos. Ora bem, é importante sublinhar que “Um Milagre” é sem dúvida tirado de “Outro Amável Milagre”. Com efeito, no texto de 1885 lê-se “Ora, junto a Siquém, num casebre”, frase retomada quase idêntica em “Um Milagre” (“Junto a Siquém, num casebre”), enquanto n’“O Suave Milagre”, de 1898, se lê: “Ora entre Enganim e Cesareia, num casebre”.

De assinalar também que Guerra da Cal refere uma versão abreviada, diz ele que do mesmo texto, intitulada igualmente “Um Milagre”, e publicada in *O Comércio da Póvoa de Varzim* em 1944, com “el título errôneo”, acrescenta, de “O Suave Milagre”. Mas o texto de *O Comércio da Póvoa de Varzim*, como comprovámos, é tirado de “O Suave Milagre”: é novamente uma versão mutilada, que também só utiliza o final do conto, mas não provém de “Outro Amável Milagre”, pois começa assim: “Entre Enganim e Cesareia, num casebre”. Com toda a evidência, Guerra da Cal não vira a tal publicação.]





*Notas biobibliográficas*





## Eça de Queirós (1845-1900)

- 1845 25 de Novembro: nasce na Póvoa de Varzim. 1 de Dezembro: é baptizado em Vila do Conde.
- 1866 Forma-se em Direito e inicia a colaboração na «Gazeta de Portugal» (Lisboa).
- 1867 Director do «Distrito de Évora». Retoma a colaboração na «Gazeta de Portugal».
- 1869 Participa com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis na criação de Carlos Fradique Mendes. Viagem ao Egipto e à Palestina.
- 1870 Administrador do concelho de Leiria. Publicação d'*O Mistério da Estrada de Sintra* (em co-autoria com Ramalho Ortigão).
- 1871 Início da publicação d'«As Farpas» (em co-autoria com Ramalho Ortigão). Participação nas Conferências do Casino (Junho), com uma intervenção provavelmente intitulada *A Literatura Nova (o Realismo como Nova Expressão da Arte)*.
- 1872 Cônsul de Portugal nas Antilhas espanholas (Cuba).
- 1874 Publica o conto «Singularidades duma Rapariga Loura». Parte para Newcastle (Dezembro).
- 1875 É publicado *O Crime do Padre Amaro* (1.<sup>a</sup> versão) na «Revista Ocidental» (Lisboa), em versões portuguesa e espanhola. Inicia a revisão deste romance.
- 1876 Publica a segunda versão d'*O Crime do Padre Amaro* em livro e prepara *O Primo Basílio*. Possível redacção de «Sir Galahad».

- 1877 Concede e comunica ao editor o projecto das «Cenas da Vida Real», depois designadas «Cenas da Vida Portuguesa» e «Cenas Portuguesas».
- 1878 Publicação d'O *Primo Basílio* (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edição). Muda-se para Bristol.
- 1880 Inicia-se a colaboração na «Gazeta de Notícias» (24 de Julho) do Rio de Janeiro. Publicação da terceira versão d'O *Crime do Padre Amaro* (2.<sup>a</sup> edição em livro) e d'O *Mandarim*.
- 1882 Interrompe-se a colaboração na «Gazeta de Notícias» (24 de Outubro).
- 1884 Publicação da 2.<sup>a</sup> edição d'O *Mistério da Estrada de Sintra*.
- 1885 Possível redacção de «Um Dia de Chuva» e «A Catástrofe».
- 1886 Casamento com D. Emília de Castro Pamplona.
- 1887 Publicação d'A *Relíquia*.
- 1888 Retoma-se pontualmente a colaboração na «Gazeta de Notícias» (2 de Abril e 15 de Agosto). Publicação d'O*s Maias* (em livro e n.º «A Província de São Paulo») e d'A *Correspondência de Fradique Mendes* («Gazeta de Notícias» e «O Repórter»). Muda-se para Paris.
- 1889 Começa a ser publicada a «Revista de Portugal». Publicação, nessa revista, de cartas de Fradique Mendes.
- 1890-91 Publicação (2 volumes) de *Uma Campanha Alegre*, com a sua colaboração d'*As Farpas*.
- 1892 Termina a «Revista de Portugal». Início da última fase da colaboração na «Gazeta de Notícias» (18 de Janeiro); aí publica «Civilização».
- 1895 Possível redacção de «Enghelberto».
- 1897 Termina a colaboração na «Gazeta de Notícias» (20 de Setembro). Início (Novembro) da publicação d'A *Ilustre Casa de Ramires* («Revista Moderna»).
- 1899 Fim (Março) da publicação da «Revista Moderna» e interrupção d'A *Ilustre Casa de Ramires*.
- 1900 16 de Agosto: morre em Neuilly. Publicação em livro d'A *Correspondência de Fradique Mendes* e d'A *Ilustre Casa de Ramires*.

- 1901 Publicação d'*A Cidade e as Serras*.
- 1902 Publicação de *Contos* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1903 Publicação de *Prosas Bárbaras* (ed. de Luís de Magalhães, com uma introdução de Jaime Batalha Reis).
- 1905 Publicação de *Cartas de Inglaterra* e de *Ecoss de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1907 Publicação de *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1909 Publicação de *Notas Contemporâneas* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1912 Publicação de *Últimas Páginas* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1925 Publicação de *Correspondência, Alves & C.<sup>a</sup>, O Conde d'Abranhos. Notas biográficas por Z. Zagalo e A Catástrofe e A Capital* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).
- 1926 Publicação de *O Egipto. Notas de Viagem* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).
- 1929 Publicação de *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho), incluindo «Um Dia de Chuva» e «Engelberto».
- 1940 Publicação de *Cartas de Londres* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).
- 1944 Publicação de *Cartas de Lisboa* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).
- 1966 Publicação de *Folhas Soltas* (ed. de D. Maria de Eça de Queirós), incluindo «Sir Galahad».
- 1980 Publicação d'*A Tragédia da Rua das Flores* (edições divergentes).
- 1983 Publicação de *Correspondência* (2 vols., ed. de Guilherme de Castilho).
- 1989 Publicação de inéditos do espólio de Eça de Queirós: *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós* por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro.



- 1992 Publicação d'*A Capital!* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte).
- 1993 Publicação d'*O Mandarin* (ed. crítica por Beatriz Berrini).
- 1994 Publicação de *Alves & C.<sup>a</sup>* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte e Irene Fialho).
- 1995 Publicação de *Textos de Imprensa VI (da Revista de Portugal)* (ed. crítica por Maria Helena Santana).
- 1999 Publicação d'*A Ilustre Casa de Ramires* (ed. crítica por Elena Losada Soler).
- 2000 Publicação d'*O Crime do Padre Amaro* (2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> versões; ed. crítica por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha).
- 2002 Publicação de *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)* (ed. crítica por Elza Miné e Neuma Cavalcante).
- 2003 Publicação de *Contos II* (ed. crítica por Marie-Hélène Piwnik). Publicação do primeiro volume (*A Capital!*) das "Obras de Eça de Queirós" (Editorial Presença), de acordo com os textos estabelecidos pela edição crítica.
- 2004 Publicação de *Textos de Imprensa I (da Gazeta de Portugal)* (ed. crítica por Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho).
- 2005 Publicação de *Textos de Imprensa V (da Revista Moderna)* (ed. crítica por Elena Losada Soler).
- 2007 Publicação d'*As Minas de Salomão*. Tradução revista por Eça de Queirós (ed. crítica por Alan Freeland).

Marie-Hélène Piwnik é professora catedrática («émérite») da Université de Paris-Sorbonne/Paris IV. Obteve o Doctorat d'État em 1985 na Université de Paris III — Sorbonne Nouvelle, com uma tese sobre as relações eruditas entre Espanha e Portugal no século XVIII, publicada em 1987 com o título *Échanges érudits dans la Péninsule Ibérique au XVIII<sup>e</sup> Siècle (1750-1767)*. No domínio dos estudos queirobianos, é autora de cerca de trinta artigos e comunicações, privilegiando a última fase da escrita eciana, e também os contos, tendo redigido um prefácio para a respectiva edição na *Obra Completa* coordenada por Beatriz Berrini, para a editora Nova Aguilar (Rio de Janeiro). Em 2003 publicou a edição crítica dos contos deixados inéditos por Eça (*Contos II*).





Acabou de imprimir-se  
em Março de dois mil e nove.

---

Edição n.º 1015842

---

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[comercial@incm.pt](mailto:comercial@incm.pt)  
E-mail Brasil: [livraria.camoes@incm.com.br](mailto:livraria.camoes@incm.com.br)

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

---

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A edição crítica deste conjunto de contos de Eça de Queirós, preparada por Marie-Hélène Piwnik, incide sobre relatos de dimensão, temática e configuração formal muito diversa, publicados ao longo de praticamente toda a vida literária do escritor. De facto, desde que começou a colaborar na *Gazeta de Portugal*, em 1866, até à participação na quase luxuosa *Revista Moderna*, entre 1897 e 1900, Eça cultivou, com regularidade e com admirável mestria, este género narrativo, cuja complexa elaboração nem sempre é devidamente valorizada pela análise e pela história literárias.

Do sentido de exigência e do rigor de procedimentos que presidiram a esta edição falam com eloquência os sólidos créditos de Marie-Hélène Piwnik como estudiosa da obra queirosiana e sobretudo como conhecedora profunda dos contos de Eça de Queirós. O facto de ter sido responsável pela edição crítica dos contos póstumos acrescenta crédito científico e metodológico a este volume.

Carlos Reis, da *Nota prefacial*

ISBN 978-972-27-1618-5



9 789722 716185